

The Last Of Us: Part 2

O Livro Do Jogo

Escrito por: Mateus Coutinho Pacífico

1ª Edição

Sumário

— Ellie —

- Um - 4 Anos Depois	8
- Dois - Amor à Primeira Vista	16
- Três - “Te vejo do outro lado, garotinha.”	24
- Quatro - Despedida	28
- Cinco - Seattle	32
- Seis - Emboscados	40
- Sete - Trôpegos	46
- Oito - Memórias: Parte Um	52
- Nove - Hillcrest	60
- Dez - Memórias: Parte Dois	68
- Onze - Os Serafitas	76
- Doze - O Hospital: Parte Um	83
- Treze - Memórias: Parte Três	87
- Catorze - Amigo	91
- Quinze - A Cidade Inundada	101
- Dezesseis - Confronto: Parte Um	109

— Abby —

- Dezesete - Recapitulação	114
- Dezoito - Memórias: Parte Quatro	122
- Dezenove - Dia Comum	129
- Vinte - Ataque	138
- Vinte e um - Memórias: Parte Cinco	150
- Vinte e Dois - Caminho para o Passado	158
- Vinte e Três - Memórias: Parte Seis	163
- Vinte e Quatro - As Apóstatas	169
- Vinte e Cinco - Passado	175

- Vinte e Seis - Dívida	181
- Vinte e Sete - Medo	187
- Vinte e Oito - A Descida	199
- Vinte e Nove - O Hospital: Parte Dois	207
- Trinta - Tempestade	219
- Trinta e Um - Atirador	228
- Trinta e Dois - A Ilha	234

— Epílogo —

- Trinta e Três - Confronto: Parte Dois	247
- Trinta e Quatro - Pós Tormenta	252
- Trinta e Cinco - Luz	264
- Trinta e Seis - Os Cascavéis	269
- Trinta e Sete - Perdão	276

Ellie

“Para Dina”

4 Anos Depois

Knock, Knock, Knock... Eu acordei em meu quarto escutando alguém batendo na porta. Eu estava cansada por causa da noite anterior e ainda com muita raiva... Eu não consegui processar o tanto de informação que fora arremessada em cima de mim, tudo de uma vez... Eu havia acabado de acordar e ainda estava com sono, mas seja lá quem era na porta, não me deixava em paz. Eu me levantei e gritei “Já vou, cacete!”. Fui cambaleando até a porta e minha visão é ofuscada com a brilhante luz do Sol refletida na branca neve do quintal de Joel... E menos importante, Jesse, que estava na porta com uma mão apoiada na porta e a outra na cintura.

— E aí? — Perguntei pondo a mão no rosto e coçando o olho.

— Bom dia! — Jesse falou com uma expressão sarcástica no rosto.

— *Ah*, merda, desculpa, eu acabei dormindo demais. — Falei lembrando do que tinha que fazer hoje. — Espera aí que eu me visto rapidinho.

— Disseram que o bicho pegou depois que eu saí. — Jesse pôs a mão na porta me impedindo de fechá-la.

— Ah... Eu... — As memórias todas voltavam para minha mente como se eu estivesse sendo atropelada por um trem. — Olha, ela me beijou. A Dina tem dessas coisas, sabe? Não significou nada *pra* ela.

— Eu estava falando da briga com o Seth. — Jesse falou franzindo as sobrancelhas confuso. — Mas pera... Você beijou a Dina?

— *Ah*. — Fiquei sem palavras com uma *cara* de “*cú*” olhando para Jesse.

— A gente terminou faz uma semana e você dá em cima dela? — Jesse falou um pouco mais sério.

— *Ah*, não... Ai, acho que ela só queria te deixar com ciúme. Eu não... Eu nunca... — Eu parei e soltei um suspiro. — Caralho, mas que climão...

Jesse abre um sorriso no rosto e perde completamente a postura séria e se solta um pouco mais. — *Tô* zoando com a sua *cara*! Eu não ligo. — Jesse falou e soltou algumas gargalhadas depois. — Vai lá, se veste.

— *Ah*... Você é um saco, sabia? — Falei.

— Ei... — Jesse segurou a porta novamente quando tentei fechá-la com mais força. — Mas é meio escroto *cê* ter feito isso.

— *Ah*, cala boca vai. — Finalmente eu fechei a porta.

— Pega suas coisas, a gente *tá* atrasado! — Jesse gritou através da porta.

Jesse era um jovem adulto um pouco mais velho do que eu. Jesse era um *cara* brincalhão e besta, suas origens eram orientais, seu cabelo era curto e castanho escuro, usava uma camisa de manga comprida vermelha com capuz, uma grossa jaqueta de tecido marrom, uma calça jeans clara com um sintoma bem aparente e botas grandes. Jesse era um cara muito legal, era meu melhor amigo junto a Dina.

Eu me viro e tenho uma visão panorâmica do meu quarto inteiro. Na minha frente havia uma mesinha baixa em cima de um tapete brega e um sofá na altura da mesa encostado na parede, ao lado da porta uma cômoda com meu fiel canivete fincado nela. De frente para o sofá minha cama de lado encostada na parede com uma janela em cima, na frente da cama uma grande tevê num grande móvel de mesa com algumas gavetas e um *Playstation 3* funcionando. Acima da minha cama um quadro com algumas fotos legais com o Joel, Dina, Cat, Jesse e... Riley... Vários quadrinhos jogados por aí e alguns outros livros e ao fundo, parede contrária a porta, minha escrivaninha onde eu costumo escrever e ficar escutando música, ao lado algumas estantes e prateleiras e logo após, a porta de um banheiro comum.

Eu gosto muito do meu quarto, é exatamente como eu gostaria que fosse... Enfim, eu dei uma leve cheirada em meu sovaco e comentei “*É... Não tá ruim*”. Eu também já estava vestindo uma calça jeans de ontem com uma calça mais fina por baixo, um casaco cinza com uma camisa qualquer por dentro. Estava muito frio lá fora, então peguei uma jaqueta jeans verde musgo que eu tinha deixado na minha cadeira, ao lado minha mochila azul com detalhes em marrom com alguns broches, depois coloquei botas grandes para caminhar na neve, peguei na minha escrivaninha meu diário, no qual estou escrevendo esse livro, e, por último, meu canivete.

— O Joel *tá* de pé? — Falei enquanto pegava o canivete e calçava as botas.

— Chegaram relatos de infectados ao norte. — Jesse respondeu. — Maria mandou ele e o Tommy fazerem reconhecimento.

— *Ah...* Que saco.

— É, não devem ter dormido muito... Bem, muito menos que você, com certeza.

— *Ah*, vai à merda. Eu já *tava* levantando.

— *Aham...*

— *Tava*, sim.

— Pegou suas coisas?

— Peguei. — Falei enquanto colocava luvas de frio que esqueci no bolso do casaco.

— Então bora. — Jesse falou, depois começamos a andar. — *Ah*, sim... Só *pra* avisar, a cidade toda *tá* falando de você.

— *Ah...* Por que? — Perguntei sendo bem ingênua.

— Deixa eu ver se eu lembro de tudo. — Jesse falou com um tom sarcástico. — Você beijou a Dina?

— *Ah...* Ela me beijou.

— O que fez o Seth te chamar de... Uma palavra não muito legal...

— Eu lembro disso...

— Aí o Joel acertou ele...

— Foi um empurrão.

— Aí você ficou com raiva do Joel? Essa parte eu não entendi.

— *Cara...* Foi uma noite estranha. — Como eu disse, muita coisa, muito rápido veio a mim naquela noite.

— Parece incrível! — Jesse falou brincando. — Outra coisa, a Maria quer falar contigo.

Já tínhamos caminhado um pouco mais e passamos por uma fazenda com algumas estufas, onde conseguíamos produzir mesmo no inverno, eu adorava Jackson City.

— Cadê ela?

— Na lanchonete.

— Tem a ver com o lance do Seth?

— Sei lá.

— *Ah...* Diz *pra* ela que não me achou.

— *Hmm* deixa eu pensar um pouco... — Jesse ficou em silêncio por um segundo. — Não.

— Ué, cadê a lealdade?

— Como é que é? — Jesse ergueu a sobrancelha, então passamos por um portão e chegamos na rua principal da cidade.

— Mas, então... — Falei meio tímida. — A gente *tá* de boa, né?

— Eu e você? Claro! A Dina e eu terminamos.

— Eu sei. Eu só não... Queria deixar você achando...

– Ellie! *Tá* De. Boa. Eu juro.

– *Humpf*, valeu...

Quando passamos pela rua principal, vimos um monte de crianças correndo de um lado ao outro guerreando com as bolas de neve, vimos as pessoas conversando e se divertindo, inclusive o cachorro do Gus veio pedir um pouco de carinho a mim, obviamente eu lhe dei a honra. O cachorro se chamava Bobby e era um vira-lata animado e carinhoso, seus pelos eram pretos com alguns poucos brancos espalhados principalmente na cabeça entre os olhos... Pena que eu não o verei mais... Enfim... Continuamos até a lanchonete.

A lanchonete era bem aconchegante e estava cheia de gente. Ao entrarmos, procuramos por Maria que estava mais ao fundo.

– Ellie! – Maria gritou assim que me viu. – Olha ela aí, vem cá.

– Oi... – Falei tentando ficar mais animada, mas falhando miseravelmente.

– O Seth tem uma coisa *pra* te falar...

– Eu não... Quero ouvir nada daquele preconceituoso.

– Faz isso por mim, vai.

– Ah... – Suspirei fundo. – *Tá* bom...

– Seth! – Maria gritou. – Seth, vem cá.

Seth era o dono e chef da lanchonete e logo se prontificou a aparecer saindo da cozinha.

– Velho do caralho... – Comentei baixo para mim mesmo e Maria me deu um olhar assustador de uma águia.

Seth apareceu com algo nas mãos. Seth era um senhor de meia idade com os cabelos já todos grisalhos, usava um grande casaco de couro marrom com uma camisa xadrez vermelha e preta por baixo e uma calça grossa e pesada também marrom, bem no estilo *country* mesmo.

– Oi. – Ele começou falando. – Olha, ontem à noite... Eu tinha bebido demais...

– *Humpf*, sei... – Falei levantando a sobrancelha.

– Eu *tô* tentando me desculpar... Maria me disse que você e a Dina vão sair. – Ele falou enquanto colocava um pequeno pacotinho enrolado com um barbante fino. – *Ah...* Eu fiz sanduiches...

– *Tá...*

– São de carne.

Ficamos num silêncio constrangedor esperando que eu pegasse o sanduíche... Não demorou muito para Maria encher o saco, pegar os sanduíches e jogar com força em meu peito.

— Obrigada, Seth. — Maria falou.

— Bom, é eu... Se cuida, *tã*? — Seth falou e voltou para a cozinha.

— Nem doeu, né? — Maria falou com um sorriso no rosto satisfeita.

— Que é isso aí? — Jesse voltou depois de passar algum tempo conversando com algumas meninas na lanchonete.

— “Preconceituíches”. — Falei enquanto os entregava para Jesse.

— *Hum*, o cheiro é bom. — Ele respondeu.

— Fique à vontade, são todos seus.

— Certeza?

— *Aham...*

— Vamos, levo vocês até a porta. — Maria nos interrompeu. — Jesse, olha... Quando você sair, quero que reveze com Tommy e o Joel. Eles tão de guarda a tempo demais.

— Onde os encontro? — Jesse perguntou enquanto andávamos pela rua passando por uma das coisas mais legais, uma creche... Eu adorava ver os bebês se divertindo e aprendendo... Eu fico feliz por eles...

— Se for rumo ao posto a noroeste, eles vão *pra* lá hoje mais tarde. — Maria respondeu.

— Ei, toma cuidado. Sabe como é... Tem muitos infectados avistados esses dias.

— *Aham*, claro... Mas eu ia conferir as trilhas do riacho. — Jesse falou. — Vou precisar que alguém me substitua.

— Ellie... Conhece as trilhas do riacho? — Maria perguntou.

— *Ah...* Não muito... — Respondi.

— A Dina cansou de passar por lá. Eu vou mandar as duas! — Jesse falou enquanto virava para mim com um enorme sorriso no rosto e fazendo um sinal de “OK” com as mãos e logo volta a caminhar normalmente.

— Ellie... A gente pode conversar? — Maria me puxa um pouco mais isolado, pouco antes de passarmos por um pequeno portão.

— *Aham*, e aí? — Respondi com um sorriso tímido no rosto.

— Olha, eu não sei o que *tá* rolando entre você e o Joel...

— *Ah...* Maria...

— O *cara* gosta muito de você e eu sei que ele não ia querer...

— Maria... A gente *tá* bem...

— Certeza?

— Sim.

— Beleza... Desculpa, então.

Atravessamos o portãozinho e Maria foi embora. Ficamos de frente para um parquinho com alguns escorregadores e estruturas para as crianças e adivinha! Encontramos Dina arremessando bolinhas de neve em uma criança com metade do seu tamanho.

— Dina! Tarefas! — Jesse gritou.

— SÓ UM MINUTINHO! — Dina gritou.

— Faz o favor de levar sua namoradinha *pro* estábulo?

— *Ah...* Meu Deus, Jesse... — Suspirei e me aproximei da cerca que dividia o parquinho da estrada. — *Aí, Dina!*

Dina olhou e na mesma hora pediu tempo para as crianças e veio até mim.

Dina é uma menina da minha idade, com pele num tom marrom claro, cabelos lisos presos num coque alto sempre deixando duas mechas finas onduladas na frente da orelha, suas grossas sobrancelhas perfeitas com algumas gotas de suor passando por elas, seu nariz dividia perfeitamente seus lindos olhos castanhos sempre alegres com uma expressão animada. Dina estava usando um grande casaco marrom claro com as golas peludas baixas, um suéter preto com gola alta por baixo, uma calça jeans azul-marinho, luvas das cores do casaco e botas verde-musgo combinando com meu casaco... Dina também estava com sua mochila num tom bem escuro... Enfim... Vou escrever mais dez páginas apenas falando dela se eu continuar...

— *Ah...* Oi... — Dina falou meio tímida.

— Opa... É... Desculpa por ter saído correndo ontem à noite... — Falei também bastante tímida.

— *Ah, tá, não...* Não esquentar com isso. Eu entendo, eu... Só me senti mal...

— Por quê?

— Porque... fui eu que comecei aquilo... É que... Eu não devia ter te beijado na frente de todo mundo e...

— *Nah*, você *tava* bêbada...

— Mesmo assim. Eu não quero que você pense que...

— Eu não *tô* pensando demais nisso nem nada.

— Sabe o que adoro em você? — Dina falou abrindo um sorriso de canto de boca. —

Você deixa eu terminar minhas frases.

— *Humpf*, é melhor a gente ir andando...

— É...

Nesse momento eu vi algo branco vindo de trás de Dina e quando eu menos espero uma bola de neve acerta meu peito com força.

— AI! — Eu gritei.

— Que porra é essa? — Dina virou para uma das crianças e gritou.

— Eu nem *tô* brincando! — Eu gritei para as crianças.

— Por que você é medrosa? *HAHA!* — Uma das crianças gritou de volta, então todas as outras começaram a gritar junto. — MEDROSA! MEDROSA! MEDROSA!

— *Ah...* Eu odeio tanto aquele moleque... — Eu comentei para Dina.

— *Humpf*, quer ferrar com ele? — Dina falou com um tom sanguinário.

— Pior que quero.

— Beleza! Vocês é que pediram! — Dina gritou.

— É melhor correr, seus merdinhas! — Eu gritei.

— Puta merda! Se protege! — Uma das crianças gritou e todas se esconderam.

Que a guerra comece! Ficamos brincando por um tempo e acertamos bem mais vezes as crianças... Éramos “soldados” treinados para matar infectados, não foi tão difícil acertar algumas crianças correndo de lá para cá. Assim que todos se cansaram, Dina começou a jogar na cara das crianças que havíamos ganhado, então todas elas pularam e fizeram um montinho em cima de Dina e lá vou eu salvar minha donzela em perigo...

Quando finalmente saímos de toda aquela diversão, eu comecei a explicar as coisas para Dina enquanto íamos até o estábulo.

— *Ahn...* Ei, o Jesse quer que a gente faça as trilhas do riacho... Ele vai render o Joel e o Tommy.

— *Ah!* Foi legal ele ter escalado a gente. — Dina falou com um sorriso tímido no rosto.

— *Cê* vai gostar da rota.

Ficamos em silêncio por alguns segundos até chegarmos aos estábulos, eu peguei a *Estrela*, minha égua preferida... Enfim, saímos do estábulo e ficamos de frente para o grande portão

do leste. O portão tinha uns vinte metros, dava umas quinze pessoas de altura, o enorme muro ao redor da cidade tinha a mesma altura ou até mesmo um pouco maior. Além disso, havia mais algumas tropas preparadas para sair...

— Uma para você. — Jesse entrega um rifle a Dina e depois para mim. — E um para você.

Nós já estávamos equipados com uma pistola comum e montamos cada uma e um cavalo.

— Beleza, pessoal! É isso... Façam o que tem que fazer... Façam suas rotas, marquem os registros, matem os infectados. — Desde que Jesse começou a falar, ele assumiu uma postura completamente diferente do brincalhão idiota para um líder imponente. — Se toparem com alguma coisa que não dê conta, voltem. Fiquem todos ligados. É isso, podem ir.

Então Jesse começa a sair da frente dos cavalos calmamente, ainda com um olhar penetrante até que todos finalmente adentram a vastidão do mundo a fora...

Amor à primeira vista

O dia estava ensolarado e tranquilo. A neve começara a cair, não muita apenas algumas partículas de minúsculos flocos vindo dos céus. Dina tomou a dianteira e seguimos subindo por um pequeno riacho, bem, era a trilha do riacho. Começamos a jogar conversa fora, aproveitamos o tempo sozinhas para tirar a “estranheza” da nossa relação e tentar esquecer o ontem.

— Sente falta de ficar com ele? — Perguntei.

— Com o Jesse? — Dina respondeu confusa e rindo um pouco. — Não.

— Mas vocês ficaram tanto tempo juntos...

— Olha, o Jesse é legal. Eu adoro os pais dele... Sempre vão ser família *pra* mim, mas a gente só estava no automático.

Fiquei alguns segundos em silêncio procurando algo para falar. — Aí, por que a gente nunca conversou sobre essas coisas?

— Sei lá... Não me sentia... Você nunca falou muito da Cat comigo.

— É, porque não tem do que falar.

— Uau! — Dina falou um pouco surpresa.

— Eu só... Tinha a impressão de que você não gostava dela.

— Eu não dava muita bola para ela, nem *pro* bem, nem *pro* mau.

— *Humpf*, tá legal...

— Acho que ela tem talento *pra* arte... Eu aprendi a gostar dessa sua tatuagem...

Assim que chegamos em Jackson, depois dos eventos com os Vaga-Lumes, eu conversei com Joel sobre a minha mordida... Ele disse para não revelar meu estado para ninguém, apenas Maria e Tommy sabiam dessa situação, mas eu já não aguentava mais ter que andar com roupas calorentas no verão apenas para esconder a mordida. Então quando eu conheci Cat ficamos muito amigas e acabou fazendo essa tatuagem cobrindo a mordida... Mas ela me beijou mesmo assim... Eu achei que ela tinha se infectado e quando acordei no outro dia, eu percebi que não era contagiosa... Fiquei feliz por isso então começamos a namorar de vez... Mas isso começou a afetar as amizades do grupos, principalmente Dina, que começou a evitar a gente. Eventualmente terminamos, mas continuamos amigas até hoje.

— Que honrado da sua parte. — Falei a Dina.

— Eu também acho que ela não te merecia.

— *Pse...* Interessante.

— Cala a boca... — Dina falou tímida com um sorriso de canto de boca desviando o olhar da estrada algumas vezes.

— *He, he*, beleza...

Chegamos numa torre de rádio, ali era o posto de controle em que deveríamos reportar o que encontramos. Eu amarrei *Estrela* ao lado de *Atlas*, o cavalo de Dina.

— Ei! — Dina me chamou com entusiasmo. — Quer ver algo incrível?

— Vai apontar para tua *cara*, né?

— *Ha ha*, engraçadinha, mas nada é tão incrível assim.

O lugar estava detonado, mas ainda de pé, firme e forte. Entramos por uma garagem e prendemos os cavalos nela, passamos por uma grande passagem na parede e enquanto Dina tirava uma grande placa de metal que escondia a passagem para o posto de controle, eu procurava algo útil em uma outra porta. Acabei encontrando um pouco de munição para o rifle de caça que Jesse havia nos entregado mais cedo. Além disso tudo, vale ressaltar um outro grande buraco que seria nossa saída para o próximo posto de controle.

Dina não demorou muito para tirar a placa que revelava passagem por debaixo de uma escadaria de metal quebrada, mas Dina logo me puxou e desviou o caminho para uma outra sala. Nos esprememos por um pequeno vão e eu fiquei boquiaberta com a imensidão e beleza do mundo em que vivíamos. Era uma paisagem montanhosa cheia de pinheiros em volta de um gigantesco lago com imensas montanhas que passavam das nuvens ao fundo... Era realmente incrível tudo aquilo que estava vendo. Eu e Dina ficamos lado a lado encostadas na sacada por um tempo até que ela mesma quebra o gelo.

— Que tal essa vista, *hein*?

— *Humpf*, é... Realmente bem legal... — Respondi e olhei para ela logo em seguida.

— É, essa rota é bem legal... — Dina também olhou para mim e nossos olhares não se desviaram por alguns segundos.

Eu comecei a ficar um pouco nervosa...

— *Ah...* Onde eu registro a patrulha? — Perguntei voltando meus olhos para a paisagem.

— *Hm, hm, hm... Vamo lá...* — Dina solta algumas risadas internas e um sorriso de canto de boca e me leva até a sala de registro.

Passamos por aquela passagem debaixo da escada e depois subimos uma corda para finalmente acessarmos a sala de registro.

— Com quem você pegava esse caminho? — Perguntei curiosa. — Com o Jesse?

— Não... Com o Eugene.

— *Ah...* o Eugene... — Falei lembrando quem ele era. — Nossa, ele era hilário.

— *Pse*, pode crer... Ele também me ensinou a consertar eletrônicos e tal. Quero *tá* esperta assim com setenta anos!

— Eu quero é estar viva com setenta anos...

Abrimos a porta e um rangido horrível ecoou. Não havia muito na sala de controle da torre, algumas mesas e microfones quebrados aqui e ali, alguns arquivos das transmissões de rádio e uma mesinha com um pouco de café velho nela. Encontrei um pouco de munição da minha pistola também e fui assinar o registro da patrulha. Marquei apenas que estava tudo OK até ali.

— Sem sinal de infectados... — Dina falou enquanto olhava por uma janela grande com um binóculo. — Ou não infectados, aliás... Tem uma tempestade a uns quilômetros... Ei! Ellie!

— Oi. — Respondi enquanto me aproximava.

— Olha ali. — Dina me entregou o binóculo. — A gente para na próxima cidade, bem ali.

Eu vi a cidade e vi a estação de esqui, onde o Tommy e o Joel deveriam estar. Vi também que tínhamos que passar por um supermercado mais a frente e verificar a cidade.

— Entendi... — Falei.

— Bora, vamos voltar para os cavalos.

Enquanto descíamos a corda, Dina comentou:

— Fala aí: *cê tá* com a mesma roupa de ontem?

— Mas *tá* limpa!

— Não vou julgar...

— É patrulha, *cara...* O lance é matar infectado, não ficar gatinha.

— *Tá* bonita mesmo assim...

— *Ahn...* Obrigada?

Subimos nos cavalos e passamos pela saída que eu citei mais cedo e continuamos jogando papo fora.

— Deve ser melhor morrer igual ao Eugene. — Comentei.

— De derrame?! — Dina gritou confusa.

— Não... Morrer de velho, né... Tipo, viver bastante.

— Você? Nem pensar! *Cê* se arrisca demais. — Dina falou rindo um pouco.

— *HA!* Olha só quem fala!

— Você deve acabar morrendo de hipotermia por usar all-star de tecido na neve!

— Mas hoje eu *tô* usando botas!

Continuamos o caminho, passamos por alguns trailers e casas destruídas e abandonadas, paramos um pouco para explorá-las.

— Ellie... — Dina perguntou tímida. — O que você vai fazer à noite?

— Eu *tava* pensando em ver se o Joel quer assistir um filme.

— *Ah...* — Dina suspirou. — Bem... Que filme vocês vão ver?

— Curtis e Viper 2... A gente costuma ver uns filmes zoados de ação dos anos oitenta...

Ele adora... Mas então, e você?

— O pessoal *tá* falando em dar uma fugida... Andar de trenó. *Tá* a fim de encontrar a gente depois?

— *Humpf*, parece legal... Até que eu quero... De repente eu toco violão *pra* você.

— Beleza! — Dina falou com entusiasmo.

Nós seguimos o caminho e pulamos por cima de um tronco de árvore. Assim que pisamos no chão os cavalos começaram a se assustar e ficaram muito apavorados. Andamos mais um pouco e encontramos a carcaça de um alce enorme completamente destróçada com o estômago completamente aberto, ossos a mostra, sangue por toda parte e vísceras jogadas à toa.

— Puta merda... — Comentei.

— Que porra é essa? — Dina passou um pouco mal, mas não chegou a vomitar. — Que fedor...

— Parece que os infectados fizeram isso.

— Quantos deles deve precisar para derrubar um alce assim?

— Bom... Mais de um... Dina, olhe o rastro de sangue...

— Entraram nessa loja...

— É, vamos atrás deles.

Assim seguimos por uma janela nos fundos de uma loja de eletrônicos e já encontramos um *corredor* devorando um grande pedaço do alce sozinho. Eu rapidamente me esgueirei por trás dele e finquei meu canivete em sua garganta e fui puxando o canivete até fazer um corte enorme da esquerda para a direita em seu pescoço. Exploramos o quarto e não encontramos mais nada. A porta para a loja em si estava barricada, eu tive que forçar e acabei derrubando uma grande estante e caindo para dentro da sala... Um outro *corredor* nojento correu em minha direção, por sorte uma garrafa havia caído ao meu lado, eu a arremessei e finalizei o infectado com um furo no olho.

Subimos por uma pequena janela e encontramos mais alguns infectados. Matamos rápido e silenciosamente todos eles e fomos procurar por pista do como *caralhos* os infectados chegaram até aqui com aquela porta barricada. Bem, não demorou muito até vermos um enorme buraco no andar de cima do supermercado. Subimos numa minivan branca depois por baixo de um grande caminhão. Subimos no caminhão passamos por aquele grande buraco.

Estávamos numa sala de reunião e nela encontramos alguns materiais para fazer um kit médico. Dina ia tirar um carrinho que bloqueava nossa passagem, mas avistou esporos. Eu demorei um pouco para entender, porém lembrei que ela não sabia que eu era imune, então eu coloquei minha máscara e entramos. Exploramos essa primeira parte do andar e encontramos um cofre com um bilhete ao lado. No bilhete dizia que a senha do cofre era o mês que meu “bebezão” foi funcionário do mês. Eu procurei um pouco e achei um quadro com os funcionários do mês de 2013, mas o mais engraçado era o cachorro que tinha no mês de junho, bem, logo eu deduzi quem era o “bebezão”. A senha era 062013 e realmente funcionou... Havia bastante munição e uns remédios. A gente parecia estar na sala de descanso dos funcionários, depois que exploramos tudo, eu decidi passar por uma porta... O que eu não estava esperando era que o chão desabasse assim que eu passasse pela porta.

Dina caiu junto a mim, mas uma grande tábua de madeira pesada veio junto e ficou em cima de mim. Dina rapidamente se levantou e veio me ajudar, porém... Escutamos algo assustador... Dina soltou a tábua em cima de mim e sacou sua pistola rapidamente e se virou para trás. Acima de nos duas havia um *estalador*... Ele ouvira o som do teto caindo e veio para verificar. Inicialmente ele não atacou, ficou verificando ao redor o que estava acontecendo quando

finalmente notou nossa presença, assim Dina atirou duas vezes em sua cabeça, matando-o. Ela me ajudou a tirar a tábua e outros dois *estaladores* apareceram.

Cada uma foi atrás de um infectado e assim matamos os dois ao mesmo tempo. Foi assustador. Estávamos numa farmácia do supermercado, buscamos na área e achamos mais alguns remédio no estoque e ainda lá Dina me presenteou com um molotov... Se você leu o livro que o Joel fez... Bem, sabe que essa é uma das melhores armas e mais estratégicas, se não a melhor. Pulamos por mais uma daquelas janelinhas retangulares e finalmente chegamos no real supermercado. Uma área um pouco mais aberta com várias prateleiras e caixas desativados. Havia muitos infectados, então optamos por matar alguns antes, depois arremessamos um tijolo no meio do salão e depois, quando todos se juntaram, arremessei o molotov. Acabamos com todos rapidamente.

Procuramos alguma saída do mercado e não nos restou outra opção a não ser passar pelo rombo gigante acima de nossas cabeças. Um cano de ventilação havia caído, então usamos um cabo preso e subimos no telhado do mercado, voltando para os cavalos. Aquela tempestade que Dina tinha falado finalmente nos alcançou. Não conseguia ver muito mais na frente, então Dina apertou o passo e começou a nos guiar até uma espécie de biblioteca ou livraria. Procuramos no lugar alguns suprimentos e não achamos muito, mas ficamos confusas ao descobrirmos que Eugene costumava morar aqui. Achamos um pingente de Vaga-lume dele e uma foto do Tommy junto ao Eugene com os uniformes dos Vaga-lumes... Eu já sabia que Tommy foi um Vaga-lume, porém para Dina era uma grande surpresa. Encontramos um gerador a gasolina, o que ainda tinha um pouco, e o ligamos. Finalmente conseguíamos ver alguma coisa.

Reexploramos o lugar, agora iluminado, e encontramos uma carta, aparentemente da esposa de Eugene... Nela falava para ele não abandonar a esposa e a filha para se juntar à uma causa idiota dos Vaga-lumes... Não sabíamos que o passado dele era esse... Dina notou uma luz vindo de algumas frestas do chão, então procuramos mais um pouco e encontramos uma passagem secreta atrás de um grande armário.

— O que tem lá embaixo? — Dina perguntou nervosa e curiosa.

— É óbvio que é um porão do sexo. — Falei num tom sarcástico. — É por isso que ele nunca falou desse lugar.

— Espero que seja mesmo, pelo bem dele... *Cara*, ele era muito sozinho.

Ficamos de frente para uma porta dupla com duas pequenas janelas manchadas... Não dava para ver o que tinha do outro lado. Dina se aproximou e eu lembrei daquele momento... Com a Riley, no shopping... Um momento de grande felicidade e diversão... Seguido de sangue...

Eu tirei isso da minha cabeça, eu sabia que nada ia acontecer... Bem, eu achava que não... Quando abrimos a porta ao mesmo tempo encontramos um monte de plantações de maconha... Um monte de maconha velha.

— *Caraca!* — Eu falei.

— É... Maconha... — Dina falou confusa.

Começamos a explorar um pouco, até encontramos um *bong* de vidro e um jarro com alguns baseados prontos.

— *Uh!* Agora sim, Ellie! — Dina falou assim que viu o jarro.

— Será que ainda presta? — Perguntei.

— Maconha estraga? — Dina perguntou um sorriso de canto de boca.

— Bom, vamos descobrir. — Eu abri o pote e peguei apenas um baseado.

Depois começamos a conversar num sofá que havia naquela mesma sala, acendemos o baseado e o dividimos.

— Posso fazer uma pergunta? — Dina falou enquanto passava o baseado para mim.

— Sei lá, acho que sim... — Falei logo antes de dar uma boa tragada na maconha.

— Indo de 1 a 10... — Dina ficou com um olhar estranho, como se tivesse alguma segunda intenção... — Sendo que 1 é tipo “bem bosta” e 10 é “mudou minha vida”... — Dina calmamente morde o lábio de baixo e se vira para mim cruzando as pernas e então olha nos meus olhos. — Qual nota você dá para o nosso beijo de ontem à noite?

— Por que a gente ainda *tá* nesse assunto? — Falei com um sorrisinho tímido de canto de boca. — Você disse que foi um erro.

— Eu disse isso?

Eu me desencosto do braço do sofá e fico de pernas cruzadas de frente para Dina e aproximo meu rosto um pouco.

— Que pergunta é essa? — Falei.

— É para você dar a nota *pro* beijo... — Dina fala isso desviando o olhar um pouco e depois se concentrando em meus olhos.

— *Humpf*, sei lá...

— Eu dou nota 6. — Dina disse tentando me provocar...

— Um 6?! — Falei indignada. — Nossa, *tá* bom...

— Um 6 arredondado...

— *Tá* bom, então...

— Tinha muita gente em volta...

— Beleza, mas 6?

— O que? — Dina perguntou muito curiosa. — Sério, agora eu quero saber que nota você dá.

— Acho melhor não... — Eu falei um pouco nervosa.

— *Cê* é foda, viu. — Dina falou enquanto nos olhávamos sem desviar um segundo sequer o olhar.

— Olha quem fala...

— Você me dá vontade de voltar *pro* meio da tempestade... — Dina falou aproximando o rosto um pouco mais.

— Ninguém te amarrou, sabia? — Eu falei cochichando enquanto me aproximava do rosto dela.

— Acho bom esse ser melhor que 6...

Eu pego o único baseado que acendemos, não chegamos nem na metade dele direito... Eu o arremesso no chão seguro seu rosto com ambas as mãos e a beijo fundo... Ela devolve o sentimento e começamos a tirar nossas roupas... O resto acho que você já sabe, não é? Enfim, foi incrível...

“Te vejo do outro lado, garotinha.”

— E essa aqui? — Apontei para uma cicatriz próxima ao umbigo de Dina.

— Quando eu tinha 12 anos, eu achei um skate... — Dina começou a rir um pouco. —

E, eu tentei subir nele, então ele escapou dos meus pés...

— *Tá*, mas de onde veio a cicatriz?

— Eu caí na minha faca... — Eu e Dina começamos a rir um pouco.

Nós duas estávamos deitadas no pequeno sofá de Eugene, apenas de calcinha jogando papo fora mais uma vez... Eu adorava aquilo. Após Dina falar sobre essa cicatriz, eu ergo o meu braço direito, onde fiz a tatuagem e revelo uma queimadura química... Eu tinha feito isso pouco depois da tatuagem, Cat inclusive a refez depois que cicatrizou... Tudo para esconder a mordida.

— Beleza... — Eu falei um pouco nervosa enquanto mostrava meu braço. — A queimadura química... Bem, eu mesma queimei.

— Por quê? — Dina perguntou curiosa.

— *Ah*... — Fiquei alguns segundos sem falar nada, pensando sealaria a verdade ou não. — Para esconder uma mordida... Eu fui atacada por um infectado aos catorze anos e acabou que sou imune... Então a cicatriz da mordida ficou cheia de marcas de dentes e cistos e... AU!

Dina me bateu e falou “vai se foder!”... Ela não acreditou na história... Bem, o que eu deveria esperar, não é? Dina se senta em cima de mim de um jeito sensual logo após.

— Uma história de verdade, porra!

— Mas minha história é de verdade, porra! — Eu falei.

— Quer uma marca de mordida? — Dina fala isso enquanto se aproxima do meu rosto para beijar meu pescoço. — *Cê* ouviu isso?

Tudo era interrompido pela chegada de Jesse ao porão...

— Tem alguém aí embaixo?!

Nós duas nos vestimos rapidamente, mas não deu tempo de ficarmos vestidas antes de Jesse chegar.

— Jesse?! — Dina exclama pouco antes de se levantar e por uma calça. — Jesse! Espera aí! Não vem ainda...

— O que? — Jesse finalmente aparece. — Só pode ser brincadeira...

— Se vira, porra! — Dina gritou.

— Era para vocês duas estarem na patrulha. — Jesse falou sério.

— *Tá* a maior nevasca, cacete! — Dina respondeu.

— *Peraí...* isso é maconha? — Jesse finalmente prestou atenção ao seu redor.

— O que *cê tá* fazendo aqui? — Dina perguntou.

— O pessoal conta com vocês, entendeu?! O trabalho é importante!

— É? Então por que não *tá* no posto de vigia?

— PORQUE O TOMMY E O JOEL NÃO APARECERAM!

— Como assim? — Eu finalmente entro na conversa.

— Ficamos uma hora esperando... Eu estava procurando os cavalos e vi umas luzes, as quais eram vocês...

— Vai ver eles voltaram para a cidade... — Dina falou tentando me confortar um pouco.

— Sem trocar de turno? Sem chance, Dina. — Respondi. — Qual parte da região você cobriu, Jesse?

— Pouca coisa...

— Vamos nos dividir. Cada um vai para um lado. Aí dá *pra* cobrir tudo em poucas horas... — Falei já terminando de amarrar a bota e me levantando.

— Não quero você sozinha. Não sabemos como está lá fora. — Jesse respondeu.

— É? E se precisarem de ajuda?

— Beleza... Eu vou *pro* Oeste, Dina pega o Sul e você fica com o Leste. Mas fiquem ligadas, *tá*?

— OK... — Eu e Dina respondemos ao mesmo tempo e saímos todos em silêncio...

Eu fiquei procurando por mais ou menos uns trinta minutos... Já havia se passado muito tempo e eu estava completamente desesperada, não sabia como reagir... Só queria que ele estivesse bem... Caminhei por mais alguns minutos até encontrar uma casa cercada com umas luzes acesas nela.

Eu preendi *Estrela* um pouco próxima e segui até os fundos da casa... Parecia ser uma casa de férias da região... Quando entrei pela “área do churrasco”, me encontrava no segundo andar da casa, não prestei muita atenção na decoração, mas parecia ser bem aconchegante. Eu desci as escadas cuidadosamente e concentrada... Acabei encontrando nove colchonetes próximos a lareira... Me aproximei um pouco mais da cozinha e comecei a escutar alguns ruídos, quando me

dei conta, eram gemidos de dor... De alguém sendo espancado... Eu não pensei duas vezes e abri uma porta na cozinha que levava para uma escadaria e então abri uma segunda porta...

Assim que abri recebi uma coronhada na cabeça e cai no chão... Ao retomar a consciência... Eu vi Joel estirado no chão com uma de suas pernas cortada fora, uma enorme poça de sangue ao seu redor, seu rosto estava cheio de cortes e marcas de pancadas em sua cabeça, mas ele ainda estava vivo... Quando me dei conta, havia uma figura feminina branca de cabelos loiros preso numa trança que passava um pouco de seus ombros, seus músculos eram enormes e muito definidos, usava apenas uma camisa regata cinza e uma calça militar escura, umas botas comuns... Mas o que me deu mais desgosto foi ver que ela estava com um longo taco de golfe batendo e batendo em Joel... Eu olhei ao redor logo após e vi mais outras seis figuras, mas elas não serão importantes por agora... Eu me enchi de raiva e comecei a gritar para me soltarem.

— VOCÊS TÃO FODIDOS! —Gritei enquanto duas pessoas me pressionavam contra o chão. — SOLTA ELE, PORRA!

Outros dois deles apareceram ao ouvirem a gritaria.

— O que está acontecendo? — O homem de acabara de entrar na sala perguntou.

— Quem é essa? — A mulher que o acompanhava também perguntou.

— Ela entrou escondida. — Alguém respondeu.

— Por que você não está de guarda lá fora? — O homem falou e então eles começaram a discutir.

— Não esperávamos que alguém fosse aparecer...

— PORRA O QUE VOCÊ ESPERAVA?! *Vamo* vazar antes que a cidade toda venha pra cima da gente... — O homem se aproxima da mulher loira. — Seu tempo acabou.

— Queremos a mesma coisa, né? — A loira respondeu.

— Termina. Agora.

— Joel... Levanta... — Eu falei com o pouco fôlego que me sobrava. — Vamos lá... Levanta, Joel...

Eu apenas vi seus olhos se abrindo e olhando para os meus... Eu vi em seu olhar que ele não estava com medo ou sequer arrependido, como se para ele a vida tinha valido a pena... Joel começa e mexer seus lábios, porém sem soltar um único som... Eu só consegui distinguir as palavras “vemos”, “lado”, “garotinha”... Um rápido segundo depois, tudo ficou em silêncio... O taco de golfe

atingiu a cabeça de Joel fundo em seu crânio e então um espirro de sangue na parede logo a frente...

A loira teve até esforço para tirar o taco de lá...

Eu gritei e gritei, mas não ouvia mais nada... Notei o resto do pessoal discutindo, mas isso pouco me importava... Eu estava deitada ao chão junto a Joel que mesmo eu olhando fundo em seus olhos, não havia mais vida... Eu continuei gritando até que um dos seis primeiros que eu vi veio até mim e chutou minha *cara*... Então... Tudo ficou escuro...

Quatro

Despedida

— ELLIE? — Eu escutei alguém gritando numa voz abafada. — ELLIE! — Escutei mais uma vez uma voz abafada... Parecia ser *ele*... — ELLIE? ACORDA! POR FAVOR! — A voz começou a mudar para uma voz feminina. — ELLIE! — Estava tudo escuro quando de repente eu finalmente acordei.

Quando eu acordei, não tive forças para me movimentar. Meu nariz estava sangrando e em minha frente estava Dina gritando e chamando pelo meu nome. Dina percebeu que eu finalmente acordei e foi atrás de Jesse. Quando Dina se levantou... Lá estava ele... Completamente ensanguentado de olhos abertos e arregalados... Eu apenas comentei duas vezes para mim mesma “não...” e desviei o olhar e notei Tommy também desmaiado no chão próximo aos meus pés... Eu não aguentei... Estava me esforçando demais para me manter acordada, eu apenas fechei os olhos e desejei que tudo isso fosse um sonho...

Depois disso eu fui levada de volta a Jackson City. Eu voltei para o meu quarto e fiquei me revirando na cama, mas eu não conseguia dormir. Eu estava lá, sentada em minha cama olhando pela janela do meu quarto vendo a casa *dele* na minha frente, sem acreditar que nunca mais poderia conversar com ele... A última coisa que conversamos foi a briga da noite anterior... Eu queria poder me desculpar, mas esse direito foi arrancado de mim a força.

Knock, knock... Alguém bateu na porta. Eu me levantei e fui até a porta. Quando eu a abri, era Tommy. Tommy estava cabisbaixo usando um casaco com pelos azul e uma calça jeans comum, botas grandes. O que mais mudou em Tommy ao longo do tempo havia sido seu rosto, o qual agora tinha uma barba bem-cuidada e agora prendia seu cabelo num pequeno rabo de cavalo. Além disso, segurava também um depósito de comida.

— Oi. — Tommy falou.

— Oi. — Eu respondi.

— Será que... Eu posso entrar. — Tommy perguntou meio tímido.

— Pode.

Sem falar nada, Tommy se sentou no sofá de meu quarto enquanto eu fechava a porta e soltou um grande suspiro de alívio. Eu não demoro muito e me junto a ele no sofá, também soltando um suspiro pesado com inúmeros sentimentos saindo por ele. Tommy então coloca o depósito retangular branco com uma tampa azul em cima da mesinha de centro e fala:

— A Maria ia te trazer algo *pra* comer.

— Ela não vai parar a gente. — Eu falei com força.

— *Pra* levar o pessoal que a gente precisa... *Pra* fazer do jeito certo... Vamos acabar deixando Jackson vulnerável...

— Então aqueles *caras* vão se safar dessa?

— Isso ninguém quer...

— É, mas é isso que *tá* acontecendo.

— E se os caçadores atacarem de novo?

— Isso está vindo de você ou dela?

— É um argumento válido.

— Se fosse você ou eu, *ele* já estaria no meio do caminho *pra* Seattle — Onde os babacas escrotos tinham vindo.

— Porra, eu tenho certeza que ele...

— A gente nem tem certeza se são mesmo de Seattle.

— “Washington na Luta pelo Futuro.”, foi o que você disse que estava na jaqueta deles.

— E se eles roubaram as jaquetas?

— Mas que?

— E se a WLF mudou de lugar?

— QUE PORRA É ESSA?! — Eu me levanto rapidamente com raiva. — Quer saber?

Eu vou embora amanhã... E se quiser vir junto, ótimo.

— Você não faz ideia no que está se metendo. Você não sabe se o grupo é grande, se *tá* bem armado...

— Eu. Não. Tô. Nem. Ai... Você não vai me convencer a não ir.

— Me dá mais um dia *pra* falar com a Maria. — Tommy falou enquanto se levantava calmamente. — *Tá?* De repente ela cede alguém *pra* ir junto.

— E se ela não ceder?

— Ai eu penso em outra coisa. — Tommy começou a se aproximar de mim. — Só um dia... Por favor.

— Beleza... — Eu respondo confiando em Tommy.

Depois disso apenas nos abraçamos e então Tommy foi embora.

No dia seguinte, era o enterro *dele*. Fui a última a ir embora e esperei esse dia inteiro, pelo Tommy... Eu não saí de meu quarto. No outro dia, eu voltei até o túmulo *dele*. Dina estava me esperando, ela se voluntariou a vir comigo.

— Quero passar na casa dele antes. — Falei a Dina. — Tem algo que eu preciso pegar lá.

— Não tem problema... Não consegui chegar nos cavalos. Parece que Tommy pegou um e depois Maria trancou os estábulos.

— Ah... — Eu suspirei. — Porra, Tommy... — A gente pensa em alguma coisa no caminho... Um carro, um cavalo, sei lá... No pior dos casos ficamos a pé.

— Beleza.

— Assim fica bem mais difícil chegar em Seattle.

— Que seja. — Dina respondeu determinada.

— Olha, ainda dá *pra* você mudar de ideia...

— Eu sei.

— Só... Só não quero que ache que tem que entrar nessa também.

— Ellie. — Dina me para e coloca a mão em meu rosto. — Se você for... Eu vou. Ponto final.

Quando chegamos até a casa *dele*, estava lotada de flores e cartas em sua cerca no quintal. Eu tentei tocar na maçaneta, mas minha mão estava trêmula, eu não sabia se conseguia.

— Ei... — Dina falou. — Se quiser eu vou lá e pego *pra* você.

— Não... Eu pego.

Dina assentiu com a cabeça e entrou depois de mim. Assim que entrei, a minha direita havia uma área com um pequeno sofá, um grande tapete e depois uma larga estante lotada de livros. Mais a frente uma porta a esquerda com a mesa de jantar e uma lareira. Depois a cozinha simples com um copo de café meio vazio em cima da mesa... Era a caneca que eu havia dado de presente para *ele* de aniversário... Dando da volta na cozinha, voltava ao final do corredor principal com um banheiro ao lado de uma escadaria. No segundo andar, o primeiro quarto que entrei foi o de trabalho *dele* e passatempo, carpintaria, *ele*, inclusive, estava fazendo um violão novo. Depois era um banheiro comum e por último... O *seu* quarto. Eu entrei em seu closet e abracei um de seus casacos... Ainda estava com o cheiro *dele*. Em cima de sua cama, lá estava o que eu vinha pegar... Uma caixa de sapatos vermelha vinho bem-feita e cuidada, parecia nova, porém antes de abri-la, eu

notei um livro em sua mesa de cabeceira... Um livro sobre astronomia... *Ele* estava aprendendo sobre o espaço, apenas para conversar comigo sobre... *Ele* sabia que eu adorava aquilo... Eu me segurei para não chorar, eu tinha que ser forte. Finalmente eu abri a caixa vermelha, nela a primeira coisa que eu vi fora o seu característico relógio quebrado... Depois um tecido simples envolvendo seu revólver icônico... Eu estava a um triz de cair aos prantos quando ouvi Dina chamando por mim, ela disse que era importante.

Assim que desci as escadas, encontrei Maria na sala da mesa de jantar de pé com o que parecia ser uma carta e Dina sentada esperando por mim.

— *“Maria, eu vou pra Seattle. Eu queria conseguir deixar quieto, mas não dá. Esse pessoal tem que pagar pelo que fez. Ellie vai tentar vir atrás, mas não deixe. Confisque as armas, prenda os cavalos e ela, se precisar. Ganhe tempo até eu cuidar disso. Te amo pra sempre. Tommy.”* — Maria coloca cuidadosamente a carta em cima da mesa e fala com força. — Ele vai acabar morto.

— Ele devia ter me levado junto. Devia ter separado um grupo *pra* ir atrás daqueles putos!

— *Aí*, quem. Me. Dera.

— Vai me prender aqui? — Eu perguntei provocando.

— Eu preferia que você ficasse...

— Não fico aqui nem fodendo...

— Eu preferia que você ficasse, mas eu te conheço. — Ela falou olhando dentro dos meus olhos. — *Cê* vai com ela? — Maria perguntou a Dina.

— Vou. — Dina respondeu.

— Então vão sair escondidas? Né?

— *Vamo*. — Eu respondi.

— A pé? — Maria pergunta franzindo as sobrancelhas.

— Isso.

— Eu falei no estábulo *pra* liberarem o seu cavalo... Pega munição também.

— Obrigada, Maria. — Dina fala. Eu permaneci em silêncio.

— Eu só peço um favor: traz aquele asno do meu marido de volta inteiro, *tá*.

— Claro. — Eu falei.

Cinco

Seattle

— Tinha um caçador em cima dele... Afogando ele. — Falei. — *Ele* não conseguia pegar a arma.

— Putz... *Cê* ficou com medo? — Dina perguntou.

— Eu não consegui nem pensar. Eu só... Corri lá, catei a arma e dei um tiro na *cara* do infeliz.

— Quantos anos *cê* tinha?

— Catorze... Que idade você tinha quando matou pela primeira vez?

— Você diz um infectado?

— Não... Uma pessoa consciente, sem cogumelo.

— Dez. — Dina respondeu firme. — Um *cara* foi *pra* cima da minha mãe... Eu o esfaqueei.

— Acho que você ganhou essa. — Falei.

— É, eu sou fodona mesmo, mas e aí, estamos perdidas?

Nós estávamos andando já faz um tempo, mas eu sabia para onde íamos, pegamos a direção certa, eu sabia disso. Andávamos imersos numa floresta agradável com altas árvores e arbustos, porém tranquila de atravessar, não era tão densa quanto parecia. Tínhamos apenas um cavalo e estávamos ambas montadas nele, eu estava guiando.

— *Ah...* Não. — Respondi confusa com a pergunta. — Aí, cadê a confiança?

Ficamos alguns segundos em silêncio até Dina perguntar:

— E aqueles canibais malucos lá com que você e o Joel encontraram? Eles já vieram atrás de vocês... Vai ver eles têm alguma conexão com a WLF.

— Não... Acho que não era o mesmo grupo... — Falei um pouco cabisbaixo relembrando o que acontecera na época.

— E aqueles contrabandistas do mercado clandestino de Boston?

— *Ah...* — Suspirei. — Dina, *ele* atravessou muita gente... Ficar tentando adivinhar não faz sentido.

— Beleza, você *tá* certa...

Continuamos cavalgando por mais alguns metros e acabamos encontrando carros velhos, enferrujados e quebrados em meio a floresta e logo depois um poste com um ponto de

ônibus todo ferrado também. Quando me dei conta estávamos caminhando por cima de uma rua, porém completamente coberta por grama. Seguimos por ela até finalmente atingir uma larga rua principal com umas seis ou sete faixas, havia vários carros enfileirados e muitos capotados. Exploramos um pouco a área, o que dava para falar a real, até chegarmos numa parte da rua que estava destruída e agora passava as águas de um riacho cristalino. Paramos nele por alguns segundos para *Estrela* beber um pouco de água e nós também, depois seguimos viagem.

Adentramos numa pequena floresta que começara a tomar conta dessa rua que estávamos e pouco depois chegamos à um enorme portão e um grande muro. Havíamos chegado na quarentena de Seattle. No portão menor (que ficava dentro do portão maior, parecia uma portinha de cachorro) tinha pichado nele “WLF INTRUSOS SERÃO MORTOS IMEDIATAMENTE!”. Andamos um pouco armadas e exploramos a área, o que mais me incomodava era a falta de ação... Nem um único tiro de alerta ou alguma sirene de aviso... Nada...

O grande portão e o portão menor, ambos estavam trancados, mas eu avistei uma entrada arriscada... Uma pequena parte do muro, bem no topo dele, estava quebrada e claramente eu conseguiria passar por ele, a parte arriscada dessa entrada era como iríamos chegar lá. Ainda nesta parte inicial, encontramos alguns materiais e um mapa de turismo velho num carro comum. Pensamos um pouco e demos algumas voltas na área e eu tive uma ideia.

Avistei uma escada quebrada um pouco alta no telhado de quebrado das celas de criminosos da quarentena. Demos a volta e escalamos até chegar nela. Dina me impulsionou e eu consegui subir. Já estava começando a ficar um pouco alto... Finalmente cheguei ao limite do muro, porém ainda não conseguia atravessar, a falha dele estava do outro lado de onde subimos. Eu caminhei um pouco cuidadosamente e pulei para um andaime de metal que segurava as placas de boas-vindas a cidade. Tive que me equilibrar um pouco e saltei novamente para me encostar no muro. Passei por debaixo de alguns entulhos, peguei distância e pulei para um poste com uma pequena plataforma e algumas lâmpadas fortes para iluminação a noite. Eu quase morri. A plataforma falhou na hora que eu pus os pés nela, então retomei a mim e antes que ela desabasse eu pulei e me agarrei numas vigas de metal que saíam da parte quebrada do muro.

Cheguei no topo e desci para uma plataforma de vigia do outro lado. Alertei Dina que acharia um jeito de abrir o portão para ela e *Estrela* passarem. Eu subi novamente numa torre de vigia e tive uma ampla visão de alguns prédios bem altos e nada mais além de um monte de abrigos militares próximo ao muro. Depois disso tive que resolver um simples quebra-cabeça para ligar a

energia de um portão para me destrancar, depois peguei o mesmo cabo e arremessei para o outro lado, ligando assim a energia de uma cabine de controle, a qual controlava o portão principal. Procurei ao redor e achei um bilhete com os códigos de acesso à vários portões diferentes, inclusive este, além disso, na parte de trás havia um bilhete alertando para levarem a gasolina da cúpula e da garagem do tribunal para a base em “Serevena”. Decidi procurar por isso quando estivesse com Dina.

Fui até a sala de controle e abri o portão, porém a energia não aguentou e assim que Dina e *Estrela* passaram o portão se fechou quase esmagando elas duas e nos trancando aqui. Subi no cavalo e passamos por uma rua, então Dina me alertou e apontou para uma grande placa escrito “HOTEL SEREVENA”, bem, não tinha como ser em outro lugar, achei um pouco óbvio. Não conseguíamos ir até lá, tínhamos que abrir um outro portão, porém faltava gasolina no gerador, ou seja, fomos procurar pelo tribunal e pela cúpula. Subimos no cavalo e desviamos um pouco do caminho chegando numa área completamente abandonada e aberta. Estávamos na grande Seattle. Gigantescos prédios para todos os lados, a rua a nossa frente havia sido totalmente destruída, carros velhos jogados para todo lugar, um grande viaduto partido em dois... Estava tudo um caos, por sorte, tínhamos um mapa da região.

Nós exploramos bastante essa área, porém vou só ressaltar alguns pontos que eu acho que são os mais importantes.

Primeiro andamos pela rua que estava alagada e coberta por gramíneas e descobrimos o porquê da cidade estar nesse estado. Uma nota revelou que a WLF estava ganhando a guerra civil dentro da quarentena e as complicações com infectados vinha crescendo, eles disseram que não tiveram outra opção a não ser acabar com tudo, então bombardearam a cidade inteira e a desertaram... Pegamos mais alguns recursos num carro militar blindado com sete esqueletos, onde achamos essa nota.

Rodamos um pouco mais encontramos suprimentos numa pequena fundação de dois andares, lá também tinha uma nota avisando que havia uma coisa muito especial no banco da cidade. Não hesitamos e fomos para lá... Estava lotado de infectados e com um pouco de dificuldade, matamos todos sem nos perceberem. Encontramos mais algumas notas no banco, parecia que ladrões estavam tentando assaltar o banco no Dia do Surto, porém não deu muito certo, um deles fora mordido e trancafiado no cofre. No fim da nota havia o código dele e eu acabei encontrando uma ótima companheira para a viagem, uma escopeta! Paramos um segundo para

fabricar alguns materiais, como kits médicos e molotovs, então recolhemos a munição dos corpos dos ladrões. Eu perguntei a Dina o que ela faria com tanto dinheiro, eu logo respondi dizendo que seria astronauta e Dina disse que gostaria de viver numa fazenda no meio do nada... Guarde esta informação sobre a Dina.

Encontramos as cinzas de uma fogueira e acreditávamos ter sido feita por Tommy, mas não podíamos ter certeza. Continuamos fazendo a ronda e acabamos encontrando um café, o qual me lembrou *dele*. Exploramos o local e acabamos encontrando uma chave de um pet shop, fomos até ele e encontramos alguns equipamentos e descobrimos onde ficava a base de fazer cartazes da WLF? É, lá eles planejam alguns ataques e nada mais, estava vazio.

Passamos também por um posto de controle, onde encontramos peças para melhorar nossas armas. Eu troquei os canos velhos da minha escopeta por um mais novo e coloquei uma coronha para estabilizar o recuo da arma.

Por fim, achamos uma loja de instrumentos. Olhamos ao redor e Dina fez alguns batuques fofinhos numa bateria quebrada. Quando subi no segundo andar da loja, achei uma caixa de um violão e não acreditei ao encontrar um intacto. Eu o peguei e o afinei... Dina escutou e logo se aproximou.

— Dina... — Falei um pouco tímida.

— Oi?

— Lembra daquele dia com todo mundo ao redor da fogueira...

— Lembro sim, por quê?

— Bom... Então você deve lembrar que eu toquei isso para você...

Então eu começo a dedilhar cuidadosamente o violão e não demora muito para eu começar a cantar *Take On Me* da banda A-ha.

We're talking away

I don't know what

I'm to say i'll say it anyway

Today's another day to find you

Shying away

I'll be coming for your love, okay?

Take on me,

Take me on,

I'll be gone

In a day or two

So needles to say

I'm odds and ends

I'll be stumbling away

Slowly learning that life is OK

Say after me

It's no better to be safe than sorry

Take on me,

Take me on,

I'll be gone

In a day or two

In a day or two...

Eu fui parando a música aos poucos até ficarmos num silêncio absoluto, apenas olhando uma nos olhos da outra.

— Devia ter me beijado. — Dina comentou.

— Eu queria. — Falei.

— Eu também.

— Beleza... É melhor a gente ir.

Então saímos da loja de instrumentos e fomos em direção à grande construção no formato de uma cúpula.

Obviamente estava trancado, porém conseguimos passar por um estreito caminho que rodeava a entrada do prédio e nos deparamos com alguns infectados na parte de trás do lugar. Eram *estaladores* e *corredores* e estavam em estado de “sono”, completamente parados esperando por algum estímulo de algo ou alguém. Acabamos com todos bem rápido e sem nenhum estresse. Por enquanto não eram grandes hordas de infectados ou não estavam tão ativos, você, leitor, deve até estar estranhando a facilidade para chegarmos até aqui, porém muita coisa vai acontecer ainda.

Subimos por umas escadas de emergência na parte de trás da cúpula. O lugar era extremamente espaçoso e grande, era muito bem decorado com uma espécie de palco elevado para alguém apresentar algo, sinceramente eu estava vendo tudo aquilo pela primeira vez, mas Dina já

havia vindo numa dessas a muito tempo atrás, isso aqui era uma sinagoga, Dina falou. Uma sinagoga é tipo uma igreja para os judeus. Eu sabia apenas a teoria por terem me dito a tempos atrás.

— Ei, Ellie, se liga! — Dina falou ansiosa.

— O que?

— Aqui é uma sinagoga.

— Bom, como você sabe?

— Primeiro, tem menorás decorativas na parede. É uma parada judaica. E segundo, porque eu não peguei fogo do nada.

— Não pegou fogo?

— É só uma piada besta...

— Igual as outras?

— Ah, cala a boca!

Exploramos por algum tempo e avistamos o tanque de gasolina com um galão ao lado, só precisávamos atravessar as grades, os quais estavam do outro lado.

— Esse lugar me traz muitas lembranças... — Dina comenta. — Minha irmã sempre me arrastava *pra* uma sinagoga.

— Nunca pensei em você como uma pessoa de fé. — Falei.

— *Nah*, mas gosto de ter vindo de gerações de sobreviventes.

— Do Dia do Surto, você diz?

— Também! — Dina falou e logo se fechou um pouco mais. — E da inquisição... E do Holocausto... A minha família sempre saía viva... Aos trancos.

Depois Dina se fechou um pouco e foi retomando seu humor aos poucos. Conseguimos abrir o portão e usamos um amontoado de caixas num carrinho para passar por uma fresta e finalmente consegui pegar o galão... Que estava vazio... Mas aí eu fui ver o depósito de gasolina, posicionei o galão e abri a torneira... **PORÉM TAMBÉM ESTAVA VAZIO CARALHO.** A raiva subiu minha cabeça por um segundo, mas ainda não era o fim do mundo. Tínhamos outro lugar a verificar antes de nos desesperarmos.

Enquanto achávamos um jeito de sair da sinagoga, encontrei uma coisa que me chamou a atenção.

— O que é isso? — Falei após abrir um armário empoeirado.

— É uma Torá! — Dina falou com entusiasmo.

— Uma o quê?

— É uma escritura, tipo uma bíblia judaica.

— *Ah...* Interessante.

— Minha irmã teria pirado com isso... A que a gente usava no México... Bom, estava chamuscada.

— Você ainda reza? — Perguntei curiosa.

— Às vezes.

— Sério? Quando?

— Rezei quando saímos de Jackson. Rezei no túmulo do Joel... E às vezes, eu... Eu rezo um pouco para mim mesma.

— Te ajuda?

— Acho que me acalma. Eu coloco as coisas em perspectiva... É uma forma de lidar com o luto. Um jeito de demonstrar respeito... É o mundo.

Subimos no segundo andar da sinagoga e depois entramos numa pequena salinha, onde não demoramos muito, porém o calendário de lá me chamou a atenção.

— 5774? A gente tá no futuro?

— Não, trouxa, é um calendário judaico. — Dina falou. — Todo Ano-Novo, minha irmã me dava uma maçã coberta de mel... *Ah*, agora me deu água na boca.

— Tem jeito de ser bem gostoso.

— Festa judaica a gente só come... Come e... Comemora que nossos inimigos não aniquilaram a gente.

— Gerações de sobreviventes. — Comentei.

— Isso mesmo!

— Beleza, agora vamos no tribunal.

— Certo.

Saímos da sinagoga do mesmo jeito que entramos, subimos na *Estrela* e começamos a andar um pouco e fazer algumas rondas até achar o tribunal até que Dina fala:

— Acho que encontrei o tribunal. — Dina fala calmamente.

— O quê?! Onde?!

— Acho que é aquele prédio. — Então Dina apontou e eu ainda não tinha percebido.

— Mas por quê?

— Bom, eu acho que é por causa daquela placa enorme ali em cima escrito “Tribunal”.

— *Ah...* Muito engraçado...

Seguimos até o tribunal e tudo estava trancado com exceção de uma janela no segundo andar do prédio. Tivemos que subir numa plataforma para chegar nela, e assim que abrimos e pisamos lá, começamos a ouvir vários *estaladores* e *corredores* por todo o local. Estávamos no que parecia ser numa mini sala de aula e parecia ter umas outras dessas no andar. Acho que era aqui que os julgamentos aconteciam, mas não estávamos prontas para sermos julgadas por um bando de infectados imbecis...

Emboscados

Nós abrimos a larga janela do prédio empresarial e nos escondemos atrás de uns bancos que pareciam de igrejas. Na nossa sala havia apenas um único *estalador*, então começamos por ele. Silenciosamente o cercamos e eu o matei com meu canivete abrindo um enorme corte profundo em sua garganta. Na sala seguinte havia apenas um *corredor* em agonia parado atrás de uma escrivaninha. Assim que eu tentei dar a volta nele, um *estalador* apareceu e quase me pegou se não fosse por Dina que esfaqueou, eu apenas segui a deixa e peguei o *corredor*. Depois dessa sala tinha apenas um corredor, literal, e uma porta barricada para as escadarias. Empurramos a porta até termos uma brecha, acabamos fazendo muito barulho e os outros infectados da área correram até nós, porém já era tarde, já havíamos passado pela brecha e barricado a porta novamente.

— Você já entrou num tribunal antes? — Dina perguntou.

— Não.

— Quer dizer que você nunca arranhou confusão em Boston?

— *Ah*, confusão eu arranhei... Mas nunca fui parar num tribunal.

Descemos as escadarias até o primeiro andar, onde havia dois elevadores quebrados, podíamos ver apenas as cordas que os seguravam e eles levavam para a garagem, onde deveria estar a gasolina que precisávamos. Antes de irmos exploramos a área de recepção e acabei encontrando um facão bem afiado preso a um esqueleto. Após isso descemos pelas cordas.

Ao descermos, encontramos os próprios elevadores, estavam quebrados. Entramos pela escotilha dos elevadores e vimos que sua porta dupla estava entreaberta e a garagem inteira, o elevador também, estava alagada até a canela. Eu comecei a forçar a porta e ela começou a fazer um rangido extremamente alto e agudo que ecoou por toda a garagem, o que chamou a atenção de inúmeros infectados. Assim que Dina passou, um *estalador* a atacou, mas ela segurou e atirou nele duas vezes o matando. Eu passei pela porta logo depois e uma horda veio até nós.

A munição estava escassa, então tive que racioná-la. Usei o meu facão e pistola para matar os *corredores* e para os *estaladores* um único tiro certo estourando sua cabeça em pedacinhos de cogumelos. Ficamos desse jeito por um tempo até tudo ficar num silêncio reconfortante. Os infectados acabaram. Verifiquei a munição restante e ela já estava escassa, agora eu estava praticamente sem nenhuma... Fomos até o grande depósito de gasolina da garagem e,

com o galão que encontramos na sinagoga posicionado, eu abri a torneira e... Tínhamos gasolina! Finalmente progresso. Abrimos o portão da garagem e fomos embora aliviadas na *Estrela* até o portão que tentávamos abrir esse tempo todo.

Ao chegarmos, Dina ficou de ligar o gerador e eu fui colocar a senha do portão. Conseguimos passar e entrar no hotel... Porém, todavia, entretanto... Estava vazio! A porra da base estava vazia com exceção de uns três *corredores* que estavam devorando um outro corpo. Os primeiros andares foram sem respostas, apenas conseguimos coletar alguns itens, mas ao chegarmos no terceiro andar...

Eu abri a porta entreaberta com uma luz vermelha cintilante de um quarto e ao entrar vi um membro da WLF morto amarrado a uma cadeira com cortinas vermelhas emanando uma luz forte e assustadora vinda do Sol... O cadáver tinha sinais de tortura e bastante sangue ao redor. Ao chegarmos mais perto, do outro lado do quarto um segundo cadáver amarrado a uma outra cadeira...

— Que porra aconteceu aqui? — Dina perguntou com um pouco de enjoo.

— Foi o Tommy. — Falei friamente.

— Isso aí? — Dina apontou para o rosto quase todo desfigurado do *lobo* (quem faz parte da WLF é um *lobo*, afinal WLF é uma abreviação de “Wolf”). — Sem chance.

— Certeza que foi ele... Esse é um dos *caras* que mataram o Joel. — Ao falar nome dele, meu corpo inteiro se arrepiou de ódio.

— Espera um pouco... Tem mais um aqui. — Dina falou encontrando o segundo cadáver no mesmo estado do primeiro.

— Esse eu não reconheço. — Falei.

— Por que Tommy faria algo assim com ele?

— Ele usou um contra o outro.

— Como? — Dina perguntou confusa.

— Você faz uma pergunta *pra* um deles, mas ele não pode falar... Ele tem que escrever.

Depois pergunta *pro* outro... Se as respostas baterem, eles falaram a verdade... Se não...

— Você quebra eles. — Dina completou. — Ellie... Isso acabou de rolar...

— Ele não deve estar longe.

— *Cê* falou que o Tommy tinha um passado tenso, mas... Puta merda... — Dina comentou.

Ao lado de um dos cadáveres havia um código, era o código do próximo portão que tínhamos que atravessar, além disso umas fotos presas num clipe. Ao pegar notei que eram fotos de cada *lobo* que estava no incidente, isso viria ser útil depois. Fomos até o portão pouco depois do hotel. Dina colocou o código enquanto eu ligava o gerador. Subimos no cavalo novamente e seguimos em frente. Notamos que nuvens cinzentas e carregadas começaram a se formar acima de nós, mas ainda não estava chovendo. Ao caminharmos um pouco pela grama, precisamos fazer uma curva e após pularmos por cima de uma barricada... Uma explosão enorme nos acertou... Era uma mina explosiva... Fomos arremessadas ao longe e *Estrela* acabou morrendo na explosão. Eu demorei um pouco a retomar a consciência, meu ouvido estava zunindo e ao olhar para o lado vi dina escorregando por um vão na rua e desaparecendo da minha visão, olhei para frente e vi minha escopeta jogada e tentei me arrastar até ela... Passo a passo fui chegando mais perto, porém comecei a ouvir vozes atrás de mim e estavam vindo por mim... Eu finalmente alcancei a escopeta e mirei rapidamente para trás, mas o *lobo* já havia chegado perto suficiente... Apenas jogou o cano de minha arma para o lado e bateu em minha cabeça com uma forte coronhada de seu rifle... Tudo ficou escuro depois disso...

Quando acordei, estava com as mãos nas costas amarrada à uma mesa com caixas pesadas em cima. Parecia que estava num laboratório de ciências de uma escola infantil. Fui acordada por um dos *caras* que mataram Joel...

— Achei que nunca mais fosse te ver. — Ele falou.

Tentei me soltar, mas as amarras estavam apertadas demais.

— Como nos acharam? — Ele perguntou.

— Perguntei por um *cara* com uma puta cicatriz no rosto. — Falei com força ao olhar para a cara dele e ver que ele tinha uma cicatriz no rosto.

— *Humpf*, engraçada. — Ele pegou meu próprio canivete e o colocou em meu pescoço. — Quantos estão com você, hein? Só as duas?

— Não dá *pra* parar a gente.

— Jordan! — Um segundo *cara* entrou na sala, ele também estava quando Joel foi morto. — Você tinha que *tá* procurando a outra... Que porra é essa?

— Sabe o contrabandista que a gente matou em Jackson? — O Jordan falou enquanto tirava a faca de meu pescoço e fincava no braço da cadeira onde estava.

— Sei. — O segundo respondeu.

— Essa mina estava lá.

— Quê?

— Estão atrás da gente.

— É por isso que o Nick *tava* todo fodido. Temos que levá-la *pro* Isaac e contar *pra* ele tudo que *tá* rolando.

— É, eu acabei de falar com ele no rádio. E tem uma ordem nova *pra* gente.

— Qual?

— Matar todos os intrusos.

— Ô, espera aí! Isso não faz o menor sentido.

— É uma ordem direta, *cara...*

Eles começaram a discutir para saber se me matavam ou não, mas o que me chamou a atenção era uma silhueta de alguém no teto solar do laboratório. A silhueta sacou uma pistola atirou pelo matando um dos *caras*, mas Jordan reagiu rápido e atirou nos pés da silhueta quebrando mais ainda o vidro e derrubando Dina ao chão. Jordan então foi atrás de Dina e começou a enforcá-la com raiva.

Eu comecei a me desesperar, eu não podia deixar ele matar Dina... Eu não podia perder mais ninguém! Eu catei um caco de vidro grande e comecei a cortar as cordas, mas estava demorando demais, não sabia se iria dar tempo... Dina estava sofrendo, Jordan estava ali para matar... Quando meus olhos começam a se encher de tristeza... Eu começo a sentir minhas mãos leves e a corda caindo ao chão... Os olhos que antes estavam cheios de tristeza se encheram de raiva. Eu me levantei rápido, peguei o canivete preso na cadeira e corri em direção a Jordan e comecei a esfaqueá-lo sem dó e nem remorso. “Te peguei seu imbecil!”, eu falei. Comecei a vasculhar o corpo de Jordan e encontrei uma foto e uma carta de mais uma que estava com eles... Leah, você era a próxima...

Mais *lobos* começaram a chegar, então tivemos que sair dali rápido. Coloquei a foto e a carta no bolso e corri junto a Dina. Dois deles apareceram e enquanto Dina os distraía, eu os cerquei e acabei com os dois rapidamente. Pegamos a munição deles e corremos por um corredor onde mais deles apareceram, porém eles não sabiam onde estávamos, assim apenas entramos numa sala de aula e passamos por todos sem nos verem. Chegamos numa área mais aberta, provavelmente onde as crianças passavam o intervalo. Mais deles apareceram e ficaram rondando o local... Não tínhamos tempo para aquilo, mas não podíamos apenas sair atirando. Usamos ao

nosso favor a furtividade e assim acabamos um por um. Parte do telhado da escola tinha caído e formou uma rampa para o telhado, era de onde eles haviam vindo. Subimos por ela e mais deles apareceram e logo nos avistaram. Não tínhamos outra opção a não ser avançarmos. Usamos os painéis solares da escola como coberturas, notei também que dava para passar por baixo deles... Eu fiz isso e matamos todos pelas costas, um golpe desleal eu sei, porém era necessário. Corremos em direção a uma porta que nos levou a uma sala de manutenção da escola, mas a porta adiante estava trancada, saímos então por uma janela. Vimos uma pequena parcela do grupo que era a WLF assim que passamos pela janela.

Uma caminhonete acabara de chegar com vários *lobos* e cães de caça e entraram por uma porta dupla na escola. Todos estavam extremamente bem armados e logo depois apareceu mais uma caminhonete, cada uma com pelo menos seis soldados. Permanecemos abaixadas e fomos embora dali pulando na varanda de um prédio vizinho a escola. Exploramos o andar e chegamos num quarto em cinzas e paramos ali para observar o que conseguimos.

— Certo, dá uma olhada nisso. — Falei a Dina.

Dina pegou a foto de Leah e soltou um assobio. Era uma foto de Leah nua para Jordan.

— Ela é um deles. — Comentei.

— Ela que se foda. — Dina falou com um tom de inveja talvez? Eu não prestei muita atenção.

— Agora lê o papel.

— “Jordan, Isaac nos mandou para passar duas semanas na estação de tevê. Tem *cicatrizes* na área. Segue algo para te manter entretido. Leah.”.

— Aqui. — Apontei no mapa de Seattle. — Estação de tevê.

— Acha que ela ainda *tá* lá?

— Vamos descobrir.

Fomos atrás de Leah. Já estava de saco cheio de Seattle, mas não ia parar aqui... Eu ia caçar todos eles...

Seguimos adiante. Eu vou fazer um breve comentário sobre o caminho até Leah. Nada de interessante aconteceu, apenas alguns outros *lobos* nos atacaram e alguns infectados dentro de um prédio que explorávamos. Nada demais.

Após uma longa caminhada, chegamos na estação. Assim que entramos, nos deparamos com um silêncio ensurdecedor. Não tinha ninguém, eu estava ficando agoniada com isso. Seguimos por um corredor e depois por uma ventilação e atingimos o local de gravação principal...

— Que porra é essa, Ellie?! — Dina exclamou ao ver três corpos pendurados por uma corda e seus estômagos cortados e todas suas tripas saindo.

— Eu não faço ideia...

— Você acha que foi o Tommy?

— Não... Tommy não faria isso... Provavelmente foram aqueles *cicatrizes* que Leah havia comentado.

— É verdade... — Dina falou um pouco assustada com o que via.

Exploramos a área e mais corpos mortos de *lobos* espalhados, pelo menos recuperamos nossa munição. Continuamos a explorar a área, começamos a seguir um rastro de sangue, como se alguém tivesse se arrastado por ali sangrando bastante e acabamos entrando num pequeno escritório e lá estava Leah... Morta... Várias flechas atravessaram seu corpo, mas ela ainda acreditava que podia sobreviver e fugiu até aqui... Sua morte...

— É ela... — Comentei.

— Acho que o universo queria mesmo matar ela, né?

Um rádio ainda estava ligado e Dina foi até ele escutar. Acabou que uma tropa inteira de *lobos* acabara de chegar no prédio. Tínhamos que correr... Ficamos em silêncio a prior, mas eram muitos então eventualmente nos viram e nos perseguiram. Viramos e corremos, corredor a corredor até não podermos mais. Pulamos por uma janela e escorregamos por um morro de lama e indo por baixo de um viaduto, porém do outro lado dois carros dos *lobos* nos fecharam. Fomos obrigados a entrar por uma porta nos levando a um esgoto fedido...

Trôpegos

Nós barricamos a porta com uma máquina de refrigerantes quebrada. Estava um breu, pelo menos tínhamos lanternas. Ao acendê-las, vi que só tinha uma única entrada que levava a gente para abaixo da tubulação de ar de algum lugar. Tudo estava destruído e bem apertado, me dava até um pouco de claustrofobia. Ratos passavam de um canto ao outro pela gente. Não conseguíamos ficar de pé, muito menos andar mais rápido do que agachadas. Achamos um cano estreito e tivemos que nos arrastar por ele, logo após, esporos...

O cano nos levou para uma área de manutenção, não sabia muito bem de onde. Passamos por uma daquelas portas giratórias feitas de grades de metal. Continuamos nos espremendo e Dina derrubou um cano bem na hora que passávamos por um estalador na sala ao lado. Podíamos vê-lo por umas grades onde nos apertamos, mas por sorte nada aconteceu. Ouvimos alguns *lobos* conversando.

— Então, eles são *cicatrizes* ou intrusos? — *Loba 1* falou.

— *Cê* é surda? Jo acabou de falar que...

— *Shh, shh...* — Jo interrompeu. — *Estaladores*, silêncio.

Acabamos nos encontrando finalmente. Eles jogaram um sinalizador vermelho no meio da sala, um grande metrô. Agora imaginem comigo... Estava tudo muito escuro, não podíamos usar lanternas para não nos verem, apenas uma luz vermelha ao longe iluminava todo o ambiente na cor de sangue, seres humanos armados até os dentes atrás da gente e próximo de todos, *estaladores*... O lugar estava assustador *pra* caralho... Eu podia ouvir a música de tensão crescente em minha cabeça... Porém Dina estava mais tranquila, tão tranquila que pegou um tijolo e arremessou no meio dos *lobos* chamando a atenção de todos os infectados para eles! Esperamos alguns segundos e então corremos para o trem tombado mais na frente enquanto todos estavam se matando atrás. Última coisa que escutei ao fecharmos a porta do vagão foi “JO! CUIDADO! JO, NÃO!” e depois gritos de agonia e choros.

— Nossa, Dina! — Exclamei assim que descansamos por um segundo no trem. — Isso foi intenso!

— É... — Dina suspirou. — Você parecia um pouco nervosa, então decidi agir rápido...

— Ainda bem, eu estava mesmo...

— Ei, ouviu do que nos chamaram? — Dina perguntou.

— *Cicatrizes?*

— É... Será que foram eles que...

— Estriparam aquelas pessoas? Provavelmente.

— Essa cidade só tem loucos psicopatas...

Quando saímos do trem e começamos a seguir pela lateral dos trilhos, começamos a ouvir gritos distantes e logo depois uma explosão abafada... Entramos por uma porta o que nos levou até uma salinha com algumas grades e apoiada nessas grades, um *lobo* morto com sua pele corroída como se tivesse tomado um banho de ácido, suas roupas estavam gastas e rasgadas como se tivessem sido queimadas...

— Mas que...? — Comentei.

— Meu Deus... — Dina também comentou. — Você já viu coisa parecida com... Isso?

— *Ah... Baiacus* têm esporos ácidos... Mas não tem cara de *baiacu*... Bom, seja lá que porra estejam enfrentando, melhor deixarem se matar.

— De acordo.

Continuamos por um caminho mais tranquilo sempre coletando materiais e suprimentos até ficarmos sem saída. Como não tínhamos mais para onde ir, entramos pela ventilação, tivemos que nos arrastar... Enquanto passávamos silenciosamente, ouvimos mais *lobos* gritando e correndo.

— MERDA! OUTRO *TRÔPEGO*! — *Lobo 1* gritou.

— VEM CÁ, JOSH! EU AJUDO, EU AJUDO! — *Lobo 2* falou enquanto sustentava seu amigo machucado.

Depois vimos uma criatura nojenta e grotesca mais ou menos da altura de um homem comum, porém com inúmeros cogumelos redondos e laranjas de diversos tamanhos fazendo essa coisa estourar esporos em toda sua volta numa área enorme. Esses cogumelos são tantos que o fazem sua coluna entortar, assim impedindo-os de andar de maneira rápida e eficiente, sempre mancando e cambaleando... E assim como os *lobos* os chamaram... Esses são os *trôpegos*.

Apenas passamos adiante com olhos arregalados e apavoradas com a cena, mas para nosso azar, logo entramos na mesma área deles... Tinha apenas um portão da qual poderíamos passar, porém era muito barulhento, tínhamos que descobrir como acabar com os novos infectados...

Os *trôpegos* eram assustadores... Principalmente nesse ambiente escuro... Faziam barulhos de como se estivessem engasgando com algum líquido grosso e esquisito... Por sorte, eu criei uma estratégia boa. Eu lembrei que Joel havia me ensinado a fazer aquela bomba de pregos, porém eu odiava fabricá-la, era um saco ter que prender com cuidado todo aquelas lâminas com cuidado, então a aperfeiçoei. Uma mina plantada feita a partir de garrafas, pólvora e um gatilho que ativa ao mínimo toque, perfeito contra essas coisas imprudentes. Eram dois *trôpegos* e mais alguns *corredores*. Dina se encarregou de matar os *corredores* enquanto eu plantava as bombas. Os *trôpegos* não andam muito, não conseguem andar direito. Quando Dina voltou, nos reunimos entre os dois monstros, então peguei um cano velho e o bati contra uma parede fazendo bastante barulho para atraí-los. Eles vieram freneticamente e a primeira bomba de cada um explodiu... Porém eles continuavam de pé! Eles resistiram a uma explosão a queima roupa que faria qualquer ir para as alturas e arrancar suas pernas, mas pareciam que sua armadura de fungos (como as dos *estaladores*) era mais resistente, mas eu já estava preparada. Pude ver melhor os infectados ao se aproximarem. Seus rosto e cabeça eram expostos, ou seja, apenas davam muito medo, porém vulneráveis... Dina e eu levantamos os rifles e atiramos na cara de cada um. Ambos caíram, mas eles tinham mais uma carta na manga... Após caírem próximos a gente, os *trôpegos* começaram a carregar uma explosão de esporos, uma mais forte e poderosa, como se juntassem toda sua força restante e liberassem tudo de uma vez... Assim que percebi isso, puxei Dina pelo braço e corri com ela para nos protegermos... Por muito pouco, não estávamos todas desfiguradas...

— *Trôpegos*? — Dina perguntou ofegante. — Foi assim que chamaram?

— É... — Respondi também ofegante. — Mas de onde saíram essas coisas?

— Porra, eu sei lá! — Dina falou assustada — Só sei que são nojentos e assustadores!

Passamos pelo portão tranquilamente e acabamos num longo corredor com vários canos e ferramentas jogadas de um lado ao outro, provavelmente mais uma área de manutenção do metrô.

— *Trôpegos*... Como se os outros já não fossem ruins. — Comentei.

— É assim que é a natureza.

— É, bom, a natureza é *cuzona*!

Seguindo pelo longo corredor, encontramos mais alguns materiais, fiz mais molotovs, bombas e kits médicos e então seguimos, assim termos que desviar nosso caminho para chegar na porta de saída, porém o caminho desviado não era um fácil... Mais *trôpegos*, *corredores*, e agora

estaladores... Eu já estava de saco cheio de Seattle. Repetimos o mesmo de antes, porém com um pouco mais de dificuldade por causa do *estalador*, porém conseguimos passar. Matamos os *trôpegos* mais facilmente dessa vez, além da bomba usamos molotovs.

Ao sairmos, chegamos numa área onde aconteceu um acidente de trem... Dos bem feios mesmo. Fomos fazendo nosso caminho por algumas brechas, passando pelos vagões e se arrastando de um lado ao outro. Conseguimos chegar ao topo de um vagão e na hora que eu pensei em pular e chegar ao chão, o vagão cedeu e eu fui junto, me escorreguei por ele e bati a cabeça.

Assim que acordei um infectado veio em minha direção e pulou em cima de mim, ficou se debatendo na minha frente tentando me matar, até que Dina finalmente chega...

— ELLIE! — Dina gritou. — ESTOU AQUI! — Então ela atirou duas vezes no infectados e me ajudou a levantar. — Ellie... SUA MÁSCARA!

Quando Dina gritou, eu finalmente percebi que minha máscara havia quebrado na queda.

— Droga, Ellie! A gente pode dividir a minhas...

— NÃO! NÃO, NÃO TIRA A MÁSCARA, DINA! — Eu a seguro e a jogo contra a parede, depois tiro minha máscara.

— NÃO, ELLIE! — Dina gritou ainda desesperada.

— DINA, CALMA! EU! TÔ BEM! — Falei enquanto segurava suas mãos com força.

— EU SOU IMUNE, TÁ VENDO? NÃO TÔ TOSSINDO!

Começamos a ouvir barulhos de inúmeros infectados após nossas vozes ecoarem por todo o túnel...

— Merda... — Falei. — Dina, consegue correr?

— ... — Dina ficou em silêncio por um segundo. — Sim, consigo...

— ENTÃO BORA, PORRA!

Então partimos em disparada. Eram tantos infectados que nem dez molotovs os parariam de nos perseguir. Começamos a subir umas escadarias e a cada curva que fazíamos, a outra que não escolhíamos se enchia com mais e mais *corredores* e *estaladores*. A cada segundo que se passava eles estavam mais perto e esse sentimento era desesperador. Subimos por umas escadas rolantes quebradas e um deles quase me pegou, corremos por mais um corredor e pulamos um portão, o qual não segurou a manada. Corremos até umas portas giratórias feitas de grades e atravessamos, porém um *estalador* passou no espaço de trás e me agarrou entre as grades. Sentir a

pele áspera das mãos daquela coisa no meu pescoço me sufocando e pouco depois um hálito de morte não era legal. Fiquei me segurando, empurrando a cabeça dele, tentando me soltar, Dina então se vira e acerta dois tiros na *cara* do *estalador* assim travando a passagem para mais nenhum sair daquele metrô...

Ainda não acabou. Dina ficou sem fôlego, parecia alguém com asma. Ela caiu no chão e quase desmaiou, porém continuou acordada com a respiração completamente desordenada... Eu a levantei e coloquei seu braço em volta de meu pescoço, então fomos até a primeira construção aberta na nossa frente, um teatro. Enquanto fomos nos aproximamos, Dina foi se acalmando assim como eu, e foi assim que percebi que estava chovendo bastante. Eu me lembrara que Maria nos alertou que Seattle era uma cidade extremamente chuvosa no inverno e esta era a prova viva, pois parecia que o céu estava caindo...

Assim que entramos no teatro, Dina se deitou num pequeno sofá logo na entrada. Eu tranquei a porta e me sentei perto dela. Tudo estava bem escuro e silencioso, apenas com exceção da forte chuva lá fora.

— Dá *pra* me dizer o que você tem? — Perguntei estranhando a fraqueza repentina de Dina.

— O que eu tenho? — Dina olhou para mim assustada. — Ellie, eu acabei de te ver respirando esporos.

— Eu já te disse. Sou imu... — Falei numa voz suave e baixa tentando a tranquilizar.

— Sei. — Dina me cortou levantando a voz. — Você é imune. *Ah, tá.*

— Fui mordida muito tempo atrás.

— Porra do que é que *cê tá* falando? — Ainda ofegante e com a voz exaltada, Dina perguntou.

— Fui mordida e nada aconteceu.

— *Ah...* — Dina lembrou. — A queimadura química.

— Maria, Tommy e... Joel são os únicos que sabem... Sabiam... — Eu comecei a falar meio cabisbaixo, me sentindo culpada por ter mentido esse tempo todo. — Eu não vou te infectar se esse é seu medo... Mas também não posso te deixar imune. — Eu me aproximei meio tímida e triste. — Diz alguma coisa, vai... Por favor.

— Ellie... — Dina ainda estava passando um pouco mal, pôs a mão na barriga. — Acho que eu *tô* grávida.

— Quê? — O sentimento de tristeza que eu estava ia se esvaindo e dando lugar ao de confusão... E posteriormente o da raiva.

— Fica tranquila, não é seu. — Dina falou brincando.

— O que é que... — Falei ficando agitada. — O que a gente vai fazer agora?

— Nada. Eu só preciso descansar um pouco.

— Mas que merda... Desde quando você sabe?!

— Atrasou umas semanas atrás...

— Semanas?! Mas a gente podia... A gente ainda podia ter voltado!

— Eu não sabia! Eu não tinha certeza! Eu não queria ser um fardo *pra* você...

— E o que você *tá* sendo agora?!

Dina ficou em completo silêncio.

— Eu vou... Eu vou ver se o lugar é seguro... Descansa aí.

Memórias: Parte Um

Eu virei as costas para Dina e segui pelo grande salão de recepção. Até o balcão não tinha nada de interessante. Ao lado dele uma porta dupla trancada e pouco antes da porta, uma escadaria. Antes de subir, olhei num banheiro e acabei achando um kit médico, então comecei a subir as escadas.

— Grávida? — Comentei para mim mesma. — Grávida, porra... Como você esconde uma coisa dessas?

Continuei caminhando e explorando, acabei achando uma barraquinha usada como abrigo por alguns *lobos*, mas nada demais nela. Continuei subindo umas outras escadas e achei uma porta amarela com um fio, também amarelo, saindo dela levando para uma janela do lado de fora. Ao entrar nessa sala, achei um daqueles rádios grandes com microfones, tinha um na torre de rádio lá trás. Também tinha uma nota dizendo que por causa da chuva, a energia não ficava muito tempo ligada. Tentei mexer no rádio para ver se tinha algum tipo de bateria, porém nada, eu realmente tinha que ligar a energia.

Me virei e fui em direção a janela de frente a porta. Ainda estava bem chuvoso. Tinha uma escada de incêndio e uma outra para o telhado. Segui o fio até chegar numa pequena casinha com uma alavanca e um esqueleto do provável homem que deixou aquela nota. Ele estava frito, se é que me entende... Tinha um gerador do lado. Liguei o gerador sem muita dificuldade e toda a energia havia voltado. Voltei ao rádio, mas não achava nada de interessante, parecia quebrado. Eu fiquei com um pouco de raiva por não ter funcionado e dei um tapa forte na lateral do dispositivo, o que revelou uma chave embaixo dele.

Era a chave daquela porta trancada e assim que abri, me deparei com um incrível teatro com inúmeras cadeiras vermelhas bem-conservadas e alinhadas. Um grande palco com alguns instrumentos como um piano e algumas caixas. Eu atravessei a grande cortina vermelha e macia que escondia os bastidores do palco.

— Nossa... Joel, você ia adorar assistir alguma coisa aqui... — Comentei.

Continuei explorando tudo ao meu redor e acabei encontrando uma outra maleta de violão... Sentei-me na primeira fileira das poltronas confortáveis, limpei o violão que estava em ótimo estado e comecei afiná-lo, depois comecei a tocar...

If i ever were to lose you

I'd surely lose my self

...

3 anos antes.

Eu me vejo sentada num tronco de árvore praticando no violão que Joel me presenteara anos antes...

— Já tá tirando um som. — Ouvi Joel falando.

— Aí, sou péssima... — Respondi.

Nunca fiquei tão feliz em observar aquela cena. Lá estava eu, conversando com ele novamente. Joel estava usando uma camisa simples azul marinho com um bolso no peito, uma calça jeans simples e seus tênis velhos. Nunca tirava seu relógio do pulso.

— Não... É só calejar os dedos, não tem mistério. — Joel falou me confortando.

— Sei...

— Beleza, vambora.

— Agora?

— Já.

Deixei o violão apoiado no tronco junto à Callus e segui Joel por um bosque super agradável, ar puro e um estreito rio próximo.

— Eu vou tentar adivinhar. — Falei.

— Você tá a fim de estragar a surpresa? — Joel retrucou.

— Não sei... — Pensei um pouco. — É... Um dinossauro?

— Não adianta, garotinha. Eu não vou contar.

— Está bem... Um elefante?

— Ah...

— Um conversível?

— Você não vai adivinhar.

— Um cachorrinho?

— Anda mais e fala menos.

Chegamos até uma estreita passagem em cima de uma motanhazinha e logo abaixo o rio. Joel foi na frente e segurou um galho de um pinheiro para eu passar. Enquanto eu passava, escutei “opa” e depois um empurrão me arremessando no rio... Mas Joel havia me ensinado a nadar... Como ele prometera. Ao voltar a superfície, lá estava Joel, rindo.

— Qual seu problema?! — Gritei indignada.

— Sua cara tá impagável agora. — Joel falou ainda rindo.

— E se eu me afogasse?! — Gritei.

— Você não vai se afogar. — Joel falou com um tom de deboche brincalhão. — Tem que ser mais confiante, garota. — Depois solta mais algumas risadas.

— Vai, ri aí, tiozão... Pra ver o que te acontece.

— É por ali, vamos.

— Você é um saco!

— Ei, você está nadando bem melhor... Lembra disso, não é só ficar batendo, você tem que...

— “Empurrar a água com os braços.” E blá, blá, blá...

— Bom saber que presta atenção. — Eu finalmente saio do rio enquanto Joel se aproximava da beira dele. — Ei, Ellie, olha aquilo. — Então ele aponta em direção a um cervo pastando mais na frente.

— Tô vendo... — Falei.

— É, legal, não?

— É... Parece... — Eu o empurro da beira do mini penhasco. HA! E aí, o que achou dessa?

— Refrescante. — Ele respondeu.

— Não é legal quando te empurram aí dentro, né?

— Olha... Na real, a gente vai ter que nadar por aqui mesmo.

— Me vinguei. Você tá bravo e chateado.

— É, tô bem bravo e chateado grrr! Agora vem.

— Aff... — Então corri e pulei no rio.

Passamos por debaixo de um tronco bloqueando a passagem do rio e chegamos novamente à terra firme.

— É... Meu professor de história da sexta série querendo se desculpar por ser um babaca?

— Como é que é? — Joel falou num tom tão confuso quanto cego em tiroteio.

— Eu discutia com uma amiga sempre que ele chamava os Vaga-lumes de terroristas.

A gente vivia na diretoria.

– Olha, você precisa parar de deixar os outros te tirarem do sério.

– Com babaca é difícil.

– Mesmo assim. E lá vamos nós, mais um mergulho.

– Pra onde você tá me levando?

Nós dois respiramos fundo e seguimos por uma fresta por onde o fio passava embaixo da montanha. E voltamos a superfície logo depois.

– É... Um par de tênis novos? – Perguntei ainda super curiosa.

– Quantos tênis você já tem?

– Pse, muito poucos.

Subimos por uma elevação e seguimos o caminho.

– Ah, foda-se, desisto de tentar adivinhar.

– Que bom. – Joel falou num tom irônico.

– Mas tipo... é uma baita coleção de gibis... não, pera... uma coleção de DVDs?

– Ah... Sim.

– Mas... Qual das duas?

– Sim.

– E disco laser? Eu já ouvi falar nisso aí.

Joel não falou mais nada, apenas esperou eu começar a caminhar... Então eu o fiz e acabei atravessando uns arbustos e de repente minha visão é ofuscada pelo Sol e logo uma enorme sombra o cobre... Um fodendo dinossauro... Um Tiranossauro Rex.

– Caraca, Joel... – Eu fiquei boquiaberta.

– Chegamos...

– CARAMBA, É UM DINOSSAURO!

– Sim.

– JOEL!

– Humpf, surpresa.

– Puta merda... É um dinossauro, porra!

Eu fui até a pequena plaquinha de informações que havia na frente dele e anotei tudo sobre ele, depois comecei a subir nele pela cauda finalmente chegando até o topo de sua cabeça.

– Ei, Ellie, cuidado aí! – Joel gritou.

– EU TÔ SUBINDO NUM DINOSSAURO!

– *É, eu tô vendo, mas vê se não morre caindo dele.*

– *OLHA PRA MIM! SUBI NUM DINOSSAURO, CARALHO!*

– *Opá, perai! Que é isso? Não pula, não... Ellie, desce aos poucos... Ellie?*

– *AAAAAAAAAAAAHHHHH* – *Então eu pulei e caí no riozinho que passava por ali, logo abaixo da cabeça do dino.*

– *EI, EI, ELLIE!*

– *Você viu só?*

– *É, eu vi.*

– *Não foi incrível, Joel?*

– *Incrível foi você não ter quebrado nada.*

– *Hehe, que demais.*

Caminhamos até uma porta dupla mais a frente e chegamos à recepção de um museu... Na recepção eu peguei um folheto com informações sobre os dinos e um chapéu igual ao do Alan Grant de Jurassic Park. Primeira coisa que observei foi o esqueleto de um “deinonico” logo na entrada. Eu fui até uma pequena salinha ainda na recepção, sentei-me na cadeira e peguei o telefone já sem funcionar.

– *Alô, desculpa, os dinossauros estão todos ocupados. – Falei.*

– *O que está fazendo?* – *Joel falou se apoiando na porta.*

– *Ah, um momento... Um dos dinossauros chegou. Joel, é pra você.*

– *Engraçadinha.*

– *Sou mesmo... Mas entendeu? Porque cê é velho.*

– *Aham, entendi, não precisa jogar na cara também.*

Continuamos andando e chegamos numa sala grande com alguns dinossauros grandes também. Coloquei aquele chapéu em um esqueleto e depois de mostrar a Joel, peguei o chapéu e coloquei na cabeça de Joel.

– *Eita, o cérebro desse aqui é do tamanho de uma noz.*

– *Ah, olha só! Vocês dois têm uma coisa em comum.*

– *Humpf, boa.*

Continuamos andando e achamos uns crânios de dinos expostos.

– *Olha como o crânio desse é grosso!*

– *É... Parece um pouco com o do... Tommy.*

— *Eu vou contar isso pra ele, hehe.*

— *Conta não... Mas se pega na luz certa, bum! É o Tommy.*

Continuamos por uma escadaria

— *Você ia muito a museus?* — *Perguntei.*

— *Ia. É, a Sarah adorava... Sério, aquela garota me arrastou pra tudo que é museu do Texas.*

Continuamos e eu achei um corredor escuro com vários pontos brancos espalhados pelas paredes. Eu passei por uma catraca e depois por esse corredor, então...

— *MEU... DEUS... VOCÊ SABIA QUE TINHA ISSO AQUI?! — Falei quando minha visão fora vislumbrada por um sistema solar em miniatura flutuando acima de mim.*

Eu vi que os planetas eram todos envoltos do Sol e abaixo dele algum sistema de engrenagens e uma manivela... Eu comeccei a girá-la e todos o resto girou junto e o Sol começou a brilhar.

— *Nossa! — Falei com olhos brilhantes. — Você sabe o nome de todos os planetas?*

— *Minha velha traga meu jantar: suco de uva, nozes e passas.*

— *Ah... você bateu a cabeça, foi?*

— *Minha: Mercúrio. Velha: Vênus. Traga: Terra. Meu: Marte. Jantar: Júpiter. Suco: Saturno. Uva: Urano. Nozes: Netuno e passas: Plutão...*

— *Nossa! Isso é bem legal.*

Continuamos explorando, verifiquei uma sonda espacial, exposição de naves espaciais e os trajes ao longo dos anos... Mas o que mais me chamou atenção fora a ponta de uma nave espacial, onde os pilotos ficavam e controlavam a nave. Eu a abri e tentei subir.

— *Ei, garotinha.*

— *Quê?*

— *Você vai pro espaço, precisa de um capacete.*

— *Ah, nossa, vacilo meu. — Fui até a exposição de capacetes, peguei o primeiro que vi o coloquei na cabeça.*

— *Tem cheiro de quê aí dentro?* — *Joel perguntou.*

— *Espaço!.. E poeira...*

Me posicionei com cuidado e entrei na nave, Joel veio logo atrás de mim.

— *Nossa! Olha só tudo isso.*

Fiquei mexendo nos botões e fazendo barulhos com a boca simulando tudo na minha cabeça, até o Joel estender a mão e mostrar uma fita para mim.

— Feliz aniversário, garota. — Ele falou.

— O que é isso?

— É uma... Coisa que deu a maior trabalhadeira pra achar.

Eu peguei meu walkman, coloquei os fones e pus a fita, pouco antes de eu pôr para tocar, Joel falou para fechar os olhos, então eu os fechei e comecei a escutar...

“Contagem de 30 segundos. Os astronautas estão bem, faltam 25 segundos. 20 segundos e contando. 15 segundos, direção interna. 12, 11, 10, 9... Sequência de ignição iniciada. 6, 5, 4, 3, 2, 1, 0. Motores ligados. Decolou! O foguete decolou! Às 10 horas e 32 minutos, a Apollo 11 decolou.”

A fita já havia terminado, porém eu permaneci de olhos fechados e imaginando tudo isso ao meu redor, até que finalmente eu os abri e me virei para Joel.

— Mandei bem? — Ele perguntou.

— Tá de sacanagem comigo?

— Não tem de quê, garotinha. Mas que tal a gente... Dar uma olhada por aí.

Joel me entregou um broche da Apollo 11 e então abrimos uma porta nos levando para uma área aberta com uma região completamente alagada. Do outro lado o museu continuava, porém Joel alertou que nunca tinha ido ali... Eu não hesitei e pulei do alto segundo andar onde estávamos e cai na região alagada e nadei até a outra parte do museu. Joel veio logo em seguida. A porta estava emperrada, mas tinha uma janela na parte de cima aberta. Joel hesitou um pouco, mas cedeu e me jogou para dentro. Não tinha como eu liberar a porta, então comecei a procurar outra entrada para Joel.

Esse era um centro de história natural... Eu comecei a olhar e entrei numa área com um grande alce sendo atacado por vários lobos, todos empalhados, óbvio... Mas na parede ao lado de uma porta, estava escrito “Eu matei por eles”. Fiquei meio sem entender, então só ignorei e segui adiante. Na sala seguinte, mais uma escritura na parede feita com uma tinta preta, “Os 4 soldados no portão. O último chorou”. Depois, na sala seguinte, ouvi algo caindo, como se alguém tivesse derrubado por acidente e mais uma escritura na parede, “A mulher que a gente torturou. Sufocou no próprio sangue”. Saquei minha arma, estava começando a ficar nervosa... Na mesma sala, mais palavras na parede, “Os andarilhos que invadiram o acampamento. Só queriam comida”, depois

mais outra, “O garoto que correu pra explosão. Não consegui impedir” e então mais barulhos. “O pessoal na van. “A gente prendeu eles lá e tacou gasolina”. Passei por uma fissura na parede e na sala encontrei um esqueleto apoiado na parede contrária ao lado de mais um buraco e outra escritura... “NÃO TEM LUZ”. Também tinha uma nota na mão do esqueleto.

“Queríamos acabar com o sofrimento. Queríamos restaurar a humanidade. Toda vez que sacrificávamos uma parte de nós, nossos líderes diziam: ‘Vai valer a pena’. Agora o grupo se desfez. Sem resultado nenhum por todos os nossos pecados. Pensei que vir pra cá pudesse reacender alguma coisa. Dar algum objetivo. Meus pais adoravam me trazer pra cá. É uma das minhas memórias mais antigas de antes do surto... De antes de toda a crueldade e selvageria. Essas memórias só me deixaram com mais raiva. Não quero mais viver neste mundo. Não consigo encarar a pessoa que me tornei.”

Na outra mão do cadáver, uma pistola. Passei pelo buraco estreito ao lado e cheguei no covil de lobos empalhados. Tinham mais alguns animais carnívoros e assustadores ao redor. Assim que eu saí da área dos lobos, um fodendo javali me atropelou e me derrubou no chão saindo correndo assustado... Era ele que fazia aqueles barulhos. Quando me levantei, apontei a lanterna para a parede mais próxima enquanto tirava a poeira e lá estava a última pichação...

— Ellie! — Joel gritou.

— Tô aqui!

Joel arrombou uma porta e entrou de uma vez na sala iluminando parte do local, suficiente para não precisar da minha lanterna.

— Que merda foi essa? — Ele perguntou com seu revólver em mãos.

— Foi só um bicho... — Falei um pouco cabisbaixa.

Joel veio se aproximando de mim e notou que eu estava vidrada na parede, então ele finalmente viu a pichação e ambos ficamos em completo silêncio... Era o símbolo dos Vaga-lumes bem grande na parede e embaixo uma única palavra... “Mentirosos”...

— Ah... — Joel suspirou. — Ellie... Vamos, quero acender uma fogueira antes de escurecer...

Eu passei a minha mão na atual queimadura química e lentamente segui Joel...

Eu comecei a acordar... Me vi novamente naquele teatro chique com o violão em meu colo. Me levantei, peguei minhas coisas e fui procurar saber se Dina estava bem...

Comecei a subir calmamente a longa rampa de carpete vermelho que dividia os três grandes “lotes” de cadeiras fofinhas. Pouco antes de sair, eu me virei e apreciei aquela vista novamente e me lembrei de Joel... Não fiquei muito e fui direto para onde Dina estava deitada. Ao chegar mais próximo, Dina não estava mais deitada ali. Comecei a ficar confusa, com medo e um pouco desespero veio a mim. Corri para a escadaria e enquanto subia, comecei a escutar alguns gemidos estranhos de longe. Saquei minha arma e fui andando calmamente até o quarto onde o rádio estava e pela porta entreaberta, vi Dina no chão vomitando num balde e ao lado, o rádio e um mapa da cidade. Eu guardei minha arma e entrei no quarto.

— Ai... Dina falou ainda verde. — Tô bem gata agora, né?

— Gatíssima. — Respondi. Como... Como consertou o rádio?

— Conexão solta. Antena... A propósito, acharam nossa bagunça na escola.

— Ótimo.

— Olha... — Dina mostrou um fotos, uma de cada pessoa que estava no... Incidente.

— Esse *cara*, Owen, ele sumiu.

— Será que Tommy pegou ele?

— Talvez.

— E ela? — Perguntei falando da outra pessoa ao lado de Owen... Abby, a loira que torturou e matou Joel.

— Nada ainda.

O rádio começou a falar “Unidade Romeu, seguir *pro* local Dois.”.

— Então... — Dina começou a explicar. — Os números são lugares. A estação de tevê que a gente estava, é o Seis. Tem muita transmissão vindo do Dois, então acho que a base deles é lá...

Eu finalmente me sentei no chão e fiquei bem ao lado dela. Dina pôs a mão na barriga como se algo a incomodasse. — Já ajuda, não é? — Dina disse.

— Olha... Ontem à noite eu... — Falei. — Fiz merda.

Dina tocou em minha perna e me olhou com um rosto aliviado por ouvir minhas desculpas... Então o rádio começou a falar de novo.

— Temos baixas no Catorze. Todas as unidades, reportem. Câmbio.

- Aqui é o Treze. Unidade Lima está perto. Quantos *Cicatrices*? Câmbio.
- Zero *Cicatrices*. Intruso sozinho. Armado. Câmbio.
- Intruso sozinho? – Dina perguntou.
- Tommy – Respondi. – Onde é o Catorze?
- Ah... Não tenho cem por cento de certeza...
- Tá, mas onde você acha?
- Se o Sete é aqui... O Doze aqui... O Catorze deve ser em algum lugar aqui. – Então

Dina apontou no mapa.

- Hillcrest – Comentei. – Beleza.

Pouco antes de sairmos, Dina ainda estava muito cansada e mal conseguiu tirar a cadeira que usávamos como tranca do teatro. Sugeri que eu fosse sozinha e que ela ficasse no rádio aqui em segurança. Ela ainda assim me impediu de sair e me deu uma pulseira, “*Pra* dar sorte” ela disse, então nos beijamos e eu parti...

Depois de andar um pouco e não ter muitos problemas, cheguei numa rua tomada por vegetação, vários carros quebrados e uma plaquinha escrito “Hillcrest”. “É aqui mesmo?” comentei pouco antes de ouvir um disparo distante e ter a certeza de que era ali. Segui explorando a rua até chegar num grande caminhão que tombara no final. Subi nele e um carro de *lobos* passou, porém não me viu. Olhei um pouco mais ao redor e o terreno e parecia tranquilo até então...

Comecei a explorar a nova rua em que me encontrava, pegando vários materiais e recursos que esses imbecis deixavam passar. Pulei por uma cerca e subi uma escada de mão de uma pequena construção trancada e com barricadas em suas janelas. Em cima dela encontrei um buraco do qual podia passar e chegar ao outro lado do prédio. Assim que desci, comecei a ouvir duas pessoas conversando. Me esgueirei por dentro do lugar que parecia ser um mercadinho e olhei por uma fresta da janela... Grande erro... Um cachorro que estava os seguindo sentiu meu cheiro... Era um grande Pastor-Alemão bem treinado. Soltou um latido e começou a arranhar a porta de onde eu estava escondida. Corri desesperadamente para os fundos do mercado e me escondi atrás de um balcão. Os outros dois *lobos* correram e arrombaram a porta... Lembram o que eu disse lá trás com o vira-lata Bobby? Bom, este é o motivo...

O Pastor começou a farejar meu cheiro e vir em direção ao balcão em que me encontrava. Atrás de minha tinha uma fresta que levava para fora da loja. Eu nem pensei duas vezes e me esgueirei por ela e no mesmo instante o cão pulou ao lado da caixa registradora e me viu

passando pelo buraco começando a latir alto e alertando os dois *lobos* que estavam atrás de mim... Eu consegui passar, porém após alertar a todos, o cachorro ferozmente correu em minha direção extremamente raivoso e passou pela fresta. No mesmo instante, saquei o facão que peguei no tribunal e o acertei na nuca, pouco acima do colete bege militar que usava, depois puxei o facão novamente e o acertei mais duas vezes no estômago... Não me senti bem com aquilo, porém era necessário... Esses *caras* mataram o Joel...

Eu me encontrava num estreito beco de uma rua tomada por uma grama alta. Ouvi mais deles vindo, não podia ficar parada. Eu fui direto para o meio da rua e me joguei em meio a toda aquela grama alta e permaneci deitada, assim fui me rastejando. Evitei todos os outros cachorros também. Não parei para explorar nada, os *lobos* estavam vasculhando as casas. Pouco depois de começar a me rastejar ouvi um deles gritando “Merda... Ela pegou a Sophie, caralho!” e logo uma resposta “*Vamo’* caçar aquela puta, porra!” e assim fui me afastando.

Depois de chegar ao fim da rua, que era sem saída, me levantei silenciosamente e observei ao redor. Todos estavam entrando em alguma casa ou algo assim, sempre procurando por mim. Uma porta dupla cor vermelho bem vivo e chamativo estava entreaberta. Era um risco a se correr para sair dali. Me encostei na porta e comecei a empurrar. Cada forçada era uma olhada para trás para ver se ninguém estava chegando perto. Tinha algo barricando a porta e quando comecei a arrastar, um barulho estridente de metal começou a soar... Outros dois cachorros escutaram e começaram a latir. Todo mundo me viu e começaram a atirar. Joel havia me ensinado a fazer as bombas de pó que ele usara quatro anos atrás. Eu arremessei uma e bloqueou a visão deles, então passei pela fresta e empurrei o grande armário de volta fechando a porta de uma vez. Ouvi os cães arranhando a porta da frente e um *lobo* gritando para acharem uma entrada.

Parecia ser uma pequena loja de ferramentas com uma porta aberta para os fundos e essa loja também não tinha um telhado. Saindo pelos fundos da loja, encontrei alguns pratos com comida estragada numas mesinhas do lado de fora e próximo ali uma escada para o “segundo andar” do beco onde eu estava. Cheguei numa pequena rua com uma rampa que levava para uma garagem velha. A grama não chegara tão longe, então o caminho estava limpo. Depois da li, eu procurei uma maneira de subir na garagem e encontrei uma lata de lixo grande e verde com rodinhas. A levei até a lateral da garagem, porém o piso não era plano, era uma pequena rampa. Eu segurei com força a lata de lixo contra a parede e contei até três, subi na lata de lixo e enquanto ela começava a escorregar eu saltei e conseguindo subir no telhado da garagem.

Desci no próximo telhado através de um buraco e caí numa loja de bicicletas, explicando o porquê de uma garagem estar mirada para um beco sem saída direta para a rua. Explorei o local, mas não tinha nada demais. Fui até sua entrada e saí para uma nova rua. Parecia tudo bem tranquilo. Havia apenas duas construções abertas para eu explorar, o resto da rua estava completamente destruída bloqueando minha passagem até uma longa escadaria subindo um morro. Ao longe eu vi uma trilha de fumaça, eu acreditava ser Tommy... Bom, torcia para ser ele. Primeiro entrei numa loja de bebidas, tinha escrito “LIQUORS” acima da porta. Encontrei uma *longneck* de cerveja e descansei por um segundo aproveitando a bebida. Pulei por um buraco no chão para explorar o porão e nunca me arrependi tanto... Dois *trôpegos* estavam lá. Rodei um pouco o local e confirmei se eram apenas eles mesmo. Saquei minha escopeta e arremessei um tijolo no meio de um banheiro. Armei uma mina na entrada e preparei um molotov. Os dois *trôpegos* vieram para minha armadilha e explodiram na entrada, logo depois eu arremessei o molotov no meio deles e ambos começaram a agonizar, finalmente os finalizei com um tiro de escopeta em cada. O local estava bem escuro, mas parecia ser apenas um local para guardar alguns arquivos com um banheiro próximo. Me rastejei por uma passagem numa parede e cheguei no porão do prédio ao lado, uma loja de brinquedos... Lembrei de Sam ao subir as escadas e chegar no quarto principal da loja... Não tinha nada demais lá a não ser essas memórias tristes...

Assim que saí da loja, vi dois *corredores* caminhando pela rua. Devem ter sido atraídos pela explosão e meus tiros, mas não tinha problemas, eram apenas eles dois. Os dois vieram de uma farmácia, que era a segunda construção disponível e era ela que iria me levar para a escadaria. Assim que entrei, escutei mais *trôpegos* e não só isso como *estaladores* também, acho que matei os *corredores* que estavam ali. Eles não estavam na farmácia e sim no prédio ao lado, um restaurante. Tinha um grande buraco na parede que ambos os prédios dividiam. Eu fiz exatamente a mesma coisa. Silenciosamente plantei uma mina, preparei um molotov, arremessei um tijolo próximo, os três infectados explodiram, arremessei o molotov nos três e um tiro de espingarda em cada dessa vez, munição de escopeta estava escassa. Eu segui para a cozinha do restaurante e saí pela porta dos fundos e dei de cara com a longa escadaria.

Antes de subir, havia um *estalador* morto que se espalhou e consumiu tudo ao seu redor, apenas dava para identificar que era um infectado por causa de suas roupas que ainda eram visíveis e flechas fincadas onde deveria ser seu peito. Eu peguei as flechas e comecei a subir a escadaria. Quando cheguei na metade da escadaria, ouvi uma enorme explosão um pouco distante,

o que fez alguns *corredores* acordarem quando cheguei no topo da escada. Eu atingi uma rua quando cheguei no topo. Ela estava bem vazia a não ser por uma casa que estava apenas em cinzas e uma outra casa quase que completamente imersa por vegetação, dando espaço apenas para sua porta dos fundos. Vi a fumaça negra saindo depois da “casa verde”. Eu comecei a perceber que quanto mais subia mais rarefeito o ar ficava e uma fina névoa se formava. Três *corredores* estavam rondando a área, mas silenciosamente eu esfaqueei um por um.

Entrei pela casa. Tudo estava escuro e sombrio. Ouvi alguns ruídos assim que entrei. A maioria das portas estavam barricadas com grandes pedaços de madeira, meio velhos, porém ainda bem resistentes. Não me dei ao trabalho de tentar acessar um desses quartos, estava sem tempo e eu tinha encontrado uma porta que levava para uma garagem destruída, não aberta, destroçada. Eu comecei a me espremer pela porta ainda meio relutante e assim que passei, um infectado pulou em cima de mim e me jogou contra a parede. Era um *espreitador*, um tipo de infectado intermediário entre o *corredor* e *estalador*. Eles são inteligentes e normalmente andam em grupo, este estava sozinho, deveria estar preso na casa. Esse é o tipo de infectado que eu mais odeio...

A briga foi intensa. Ele me pegou desprevenido, não deu tempo de sacar uma arma ou pegar meu facão. Ficamos trocando socos até que consegui afastá-lo de mim por um segundo, ele deu um salto em minha direção, mas esse meio tempo foi suficiente para eu erguer meu grande facão afiado e fincá-lo em seu estômago, mas ele era muito pesado, por mais que magro, e acabou quebrando minha lâmina. Estava sem arma branca...

Em compensação, o infectado estava com um arco muito bem-feito e suas costas e algumas flechas numa aljava. Eu peguei o arco e peguei as flechas. Bom, eu já sabia como usar um certo. Além disso, eu juntei algumas lâminas, passei fita e com alguns gravetos mais resistentes, montei algumas flechas a mais. Levantei o portão da garagem e já estava muito próximo ao rastro cinzento no céu. Nos fundos, havia uns manequins com um alvo desenhado em cada um. O dono do arco deveria treinar aqui. Pulei pela cerca da casa.

Eu caí em mais uma rua com mais *lobos* e mais cães. A parte central da rua era lamacenta e limpa, porém as laterais e as calçadas eram cobertos por grama alta. Eu precisava atravessar, mas queria ir com calma... Mas todo o meu plano foi por água abaixo quando a merda de um cachorro apareceu e pulou em cima de mim. Ficou em cima de mim por um tempo até eu sacar meu canivete e fincá-lo em sua orelha e o matando-o.

Eu joguei o corpo para longe e já havia sido avistada por todos. Corri e pulei por uma janela da casa do outro lado da rua. Todos estavam em alerta e vieram atrás de mim. Não parei por nada. Arrombei a porta dos fundos com um chute pesado e atirei num *lobo* que estava logo ao lado instintivamente e continuei correndo. Balas voavam de um lado ao outro. Sempre ficava me jogando no chão e agachando para desviar dos tiros, porém minha sorte não era infinita e levei um tiro de raspão no ombro, me desequilibrando e caindo. Mas isso não me parou completamente. Continuei correndo e levei um outro tiro no braço esquerdo. Por sorte não acertou meu osso e a bala atravessou completamente. Arrombei a porta de mais uma casa e pus um grande armário para trancá-la. Um dos cachorros pulou pela janela quebrando o vidro não se importando com os cacos e veio em minha direção. Eu estava com o braço debilitado e tinha apenas o revólver de Joel em mãos, o levantei e atirei, mas errando miseravelmente. O Pastor continuou com o movimento e agarrou meu antebraço, também esquerdo, com seus grandes e fortes caninos se balançando e se contorcendo. Eu também balancei o braço até o animal soltar, porém não deu muito certo, ele não largava.

Eu me acalmei por um instante. Ouvi passos de mais *lobos* vindo em minha direção. Levantei o antebraço com o cão ainda nele, posicionei o revólver em sua cabeça e atirei. O cachorro finalmente cedeu. Eu guardei o revólver de Joel e me escondi num galpão nos fundos da casa onde eu estava. Saguei uma garrafa de álcool, coloquei meu canivete na boca e o pressionei para não gritar, então mergulhei a mordida e o buraco em meu braço com o álcool depois enfaixando todos os ferimentos muito mal. Tomei umas pílulas de antibióticos e injetei adrenalina que tinham no kit médico, assim ativando e melhorando todos os meus sentidos. Acabei me dando conta que estavam chegando perto. A minha frente tinha um rombo na parede do galpão e uma ladeira feita de lama indo em direção a outra casa. Não pensei duas vezes e escorreguei.

Eu me escondi atrás de uma caminhonete quebrado e vi alguns *lobos* passando. Não me incomodei e passei assim que eles foram embora. Escorreguei por mais uma ladeira e caí no porão de uma casa e nele havia vários *lobos* que vieram para cima de mim logo após arremessarem granadas de fumaça. Tudo estava escuro e meio turvo. Sempre que aparecia um *lobo* a luta era mano-a-mano e difícil. Não queria ficar lutando contra eles, então só os ignorei e subi correndo pela escada de volta para o andar principal da casa. A casa pegou fogo e não tinha mais telhado, apenas algumas paredes.

Eu corri por um corredor e mais um *lobo* apareceu com um machado, mas a adrenalina já estava fazendo efeito e num impulso só desviei o machado, empurrei-o até a parede com força, tirei o machado de sua mão e cravei em seu crânio. Fiquei com o machado.

Corri e pulei por uma janela e acabei saindo num beco. Alguém me agarrou por trás e tampou minha boca para não gritar, mas eu continuei me debatendo, então a pessoa começou a falar.

— Ei, ei, *shh, shh!* Ellie! Para, cacete! — Eu parei de me debater e reconheci a voz no mesmo instante. Me virei para ele e falei:

— Que porra você *tá* fazendo aqui?

— Achou que eu fosse deixar vocês sozinhas? — Ele falou numa voz cansada e ofegante.

— Jesse...

— Cadê a Dina?

— *Ah...* — Suspirei. — *Tá* segura. Só passando mal.

— Passando mal como?

— Ela está bem.

— ESPALHEM-SE! ELA ESTÁ POR AQUI! — Um *lobo* próximo dali gritou.

— Merda, tem muita gente. — Jesse sussurrou enquanto me guiava para dentro de uma casa.

— Você está muito machucado? — Perguntei quando notei que ele estava mancando um pouco.

— Vou ficar bem. Seus amigos me fizeram sair na pressa, sem aviso nem nada.

— Me diz que você não veio sozinho.

— Deixa o sermão *pra* depois.

— Você é um perfeito idiota, sabia disso?

— Sabia.

Nos encostamos numa janela barricada e pelas frestas observamos alguns *lobos* se espalhando e um carro de onde eles vieram parado bem na nossa frente.

— Beleza, *tá* vendo o caminhão? — Jesse falou e olhou para mim.

— É esse o seu plano? — Levantei a sobrancelha.

— A gente tem que se afastar daqui.

— *Ah... Tá...* — Suspirei.

Eram seis deles, porém apenas dois vieram em nossa direção. Esperamos ficarem descuidados e cada um matou um. Corremos para o carro e o resto nos viu. Jesse pegou o volante e girou a chave do carro (que já estava nele), entretanto, não estava ligando, então começaram a atirar na gente. Enquanto Jesse tentava ligar o carro, eu me encarreguei de defendê-lo. Joguei um molotov para pará-los e no mesmo instante Jesse acelerou. Um outro carro começou a nos perseguir e assim ficamos por um caminho dentro dessa batalha intensa em movimento até batermos num poste e o outro carro capotar.

Jesse e eu estávamos bem, só um pouco atordoados. Jesse chutou o para-brisa fora enquanto tentava ligar o carro, uma *loba* saiu do carro capotado e apontou em nossa direção, mas antes que pudesse atirar, um *estalador* pulou em cima dela e arrancou parte de seu pescoço no mesmo momento. O infectado escutou o barulho do carro tentando dar a partida e veio em nossa direção e muitos, muitos outros infectados começaram a aparecer.

Demos uma brusca ré e batemos o carro novamente, mas ele continuava funcionando, então aceleramos de novo atropelando vários infectados com exceção de um em específico. Um fodendo estalador se prendeu em nossa frente e tentou nos morder. Rapidamente eu saquei minha pistola e atirei duas vezes em sua cabeça, mas Jesse se desesperou e o carro deslizou seguindo por uma ladeira e nos levando direto para um rio.

O carro começou a afundar, então saímos do carro e fomos para a outra margem.

— Você *tá* bem? — Perguntei ofegante e me sentando cansada na terra molhada da margem.

— Melhor que nunca. — Jesse respondeu já deitado mal conseguindo se arrastar também ofegante.

— Beleza, acho que está limpo. — Me levantei e estendi a mão para ajudá-lo a levantar.

Assim saímos do caótico bairro Hillcrest e voltamos para o teatro...

Memórias: Parte Dois

Um caminho de volta sem muitas dificuldades. Assim que chegamos bati na porta algumas várias vezes até ela acordar e abrir. Dina ficou feliz em ver Jesse e abraçou a nós dois com força. Jesse explicou que saiu de fininho na calada da noite, assim Maria não percebeu sua saída, “Se um amigo *tá* com problema, eu venho.” Jesse completou. Dina não quis contar sobre a gravidez para Jesse... Ela apenas disse que era uma dor de barriga. Estávamos muito cansados, eu estava muito cansada... Os deixei sozinhos e fui descansar... Quando me dei conta, já estava escutando a voz abafada de alguém familiar. Estava falando sobre um presente ou algo assim. Minha visão finalmente foi ofuscada novamente e agora eu me via caminhando ao lado de Tommy, como se eu estivesse assistindo uma memória...

— *Hein? — Meu eu de dezesseis anos perguntou.*

— *Tá me ouvindo? — Tommy perguntou.*

— *Tô. Tô bem.*

— *Tá bom... Enfim, esse gelo todo... — Tommy continuou contando sua história. —*

Cara! Quer dizer, eu ia esquecer o meu aniversário se ela não me lembrasse.

— *Você devia pedir desculpas. — Falei enquanto parava para desenhar uma paisagem linda de montanhas, era surreal a vista.*

— *Eu só disse... Ah... Certo. — Eu tinha dado a resposta errada... Tommy finalmente percebeu que eu passei o caminho inteiro nas nuvens. — Que que tá rolando?*

— *Ah... Nada... Por quê?*

— *Eu percebo quando você está mal.*

— *Ah... — Soltei um longo suspiro. — Muita coisa na cabeça, só isso.*

— *É só dizer se quiser conversar sobre seus problemas.*

— *Tá bom... — Por mais que eu tinha dado uma resposta seca, eu estava feliz e um pouco mais confortável com aquelas palavras.*

— *Olha lá! — Tommy parou e apontou para umas casas do outro lado da depressão.*

— *Uns retardatários.*

Nós estávamos de patrulha naquele dia. Não lembro ao certo qual era a trilha, porém era linda, adorava passar por lá. Estávamos em uma montanha voltando para o posto de controle

não muito longe dali. Era fim de tarde, o sol estava se pondo e não tínhamos encontrado nada ainda. Tommy avistou alguns corredores perto das casas.

— Quantos deles? — Perguntei sem enxergar direito onde eles estavam.

— Só um punhado. — Tommy ergueu sua pesada carabina com uma mira zoom de oito ou dezesseis vezes e após alguns segundos, pressionou o gatilho. Um estrondo enorme ecoou por todo aquele vale e quase fez meus tímpanos estourarem. Tommy dispara mais uma vez e meus ouvidos se acostumaram com o alto som rapidamente, depois Tommy baixou a carabina e a ergueu para mim. — Quer tentar a mão com ela?

— Tem certeza? — Perguntei relutante.

— Tô bonzinho hoje.

Peguei a arma. Era bem pesada mal consegui levantá-la. Era feita de madeira e tinha um pequeno acolchoado em sua coronha para melhor conforto. Eu mirei e comecei a ver tudo que estava a quilômetros de distância, a apenas alguns metros.

— Tá vendo aquela placa? A vermelha? — Tommy perguntou. — Tenta acertar lá. É um bom jeito de tirar os infectados da toca.

Eu avistei a placa vermelha de metal com algumas montanhas desenhadas em branco e “Comunidade da Crista Alpina” escrita. Eu mirei perfeitamente nela e segurei o fôlego para parar de balançar a arma, então puxei o gatilho. A força de recuo era enorme, maior do que qualquer outra arma que eu já tenha atirado. Tive que forçar meus pés no chão para não cair. Observei o projétil viajando toda aquela distância e aos poucos caindo criando uma parábola, porém a bala não acertou a placa e sim alguns pedaços de madeira abaixo dela.

— Mira mais alto. — Tommy advertiu. — Deixa espaço para a bala descer.

— Saquei... — Respondi quando finalmente notei que na mira tinham alguns risquinhos abaixo do ponto central, era para isso que serviam.

Mirei novamente e posicionei mais acima, então atirei de novo e vi novamente a bala fazendo uma curva no ar e acertando a placa de metal.

— Voilà! — Tommy falou.

— O som tá atraindo eles... — Falei enquanto observava quatro infectados saindo das casas.

— Bom... Estamos patrulhando, vamos fazer a limpa. — Tommy encorajou.

Eu errei os três primeiros tiros, estava apenas me acostumando com o peso e o lance da bala ter que cair, mas aquilo era divertido, relaxante... Depois que peguei o jeito, acabei com cada infectado com um único tiro (na maioria das vezes no torso).

— Já foram todos. — Tommy falou quando matei o último. — Geralmente tem mais pra cá se quiser atirar mais.

— Humpf, tá. — Falei um pouco empolgada com a ideia. — Mas... De onde tão vindo?

— Hordas gostam de passar por aqui no inverno. — Tommy explicou. — Sempre acabam abandonando os mais lentos e descuidados.

— Vão pelas mesmas rotas todo ano?

— Tipo migração ou coisa assim.

— Como isso funciona?

— Bom... Quando a pressão barométrica chega a uma certa... Temperatura... Merda...

— Tommy riu um pouco. — Eu não sei de porra nenhuma.

Eu fiquei atirando um tempo e matei mais cinco infectados. Tommy sempre falava que eu estava com a mira bem melhor mesmo eu errando algumas várias...

— Beleza... — Tommy falou. — Acho que o Joel vai deixar o ensopado queimar... Vamos voltar.

Ei, Tommy... — Falei um pouco sem graça. — Valeu mesmo por isso, era o que eu precisava...

— Tranquilo. — Tommy abriu caminho por uns arbustos e enquanto descíamos um morro, ele falou. — Não é pra eu falar nada... Mas o Joel tá preocupado.

— Não... Não tem com o que se preocupar.

— Eu sei que não... Mas se você não falar nada, ele vai achar que tem algo errado.

— Eu falo com ele.

— Tem que ser mais do que “oi” e “tchau”...

— Ah... Eu vou tentar...

Encontramos os cavalos em frente a uma pequena cafeteria das montanhas, uma conveniência, só que bem grande e com um grande painel de vidro com vista para o vale. Sentado numa cadeira alto próximo ao balcão, estava Joel com meu violão, que anos antes ele me dera de presente, ele perguntou.

— Os tiros lá fora foram vocês, né?

— Só alguns retardatários. — Tommy logo respondeu. — E a Ellie testou a minha mira.

— E aí, gostou? — Joel perguntou enquanto observava as cordas do meu violão.

— Aham, gostei. — Soltei um sorriso tímido e desviei o olhar.

— Tô vendo que você ainda não teve a chance de trocar as cordas. — Joel falou enquanto se levantava com o instrumento em mãos.

— Não sabia que era pra trocar. — Respondi.

— Mas é... A gente pode arranjar novas! — Joel falou com um entusiasmo enquanto apoiava o violão na mesa em que eu e Tommy estávamos sentados.

— Tem uma loja de instrumentos perto. — Tommy falou enquanto pegava o violão e colocava os pés em cima da mesa. — Aposto que tem coisa de violão lá.

Ficamos em silêncio. Joel olhou para mim, eu olhei para ele.

— Já tá na hora mesmo de dar uma vasculhada naquela área... Posso ficar de vigia.

— E aí, topa? — Joel perguntou.

— Bora.

Tommy tocou todas as cordas do violão de uma vez com um sorriso grande no rosto olhando para mim, depois começou a tocar normalmente.

— Então vamos. — Joel se levantou e foi em direção a porta e eu logo atrás.

Subimos no cavalo e começamos a descer mais o morro. No caminho, Joel e eu trocamos algumas palavras sobre a patrulha e sobre se eu estava pronta para as patrulhas e em duplas e tal, nada demais, com exceção de uma frase que ele soltou... “Se achar que está pronta, confio em você.”... Isso me deixou um sentimento bom no peito... Um pouco quente inclusive. Depois Joel tentou se “enturnar” mais comigo e acabou lendo uns quadrinhos que eu adorava e comentou sobre eles... Foi divertido.

Finalmente chegamos à rua. Assim que pisamos nela, vimos a placa da loja, estava depois de um carro, porém assim que eu subi nele, pude ver que a rua havia desabado e bloqueava nosso caminho. Optamos por entrar no hotel ao lado para atravessarmos a para o outro lado.

Obviamente estava trancado por dentro, mas Joel, relutante, me deixou passar por umas telhas e destroços de um buraco apertado no chão. Assim que eu dei a volta e abri a porta para ele, perguntei.

— O que acha, hein?

— *Humpf, que você está magra demais, precisa comer.* — *Ele falou num tom sarcástico.*

Começamos a explorar o hotel e entramos por uma fresta na parede dando espaço a um local com esporos. Joel advertiu que eu tinha que por a máscara. Disse também que eu podia vacilar na frente da “pessoa errada”. Continuamos a explorar o local e acabei achando alguns materiais. Joel continuou com o sermão sobre a mordida e sempre perguntando se eu não contei pra alguém e tal.

Chegamos no que parecia ser a área de lazer do hotel. Também encontramos um pouco de ação... Estaladores e corredores estavam rondando... Primeiramente fomos acertando um a um furtivamente, mas um corredor imbecil mudou seu trajeto e acabou nos vendo e alertando todos os outros. Com uma certa dificuldade conseguimos acabar com todos. Minha munição estava acabando, mas eu ainda tinha alguns molotovs em mãos...

Seguimos por uma porta dupla, porém estava o caminho estava bloqueado. Nossa única passagem era por dentro das paredes. Uma parede estava aberta e destruída, por mais que apertado, era suficiente para a gente se espremer e prosseguirmos... Eu estava começando a ficar um pouco nervosa... Estava muito silencioso... Joel alertou de um cano logo a frente e seguiu... Eu comecei a me abaixar para passar pelo cano... Mas eu sempre faço alguma merda e escorreguei, me apoiei no cano e ele soltou... Fiz barulho pra caralho... Depois ambos começamos a escutar um som repetitivos tipo “TUM, TUM TUM” muito rápido e depois tremores e então duas mãos grotescas, ásperas e grossas apareceram e seguraram em meus ombros, me arrancaram da parede e me arremessaram longe... Um baiacu estava em minha frente... Minha máscara havia quebrado, então só a atirei longe e tentei me arrastar dali... Mas o baiacu era mais rápido, vi suas mãos vindo em direção ao meu rosto... Estava sem reação... Porém, suas mãos pararam no ar, recuaram e se viraram para Joel... Ele estava atirando com sua escopeta em cheio nas costas do monstro e gritando que nem doido... “SAI DE CIMA DELA!”, ele gritou... Eu rapidamente me levantei e me prontifiquei a ajudar. O baiacu era rápido correndo em linha reta, mas não era ágil suficiente para fazer uma curva ou coisa assim. Correndo de um lado ao outro o baiacu destruiu todos os móveis do ambiente, derrubou pelo menos duas paredes e já estava ficando bem cansado, mas sua fúria era imparável... Eu estava andando de costas enquanto atirava nele e acabei me desequilibrando ao tropeçar em uma cadeira quebrada, assim soltando o gatilho sem querer... A criatura veio em minha direção e me agarrou... Pôs seus dedos nojentos em minha boca e começou a forçá-los... Vi minha

vida passando diante dos meus olhos... Comecei a lacrimejar... Não por que estava prestes a morrer, mas sim porque estava morrendo sem ter dado um sentido a minha cura... Sem ter dado um sentido para minha existência e do motivo de eu ser imune... Eu era a esperança da humanidade sendo desperdiçada sem salvar a todos... Eu era a última de nós... Fechei meus olhos nesse minúsculo momento aterrorizante e logo depois senti respingos de sangue em meu rosto... Porém não senti dor ou algo assim, nem apaguei... Ao abrir meus olhos, vi Joel de pé fincando um facão afiado no cérebro do baiaçu... Senti seus braços fraquejarem, então me liberei dele... Joel arrancou a machete e fincou mais umas duas ou três vezes no torso do infectado... Eu estava viva...

Após um breve momento de silêncio e descanso... Seguimos em frente. Passamos por uma porta dupla e eu ainda estava tremendo de medo, depois por mais uma e finalmente comecei a me acalmar... Encontramos um corpo ao chão e um outro estalador começou a se arrastar e tentou morder minha perna. Não consegui reagir, mas Joel o chutou e o matou.

— Joel... — Falei enquanto via o símbolo de Jackson na mochila de um deles. — Acho que são eles.

Joel permaneceu em silêncio, franziu as sobrancelhas e olhou para mim.

— O casal que fugiu ano passado. — Completei.

— É... Parece mesmo... — Joel falou enquanto analisa os corpos e eu pegava uma nota deixada por eles.

— “Jackson é uma maravilha, mas cansamos de ouvir histórias de gente sofrendo em outros lugares. A gente queria salvar vidas. Tinha boas intenções. Não deu nem uma hora e topamos com uma horda. Fomos mordidos. A gente preferiu se matar do que se transformar. Diz pra nossa família e amigos que sentimos muito. Com amor, Adam e Sidney.” — Virei a folha. — “Atirei nela. Não consigo me matar. Sou um covarde. Adam.”

— Caralho... — Joel suspirou.

— Pena que não eram imunes, né? — Comentei.

— Bom, vamos... — Joel ficou um pouco nervoso no momento. — Buscar o Tommy, aí a gente leva os corpos pra Jackson.

— Quando você me tirou do hospital dos Vaga-lumes, você disse que tinha dezenas de pessoas como eu. — Falei com um tom de indignação.

— É... Foi o que me disseram. — Joel respondeu com um tom baixo.

— Eu nunca conheci outra pessoa imune. Você já? — Falei revoltada.

— *Podem tá se escondendo. Que nem você.*

— *Acha mesmo?*

— *Acho que não é hora pra esse assunto, Ellie.*

— *Atravessamos o país inteiro pra você me levar pros Vaga-lumes... Eu tinha tantas perguntas pra eles. — Falei num tom de voz mais elevado. — E por que você me tirou de lá ainda inconsciente?*

— *Porque eu deixei fazerem os exames, mas vi que iam ser inúteis e quis tirar a gente de lá...*

— *COMO VOCÊ SABE QUE IAM SER INÚTEIS?! SE VOCÊ TIVESSE DADO MAIS TEMPO, ELES PODIAM TER DESCOBERTO ALGUMA COISA...*

— *ELLIE! Ellie! Não tinha nenhuma cura... Eles não podiam ter feito nada por essas pessoas nem por ninguém. — Eu estava confusa, triste, chateada, com raiva... — Sei que você queria que as coisas fossem diferentes. Eu também queria. Mas não são. — Silêncio por um tempo. — A gente tem que levar esses garotos pra família deles... Ou quer continuar discutindo? — Ele completou.*

Acordei novamente. Eu não estava assustada nem nada parecido, apenas com algumas lágrimas caindo de meus olhos. Senti uma pontada em meu braço e quando toquei nele, senti um arranhão enorme sangrando... Decidi que queria ficar um pouco sozinha e comecei a me costurar sozinha. Após algum tempo tentando fechar a ferida e deixando tudo bem ruim, Dina apareceu...

— O Jesse *tá* apagado. — Ela disse. Fiquei em silêncio, como se ela não estivesse ali. — Aí, deixa eu fazer isso. — Dina se ajoelhou na minha frente e tirou a agulha de minha mão.

— Ele é um cara legal. — Comentei.

— *Aham.*

— Por que não contou *pra* ele?

— Não era um bom momento...

Ela havia terminado a sutura. — Prontinho.

Eu me virei e notei que Dina havia movido o rádio e o mapa para aquele quartinho.

— E isso aqui? — Perguntei mudando de assunto. — Deu alguma coisa?

— *Ah...* Deu sim. — Dina respondeu relutante.

— Abby?

— Foi mal, mas não... Nada dela pelo menos.

— Como assim?

— Então, outra mulher, Nora. — Dina falou enquanto apontava para a foto dela. —

Mandaram a unidade dela para um hospital.

— Esse hospital? — Perguntei apontando para um ponto marcado no mapa.

— É.

Eu me virei rapidamente e comecei a juntar minhas coisas.

— Espera, *cê* vai agora? — Dina perguntou nervosa.

— Claro, é uma pista. — Respondi com firmeza.

— *Tá*, mas pelo menos espera o Jesse descansar.

— Até lá, ela pode ter sumido.

— Ellie...

— A gente sabe onde ela *tá*, talvez o Tommy também.

— *Ah...* — Dina suspirou cabisbaixo.

— Que foi? — perguntei já de pé esperando uma resposta.

— Nada.

— Que bom... *Cê* me ajuda com a porta?

— *Tá*. — Dina respondeu com uma voz quase inaudível.

— Beleza, se eu seguir a rota cinco... — Comentei a mim mesma. — Devo dar direto no hospital.

Desci a rua que tinha uma placa escrito “ROTA 5” até chegar na entrada de uma zona de quarentena abandonada. Acima da porta feita de grades giratórias havia uma outra placa nela escrito “ATENÇÃO: Acesso ao Hospital. Área de Quarentena”, assim soube que estava indo no caminho certo. Empurrei com força a porta e atravessei. O lugar estava caindo aos pedaços e não dava para seguir, o caminho estava bloqueado por umas árvores que caíram durante alguma tempestade ou algo assim.

Eu subi no telhado do posto de controle e cheguei numa loja de conveniência, assim atravessando a parte obstruída da estrada. Ao ponto que andava e passava pelo local eu coletava alguns vários materiais, podendo assim fazer um molotov e uma bomba de pregos. Fabriquei também algumas flechas.

Finalmente cheguei a uma rua mais aberta e tranquila. Não demorou muito até eu ver algo estranho. Pela vitrine de uma cafeteria, havia pelo menos cinco estaladores e uns quatro ou cinco corredores, as portas da cafeteria estavam trancadas e eu não me dei o trabalho de abrir para ver o que tinha lá dentro. Continuei caminhando pela rua e entrei num prédio de alguns poucos andares, queria verificar se tinha algo útil e não estava deixando nada para trás... O que encontrei no hall da recepção foi um cadáver muito antigo com o crânio decepado. Pelas roupas eu chutaria que era um *lobo*, mas não tenho como afirmar, pois acima do corpo tinha uma corda indicando suicídio... Na parede de frente à essa tragédia um símbolo estranho e logo abaixo escrito “Sinta o Amor Dela”, tudo feito em sangue. Eu não sabia muito bem o que pensar sobre isso, mas de uma coisa eu tinha certeza, não havia sido nem Tommy e nem os *lobos* da WLF que fizeram tal coisa... O que me levava a crer quer foram os tais dos *cicatrizes* que os *lobos* tanto reclamam. Só para tentar explicar um pouco melhor, o símbolo em sangue na parede parecia dois parênteses contrapostos bem próximos um ao outro com uma linha horizontal que corta os dois pouco acima do centro, é, acho que seria isso.

As escadas estavam bloqueadas e os elevadores parados no alto, mas havia uma escada de emergência e com ela fui até o segundo andar. Nele eu encontrei uma porta trancada, mas a tranca não segurou um tiro de escopeta. Eu olhei ao redor e notei que os infectados da loja não

saíram, apenas ficaram batendo nas vitrines e então desistiram depois de um tempo. Entrando no quarto com a porta, agora, destrancada, encontrei bastante munição e material, o que foi ótimo.

Eu também encontrei um esqueleto de alguém, parecia que estava morando aqui, na mão desse mesmo defunto havia uma carta...

“Simon,

Espero que você nunca leia este bilhete. Eu espero poder amassá-lo e queimá-lo quando você voltar pra gente. Já faz... não sei quantas horas desde que você saiu. Eu fui te procurar e um pessoal encapuzado me avistou. Eles gritaram comigo, me chamaram de pecadora e começaram a atirar. Eu voltei correndo e tranquei a porta. Só ouço o barulho da chuva, mas meu medo é que eles ainda estejam por aí. Será melhor eu correr? Será melhor eu ficar? Eu me sinto paralisada.”

Eu virei a folha.

“Desculpa por ter ficado tão doente. Desculpa por ter te deixado ir pro hospital sozinho. Desculpa não ter ficado escondida que nem você falou. Se alguma coisa me acontecer, eu quero que você saiba como eu te amo. Por favor, volta. Eu estou muito assustada.

Paige”

Tá, agora eu começara a ficar um pouco mais assustada com os cicatrizes... Enfim... Eu segui descendo a rua e cheguei num cruzamento. Indo reto o caminho estava bloqueado, para a direita uma construção, que eu não reconheci o que era, com um portão na frente e, por fim, a minha esquerda, um prédio de três andares. Eu decidi começar pelo prédio.

Parecia ser um simples prédio residencial comum. Eu abri a porta da frente com minha pistola em mãos e verifiquei andar por andar. Não encontrei nada demais até chegar no último. Eu achei uma mesa de trabalho em um dos apartamentos, o que era perfeito. Eu juntei partes quebradas, peças de outras armas que eu encontrava jogadas por aí, para assim poder melhorar minhas armas. A mesa de trabalho ficava na área de serviço da cozinha, literalmente depois de todos os cômodos do apê. Sem perder muito tempo eu segui reto da porta de entrada até a bancada coloquei em cima minha pistola que já estava em minha mão. Sinceramente, eu fui muito estúpida em ficar de costas para literalmente todo o apartamento e sem tê-lo verificado ainda... Eu fui emboscada... Um cara me agarrou e alertou o resto de seu grupo... Eu rapidamente peguei meu canivete, finquei em sua perna e depois seu queixo, o matando ali mesmo. Peguei minha pistola na bancada e me escondi na mesa da cozinha. Algo que notei, é que essas pessoas

eram *lobos*, mas ficavam gritando que “não iam voltar” e “que se *foda o Isaac*”... Pouco antes do combate realmente começar eu gritei.

— EU NÃO SOU UM DELES!

Todos ficaram em silêncio ainda escondidos.

— EU NÃO SOU MEMBRO DA WLF, CARALHO! — Eu repeti.

— ENTÃO DEVE SER UM *CICATRIZ*, *TÁ* CARREGANDO A PORRA DE UM ARCO! — Um deles respondeu.

— OLHA, EU NEM SEI O QUE PORRA É UM *CICATRIZ*, *TÁ* BOM? EU SÓ QUERO IR EMBORA!

— Você matou o Jeromy... Não podemos te perdoar por isso! — Outro deles falou enquanto se aproximava.

Assim que ele apareceu eu atirei nele três vezes em seu peito. Morreu na hora. A única coisa que passou pela minha cabeça nesse momento foi “*ah*, vão à merda, então”. Arremessei uma bomba de pó em cima deles e enquanto estavam atordoados e tossindo por causa do pó, eu matei um por um ali mesmo, sem deixar ninguém fugir... Diferente desse Isaac.

— Vocês deveriam conversar um pouco antes de atacarem... — Comentei para mim mesma.

Terminei de melhorar as armas e saí dali com urgência. Quando me dei conta, o Sol já estava nascendo... Quanto tempo eu havia perdido? Tinha de me apressar...

Eu saí do prédio e me direcionei ao que parecia ser o local de descarga de mercadorias de um supermercado. Não demorei muito por lá, apenas usei uma lata de lixo e pulei um muro para uma escadaria logo adiante. Continuei pela escadaria e cheguei ao topo da construção. Minha visão era embaçada por uma névoa, mas ainda assim consegui visualizar a grande cruz vermelha do Hospital Central de Seattle. Eu achava que estava mais próxima, bom, eu estava errada. Continuei andando pelo telhado da construção e entrei por uma janela alta no Centro de Conferências de Seattle. Lá dentro, tudo parecia meio empacotado e coberto, acho que ou estavam se preparando para um evento, ou um evento acabara de acontecer e estavam indo embora no Dia do Surto. Explorei o local e não encontrei nada demais até atravessar uma porta dupla com uma plaquinha em cima escrito “SUITE 13031”. Estava tudo escuro e assim que eu entrei senti um ar gelado e assustador vindo de lá dentro, mas nada aconteceu... Liguei a lanterna e vi o que parecia ser uma recepção. Quando eu me adentrei um pouco mais, comecei a sentir um odor péssimo vindo de

algum lugar perto. Assim que entrei na primeira porta de um corredor, encontrei um corpo de uma *loba* esfaqueado no chão... Algo que nenhum infectado sozinho teria feito...

Eu estava caminhando lentamente de volta para o corredor e quando vi a lanterna em direção a porta, eu vi o que eu não queria... Um *perseguidor* agachado na porta pronto para entrar e me atacar pelas costas... Por sorte assim que eu o avistei e o iluminei, ele fugiu... Assim que pus minha cabeça para fora da sala, meu coração quase saiu pela boca quando minha lanterna começou a piscar e falhar... Eu balancei a lanterna e ela voltou a funcionar... Graças a Deus... Continuei seguindo pelo corredor e cheguei até uma porta barricada. Logo acima da porta havia uma janela aberta, subi no sofá que barricava a porta e passei para o outro lado... Assim que eu caí no chão, comecei a ouvir alguns gemidos e aos poucos que eu erguia minha lanterna eu pude ver mais três *perseguidores* ou *espreitadores*, como quiser chamar. No mesmo instante minha lanterna começou a falhar novamente e os três desapareceram deixando para trás apenas o defunto de mais um *lobo*...

Porra... O silêncio era ensurdecedor... Eu tentava concentrar minha audição para ouvir passos, gemidos ou até mesmo a respiração deles, mas a única coisa que eu conseguia ouvir era meu coração disparado... Andei agachada sempre olhando para todas as direções com minha escopeta em mãos. Aquele silêncio estava começando a me deixar louca... Eu já contei no livro anterior que meu maior medo é ficar sozinha, bom, imagine estar sozinha num lugar completamente escuro e fechado, monstros sedentos por sangue tentando cercar você e a **PORRA DA SUA LANTERNA FICA PISCANDO INCESSANTEMENTE!** *Ah...* Desculpa, eu me exaltei enquanto escrevia isso.

Minha lanterna já não era mais confiável e meus sentidos estavam desorientados pelo medo. Eu procurava pilhas por toda a sala, afinal, era um escritório cheio de cubinhos para trabalho. Nos cubos não encontrei nada, apenas quando atravessei um corredor que separava o escritório das salas de reuniões eu consegui ver um raio de luz passando pela fresta de uma janela e digo mais, aquele raio de sol milagroso estava mirado em cima de uma única pilha em cima da mesa de reunião! Eu respirei fundo e fui até lá... Sem problemas, apenas escutando alguns barulhos de movimentação dos *perseguidores*. Ainda agachada, me esgueirei pela lateral da sala e cuidadosamente abri a porta, que por acaso não rangeu, e segui até a mesa. Eu estava agachada e encostada na mesa, eu levantei meu braço e comecei a tatear a superfície tentando achar a pilha... Eu finalmente encostei em algo cilíndrico, porém não parecia metálico e sim... Carnoso? Bom,

logo depois eu senti um ar quente espalhando-se pela minha mão, até que... Uma gota... Uma gota de algo meio pegajoso caiu em minha mão... Nesse instante eu finalmente me toquei, arregalei meus olhos e tirei a mão numa fração de segundo, me afastei da mesa e atirei no *espreitador* em cima da mesa com a boca próxima a mesa que estava prestes a morder minha mão. Assim que atirei, vários outros infectados começaram a aparecer e tentar me pegar, mas eu me joguei para frente por cima da mesa arrastando a pilha comigo e num impulso só eu me atirei pela janela destruindo os pedaços de madeira podre que ainda a barricavam...

Senti um alívio quando meus olhos foram ofuscados pela pouca luz que passava pelo céu nublado, mas logo senti o efeito da gravidade quando minha visão foi se movimentando para baixo, assim descobrindo que onde eu estava não havia chão, apenas uma grande inundação com uma correnteza incrivelmente forte e pesada... E para piorar minha situação, um *espreitador* pulou pela janela e agarrou minha perna... O infectado começou a me “escalar” no ar enquanto caíamos, então um grande “*splash*” fora ouvido e depois nada... Quando me dei conta, estava lutando debaixo d’água pela minha vida até sacar meu canivete e esfaquear o infectado três vezes e então ser arrastada até o esgoto da cidade. Assim que cheguei lá, soltei um grito de raiva “ODEIO SEATTLE, PORRA!”, então quando estava um pouco mais calma, segui em frente.

Saí pela escotilha de esgoto de um shopping abandonado. Não tinha nada demais por lá e eu estava suja, cansada e enfurecida... Eu vi algumas máquinas de vendas e tinham barras de proteína nelas, verifiquei a validade e ainda estavam boas (por incrível que pareça) e me alimentei um pouco. Depois de estar um pouco mais calma, segui até chegar num grande parque que cruzava o quarteirão, logo na entrada dele um mapa fixo da região. O mapa dizia que atravessando o parque e mais umas quadras eu estaria no hospital, então, pelo parque eu fui.

Era um simples bosque cheio de mato e árvores altas e grandes, uma área de preservação da natureza de 2013. Tudo parecia tranquilo até que eu ouvi um assobio e no mesmo momento eu me joguei no chão e saquei minha pistola. Fiquei escondida no meio de um monte de grama alta e esperei até ouvir aqueles assobios novamente, mas eu não ouvia nada... Concentrei minha audição e mesmo assim nada... Continuei seguindo me rastejando pela terra molhada por causa da rala chuva que caía até chegar numa pequena elevação que era da altura do meu peito. No momento que tentei subir, um outro assobio rápido e alto soou e uma flecha apareceu do nada entre os galhos das árvores e fincou no meu ombro... Depois todas aquelas pessoas saíram de suas tocas e se espalharam-se em minha procura. Eu estava com o movimento do ombro debilitado,

mas por sorte não atingiu meu osso nem a junta. Eu me movimenteí para trás e me escondi no meio de alguns arbustos e verifiquei meu ferimento. Estava horrível, sangrando muito, precisava tirar a flecha, quebrada, de mim. Coloquei na boca um galho de árvore para morder e puxei a flecha com força, minha visão escureceu por um segundo, mas logo ela retornou. Cuspi o graveto e enfaixei o ferimento, depois saquei meu arco e pensei “vamos ver quem é melhor com o arco, *cuzões*.”. Fui agachada em direção a cada um desses imbecis, eu estava pouco me ferrando para quem eles eram ou o que queriam, eu já estava de saco cheio desse lugar, apenas queria chegar na *porra* do hospital e matar aquela desgraçada da Nora!

Foi mal, me exalteí de novo... Enfim, eu acabei matando todo mundo ali sem mesmo que eles percebessem minha presença. Falando mais sobre essas pessoas, eles usavam uns grandes mantos marrons feitos com um tecido velho e “natural” eu diria. Além disso, eles tinham duas cicatrizes bem largas nas extremidades da boca, apenas uma linha um pouco curvada e longa após o fim da boca, lembrava muito o coringa, porém sem a tinta de palhaço. Outra coisa a se destacar, é que eles quem fizeram aquele símbolo que eu vi em sangue lá trás e eles são os famosos *cicatrízes*, inimigos dos *lobos*. Eles colocavam fogo em carros e foram eles que penduraram aqueles corpos na torre de tevê e, por último, aparentemente eles se comunicam por esses assobios durante essas patrulhas... Eles eram uma seita religiosa maluca.

Enfim, eu atravessei o parque, mas tinha que atravessar um portão de quarentena... Que estava travado e impossível de atravessar, mas que merda, *heim?* Eu entrei no prédio vizinho e segui o explorando até achar uma saída, o que não demorou muito, mas durante a exploração encontrei um bilhete... O qual vou fazer questão de citar, pois completa o último bilhete que encontrei...

“Se alguém encontrar este bilhete...”

Paige, a minha esposa, está me esperando lá no velho centro de conferências de Pike com a Convention, do outro lado do pub. Leva esse remédio pra ela, por favor. Ela está grávida e pode morrer sem isso.

Eu achei que fosse conseguir, mas perdi sangue demais. Eu estava correndo pela floresta, ouvi uns assovios e, quando percebi, tinha uma flecha na minha costela. Eu me escondi aqui. Acho que estou seguro. Não dá pra ficar pior, né? Já comecei a sentir frio. ~~Roubei todo esse remédio do hospital... Devia ter pegado um pouco de sangue também.~~ Piadinha podre, deixa quieto. A Paige sabe, eu adoro fazer piada ruim.

Se você achar minha esposa, diz que eu morri em paz. Diz que eu espero que eles possam viver felizes. Diz que eu a amo.

E diz que, se for um menino, eu não quero que dê o meu nome pra ele! Tem que ser o nome que a gente escolheu.

Simon Vickers”

Que merda *cara...* Será que todo mundo de Seattle é tão problemático assim?

Eu segui por mais uma floresta que fora ocupada por *cicatrices*, bom... Não mais... Eu segui adiante por uma longa rua alagada, até finalmente ver o hospital de perto. Eu o invadi nadando por baixo de um prédio próximo e ao entrar, lá estava eu... Na base hospitalar dos *lobos*..

O Hospital: Parte Um

Eu acabara de subir uma escada e acabei vendo dois *lobos* conversando nada de interessante passando em minha frente, eu estava cercada por vários painéis de vidro da recepção do prédio, felizmente, dois painéis já estavam quebrados e a grama do lado de fora era alta. Eu notei que já estava mais escuro, o céu estava fechado e estava se formando nuvens negras acima do hospital, o Sol foi completamente coberto, assim me dando uma vantagem furtiva. Eu contei quantos *lobos* havia aqui, parecia ter mais de trinta deles recuperando os suprimentos do hospital.

Seria suicídio confrontá-los diretamente, então optei apenas por procurar Nora... Ouvi as conversas de alguns recrutas e consegui descobrir que Nora é a médica líder encarregada de ver o que era útil ou não no hospital... Também descobri que Abby passara aqui antes de mim para falar com Nora... Fiquei enfurecida. Me desloquei para dentro do hospital e, desviando dos olhares e luzes, cheguei a uma escadaria que estava barricada... Eu comecei a empurrar e a caixa sendo arrastada fez muito barulho, tão grande que chamou a atenção dos soldados... Comecei a me apressar indo para trás e então golpeando com força a porta, até que finalmente uma brecha foi aberta e eu pude passar, no mesmo instante balas perfuraram a porta... Eu a tranquei novamente e pus ainda mais caixas pesadas que estavam ao meu redor para bloquear a passagem deles.

Ouvi eles gritando que iriam dar a volta... Tinha de me apressar. A partir dali o local parecia bem abandonado, sem nada muito útil, provavelmente porque já passaram por essa área. Subi as escadarias e procurei alguma passagem ou entrada, algo que me levasse até Nora. Parecia que eu estava numa espécie de recepção para alguma ala da qual não me recordo. Eu abri uma porta e passei por um corredor, porém ao passar por uma sala aberta, ouvi uma voz feminina distante, então, ao recuar alguns passos, avistei um cano da ventilação grande o suficiente para eu me arrastar por ele...

Andei por alguns metros na tubulação e comecei a ouvir algum tipo de música, não sabia ao certo qual, mas sabia que era o caminho certo. Ao rastejar um pouco mais, em uma das escotilhas da ventilação e avistei uma mulher negra, alta, com seus cachos encaracolados num *black power* grande preso por uma faixa da mesma cor de seu cabelo. Ela estava usando um casaco verde militar sem mangas, uma calça camuflada, uma camiseta regata preta e botas grossas pretas. Nora... Logo depois de um segundo que a observei, ela começou a conversar com um outra pessoa.

— Talvez se tivesse escalado mais guardar, Abby ainda estivesse na cela. — Um soldado falou.

— Quando foi que a Abby passou aqui? — Nora respondeu.

— Eu não sou trouxa. — Um segundo soldado falou. — Fala logo *pra* onde ela foi.

— Quando Isaac vier perguntar... Eu vou contar o que eu acho que aconteceu. — Nora respondeu num tom ameaçador.

— *Humpf*, fica à vontade. Eu tenho trabalho a fazer — O primeiro soldado falou enquanto Nora se deslocava para um cômodo a frente.

— Nora! — O segundo soldado gritou, mas Nora não deu ouvidos. — Mas que... Foda-se, eu é que não vou me ferrar por ela...

Então ambos os soldados saíram da sala pela direção oposta... Deixando-me à sós com Nora... Eu continuei pela tubulação e não muito a frente havia uma saída. Cuidadosamente, sem fazer muito barulho desci do teto e estava de pé novamente. Eu explorei a pequena sala em que me encontrava e fui em direção à uma porta entre aberta. Com a pistola em mãos, abri a porta com cautela e assim que entrei, avistei Nora carregando uma bandeja com alguns remédios...

— Não grita. — Falei num tom ameaçador e com a arma apontada. — Larga essa porra. — Nora se virou e bem devagar colocou a bandeja na mesa atrás dela, depois voltou-se a mim com as mãos para cima. — Lembra de mim? — Nora franziu as sobrancelhas. — É... Você lembra de mim.

— O que você quer? — Nora perguntou séria e assustada.

— A Abby esteve aqui, não é? *Pra* onde ela foi?

— Eu... Eu não sei... — Eu me aproximei bruscamente para pressionar Nora. — Calma, calma... Se você atirar... Todos os soldados vão vir correndo para cá.

— É... Você tem razão... Mas você morre mesmo assim. — Falei com um tom mais sério e amedrontador. — Se falar aonde ela foi, eu posso até PENSAR em te deixar ir.

— A gente podia ter te matado...

— Deviam ter matado mesmo... Ou melhor, deviam ter passado longe de Jackson. Agora, me diz porra, cadê a Abby?

E quando eu pensei que ela fosse abrir a boca para me contar tudo... — Você ainda ouve os gritos dele? — Ela perguntou numa voz fria e séria, sem tremular nem nada.

— Quê? — Eu não acreditei no que acabara de ouvir.

— Eu ouço toda noite... É... É, o filho da puta teve o que mereceu.

— SUA ESCROTA! — Eu me aproximei de novo para golpeá-la com a pistola e abri a guarda por um segundo, assim Nora arremessou uma bandeja de metal em minha cara e correu desesperadamente pela porta ao seu lado. “SOCORRO! INTRUSA!”, ela gritou... Como eu poderia ser tão imbecil e cair num golpe baixo desses?

Eu logo retomei a consciência e corri atrás dela. Ela fechou uma porta na minha cara, empurrou uma maca no caminho, mas nada iria me parar naquele momento, eu era apenas uma bala com o nome Nora escrito nela. Ela conseguiu chegar na área do refeitório e soldados apareceram. Nora correu por uma ponte feita de vidro que ligava à outra área do hospital e eu fui atrás. Por sorte, nenhum dos soldados me acertou. Essa área do hospital era diferente, por algum motivo estava lotada de coisas ainda, tudo estava muito escuro e tenso. Eu a perdi de vista, mas continuei correndo, parecia ter apenas um caminho possível. Eu a vi de relance pulando por uma janela e depois ela sumiu. Eu fiz o mesmo e me deparei com um vão de um elevador parado, ele tinha portas dos dois lados, então não hesitei em saltar, porém assim que eu fiquei de pé do outro lado do elevador, Nora apareceu e me jogou contra a parede com força, eu tentei resistir e acabamos caindo no chão.

Nora estava em cima de mim, mas eu a chutei e saquei meu canivete, porém ela pensou rápido e segurou minha mão. Ficamos alguns segundos resistindo no chão até que Nora fraquejou e me permitiu raspar a faca em sua bochecha, mas logo depois ela me fez largar o canivete, me socou no rosto e correu novamente. Peguei o canivete e corri atrás, no entanto, os soldados ainda estavam na minha cola, mas isso não me importou muito. Eu chutei uma porta dupla e vi Nora parada na frente de um grande buraco no chão, não havia saída se não fosse caindo... O problema não era a altura da queda e sim os esporos que saiam de lá... Eu a agarrei e me virei. Eu estava encurralada. Três soldados equipados com rifles de caça apontados para mim e um grande buraco de esporos logo atrás. Eu estava desesperada, eu queria mais informações de Nora, mas não tinha para onde ir... Eu pulei no buraco e arrastei Nora junto...

Nora se levantou rápido, porém tossindo muito por causa dos esporos, ela então correu cambaleante para uma porta logo a frente. Eu não pude persegui-la por causa dos soldados atirando. Eles logo colocaram as máscaras e desceram, mas chamaram atenção de estaladores... Eu não perdi tempo, arremessei um tijolo na cara de um dos soldados e os estaladores foram atrás do barulho... Em meio aquela confusão, eu passei correndo no meio de todos e segui Nora. Tranquei

a sala atrás de mim e mais uma vez estava num lugar completamente escuro. Era apenas um corredor. Quando mais eu andava mais eu escutava a tosse e respiração pesada de Nora, até finalmente encontrá-la... Lá estava ela, no chão encostada numa porta dupla de escadaria sem forças para abri-la... A única iluminação da sala se dava apenas por uma luz vermelha de alarme “demoníaca” ao lado da porta...

— Olá, Nora... — Falei num tom frio e ameaçador.

— Droga... Droga...

Fui andando lentamente até ela e quando me aproximei, gastando suas últimas forças, Nora tentou me atacar com um cano velho e enferrujado, mas eu desviei do golpe, peguei o cano e quebrei seu antebraço. Ela se encostou novamente na porta.

— Cadê a Abby? — Perguntei ansiosa pela resposta andando de uma parede à outra no corredor.

— Você tá inalando os poros... — Nesse momento, Nora se lembrou de algo mais. — É... Você.

— Você é Vaga-lume?

— Não existem mais Vaga-lumes...

Fiquei em silêncio por um segundo já esperando essa resposta. — Cadê a Abby?

— *Ah*, eu vou morrer de todo jeito... Por quê que eu te falaria?

Eu me agachei na frente de Nora, cheguei bem perto de seu rosto. — Porque você tem duas opções... Eu posso te matar rápido... Ou posso te fazer sofrer... *Pra* caralho.

— Pensa em tudo que ele fez... Quanta gente morreu por causa dele?

— Última chance.

— Eu não vou entregar a minha amiga.

Então eu fiz uma *cara* de raiva, minha respiração tornou-se ofegante, apertei o cano com força e então o levantei... A bati na cabeça com força, sangue voou, mas ficou bem camuflado pela escuridão e luz vermelha... A bati novamente e dessa vez quebrei boa parte dos ossos do crânio dela e mais sangue voou... Ela começou a engasgar no próprio sangue... Por fim, a acertei mais uma vez antes de começar a tortura de verdade até sua morte...

Memórias: Parte Três

Eu estava tremendo. Debaixo da chuva. Em frente a porta do teatro. Eu estava nervosa. Depois de algumas longas horas com a Nora... Eu não sabia mais se ainda existia uma Ellie dentro de mim... Eu estava tomada pelo ódio de tudo que vinha acontecendo nos últimos anos, tudo que eu havia passado... E agora me pergunto... Será que ainda vale a pena ir atrás de vingança? Eu só não desisti naquele momento, por mais que queria, pois eu já tinha matado metade deles... E Joel não merecia aquilo... Nem Nora. Eu só conseguia culpar uma única pessoa e essa pessoa é Abby... Mas hoje, nem isso eu consigo mais... Só consigo culpar a mim mesma.

Enfim, tremendo, molhada, traumatizada... Eu fechei meu punho, ergui meu braço e bati na porta e falei que era eu, logo abriram a porta para mim. Dina me abraçou apertado, eu estava cansada... Meus olhos estavam fixos no chão e, no automático, abri o mapa que eu peguei com Dina e expliquei:

— Ela... — Comecei a falar sem forças, toda suja e ensanguentada. — Está escondida... Aqui nesse... Aquário... — Eu não conseguia formular uma frase, eu estava com medo de mim mesma nesse momento.

— Tá bom... — Dina falou enquanto tirava o mapa da minha mão e entregava para Jesse. — Vamos... Limpar essa sujeira.

Lá estava eu, de frente para um grande espelho nos bastidores sentada num grande *puff*. Dina logo apareceu e me pediu para levantar os braços, o que eu fiz com uma certa dificuldade. Ela retirou minha camisa e eu pude ver através do espelho meu corpo completamente destruído, havia arranhões grandes próximos ao meu ombro esquerdo, uma enorme pancada com dois grandes palmos de tamanho logo abaixo da minha escápula direita, um grande corte na diagonal que atravessava a parte da frente de meu torso e mais meio monte de outros hematomas e cortes pelo meu corpo... Dina se sentou atrás de mim com uma toalha molhada e gelada e começou a limpar os ferimentos...

— Fiz ela falar. — Eu falei batendo os dentes.

— Ei... — Dina falou enquanto passava cuidadosamente o braço pelo meu ombro “bom”. — Tá tudo bem.

— Eu... Eu não quero te perder.

— Que bom.

Depois disso, não me lembrava mais de nada...

Abri os olhos e me vi em mais um daqueles sonhos... Vi eu mesma de dois anos atrás no Hospital Saint Mary... O hospital dos Vaga-lumes. O local estava vazio, apenas um monte de tralha, como se todos tivessem ido embora às pressas e repentinamente... E era isso que eu procurava... Por que foram embora? Eu encontrei uns arquivos sobre mim em cima de uma mesa dentro de uma salinha minúscula com um monte de caixas empoeiradas ao redor. Eram exames do meu cérebro com uma fotografia da minha mordida e uns vários dados, mas o que me chamou a atenção fora a pequena nota de alguém e uma seta apontando para a foto. Na nota dizia “O crescimento sofreu uma clara mutação. Vejamos se os resultados do teste corroboram a nossa hipótese. Isso é importantíssimo.”. Acabei encontrando outro papel com uma imagem desenhada de um cérebro e com mais uma nota dizendo “A essa hora amanhã, a gente vai ter mudado o rumo da história. —J”. Não havia mais nada de útil naquela sala.

A última sala disponível era a última do corredor, ela era vermelha e ao seu lado o grande símbolo dos Vaga-lumes pichado na parede em vermelho, eu pude ver também mais uma nota em cima de umas caixas de madeira logo abaixo do símbolo...

“Don,

Sabe, eu fico felizão por ter catalogado e recolhido todo esse equipamento hospitalar raro. Foi só eu terminar que me disseram que não teria mais utilidade.

Porra, não acredito que vocês decidiram desfazer o grupo. Tá, foi um milagre que acabou escapando por entre nossos dedos. Uma merda, eu sei. Mas o mundo todo tá na merda. Como que a gente vai desistir assim?

E agora, o quê? Vai todo mundo se assentar em zonas de quarentena? Entrar em grupinhos de resistência de quinta categoria?

Que se foda. Ainda deve ter gente por aí que se importa. Eu vou passar o resto da minha vida trabalhando pra encontrar essa gente que quer fazer e acontecer... Ou vou morrer tentando.

Scott”

Assim eu soube que poderia haver alguém por aí a fora que ainda estava tentando achar uma cura... Eu entrei cuidadosamente na sala com a porta vermelha e encontrei algumas pias... Era uma sala de cirurgia. Logo a esquerda das três grandes pias tinha mais uma porta acinzentada... Ao atravessar, eu vi apenas uma sala com uma grande maca no centro dela com um

cobertor verde musgo e em cima dele um gravador... Como se tivesse sido deixado ali para mim. Eu o peguei e coloquei para tocar no mesmo instante desesperada e sedenta por uma resposta mais clara do que a que Joel tinha me dado anos antes...

Uma voz feminina e ríspida soou pelo gravador... “A maioria já foi embora. Eu não sei para qual grupo eu vou. Eu era do grupo que queria ir atrás o contrabandista e da garota. Disseram... Que mesmo que a gente achasse ela ou, por milagre, achasse outra pessoa imune, não faria diferença. A única pessoa que poderia desenvolver uma vacina morreu...”

Eu rebobinei o gravador e comecei a escutar o mesmo trecho várias e várias vezes sentada na frente do hospital sem parar até o amanhecer... “... Por milagre, achasse outra pessoa imune...”, mas eu parei quando ouvi o relinchar de um cavalo vindo em minha direção. Ao se aproximar eu vi claramente que era Joel.

— ELLIE! — Joel gritou ainda distante no cavalo, depois, quando finalmente saiu de cima dele, veio até mim e me abraçou aliviado. — Vem cá... Ficou maluca? Que ideia foi essa de fugir no meio da noite? — Ele falou pouco depois na sua voz preocupada e calma. Eu não fiz esforço, estava muito triste e cabisbaixo. — Fala comigo, Ellie. Você não pode me deixar só um bilhete, pô...

— Me fala... — Falei numa voz chorosa logo depois de empurrá-lo para longe de mim. — O que aconteceu aqui. — Joel ficou sem palavras ou não soube responder ou estava pensando numa resposta para aquele momento, eu não dei a mínima na hora. — Se você mentir pra mim de novo... Eu vou embora e você nunca mais vai me ver. Mas, se me falar a verdade, eu volto pra Jackson. Pode ser o que for.

— Fazer uma vacina... — Joel falou depois de longos segundos sem dizer nada com uma cara pensativa sempre desviando o olhar de mim. — Teria te matado. — Ele olhou para meus olhos com uma expressão completamente limpa e sem remorso algum. — Eu não deixei.

Eu não me segurei. Eu comecei a chorar e sentei-me novamente numa caixa próxima. Eu estava viva... Mas a que custo... O mundo hoje poderia ser o mesmo antes do surto... Tudo voltaria ao normal... Mas sem mim... Bom, eu não via problema nisso. Joel tentou pôr a mão no meu ombro cuidadosamente...

— NÃO OUSE ENCOSTAR EM MIM! — Eu gritei enfurecida. — Eu vou voltar... E a gente... Acabou.

Então eu saí com meu cavalo depressa deixando Joel para trás...

Eu acordei e estava novamente naquele quartinho escuro dos bastidores. Eu me olhei no espelho mais uma vez e vi que havia cicatrizes e pontos espalhados pelo meu corpo inteiro. Ainda estava com uma certa dificuldade de me movimentar, mas logo fui me acostumando com a dor e retomando os movimentos. Eu me vesti novamente, peguei minhas coisas e decidi sair do quarto...

Eu saí do quarto e me deparei com aqueles mesmos manequins assustadores e roupas fantasiosas penduradas por aí. Fui caminhando até chegar no palco novamente e encontrar as mesmas poltronas vermelhas acolchoadas todas enfileiradas perfeitamente. Eu subi a escada entre duas grandes seções de cadeiras e voltei à entrada do teatro. Lá encontrei Jesse sentado numa cadeira de metal observando Dina descansar num grande sofá de couro. Jesse se levantou e foi seguindo até as escadarias indo em direção a sacada com uma barraca do teatro. Eu podia ouvir o barulho suave de uma chuva que acabara de começar. Jesse e eu nos encostamos na pequena cerca feita de madeira e ficamos em silêncio por alguns segundos.

— Ela teve uma noite ruim. — Disse Jesse numa voz preocupada olhando fixamente para frente. — Nem água ela *tá* conseguindo reter.

— Devia ter me acordado. — Falei.

Mais alguns segundos de silêncio agonizante e constrangedor.

— Ela *tá* grávida?

— *Aham.*

— Entendi por que veio *pra* cá, mas temos que levar ela de volta. — Jesse finalmente voltou os olhos para mim. — Ela precisa de cuidados, e não vai conseguir aqui...

— É, eu sei. — O interrompi. — Eu sei... Mas eu não posso deixar o Tommy *pra* trás. — Isso não era verdade, eu ainda pensava em vingança... — Por culpa minha ele *tá* aqui. *Cê* podia levar ela de volta.

— Ela não vai querer ir sem você.

— É... — Eu suspirei e depois vieram mais alguns segundos de silêncio.

— Foda-se. — Jesse falou de repente. — Vamos buscar o Tommy. — Então ele saca o mapa que antes estava em minhas mãos. — Esse é o aquário que a menina falou. Tommy ainda não achou a Abby. Enquanto isso, a gente se posiciona ali em cima.

— Você... — Falei preocupada. — Vai deixar a Dina sozinha?

— Ela que mandou.

— Beleza... Vamos avisar que a gente *tá* indo.

— Te encontro daqui a pouco.

— *Tá...*

Eu fui até Dina e a observei por um instante. Ela estava mal, notei que estava suando um pouco, acreditava que era febre. Eu encostei nela e rapidamente ela acordou. Falei que precisava de alguém para trancar a porta e assim vi uma cena péssima... Dina se levantando sozinha e andando até a porta arrastando uma cadeira de metal leve até lá. Queria ajudá-la, mas ela não permitiria, então apenas a deixei ir. Usando suas últimas forças, ouvi Dina trancando a porta e ao me virar encontrei Jesse sentado no meio-fio.

Ainda era dia e estava chovendo bastante. “Será que tem como ficar seco nessa cidade?”, comentei. Andamos um pouco mais e logo achamos nosso primeiro empecilho no caminho até o aquário... Alguns metros ainda na frente do teatro tinha uma rua que havia caído formando uma espécie de parede pequena. Eu ajudei Jesse a subi-la e ele me puxou para cima logo após.

— O que *cê* falou *pra* Dina? — Jesse perguntou.

— *Ah...* Que a gente espera encontrar o Tommy no aquário. — Respondi e depois completei. — Eu não... Falei que você sabia, se é isso que...

— Não era. — Jesse falou um pouco mais sério.

Andamos um pouco mais pela rua coberta por grama que batia na canela e bem aberta, sem muitos carros ou destroços pela estrada. Paramos em algumas lojas para explorar e vermos se tinha algo de útil, mas nada de muito especial.

— Esse aquário é a base dos *Lobos*? — Jesse perguntou enquanto entrávamos numa conveniência maior.

— Duvido muito. — Respondi. — Nora falou que a Abby se *esconde* lá, então acho pouco provável.

— Ela te contou por que fizeram aquilo?

— Sim... *Ah*, bom, o Joel se... Desentendeu com uns Vaga-lumes... Ex- Vaga-lumes agora.

— Se desentendeu como?

— Ele era contrabandista. O desentendimento foi pela... Mercadoria. — Falei relutante, pois a mercadoria era eu. — Deu mó treta, morreu muita gente... Acho que queriam dar o troco.

— *Puts...* Mudou alguma coisa *pra* você?

— Nada. — Falei num tom mais frio.

— Eu preciso confirmar um negócio. — Jesse falou enquanto passávamos por uma área mais demolida da rua. — Depois que acharmos o Tommy, podemos voltar *pra* casa?

— Podemos. — Eu não sei por que eu mentia tanto para mim mesma.

— Você vai acabar deixando parte daqueles otários vivos.

— A Dina tem que voltar *pra* Jackson.

— *Tá*, perfeito.

Nós chegamos até um grande túnel mais aberto, era uma parte coberta pelo centro de conferências de Seattle, onde pelo meio dele passava uma rua larga, então fizeram o centro passando por cima da estrada. O caminho estava bloqueado por uma fileira de ônibus e caminhões alinhados com muito musgo neles, nos impedindo de escalá-los. Decidimos então entrar na lojinha de brindes do centro para tentarmos dar a volta. Passamos por um buraco atrás do balcão e chegamos no que parecia ser os fundos da loja, lugar de estoque e manutenção do centro em geral.

— *Cê* não tem medo de eles irem atrás da gente em Jackson? — Jesse perguntou relutante.

— Como assim?

— Poxa, a gente *tá* matando um monte deles... Na cidade deles.

— Por causa do que eles fizeram.

— O pessoal da Abby não foi *pra* Jackson por causa de uma coisa que o Joel fez?

— Aqui não é Jackson. E o Joel e o Tommy ajudaram a Abby quando ela foi atacada.

— Esse povo quer matar todo mundo que vê pela frente. Não atiraram em você assim que te viram?

— É... Bom ponto. Há quanto tempo a Dina *tá* passando mal? — Jesse perguntou mudando de assunto.

— Alguns dias. Quando chegamos aqui, ela detonou um dando de *lobos*... Foi impressionante.

— Imagino... Mexer com ela é fria. — Não entendi a expressão, mas também não comentei.

Continuamos explorando o local, que por acaso mal tinha sido explorado, até passarmos por uma porta dupla azul e chegarmos ao que poderia ser uma saída dali. Um feixe de luz passava por entre as barras de metal de uma estante pesada. Empurramos com certa dificuldade

e bastante barulho e uma fresta a nossa frente se abriu, finalmente estávamos na rua abaixo do centro de conferências de Seattle.

— Preciso te perguntar... — Jesse falou enquanto me ajudava a atravessar a fresta. — Por que ela não me contou? Da gravidez.

— Olha, ela com certeza vai te contar quando...

— SSHH! — Jesse me puxou assim que ambos estávamos livres de novo para trás de uma cerca de concreto.

— Vai ser hoje! — Falou um *lobo* qualquer mais à frente. — Tão reunindo todo o pessoal.

— Quem te contou isso? — A outra *loba* perguntou desconfiada.

— O chefão que disse. A gente limpa essa área, espera o resto do pessoal... — O *lobo* continuou contando o plano e eu não fazia ideia do que ele estava falando. — E então, vai com tudo *pra cima dos cicatrizes*.

— Mas da última vez...

— Não vai ser que nem da última vez... — Enquanto eles conversavam, tentamos passar despercebidos, o que não foi tão difícil.

Tinham mais *lobos* além dos dois que estavam conversando, mas depois disso ou eles conversaram nada com nada ou simplesmente ficaram calados. No meio tempo que estavam distraídos, eu e Jesse conseguimos passar por eles escondidos sem muitos problemas. Essa área era lotada de caixas pesadas das lojas que eles saqueavam, carros e um caminhão, além que poderíamos passar por dentro das lojas, não foi difícil para falar a verdade, tudo estava a nosso favor.

— Esses *lobos*... — Jesse comentou assim que ficamos em segurança. — São todos cabeças-quentes.

— Eles estão em guerra com uma seita zoadá... — Falei.

— Uns tais de “serafins”, *serafitas* ou alguma coisa do tipo...

— Eu só ouvi falar nos *cicatrizes*. Você topou com algum?

— Não.

— Sorte sua.

Continuamos andando por um tempo, tudo estava destruído. Tivemos que entrar no centro para dar a volta em mais uma barreira, uma estrada derrubada levantou o piso e nos impedia de passar.

- E esse tanto de cartaz espalhado? — Jesse perguntou curioso.
- É tudo cartaz de gíbi... Espera... O que rolou aqui?
- Sei lá, uma reunião *pra* galera que curtia essas paradas? Gente que nem você.
- *Cara...* — Falei decepcionada. — A gente nasceu na época errada.

Continuamos pelo centro onde estava todo decorado com inúmeros cartazes e estátuas em tamanho real de vários personagens dos quadrinhos e umas banquinhas com os gibis no chão e outros itens de “coleccionador” (tinha escrito numa plaquinha). Eu estava achando aquilo tudo um máximo, ficaria horas ali se pudesse, mas já não tínhamos tempo direito... Avistamos uma vã encostada na parede nos levando em direção à uma janela mais alta, nossa saída. Nos arrastamos por debaixo de um tronco de árvore, nos deixando num lugar mais aberto. Estava chovendo muito.

— O que *cê tava* falando? Antes... — Jesse perguntou. — Sabe a Dina... Que ela vai me contar quando...

— *Ah...* Quando tudo se resolver aqui.

— Uma hora vai ficar bem difícil de esconder algo assim... Sabe se ela vai ficar com o bebê?

— Não sei. — Falei um pouco cabisbaixo, então Jesse não perguntou mais.

Passamos adiante por mais uma barreira de carros, acabamos subindo num grande trailer e em cima dele tive uma visão um pouco preocupante.

— Olha só essa zona. — Jesse comentou.

— O aquário. — Falei enquanto sacava o mapa e mostrava para Jesse. — Fica logo ao lado da roda-gigante.

— Tomara que o Tommy Tenha descoberto também.

Descemos em meio a todo aquele caos. Era uma longa rua estreita com prédios altos em ambos os lados. A rua estava mais detonada, *fudida, do que qualquer outra que eu já citei nesse livro*. Os níveis subiam e descia, estava tudo alagado a ponto de termos que mergulhar para atravessar certos pontos, inúmeros carros e caminhões bloqueavam nossa passagem cobertos de um musgo grosso e escorregadio como se ninguém passara ali já fazia anos... E ao fundo, bem no centro com as duas fileiras de prédios enormes, a frente apenas de um céu claro cinzento e turbulento a roda-gigante permanecia parada na linha do horizonte.

Ficamos de frente para o primeiro abismo. “*Saco, o jeito vai ser mergulhar aí.*” Jesse comentou. Olhei para baixo e avistei canos de esgotos enferrujados, uma água verde super escura

e lamacenta com uma fina camada de musgo verde boiando em cima. “É... É o jeito mesmo...” falei procurando uma passagem ao redor até que Jesse dá um passo atrás e salta com tudo no *cheiroso* laguinho que encontramos. Eu saltei pouco depois. Fazendo de tudo para não engolir água, nadamos até chegarmos em terra firme, mas não por muito tempo, logo tivemos que mergulhar de novo passar... Foi assim por uns bons metros... Talvez um quilometro dessa merda.

Finalmente saímos daquele rio grotesco e entramos num lugar mais seco, uma biblioteca. O lugar estava completamente escuro, porém livre de esporos. Livros estavam jogados para todos os lados, a esmagadora maioria estava molhado com cheiro de mofo e praticamente se esfarelava ao folhear as páginas de papel úmido.

— Eu teria vindo, *tã*? — Jesse falou um pouco cabisbaixo. — Se tivesse me falado que ia embora.

— É só que... — Pensei por um segundo me sentindo um pouco culpada. — Não achei que fosse gostar muito disso.

— Eu... — Ele hesitou antes de falar. — Eu admirava o Joel... O que aconteceu com ele foi... Ele não merecia aquilo... *Eu teria vindo*. — Ele falou com mais confiança essa última frase e olhou em meus olhos com uma expressão determinada e imponente.

— *Ah*... O Joel também gostava muito de você. — Eu soltei uma risadinha abafada. — Ele achava que eu era afim de você.

— Sério? — Jesse perdeu toda aquela expressão forte e mudou completamente para uma confusa e mais “solta”.

— Quer dizer... Você é bonito e tal... Mas eu não curto seu tipo.

— Ué? Que tipo? Asiáticos? — Jesse respondeu num tom brincalhão com um sorriso leve no rosto.

— *Aham*, é, foi exatamente o que eu quis dizer. — Falei entrando na zoação e depois ambos rimos por um segundo... Aquele momento eu me senti um pouco menos solitária do que o de costume...

Nós descemos uma escada que deveria rolar... Bom, era uma escada rolante quebrada... Começamos a explorar a grande biblioteca de Seattle... Que estava destruída, não por causa da chuva e do desgaste natural do ambiente e sim por causa de várias estantes derrubadas destroçadas pela mão humana... Parece que houve uma briga naquele lugar... Achemos alguns

corpos de *cicatrizes/serafitas* como queira chamar. Eles estavam degolados... O sangue ainda era fresco... Os *lobos* estavam perto.

Nos deparamos com uma bifurcação e mais uma grande região alagada, a outra estava mais seca, porém não seguia direto para a roda-gigante.

— Vamos fazer o balão. — Jesse falou seguindo pelo caminho seco.

— O quê?

— Fazer o balão?

— O que é isso?

— Sabe quando você não segue uma linha reta para seu destino, invés disso você dá a volta pelo caminho mais fácil?

— Ah!

— É, por isso vamos por aqui.

— Beleza.

Bom, seguimos uma curta estrada e não demorou muito para encontrarmos problemas, claro que não ia ser tão simples... Avistamos um dos *serafitas/cicatrizes* correndo desesperado numa área mais aberta, logo depois uma voz feminina podia ser ouvida gritando “Vai lá garoto, pega!” e poucos segundos depois um pastor alemão num tom dourado escuro com algumas manchas pretas pelo corpo saltou em direção ao *cicatriz* e o esfaqueou. Espirros de sangue jorraram, o *cicatriz* finalmente parou de gemer de dor e então o pastor alemão ergueu a cabeça. Era um cachorro parrudo e feroz, não parecia ser muito velho, mas sua experiência em combate dizia o contrário. O que mais me chamou atenção no cão eram suas cicatrizes por todo seu corpo e uma mais destacada cruzando seu olho esquerdo... O cachorro era cego de um olho, mas isso não impediu o assustador cão de notar a gente.

Suas orelhas mexeram e então começou a farejar e vir em nossa direção. Tivemos que nos mover rápido em meio a toda aquela grama preenchia a rua e damos a volta em uma árvore. O pastor acelerava a cada passo que se aproximava. Decidimos nos separar e eliminar o pastor de surpresa, mas não tínhamos contado com seus donos... Havia muitos *lobos* próximos, mas só percebemos isso quando já estávamos em meio a um posto de controle deles. Tinha um cachorro nos farejando e estávamos cercados pelos *lobos*, não sabíamos o que fazer... Eu já estava começando a ficar ofegante e um pouco desesperada quando Jesse pôs a mão em meu ombro me acalmando por um segundo. Jesse estava com um olhar firme e sério, por mais que fosse uma

peessoa brincalhona e cheia de sarcasmo, sabia manter a calma e pensar rápido em situações de perigo... Jesse olhou nos meus olhos pedindo com um olhar de “confia em mim” e apontou para os destroços de um prédio mais à frente, porém o caminho até lá era extremamente exposto. Ele passou a minha frente e pediu para eu acompanhar até que chegamos no limite da grama alta onde nos escondíamos. Eu olhei para trás algumas vezes e vi o pastor alemão se aproximando. Jesse olhou para mim com os mesmos olhos, levantou a mão com três dedos em pé e fez uma contagem regressiva até zero... Ao chegar no zero ele se levantou e me puxou e, em silêncio, nós corremos desesperadamente até os escombros...

Nesse momento eu pensei: “MEU DEUS, JESSE, QUE PORRA É ESSA!”, mas depois que nos enfiamos por uma fresta para dentro do prédio e me acalmei, Jesse me explicara que viu o padrão de vigia dos *lobos*... Eles estavam passando por aquela área, mas era temporário. Não tinha barracas ou algum lugar de planejamento, era uma patrulha e eles estavam de passagem. Eu percebi nesse momento que até o caminho que usamos pelo mato foi liderado por Jesse e foi um caminho longe dos olhos, nós só corremos porque a patrulha já tinha nos ultrapassado... Estávamos atrás deles!

Me senti aliviada depois que Jesse me explicou tudo... Eu precisava ser mais como o Jesse...

Continuamos escalando o prédio em meio a toda sua bagunça até ficarmos altos suficientes e termos uma vista melhor. Numa sacada improvisada, vimos o aquário e analisamos algumas rotas. Primeiro a rota simples: uma avenida principal muito distante engarrafada pelos carros e vigiada pelos *lobos*, ou a segunda rota mais remota: literalmente um rio... A rua que estávamos seguindo simplesmente não existia mais a partir daquele ponto, era tudo água e mais água adiante, alagado e inundado... Era quase uma cidade submersa... Além disso tudo, uma correnteza forte descia “rua” abaixo desaguando no oceano, logo ao lado da roda gigante.

— *Putz*... Como a gente vai atravessar isso aí? — Jesse perguntou pensativo.

— Podemos usar aquela via... Mas é longe *pra* cacete.

— Ou...

— Não tem “ou”, Jesse... *Fudeu!*

— Posso completar? — Ele falou num tom irônico.

— Quê?

— Ou... Podemos usar aquilo. — Então Jesse apontou para um barco movido a motor navegando e fazendo uma curva mais adiante.

— É... Bem melhor.

— Certo, por aqui. — Jesse falou sem se incomodar com meu estresse.

Caminhamos por uma pequena ponte feita de destroços em direção ao que parecia ser um shopping bem grande. Exploramos um pouco a área coletando os recursos. Nadamos por debaixo de uns entulhos e chegamos num lugar mais reservado onde podíamos ouvir a conversa dos *lobos*... Eles disseram que o motor estava “fazendo frescura” e que tinham avistado um *sniper* na área 12 na marina, assim metade do grupo se foi e a outra metade esperou na área com o barco.

Saímos do andar debaixo onde estava todo alagado e chegamos numa mini lojinha por uma corda pendurada, onde conseguíamos ver o barco... Mas enquanto eu analisava o terreno do barco, Jesse pensava em outra saída...

— Ellie... — Cochichou Jesse olhando para um grande buraco na parede que nos levava de volta para a rua. — Dá *pra* chegar na marina por aqui.

— Não. A gente pega o barco deles.

— Você ouviu, né? Eles estão falando do Tommy.

— Não dá pra saber. — Falei mentindo para mim mesma, eu sabia que era ele.

— Quem mais pode ser?

— E se for ele, ele não vai mais *tá* lá quando a gente chegar. — Falei suspirando e desviando o olhar. — A Abby *tá* aonde ele vai, então se a gente seguir...

— E se ele estiver em perigo? — Jesse olhou para mim relutante.

— Ele sabe se cuidar.

— Deus do céu...

— O melhor jeito de ajudar o Tommy é ir atrás da Abby.

Jesse lançou um olhar penetrante, o mesmo olhar que lançara para o nada quando me perguntara pouco antes de sairmos do teatro...

— Se você for, eu não vou te salvar de novo. — Eu não sei por que eu falei isso... Talvez eu estivesse desesperada, mas isso fora o limite do Tommy.

— *Humpf*... — Jesse riu seco e para dentro, como se tudo que eu estivesse dizendo era uma piada. — Então boa sorte para você.

Então Jesse andou até a borda do andar em que estávamos e pulou em direção à marina... Eu já não podia voltar atrás em minha escolha, na hora nem mesmo queria, então eu me virei com um pouco de culpa nas costas e depois me joguei num buraco no meio da lojinha me levando de volta à água...

A cidade Inundada

A água estava meio turva e esverdeada por causa da grande quantidade de vegetação do local.

— O motor *tá* pronto. — Falou o *lobo* que estava tentando ligar o barco. — Onde a gente fica?

— Estaciona do outro lado! — Exclamou uma *loba* mais distante.

Eu tentei alcançar a lancha, mas ela já tinha partido. A conversa dos *lobos* continuou pelo rádio.

— Base, aqui é a unidade Gama. Mandei quatro soldados *pra* marina. — Falou a mesma *loba*.

— Afirmativo, Gama. Vamo repassar *pro* comando. Aguarde nossas instruções. — Respondeu um *lobo* com um pouco de interferência pelo rádio.

— Entendido... Patrulhem o perímetro!

— Você acha que isso irá parar a incursão de hoje?

— Não sei, agora vai.

Beleza... Eu odiei essa parte... O shopping era enorme com inúmeras lojas de diferentes tipos, soldados espalhados por todos os três ou quatro andares que aquele lugar tinha. Eu não podia chamar atenção de maneira alguma ou ficaria encurralada facilmente. Eu decidi passar pela área alagada do shopping, a qual era gigante, era quase um rio. Maioria das lojinhas que ficavam no térreo não tinham piso, era apenas paredes e uma piscininha de água musguenta, tornando simples eu me esconder por elas e seguir adiante por baixo dessas lojinhas até a lancha.

Não demorou muito para eu alcançar meu objetivo, mas ele estava cercado por *lobos*. Eu usei meus melhores artifícios para acabar com todos eles... Eu me aproximei e atirei um tijolo próximo a mim, atraindo um deles e o matando... O resto dos *lobos* sempre o acompanham e caíam em minhas armadilhas de pregos e minas caseiras. Assim, sem muitas dificuldades, alcancei o barco.

Após conseguir ligar o motor, saí pela garagem do shopping quase como um carro normal... Só que na água. Eu continuei pela forte correnteza que essa parte da cidade tinha. *Pra* mim, não fazia sentido algum essa correnteza existir, mas quase virei meu barquinho por causa dela umas quatro vezes. Segui o “rio” até chegar num lugar bem mais aberto do que o de costume.

Comecei a procurar pela roda gigante, mas não consegui achar, apenas uma nuvem negra vindo em minha direção carregada de trovões e relâmpagos com uma chuva pesada bem ao longe. Parecia que iria demorar para chegar até mim. Continuei o caminho um pouco mais devagar para não chamar muita atenção e uma rala chuva. Ouvi disparos, depois alguém gritou “LÁ VAI FOGO” e então o som agudo de uma garrafa quebrando e outro som agonizante de alguém em chamas.

Desacelerei o barco e avistei uma base sendo disputada por *lobos* e *cicatrices*. A batalha era intensa e difícil, vi pessoas sendo partida em pedaços, inúmeros disparos podiam ser ouvidos de diferentes armas, mas o que mais me incomodou era o grito de socorro e desespero de ambos os lados (algo que eu não teria me incomodado no início do livro), talvez fosse pelo fato daquela batalha ser completamente em vão... O prédio em que se encontravam era uma espécie de passagem e continuação do rio, então eu teria que passar por ali de qualquer jeito. Tomei fôlego, me agachei na lancha e acelerei em direção a grande passagem onde, muitos anos atrás, era o portão de uma garagem do prédio comercial.

O que antes me agoniava os ouvidos de longe, me deixou desesperada enquanto atravessava a construção. Pessoas sendo mutiladas, mais disparos e um monte de outros sons horríveis... Tal coisa não me incomodaria no início dessa jornada, mas naquele tempo eu estava num lugar bem ruim mentalmente. Ambos os times gritaram qual eu passei por lá... Os *lobos* me chamaram de “intrusa” e os *cicatrices* de herege, mas depois de me avistarem, não fizeram nada, estavam bem mais preocupados com o inimigo em sua frente.

Depois de serpentear o rio por alguns minutos eu cheguei numa barreira. Entrei pela vitrine de uma lanchonete tematizada com jogos de fliperama, mas isso passou longe de minha cabeça no momento. Visualizei a enorme rua principal completamente inundada e agitada por causa da tempestade que já estava logo a minha frente. A chuva engrossara e trovões podiam ser ouvidos com clareza logo após de clarões no céu cinzento. A única coisa que me separava da fúria de Zeus era um mero portão firme de ferro da lanchonete. A lanchonete como um todo tinha uma cor majoritariamente vermelha, porém bem desbotado, com tons de preto de azul escuro e um monte de musgo verde subindo pelas paredes por causa da água que chegava na minha canela preenchendo toda a cafeteria.

Eu tentei abrir o portão através da corrente que ficava ao seu lado, mas a corrente estava emperrada por um grande cano pendurado numa sacadinha do segundo andar do restaurante. Sem muitas outras opções, virei-me e decidi-me procurar uma maneira de chegar no

segundo andar. Eu comecei a procurar pela loja, prontifiquei-me também a renovar meus materiais fazendo alguns molotovs, bombas de pregos, minas e um kit médico, o qual usei na hora para fechar alguns ferimentos. Havia uma escada próximo a mim, mas antes de subir eu verifiquei todo o primeiro andar.

Ao subir, se não fosse pelo cheiro da maré, este lugar inteiro estaria fedendo por causa do corpo de um *cicatriz* ensanguentado e sem cabeça... Me perguntei o que poderia ter feito aquilo. Continuei a explorar a área e encontrei um carrinho de metal cheio de caixas pesadas. Ele estava posicionado num corredor de frente para uma parede e uma janelinha que levaria até o cano para liberar meu caminho... Mas nem tudo é um mar de flores... Eu não notei na hora, mas parecia que o corpo do *cicatriz* fora arrastado até ali. Um longo rastro de sangue no chão revelara essa teoria. Eu segurei o carrinho e comecei a empurrar até a parede... Porém no meio do caminho, um rangido pode ser ouvido... Eu me dei conta na hora e tentei correr, mas já não havia mais tempo. O chão de madeira do segundo andar estava podre e quando passei por cima com aquele pesado carrinho, ele cedeu...

Eu caí numa outra área da lanchonete, um lugar como se fosse um fliperama mesmo. Mas deixando isso de lado, eu caí sobre uma grande massa de fungos que amorteceu minha queda. Eu rolei por cima dela e assim que fiquei estável novamente no chão, gritei enquanto me erguia “QUE MERDA!”, grito agudo de agonia e desespero com um tom de tristeza e raiva nele, eu estava frustrada... Mas não há nada que já estava ruim que não possa piorar... Ao gritar isso e socar o piso de carpete molhado, eu ouvi um som estranho vindo de minha esquerda. Um som carnosos e nojentos e alguns rangidos, diferentes do de madeira, também podiam ser ouvidos.

Devagar eu ergui meu rosto e avistei uma enorme criatura de joelhos com o corpo de um *cicatriz* em mãos e em sua boca um crânio humano. A criatura tinha pelo menos dois metros de altura, completamente preenchida pelos fungos que formavam uma carapaça rígida (era o que fazia os rangidos), sua cabeça completamente deformada dando espaço apenas para sua boca e nada além disso em seu rosto... O *baiaçu* levantou o rosto simultaneamente a mim e então nos escaramos por um segundo... O monstro então fez seu movimento e se levantou largando o crânio e o outro corpo no chão e partindo em disparada a mim.

Eu ainda estava no chão e não estava preparada para isso. Eu comecei a me arrastar até a parede enquanto procurava algo em minha bolsa que poderia me salvar, até que eu saci um molotov, rapidamente o acendo e o arremessei quando o *baiaçu* já estava prestes a me agarrar,

faíscas voaram em cima de mim, mas não foram suficientes para me atearem fogo. Rolei para o lado enquanto a criatura agonizava em dor e me afastei. Saquei minha escopeta e armei mais um molotov. Eu precisava queimar a carapaça de fungos antes de atirar, seria isso ou cortá-lo com meu canivete... Esperei o fogo parar e arremessei uma bomba de pregos aos pés dele o atordoando por um segundo então atirei nele. Não teve muito efeito, mas a escopeta era a arma com maior poder de fogo que eu tinha. Ele retomou a consciência e partiu para cima de mim novamente, porém interrompido por mais um molotov.

Enquanto ele queimava, eu preparava algumas armadilhas no caminho dele com bombas e minas, mas ele era o *baiacu* mais forte e grande que enfrentara... Eu não acreditava que poderia ganhar... Porém, esse sentimento fora sobreposto pela grande raiva e frustração do momento, eu não tinha chegado até ali simplesmente para desistir de tudo que eu havia passado... Desistir da Dina, do Jesse, do Tommy... Eu não podia fraquejar e nem demonstrar fraqueza...

Eu rodeava a sala em busca de uma melhor maneira de acabar com o infectado, atirava várias vezes nele e até que arremessei meu último molotov... Eu estava sem recursos, já gastara minhas bombas e minha munição estava escassa. Eu não sabia mais o que fazer... Era meu fim, eu pensei. O *baiacu* parou e eu parei junto. Eu larguei minha escopeta no chão e saquei o rifle de caça. Nos olhamos por alguns segundos, ali, tudo seria definido. Eu havia apenas cinco balas. O monstro soltou um alto e assustador rugido e avançou para cima de mim uma última vez. Podia-se ver que ele já estava bem machucado e sangrando, mas em contrapartida ele também sabia quão cansada eu estava... Eu disparei uma vez... Duas... Três... Quatro vezes... Ele parava... Aceitei meu destino, mas não era por isso que iria deixar de dar o quinto e último disparo... Após isso... Ele não parou... Me posicionei instintivamente para trás e acabei encostada numa parede de concreto... Não havia mais tempo para desviar... Fechei os olhos...

Ouvi, então, um barulho seco e depois o chão estremecer... Ao abrir meus olhos, lá estava a grande fera derrubada aos meus pés... Eu nunca tinha me sentido tão aliviada quanto naquele momento... Mas parece que o destino ainda tinha planos para mim...

Não tinha mais forças nas pernas, assim deslizei pela parede até ficar de joelhos, olhei para uma janela da sala e vi a luz cinzenta e algumas gotas de água através dela... Eu estava exausta... Meus olhos se encheram de lágrimas e então eu gritei novamente... Dessa vez era um grito de alívio, ainda desesperado e com frustração... Eu desabei no choro e chorei muito... Liberei tudo que estava sentindo... Tudo que não havia chorado pelo Joel em seu enterro eu chorei naquele momento...

E foi nesse momento que lembrei do porquê eu estava ali. Sequei meus olhos e assumi a postura de séria novamente. Pulei por cima da loja de brindes ainda bem cambaleante e cheguei numa escadaria aos fundos. Ao subi-la, bastou atravessar uma pequena ponte que atravessava todo o restaurante e derrubar o pedaço de metal... A corrente não mais estava emperrada. Desci novamente para o primeiro andar e abri o portão. Liguei o barco e me mandei dali para o novo inferno.

Eu estava de volta na avenida principal, consegui avistar a roda-gigante agora realmente estava grande. Eu estava chegando lá.

Serpenteie mais uma vez contra a forte correnteza. A tempestade só piorava a cada segundo. Num piscar de olhos, tudo começou a ficar mais escuro, raios golpeavam o oceano e mais trovões eram ouvidos, agora bem mais altos e potentes. Eu tangenciava o oceano indo em direção ao, agora visível, aquário quando o motor da lancha parou de funcionar. Eu fiquei desesperada, puxei a cortinha várias vezes até que uma enorme onda me levou. Eu estava em mar aberto apenas a alguns metros de um grande contêiner. Falei a mim mesma “*AH, FODA-SE, EU DOU UM JEITO!*”, então eu comecei a nadar... Mais outras três grandes ondas me acertaram e eu quase me afoguei, entretanto, lá estava eu cambaleando pelo contêiner e tossindo intensamente. “*Meus Deus...*” suspirei.

O que antes era um céu nublado, agora estava possuído por uma fúria indomável com nuvens negras enormes cobrindo completamente o sol. Por mais que estivesse de dia, não estava claro nem quente como de costume e sim frio, úmido, escuro e assustador, nunca esquecendo dos relâmpagos de fundo.

Finalmente eu chegara ao aquário. Eu acreditava fielmente que Abby estaria por lá, assim eu finalmente poderia matá-la e terminar minha missão.

Tentei a porta da frente, mas estava trancada. Dei a volta até avistar uma janela quebrada após um portão quebrado. Descendo por ela, o lugar era escuro e tenebroso, me deu um frio na espinha assim que entrei. Enquanto eu caminhava eu explorava o ambiente, parecia que eles moravam ali já fazia algum tempo. Segui pelos corredores da manutenção e acabei chegando dentro de um tanque cheio de corais e água até a canela.

Subi por uma escada então desci novamente para outra área de manutenção. Cheguei numa sala com a porta trancada, mas assim como fiz no hospital, achei um caminho pela tubulação... Bem, não deu tão certo quanto no hospital, mas cortou um longo caminho. Eu fiz

algumas curvas na tubulação até cair num corredor e um feroz cachorro aparecer e saltar em cima de mim. Era mais um pastor alemão. Ele rosnava e latia tentando me morder, saliva caiu em cima de mim e então, instintivamente, eu saquei meu canivete e o esfaqueei.

Eu cheguei até uma sala redonda com uma mesa de metal no centro para cirurgias e alguns materiais ao lado, inclusive um pano sujo de sangue. Segui adiante e encontrei onde todos dormiam. Tinha cinco sacos de dormir no chão. Peguei em uma das mochilas um pingente de Vaga-lume... Sim, um pingente de Vaga-lume... Depois do pingente do Eugene, eu não esperava encontrar outro... Tinha escrito Owen Moore nele e o seu número de identificação 000428. Só havia mais um caminho a se seguir.

Era um longo corredor cheio de gaiolas e ao fim dele uma porta com um grande desenho de um caranguejo colorido. Ao chegar perto ouvi vozes... Eu não conseguia escutar o que falavam, então tomei coragem e abri a porta. Era uma voz feminina gritando e outra masculina um pouco mais baixa, pareciam estar brigando.

— Se o motor for rápido, a gente chega antes dela! — Falou o homem alto vestido de maneira militar (com uma calça camuflada e uma camisa básica, botas grossas e um cabelo curto cortado).

— NINGUÉM VOLTA DAQUELA ILHA, OWEN! — A figura feminina também com um cabelo curtinho parecendo militar com um casaco de frio grosso e uma calça jeans comum, também usava botas grossas.

— Quantas vezes a Abby arriscou o pescoço por você, Mel? — Lembrei-me das fotos que Dina conseguira e lembrei das duas figuras no dia da morte de... Owen era o *cara* que parou a Abby da tortura que ela estava fazendo e Mel aparentemente apenas olhava.

— Foi escolha dela. Pra lá, eu não vou!

— ENTÃO *TÁ*! — Owen gritou enfurecido. — Volta!

— Vai se foder, Owen... — Mel falou enquanto lágrimas escorregavam de seus olhos.

Nesse momento eu apareci e apontei minha pistola para ambos.

— Mãos pro alto. — Falei e então ambos levantaram. — Cadê a Abby?

— Você... Você é a garota de Jackson. — Owen disse me reconhecendo.

— ME DIZ PARA ONDE ELA FOI! — Falei dando um passo à frente.

— Que garantia você nos dá? — Mel perguntou.

— Se der o que ela quer, a gente já era. — Owen respondeu.

— Vocês podem sair vivos. Eu só quero ela. — Disse com força.

— Mentira. — Owen disse bem calmo.

— Você. Vem cá. — Falei apontando para Mel depois de sacar o mapa. — **VEM CÁ LOGO, PORRA.** — Ela se aproximou calmamente. — Aponta no mapa onde ela está... Depois você. — Apontei para Owen. — Acho bom ser o mesmo lugar.

— *Tá bom...* — Mel assentiu.

— *Tá maluca?* — Owen falou surpreso.

— Ela deve estar morta mesmo! — Meu retrucou.

— Não vale a pena. — Owen começou a se aproximar.

—Para! — Falei.

— A gente pode conve...

— **PARA TRÁS, PORRA!** — Olhei de volta para Mel. — Aponta onde ela *tá*... — Sem resposta, então apontei a arma (que estava mirada em Owen) para Mel. — **VAI LOGO, CARALHO!**

Owen agarrou meu braço tentando tirar a minha arma, mas eu resisti e o soquei no rosto, atirando em seu abdômen logo após. Mel berrou pelo seu nome e tentou me esfaquear pelas costas. Primeiro eu desviei e tentei atirar nela, mas ela segurou meu braço e me desarmou, me jogou contra uma mesa e começou a empurrar a faca contra mim. Eu consegui desviar o golpe dela na mesa e a derrubei, saquei a faca e finquei em seu pescoço... Ela estava morta.

Ouvi alguns gemidos e fui até Owen. Perguntei onde Abby estava, mas ele mal conseguia dizer uma palavra. “Ela... Grá...” foram as suas últimas palavras antes de engasgar-se no próprio sangue. Quando me dei conta do que poderia ser, corri até Mel e abri seu casaco... Mel estava grávida. Um zunido agudo começou a soar enquanto eu perdia o controle dando alguns passos para trás. Coloquei a mão em minha barriga e fiquei um pouco enjoada. Não conseguia ouvir minha própria voz, me agachei e sentei-me no chão. Comecei a escutar uma voz abafada atrás de mim... Uma voz parecida com a de Joel... Me levantei e apontei a arma para Tommy. Jesse chegou pouco depois.

Eu estava tonta e enjoada. Antes de sairmos eu olhei para Mel e os sentimentos de angústia e culpa se espalharam pelo meu corpo. Minha respiração estava ofegante e soltava alguns gritos agudos involuntários, mas Tommy me puxara com força para a saída.

Assim que chegamos, quando eu estava mais calma, deitei-me ao lado de Dina na cama e fiquei lá, descansando apreciando sua beleza que era a única coisa que me acalmava naquele instante... Era saber que ela ainda estava viva...

Confronto: Parte Um

Passamos algumas horas dormindo. Eu me remendei com ajuda de Jesse e Tommy. Não estava tão machucada e traumatizada quanto minha primeira jornada sozinha para o hospital, mas precisei descansar um pouco. Ao acordar, fiquei uns dois minutos observando Dina dormir. Ela parecia muito mais exausta do que eu. Arrumei minhas coisas e me levantei.

Eu estava naquele mesmo quartinho, uma espécie de camarim com um armário grande, um espelho que ocupava uma parede inteira, umas gavetas logo abaixo desse espelho, alguns manequins espalhados, maquiagem jogada à toa e umas lâmpadas acesas para não deixar Dina no escuro. Segui adiante pelo corredor até estar novamente no *backstage* do teatro, muitas, muito mesmo, caixas espalhadas por aí, paredes de papelão altas e grossas, um pouco de vidro quebrado por aí, umas correntes penduradas e muita tralha de cenário jogada ao redor.

Quando estava passando escutei Tommy falando alto.

— *Aê*, vem ver isso.

— O quê? *Cê* tem um plano? — Jesse respondeu preocupado e cabisbaixo.

— *Tava* pensando em atravessar as planícies... Aqui.

— Não vai dar certo. *Tá* tudo coberto de neve.

Eu segui a voz deles e acabei aparecendo em cima do palco, encontrei os dois apoiados nele.

— *Nah*, quando a gente chegar, já vai ter derretido tudo... — Ambos voltaram olhares para mim. Eu estava mal... — Aonde você vai?

— *Ah...* Tomar um ar. — Respondi e depois tomei um pouco de fôlego. — Por que ainda estão acordados?

— Insônia? — Tommy respondeu sarcasticamente.

— Vê isso aqui. — Jesse apontou para um mapa grande de uma região bem maior do que o que nós tínhamos... O que me fez lembrar... Onde está esse mapa? Acho que eu o perdi no meio do caminho... — Pensei em ir *pra* casa via Ellensburg.

— Tomara que dê *pra* chegar em Fall City amanhã. — Tommy falou animado. Permaneci séria olhando o mapa e analisando o caminho que estavam decidindo, mas eu estava realmente pensando... Onde eu deixei aquele mapa? — Ei... Eles mereceram o que aconteceu.

Fiquei alguns segundos em silêncio. — Mas ela ainda está viva.

— É. *Tá* tudo bem?

— ... — Fiquei em silêncio por mais alguns segundos pensando em minha resposta. —

Tem que estar.

Ficou um clima estranho e todos em silêncio. — Não *tô* com a menor vontade de passar de novo por Idaho. — Tommy falou de um jeito brincalhão quebrando o gelo.

— Você devia estar preocupado é com o que Maria vai fazer contigo quando voltar. — Jesse retrucou.

— Já enfrentamos coisa pior. — Tommy falou levantando os ombros. — Mas olha só... Eu estava passando por uma área chique da cidade e vi esse colar. É bem brilhante! Acho que é ouro de verdade.

— Você *acha* que é ouro... — Jesse levantou uma sobrancelha.

— *Haha*, é ouro, sim.

— Deixa eu ver, então.

— Eu sei dizer se é ouro, *tá* bom?

— *Hm*, se for mesmo, a gente pode dividir o presente?

— HA! Vai achar seu próprio presente, garoto. — Tommy falou enquanto andava entre as seções de cadeiras vermelhas-vinho.

Mais alguns longos segundos de silêncio. Me sentei na beira do palco e esperei.

— Como você está? — Jesse perguntou mais sério.

— Bem. — Respondi rápido.

— Ellie.

— *Tô*. Bem. — Suspirei. — Valeu por voltar... *Pra* me ajudar.

— Se um amigo *tá* com problema, eu venho.

— *Pse*, você é um bobão.

— *Hm*, certo. Então eu digo que certos amigos não têm jeito... Melhor?

— Melhor assim.

De repente um barulho abafado e seco foi escutado. Parecia de algo caindo no chão feito de carpete da recepção, mas logo depois um gemido, também abafado, soou. Tommy acabara de gemer de dor.

— Merda! *Vamo*, Jesse!

Corremos em direção a porta dupla no alto do salão de peças do teatro. A porta dupla ficava bem ao lado de um balcão, eu entrei pela direita, onde o balcão estava, mas Jesse veio ao meu lado e assim que abrimos a porta... Um disparo seguido de outro e Jesse caiu no chão... Jesse estava sangrando ao meu lado enquanto eu me escondia atrás do balcão. Tommy também estava ao chão, mas parecia bem... Vivo pelo menos.

Jesse estava com um grande buraco vermelho enchendo o piso ao meu lado... Eu queria chorar... Mas não podia.

— LEVANTA! — Uma voz feminina estridente e grossa ecoou. — *MÃOS PRA CIMA, SENÃO EU ATIRO NELE TAMBÉM!*

— NÃO FAZ ISSO, ELLIE! SAI DAQUI! — Tommy levantou a cabeça e gritou para mim.

— LEVANTA, PORRA! AGORA!

— NÃO SE ATREVA, PORRA!

— CALA ESSA BOCA, DESGRAÇADO! — Então Tommy recebeu um chute fortíssimo no estômago. — Eu estava nervosa, eu não sabia o que fazer. — Eu. Vou. Atirar.

— PARA! PARA! — Eu gritei com as mãos para cima e minha pistola ainda em mãos.

Lá estava Abby. Uma mulher alta de cabelos loiros encharcados pela chuva e preso numa longa trança até suas escápulas, estava usando uma calça jeans preta, uma regata preta e botas grossas marrons. Ela parecia extremamente irritada, seu corpo me dava medo de tão bem definido e grandes seus músculos eram... Sua presença era simplesmente intimidadora. Seus olhos não piscaram por um longo momento, suas sobrancelhas estavam franzidas olhando com um olhar cerrado para cima de mim... Enquanto eu apenas estava ali, de pé com as mãos para cima e um olhar pedindo piedade... Que humilhante...

— Larga a arma. — Abby falou mais calma, mas sua presença não deixava de ser imponente.

— Não... Não... — Tommy gemeu de dor enquanto eu arremessava minha pistola longe.

— Eu... Eu sei por que matou o Joel! — Gritei tentando salvar Tommy... — Ele fez o que fez *pra* me salvar! É por minha causa que não existe cura. Sou eu que você quer. Solta ele...

— Você matou... — Abby parecia se enfurecer mais e mais a cada palavra minha. —
Meus amigos... Deixamos vocês viverem e vocês desperdiçaram! — Ela então ergueu a arma em
minha direção...

Abby

“Para Lev”

Recapitulação

Acordei assustada. Estava suado mesmo nevando lá fora. Por um segundo tinha me esquecido do porquê estava ali. A lareira ainda estava acesa e infelizmente não consegui voltar a dormir... Pelo menos já estava começando a amanhecer. Olhei ao meu redor e vi todos os meus colegas, que vieram comigo nessa busca, dormindo com exceção de Owen... Que estava numa janela observando o branco da floresta coberta de neve. Me levantei e segui em direção à Owen. Ele parecia de pé já fazia algum tempo, estava agasalhado e vestido com as botas de neve e com sua mochila em suas costas. Me aproximei e comecei a falar:

— E aí...

— Oi. — Ele falou calmamente e depois voltou a olhar pela janela. — *Tava* sonhando com o quê?

A casa em que estávamos estava abandonada, mas bem conservada. Era uma casa grande cheia de quartos e grandes painéis de vidro feitos de janelas enormes.

— Eu *tava* falando? — Perguntei confusa.

— *Cê tava...* rangendo os dentes de novo.

— *Ah...* — Olhei para as roupas dele e notei alguns poucos flocos de neve em seu casaco. — Onde você estava?

— Pega suas coisas. Vou te mostrar uma coisa. — Ele falou um pouco mais preocupado.

— O quê?

— Só... Confia.

Saímos da sala de estar, onde todos dormiam, e seguimos até a garagem depois que peguei minhas coisas. Eu estava com um casaco grosso de frio preto, luvas grossas cinzas e um gorro preto, tudo feito de lã. Usava duas calças, uma moletom grossa por baixo e uma com vários bolsos por cima e botas de neve. Saímos pelo portão da garagem tentando não fazer tanto barulho e então começamos a caminhar num frio absurdo de um inverno rigoroso. Passamos por uns pequenos riachos, algumas passagens e fomos subindo por um grande penhasco em que Owen me fez passar por um pequeno pedaço de terra (em que eu quase caí escorregando na neve) até chegarmos num ponto alto do local... Mas, tivemos uma conversa no caminho...

— Que frio... — Foi a primeira coisa que disse quando saímos. — Você não quer mesmo fazer isso quando estiver mais quente?

— *Hmm...* — Ele murmurou fingindo que estava pensando a respeito. — Não. Não dá para esperar.

— E você não quer mesmo só me contar?

— É... — Ele falou meio nervoso. — Você tem que ver.

— O que *cê tá* fazendo andando por aqui sem ninguém?

— *Tô* inquieto.

— Você também?

Ele se calou por alguns passos, mas logo voltou a falar. — Parece que, quanto mais *pro* Sul a gente vai, mais bonito fica.

— Cê quer continuar? Só seguir dirigindo até o México?

— Eu pensei nisso. — Owen parecia estar menos brincalhão ou não tão empolgado como de costume.

— Dava *pra* gente ver a cidade do Manny. — Falei num tom animador.

— É, pode crer! — Ele soltou uma risada rápida. — Acho que não vai fazer jus às histórias dele.

— É, não, acho que não.

Mais um silêncio entre nós dois enquanto caminhávamos. — Você fez todo esse caminho no escuro? — Perguntei enquanto observava o caminho que tínhamos feito, passamos por uns dois troncos de árvores no chão, pulamos uma cerca e seguimos por um lugar sem iluminação alguma em meio a toda essa neve...

— Sim. Agora vamos.

— Se a gente continuar assim, vamos começar a viagem já cansados.

— Não fica muito longe.

— *Aê*, tudo bem com a Mel? — Perguntei sem segundas intenções. — Ela Anda meio esquisita esses dias.

— Ela vai ficar bem. — Ele me falou com tranquilidade.

— Para de ser esquisito, *tá* me assustando.

— Não *tô* sendo esquisito e cuidado no pulo aqui. — Falou enquanto pulava por cima de um riacho.

Ficamos mais alguns segundos em silêncio. — Você vai terminar com a Mel?

— Quê? Não! — Ele respondeu rápido e confuso. — Vai sonhando!

— *Pra* mim já deu, valeu.

Andamos mais um pouco até que chegamos à beira do precipício, literalmente. Só de ver a queda a poucos metros de mim me dava calafrios. Comecei a suar frio de nervosismo. — Como é que é? — Falei assustada enquanto Owen se encostava numa pedra na beirada do abismo para atravessarmos.

— Você vai ficar bem.

— É... Alto demais, Owen...

— Vem!

Começamos a andar lado a lado e enquanto eu passava um tufo de neve se desfez e eu escorreguei. Consegui me encostar na pedra e me manter de pé, porém olhei para a queda a minha frente... Fiquei paralisada de medo e meu coração quase saltou de minha boca...

— Abby! — Owen gritou. — Olha para mim!

Eu apenas conseguia escutar sua voz abafada de fundo enquanto eu respirava pesadamente.

— Abby! — Owen encostou em meu braço e eu retomei a mim. — Para de olhar para baixo. — Ele falou enquanto me segurava e me arrastava pela pedra em que me encostava. — Vamos, você vai ficar bem. — Ele falou me tranquilizando.

— Owen... — Falei quando nos afastamos do abismo. — A gente... A gente tem que voltar por aqui? — Perguntei ofegante.

— Veja como uma oportunidade para encarar seus medos. — Ele falou num tom irônico.

— Que tal eu meter meu pé na sua bunda? — Falei ainda ofegante e com raiva.

— Abby. — Owen parecia que ia falar algo sério, mas sua voz logo voltou ao tom irônico quando continuou. — Para de flertar.

Nos esprememos por duas grandes rochas e depois subimos num montinho e caminhamos a beira de um outro precipício, esse havia bastante espaço para eu ficar afastada, mas isso não me incomodava naquele momento... — É aqui? — Perguntei enquanto observava a paisagem a minha frente.

A vista era incrível. Enormes picos gelados em sequência a quilômetros de distância de nós, pinheiros altos limitavam a visão como a moldura de um quadro destacando o branco da

neve e, o ponto principal, uma enorme cidadã cheia de luzes amareladas e com grandes muros bem mais próxima do que as montanhas no fundo.

— A gente chegou. — Owen respondeu.

— Puta merda... — Falei boquiaberta. — É uma cidade, porra...

— É.

— Contou *pra* mais alguém?

— Queria que você visse antes... — Owen falou com um tom de preocupação. — Vi uma patrulha armada indo da cidade *pra* um posto logo ali. — Então ele apontou na direção de uma grande construção um pouco longe com um grande painel de janelas quadradas iluminados por uma luz amarelada. — Tem mais uns postos entre os dois. — Owen continuou. — Tem eletricidade, armas... E gente *pra* caramba.

— A gente dá um jeito.

— Certo... Se ele tiver mesmo lá... Como a gente chega nele?

— A gente encurrala alguém da patrulha, confirma que ele *tá* lá e, sei lá, dá um jeito de atrair ele *pra* fora. — Falei ansiosa.

— *Ah, tá* beleza, com certeza vão querer contar tudo *pra* gente.

— É só a gente forçar.

— Sério mesmo? — Owen falou desacreditado.

— *Tá*, e o que *cê* quer fazer? — Owen estava relutante, preocupado, diferente do que ele costumava ser. — *Aí*, o que deu em você?

Ele desviou o olhar em direção à cidade, olhou para a neve em seus pés e com uma cara séria e imponente ele disse:

— A *mel tá* grávida.

— *Ah...* — Falei indignada. — *Tá* bom...

— Mas não é só isso.

— Quer meus parabéns?

— Quando o pessoal vir isso aqui, eles vão querer voltar.

— A gente convence eles. Né? — Um silêncio profundo que durou alguns segundos.

Owen não precisava dizer nada, seu rosto já dizia que não concordava em continuarmos nessa busca. — Eu sabia que não dava *pra* contar com você. — Completei enfurecida.

— Abby, eu quero o mesmo que você... — Ele respondeu. — Só não a qualquer custo.

Fiquei em silêncio observando a cidade.

— Ai... — Owen falou tentando encostar em meu ombro.

— Não! — Eu bati em sua mão a afastando.

— Te vejo no alojamento. — Ele falou finalizando a conversa e continuou caminhando pelo mesmo caminho que viemos.

Um milhão de coisas começaram a passar pela minha cabeça, mas todos os meus pensamentos foram sobrepostos por uma palavra.

— Foda-se — Falei enquanto me virava em direção ao posto de controle.

Continuei seguindo um caminho qualquer sempre indo para o posto. Eu estava extremamente ansiosa, não conseguia manter os pensamentos apenas na cabeça então ficava falando algumas frases para mim mesma como “Não dou a mínima...”, “Eu vou fazer tudo sozinha.” e “Ele engravidou a Mel.”. Segui passando por rochas, me esgueirando por árvores e saltando sobre alguns vãos até encontrar um corpo de um infectado. Sabia que aquilo não era bom sinal.

O que era apenas um se tornou dezenas, dezenas de defuntos cobertos de neve. Tentei não pensar muito nisso e torcia para que só houvessem mortos... Bom, minha torcida foi em vão. Eu caí na neve com um grande puxão em meu tornozelo, rapidamente me virei e um *corredor* começou a se erguer de um monte de neve e saltou para cima de mim. Uma luta intensa e no fim eu saí com a vitória, não completamente. Alguns hematomas pelo corpo era o pior dos meus problemas, mais *corredores* vinham em minha direção.

Corri em direção a uma casa e entrei por uma janela estreita. A casa soterrada de neve quase por completo, tive que me rastejar por debaixo da fundação da casa, lugar péssimo para se estar, principalmente com um infectado a sua frente querendo te matar. Rapidamente o matei e pensei em voz alta “Péssima ideia, Abby.”.

Atravessei uma casa com mais alguns infectados e depois notei um monte de carros e caminhões numa rua. A tempestade começava a engrossar e ficar mais pesada. Cada floco de neve que acertava meu rosto naquela velocidade parecia uma agulha gelada. Caminhei um pouco mais desviando de infectados até chegar numa rua com rastros, pegadas de cavalo.

Durante o caminho, um infectado me avistou... Isso era péssimo. Eu não sabia quantos tinham ali, estava completamente perdida e a nevasca não estava ajudando. Eu corri desesperadamente e os *corredores* me acompanhavam destrambelhados atrás de mim. Escorreguei

por uma ladeira congelada, atravessei uma ponte quebrada saltando para o outro lado, andei por um raso lago congelado, saltei por algumas cercas e por fim, comecei a me espremer entre uma cerca uma construção. Os infectados não desistiam. Se acumularam todos na cerca logo a minha frente e começaram a derrubá-la. Um deles conseguiu abrir um pequeno espaço para atravessar e pulou em cima de mim. Eu estava congelando, cansada e desesperada de medo. Eu vi minha vida passando diante dos meus olhos quando de repente uma pistola, ou melhor, um revólver apareceu em minha visão e disparou contra a cabeça do *corredor*.

Depois disso uma pessoa com voz grave gritou:

— Me dá a mão!

Eu agarrei a mão daquela pessoa e consegui levantar.

— A gente vai ter que correr. — Completou o homem de cabelo preto grisalho, assim como sua barba cheia, vestindo um grande casaco marrom claro e luvas pretas.

— TEM MUITOS! — Gritou um segundo homem de casaco azul, cabelos castanhos presos por um rabo de cavalo e uma barba um pouco mais curta.

— Eu te cubro, vai logo! — Gritou o primeiro homem.

— Bora, por aqui! — O de casaco azul tocou em meu braço e correu.

Entramos por um longo corredor de um prédio, mas logo desviamos quando a onda de infectados arrombou a porta dupla à nossa frente. O de casaco azul recuou um pouco e começou a tentar abrir uma porta no meio do corredor enquanto o grisalho arremessava um molotov em cima da manada atrasando-os. Quando todos passamos, tivemos alguns segundos de paz.

— Você *tá* bem? — Perguntou o de casaco marrom.

— *Tô*. — Respondi ofegante.

— De que buraco esses bichos saíram? — Perguntou alto enquanto barricava as janelas de onde estávamos.

— Tanto faz. A questão é: *pra* onde vamos? — Respondeu o de cabelo grisalho.

— Acho que o melhor é sairmos pelos fundos e correremos até a cabana.

— Eu não tenho outro plano. — O de cabelo grisalho concordou. — *Aê, cê tá armada?*

— Sim. — Respondi ainda em choque.

— Tomara que seja boa de mira então. — O de casaco azul respondeu. — Fica perto da gente.

Os infectados começaram a entrar, então corremos para a porta. Chegamos na estação de um teleférico. Avistamos apenas uma saída, uma alta janela aberta. Começamos a empurrar uma gôndola em cima de um carrinho. O de casaco azul empurrava com força até a janela enquanto eu e o de casaco marrom claro o protegíamos. Ficamos assim por alguns longos e desesperadores minutos.

Continuamos correndo desesperados até o que parecia ser um abrigo onde guardavam os cavalos. Quando nos acalmamos por um segundo, o de casaco azul se aproximou e falou:

— Aí, garota! — Falou tentando me acalmar. — Eu sou o Tommy. Ele é o Joel.

Quando ele falou aquele nome, eu paralisei olhando fixamente para Joel por um segundo.

— Qual seu nome? — Ele completou.

— A-Abby.

— Abby, você está bem?

— S-sim.

— A porta não vai aguentar. — Joel falou quando a tábuia que a segurava começou a se partir. — Temos que voltar.

— Vão nos alcançar antes de chegarmos em Jackson! Temos que bloquear a porta! — Tommy falou enquanto se virava para uma outra porta de saída daquele lugar, mas logo recuou quando algo bateu com força na porta.

— Tommy! Não dá *pra* ficar aqui!

— Os cavalos não vão aguentar chegar lá!

— Os meus amigos! — Interrompi a discussão. — Meus amigos estão numa mansão ao norte. Tem cercas. O terreno todo está protegido.

— É a casa dos Baldwin. — Joel reconheceu. — Pode dar certo.

— Beleza, vamos então!

Tommy abriu a porta e rapidamente subimos nos cavalos e nos mandamos dali.

Chegamos no portão e meus amigos já estavam de prontidão. Assim que passamos eles fecharam o portão e começamos a atirar matando os infectados um por um, usando molotovs também, até que o problema fosse resolvido. Eles prenderam os cavalos na garagem.

— Vocês assustaram a gente. — Manny falou preocupado.

— Tudo bem com vocês? — Nora perguntou e todos logo responderam que sim.

— Posso falar com você um minuto? — Owen se aproximou de mim e falou sussurrando.

Fomos até outra sala e ele continuou:

— Você é muito sortuda.

— Você nem imagina. — Concordei.

— Onde você se meteu, porra?! — Owen falou baixo enquanto o resto do pessoal entrava na sala. — E quem são esses caras?

Eu não respondi, deixei que Tommy e Joel conversassem. Todos tomaram um lugar até que eles decidiram se apresentar para meus amigos.

— Eu sou a Mel, aliás. — E ela estendeu a mão.

— Tommy. — Ele apertou a mão de Mel. — Esse é meu irmão.

— Joel. — Joel falou.

Todos ficaram em silêncio e começaram a se preparar nervosamente e se entre olharam.

— Parece até que já ouviram falar da gente. — Joel se questionou.

— É porque já ouviram. — Eu falei e logo após atirei com uma escopeta em sua perna arrancando seu joelho fora.

Nora apagou Tommy enquanto Jordan e Manny o segurava.

Manny e Mike arrastaram Joel até a parede e o seguraram ali.

— Joel Miller... — Eu falei me aproximando do próprio.

— Quem é você? — Ele respondeu com um olhar desprovido de medo.

— Advinha.

Ele olhou para os meus amigos, pensou um pouco e voltou a olhar para mim. — Fala logo o discurso que você preparou e acaba logo com isso. — Ele respondeu num tom ameaçador.

— Faz um torniquete. — Falei para Mel. — Vai!

Ele gemeu de dor enquanto Mel apertava um cinto em sua perna. Eu peguei um taco de golfe e logo voltei a falar com Joel.

— Podem soltar ele. — Ergui o taco de golfe a minha frente continuei. — Seu velho idiota... Seu fim não vai ser rápido.

Então eu o Acertei.

Memórias: Parte Quatro

— Pai? — Eu ouvi uma voz abafada de longe. — Pai! — Depois mais uma vez e tudo se clareou em minha frente. Era tudo bem verde, um sol agradável de início de tarde, tinha várias árvores brancas altas e cheias de folhas, uma estreita trilha feita serpenteava pelo bosque. — Pai! — Mais uma vez essa voz feminina um pouco grave gritou por esse nome. Olhei ao redor e finalmente visualizei uma menina jovem de cabelos loiros presos por uma trança curta que mal passava do pescoço, pele clara, corpo um pouco definido... Usava também uma blusa marrom, uma calça jeans verde musgo e carregava em suas costas uma mochila grande verde com detalhes em marrom claro... Era eu, Abigail “Abby” Anderson, correndo por aquele bosque, porém muito mais jovem... Nesse momento me lembrei daquele lugar. Era uma memória... De quatro anos atrás...

— Pai, qual foi?! — Gritei mais uma vez. — Você tem que parar com isso!

Continuei caminhando até avistar uma construção larga. Olhei ao redor e achei em cima de um banco um panfleto. Era sobre um grande evento que aconteceria num zoológico... Atrás do panfleto um bilhete.

“Abby! Eu queria agradecer de novo! O seu pai está sendo um mentor incrível, me acompanhando na transição pra operações mais complicadas. Não tenho nem palavras pra te agradecer por ter me dado esse voto de confiança. Que tal a gente arranjar uma biritinha e dar a louca?”

Bjs, Mel”

Olhei ao redor e vi algumas bandeiras bem decoradas e coloridas com animais nelas. Caminhei pela trilha lamacenta seguindo algumas pegadas, que acreditava ser do meu pai, as quais me levaram até a entrada do zoológico, porém estava trancada. A outra única “entrada” aberta era a porta do banheiro. Ele era escuro, sujo e fedia... Um guaxinim derrubou uma lata de lixo assim que entrei. A única iluminação que tinha na sala era a e uma janelinha alta aberta... E foi por ela que eu atravessei e cheguei onde depositavam o lixo. O lugar tinha uma pequena cerca verde e era sem saída... Mas eu fui mais esperta que isso. Arrastei uma lata de lixo grande que estava estacionada num canto e a usei para subir no telhado do banheiro. Saltei para cima da guarita da entrada e pulei para dentro do zoológico me espatifando no chão e me sujando inteira de lama.

— Abs?! — Ouvi uma voz masculina suave e tranquilizadora. Pouco depois uma figura com um jeito solto e engraçado apareceu. Tinha cabelos castanhos, pele clara, usava uma camisa cinza clara com um casaco fino verde escuro com as mangas arregaçadas e uma calça jeans comum.

A barba era quase imperceptível. — Hm, hm... Você tá um pouco... Enlameada, meu anjo. — Falou o homem que eu o referia como pai.

— Ué, mas você também. — Respondi.

— Onde? — Ele começou a olhar onde estava sujo.

— Ali! — Eu arremessei um punhado de lama em sua roupa e depois comecei a me levantar. — Quer saber, toda vez que você dá um perdido desse, eu escuto um monte de bosta.

— Ah, fala sério.

— Acredita se quiser, mas o pessoal se preocupa com você.

— Ah, que nada, a mata é segura.

— Pai...

— Abs... Ela tem ficado logo ali, do outro lado daquelas árvores.

— E?

— Vai dar cria qualquer dia. — Ele falou empolgado. — Vamos só ver como ela tá e depois voltamos... — Levantei uma sobrancelha em dúvida. — Eu prometo!

— Ah... Tá, mas tem que ser rápido.

— Viu? Eu tenho a minha garotinha pra me proteger. — Começamos a caminhar no mesmo instante, mas a conversa continuou. — Como soube que eu tava aqui?.. O Owen me dedurou, né?

— Ele... Fez o trabalho dele.

— Eu o fiz jurar segredo... O que você fez pra ele falar?

— Ahn... Eu pedi?

— Ah... Ela deve ter atravessado o parque, vamos.

Seguimos por entre alguns arbustos e depois ficamos em meio à um campo aberto. Achei que fosse o momento perfeito para mostrar a moeda.

— Ei! Olha o que eu achei. — Levantei a moeda em minha mão.

— Nossa! — Ele olhou mais de perto impressionado. — 1978! Essa eu não tenho na minha coleção.

— Pode ficar... — Ele ergueu a mão para tentar pegar, mas eu afastei a moeda na mesma hora. — É só prometer não fazer besteira de novo.

— Fechado! — Entreguei a moeda.

— E por que eu não acredito?

— He he, não consigo nem imaginar. — Ele falou num tom sarcástico enquanto voltava a andar pelo campo.

— Pai!

— Relaxa... Você vai tá com o Owen rapidinho.

— Peraí, quê?

— Nada. — Ele andou um pouco mais rápido e levantou os braços como se eu o tivesse rendido. — É só... Reparei que vocês dois tavam sempre juntos... Mais que o normal.

— Ai, meu Deus... — Coloquei as mãos no meu rosto pouco corado. — Desde quando você sabe?

— Eu sou seu pai! Eu percebo. — Ele falou com um sorriso brincalhão no rosto. — Que nem quando vocês fazem o maior esforço do mundo pra não ficarem se olhando na minha frente. Ficam todos sérios... É bonitinho.

— Não tenho condições.

— E ele faz você rir.

— Hm, hahaha, mas isso é porque ele é muito idiota.

— Eu gosto que ele me trate bem agora. Ele fica todo nervoso quando tem que me manter na linha.

— Então cê tá se aproveitando dele?

— Eu? HA! Jamais. — Caminhamos um pouco mais e entre meio a um parquinho de crianças do zoológico quando ele chamou minha atenção e parou. — Rastros frescos!

Eram pegadas molhadas na lama do que pareciam ser cascos redondos. — Espera... Isso é sua forma besta de me ensinar a ler rastros, né?

— Jamais faria isso. — Ele falou num tom irônico e sorrindo. — Tá funcionando?

— Bom, eu encontrei você, né?

— É, mas você roubou.

— “A gente faz de tudo pra terminar o serviço.” — Falei com um tom de deboche e com as mãos levantadas indicando aspas exageradas.

— Nossa... — Ele fez uma pausa dramática. — Então você presta atenção!

— Tem seus momentos de sabedoria.

— Hehe, com certeza, agora vamos ver se achamos alguma coisa.

Não demorou muito até eu achar um grande pedaço de carne jogado no chão... Acho que era a placenta de algum animal. Tinha sangue ao redor e fedia. — É, pai... Eu achei... Algo...

— Ai, meu Deus... Ela já pariu.

— Eca!

— Olha ali, dois rastros. — Depois um som alto de algum animal soou. — É ela! Vamos!

— Isso não tá com a cara boa...

— Não mesmo, ela tá sofrendo.

Passamos rápido por um portão quebrado depois por cima de uma pequena cerquinha de metal.

— Meu Deus... — Meu pai falou chateado... — Temos de ajudá-la.

Eu passei um pouco depois dele, quando me levantei, minha visão foi preenchida por uma imagem terrível... Uma zebra estava presa entre fios de arame farpado.

— Temos que soltar ela.

Fomos nos aproximando calmamente, mas a zebra estava agitada demais. Meu pai a segurou com força e pediu para eu retirar os arames que estavam enroscados pelo torso do animal. Eu não estava conseguindo, então meu pai me deu um alicate e fomos tentar mais uma vez. Eu estava assustada, não queria machucar o animal e não sabia como fazer aquilo, sem contar que meu pai não dava conta de segurar ela sozinho. Por sorte, Owen apareceu gritando e chamando pelo meu pai.

Owen apareceu com uma calça jeans verde clara, uma camisa azul cinzento e um colete à prova de balas verde com o símbolo do grupo que éramos na época, os Vaga-lumes. Seu cabelo estava cortado no menor corte militar possível.

Owen parecia perdido na situação, mas meu pai logo falou para ele segurar a zebra enquanto eu cortava os fios. Com um pouco de dificuldade nos conseguimos soltar o bicho, que no mesmo instante que foi liberto correu desesperadamente em meio as árvores.

— Puta que pariu! — Owen falou alto assim que ela fugiu. — Tá todo mundo atrás de você, temos que...

— Vamos atrás dela! — Meu pai interrompeu Owen e correu pelo mesmo caminho da zebra.

— Owen, o que tá rolando? — Perguntei.

— Vamo lá! — Owen correu na mesma direção.

Quando finalmente todos paramos, vimos uma cena linda. Uma região coberta por um lindo gramado verdejante, algumas árvores e um grande rio que cortava o campo, vimos também a zebra ensanguentada acariciando sua prole na margem do rio.

— É a gente mandou bem, né! — Meu pai exclamou orgulhoso.

— Jerry... Digo, Doutor... A garota apareceu. — Owen explicou.

— Que garota?

— Aquela que a Marlene sempre fala... Encontraram ela nos túneis com uma marca de mordida no braço, mas nenhum sinal de infecção.

— Não... Não pode ser.

— Já tão fazendo exames, mas você tem que ir lá.

— Certo, certo, vamos, rápido.

Então saímos com pressa da paisagem e ao fundo estava nossa base... O Hospital Saint Mary.

A cena cortou e agora eu me avistei num corredor escuro observando de fininho pela porta entre aberta meu pai falando.

— Tá interligado com o cérebro, não tem outra opção.

— Tem que ter outro jeito. — Ouvi mais alguém na sala, Marlene.

— Não tem jeito de remover o espécime sem destruir o hospedeiro.

— O hospedeiro? Ela é uma menina, não é uma placa de petri.

— Cê acha que não...?! — Ele se interrompeu. — Eu tô ciente da situação.

— E tudo bem matar ela?

— Não, tudo bem pra mim desenvolver uma vacina que vai salvar milhões de vidas.

Quantos Vaga-lumes morreram por muito menos?

— Foi escolha deles. Você tá me pedindo ou me informando que vai se assim?

— Eu tô implorando pra você.

— E se fosse a Abby?

— Olha... Tudo que nós vivemos lutando, todos os sacrifícios, as coisas horrendas...

Tudo isso vai ser justificado nesse instante.

— Se fosse a sua filha, o que você faria?

Antes que ele pudesse responder, eu bati na porta delicadamente e entrei.

— Abby... — *Ele suspirou.*

— *Eu te trouxe a janta. — Falei um pouco chateada.*

— *Ah... Obrigado, meu anjo.*

— *Olha, Marlene... — Meu pai começou a falar comigo ainda na sala.*

— *Vai em frente. — Marlene respondeu segurando as lágrimas e com os lábios tremendo.*

— *Obrigado.*

— *Vou lá contar pro Joel.*

— *Peraí, por quê?*

— *Ele atravessou o país com ela. Ele merece saber. Boa sorte na cirurgia.*

Marlene saiu do quarto e meu pai finalmente pode relaxar.

— *Tomou a decisão certa. — Falei.*

— *É.*

— *Se fosse eu... Ia querer que você fizesse a cirurgia.*

Ele segurou minha mão forte e nervoso. Ambos olhamos para a parede em nossa frente e então a cena mudou novamente.

Eu estava num outro corredor escuro, dessa vez com alarmes tocando e luzes vermelhas de emergência piscando. Olhei ao redor e avistei a sala de cirurgia onde meu pai estava aberta... Eu corri desesperadamente em direção a ela.

Abri a porta vermelha da sala de esterilização bruscamente e depois de passar por umas pias, abri a porta da sala de operações... Owen já estava lá ajoelhado ao lado de um corpo de um médico no chão.

— *Porra, ele ainda tá nesse prédio?*

— *Esse é meu... — Eu não consegui completar a frase.*

— *Abby...*

— *NÃO! — Gritei desacreditada.*

— *Abby, não olha! — Owen se levantou e me segurou.*

— *PAI! PAI! NÃO, PORRA! — Owen me segurou forte, eu já não conseguia ficar de pé, então fui me ajoelhando aos poucos e comecei a chorar... Owen estava me segurando forte quando a cena mudou novamente.*

—Joel, levanta. — Escutei a garota atrás de mim. —Joel, levanta, porra!

Me preparei para levantar o taco novamente e pela última vez.

— Por favor, não faz isso... — A menina gemeu.

Eu vi claramente o imbecil ao chão com a cara esfaqueada e o sangue no chão bem a minha frente... Eu não havia gostado de torturá-lo... Mas eu não podia simplesmente deixá-lo viver... Ele matou meu pai... O homem que traria o mundo antes do surto de volta... Então eu o bati na cabeça uma última vez esmagando seu crânio.

— NÃO! —A voz estridente da garota ecoou por todo o quarto.

Meu grupo todo começou a discutir se matariam ou não os outros dois na sala... O irmão de Joel e o que parecia ser sua filha.

— CHEGA! — Gritei interrompendo a todos. — Tá feito. — Joguei o taco ao chão e então eu acordei...

Dezenove

Dia Comum

— Abby? — Acordei imediatamente muito assustada pelo sonho anterior. Manny estava em pé bem na minha frente. — Opa, calma aí. — Não respondi, apenas suspirei e tentei me acalmar. — *Tá* tudo bem aí, Abs?

— *Tô*, é só... — Não completei a frase. — E, aí?

— *Tô* te procurando há um tempo. Tão procurando a gente. O Isaac quer a gente na base.

— Quê? Sério?

— Infelizmente. Melhor irmos.

— Tem que ser agora?

— *Hm, hm, hm*, sim. — Manny soltou uma risadinha interna. — Vámonos!

— *Tá* bom... — Falei me levantando do lugar que estava deitada ainda meio tonta. — Caralho, meu pescoço...

Estávamos numa biblioteca. Uma bem grande. O ambiente estava escuro pela enorme quantidade de estantes e livros, mas a porta dupla estava aberta e iluminava o local um pouco.

Manny era um homem de origem mexicana, alto, cabelo preto, crespo e grande, porém preso num coque, sua barba não era muito volumosa, mas era bem-feita e era completa, com cavanhaque e bigode. Usava uma camisa verde escura de manga comprida e uma calça jeans bege e uma faca de combate embainhada em sua coxa.

— Aí, valeu por me ceder o quarto ontem à noite. — Manny falou notando meu quase torcicolo.

— *Ah*, de boa. Quem era dessa vez? A menina da cozinha?

— Nada! — Ele falou no seu melhor sotaque mexicano. — A menina do tempo. Ela desceu a montanha.

— *Aaahh*, a cientista. Legal.

— É... Ela é empolgada até demais com esse trabalho... Alugou meu ouvido por causa de uma tempestade e... Sei lá.

— Mas valeu a pena?

— Nossa! Com certeza valeu a pena! — Ele olhou para cima e fechou os olhos fortemente e deu um sorriso enorme. — Posso morrer feliz agora.

— *Pse*, você devia. Nunca vai arranjar alguém melhor que ela.

— *Hahahaha*, sempre penso a mesma coisa... — Saímos da biblioteca e começamos a andar pelo corredor circular, onde no centro ficava a academia. — E cá estamos nós novamente.

Continuamos pelo corredor até chegarmos em seu fim, descemos pela escadaria que ficava lá e seguimos por mais um corredor, dessa vez era a ala infantil. Havia vários desenhos nas paredes, algumas salas de aula, crianças correndo e brincando e alguns pais vendo pela janela seus filhos nas aulas.

Tinha uma mulher na entrada de uma sala de aula fazendo sua turma entrar, Manny a avistou e a cumprimentou com um sorriso e uma piscadela. — Olá, professora Potts.

— Oi, Manny! — Ela falou entusiasmada demorando um pouco mais no “oi”.

— Não acredito, ela também? — Perguntei assim que a porta foi fechada.

— *Humpf*, um cavalheiro nunca conta!

— Nossa... — Então seguimos.

Abrimos mais uma porta dupla e estávamos num grande salão aberto cheio de mesas e pessoas. Havia inúmeros quiosques, cada um com uma função diferente. Estávamos no refeitório.

— Vou lá falar com meu pai. — Manny falou assim que entramos. — Pega comida *pra* gente.

— Certo.

— Ei! Me dê algo bem... — “Pausa dramática”. — Caliente!

— *Humpf*, vai ser o que eu arrumar. — Então ele se virou e saiu.

Eu comecei a explorar o refeitório e acabei passando por Jordan.

— Bom te ver também, Abby. — Ele falou sentado numa mesa jogando no seu PSP com fones de ouvido.

— Caralho, Jordan. Não te vi aí.

— Quer ir com a gente no Serevena?

— O Manny e eu fomos chamados na BAV. Vai fazer o que no Serevena?

— Vão evacuar o hotel e a escola. Pegamos suprimentos e trazemos todo mundo de volta *pra* base.

— É sério?

— Dá *pra* acreditar que a gente vai recuar depois disso tudo?

— Pode não ser bem isso.

- Pelo menos a Leah pode vir mais cedo da estação de TV.
- Tem isso, é... Beleza, vou indo. “Que tua sobrevivência seja longa.”.
- “E rápida sua morte.”.

Esse era o lema da W.L.F. ou *lobos*, como queira. Continuei andando pelo enorme refeitório e acabei encontrando Manny conversando com seu pai. Eles estavam sentados um do lado do outro na ponta de uma mesa longa marrom de escola estadunidense.

— Oi, tudo bem? — Falei querendo apenas dar um alô.

— *Ah...* — Suspirou alegre o Sr. Alvarez — Abby! — Falou enquanto levantava sua mão trêmula lentamente para me cumprimentar.

— Como o senhor está?

— Ótimo! — O Sr. falou tremendo a mão tanto que eu não conseguia pará-la mesmo segurando-a com ambas as minhas mãos. — Abby, quer falar para ele cortar essa coisa?! — Ele levou sua mão devagar até o rosto de Manny e tocou em sua barba.

— *Ah!* Já tentei.

— *Humpf*, tô bonito! — Manny exclamou.

— *Tá* horroroso.

— Bueno, temos que ir andando. — Manny falou para mim.

— Cuida dele. — Sr. Alvarez encostou em mim antes de eu sair.

— Eu prometo! Pelo senhor.

Continuei andando pelo salão cheio de mesas e pessoas até avistar a fila da comida. A fila estava enorme, mas não me incomodei com isso. Cheguei até o fim dela e comecei a falar com a mulher na minha frente.

— O que tão servindo hoje?

— Burrito... De novo... — Ela respondeu meio rabugenta e cabisbaixo.

Abby, o que *tá* fazendo? — Manny me chamou a atenção quando passou por trás da fila inteira. — Ei, tenemos prisa, dame três burritos.

Então as outras pessoas começaram a reclamar. — *Peraí*, cara, tem fila!

— Manny, que porra é essa?

— Espera na fila como todo mundo!

— Pô! *Tô* indo *pro* frente, me dá um desconto. — Manny respondeu a todos.

— Que vergonha... — Comentei a mim mesma. Vi Manny voltando com três burritos.

— Por que você pegou três? Devolve um.

— Calma, não surta, mas a Mel vem com a gente.

— *Tá* de sacanagem...

— Cadê sua mochila? No quarto?

— Por que *cê tá* fazendo isso comigo?

— Porque eu me importo com vocês... E eu cansei dessa besteira toda.

— Ela sabe que eu vou junto?

— Sabe.

— E ela *tá* de boa com isso?

— Sim...

— Por que esse sim parece mais um não?

— É o sotaque. Para de paranoia.

Saímos do refeitório por uma porta dupla de frente à “lanchonete”.

— Eu acho que você curte me deixar desconfortável.

— *Nah*. É uma oportunidade pra vocês duas seguirem em frente.

— A gente mal se falou desde que saímos de Jackson. É pra fingir que não aconteceu nada, por acaso?

— Claro que não. — Manny franziu as sobrancelhas e pressionou os olhos com os dedos. — Vocês precisam conversar.

— Ela queria o Joel morto igual a todo mundo.

— Mas ela não é igual a todo mundo. Ela nunca tinha machucado ninguém daquele jeito.

— Ela mata *cicatrices* o tempo todo.

— Não do jeito que foi com o Joel. Não esquece, nós somos brutos... Ela é médica.

Ela é da família, Abby. Faz isso por mim.

— Vou tentar. — Falei com a boca cheia com o último pedaço do burrito.

— É só isso que eu te peço.

Continuamos em silêncio por um longo corredor até chegarmos no quarto 203, o meu quarto.

— Arruma as coisas, Abby, eu vou pegar a Mel.

— Tá.

— Sorria!

— Não enche.

Meu quarto estava “de cabeça para baixo”. Extremamente bagunçado. Meu quarto era grande, num canto logo a minha direita ficava a cozinha... Entupida de louça para lavar. Seguindo pela mesma parede agora para a esquerda, tínhamos minha tevê, a qual não pegava muitos canais, e depois da porta o meu cantinho para dormir com uma cama, uma estante de cabeceira e um armário (também tudo bagunçado). Seguindo pelo resto do quarto, tínhamos um enorme painel de vidro com cortinas retráteis dando visão a um grande campo de futebol americano (sim, uma de nossas bases era um estádio). Na metade do quarto, entre a porta e o painel de vidro, havia uma divisa com uma pequena cerca e uma escadaria (de uns dois degraus) que levava para um beliche na parede e de frente à ela, a porta de saída para o campo.

Pouco depois de eu ter juntado minha mochila e alguns simples materiais para a viagem, Manny volta para o quarto com Mel ao seu lado.

Mel era a atual namorada de Owen... Ela estava grávida. Ela usava uma calça verde musgo com vários bolsos e um simples suéter vinho largo de mangas compridas. Também carregava sua mochila bege nas costas. Mel era uma pessoa simples e carinhosa, gostava de ser médica e era ótima nisso. Seu cabelo era castanho bem escuro, liso e bem curto penteado para esquerda por mais que um pouco desarrumado. Sua pele era clara com várias marquinhas e sinais, porém o que mais chamava atenção era uma verruga, não tão grande, amarronzada um pouco à direita de seu queixo redondo. Por fim, seus olhos eram pretos e cansados, como se trabalhasse dia e noite por muito tempo...

Eu e Mel acabamos nos desentendendo desde o incidente em Jackson... Parece que eu consegui me desentender com quase todos... Menos o Manny. Eu queria ver Joel sofrer... Vê-lo pagar por tudo que fez não só a mim, mas sim a todos os Vaga-lumes!.. Mas maioria do pessoal não concordava com todo esse sentimento profundo que eu tinha guardado, eles apenas o queriam morto. Enfim... Manny havia chegado com Mel e estava tentando fazer nós duas nos entendermos de novo.

— Pronta para ação? — Manny entrou entusiasmado.

— É, quase pronta. — Respondi num tom normal apenas desviando o olhar sem levantar a cabeça para avistá-los. Eu estava pondo as coisas na bolsa quando finalmente me levantei e fiquei de frente para Mel. — Oi... — Disse um pouco tímida e sem jeito.

— Ei. — Mel respondeu da mesma forma com sua voz bem mais fina que a minha, quase de uma adolescente.

— Ah... Te liberaram para trabalhar?

— Mas custou. — Ela pôs a mão na sua “barrigona”.

— Acho que, se pedir, pode ficar.

— Prefiro não ficar aqui, se puder.

— E o Owen aceita isso? — Me arrependi no mesmo instante de ter dito isso, porém eu estava genuinamente preocupada com o bebê... Eu vou falar um pouco mais da minha história com Owen mais para frente...

— E o que o Owen tem a ver com isso? — Ela perguntou compreendendo minha intenção, então se virou. — Temos que pegar a *Alice* no caminho, vamos. — Então ela saiu andando até a saída.

— Ei... — Manny chegou mais próximo e sussurrou em meu ouvido. — Se esforça mais. — Ele disse num tom irônico.

Ambos soltamos risadas internas e saímos. Tivemos que descer umas boas levas de escadas da arquibancada até chegarmos no campo propriamente dito, porém, já adiantando, vou descrever a visão do campo. A grama era verdejante e estava bem cedo, o Sol mal tinha aparecido no céu e já tinha inúmeras pessoas trabalhando. Conseguíamos viver em sociedade com plantações, casas, escolas entre outros... Não tínhamos um bar ou algo assim para lazer, tudo ali era mais focado em parecer uma base militar.

— Convocaram vocês pra quê? — Manny perguntou um pouco preocupado enquanto descíamos as escadas.

— É só uma ronda, sossega. — Mel respondeu.

— Aí, quando você voltar pode dar uma olhada no meu pai? — Manny se fechou um pouco perdendo sua postura engraçada. — Ele parece... Sei lá... Pior.

— Pior como? — Mel franziu o cenho.

— Bom, ele tem se queixado de uma dor aguda no punho. Mal consegue segurar uma colher.

— Vou ver se consigo uns analgésicos *pra* ele. — Mel respondeu tentando confortar Manny.

— Eu soube que transferiram você e o Owen para a seção 96. — Falei em voz alta mudando de assunto.

— Foi. É bacana lá. — Mel falou tranquilamente. — Tem um monte de famílias.

— Ficando animados... Pro bebê?

— Ver aquela meninada correndo solta... É, *tô*... Me preparando.

— Um monte de bebês chorando... O Owen deve ficar louco. — Manny comentou.

— É... Ele ainda não viu. — Mel falou um pouco mais cabisbaixa. — Ele *tá* na ronda com o Danny.

— Danny? Credo. — Falei. — Que azar o dele.

— É... — Mel falou preocupada.

Notei que já estávamos quase lá quando comecei a escutar latidos dos cães que nós treinávamos para combate. Apesar disso, nós os tratávamos incrivelmente bem, eles mereciam diversão e lazer por lutar uma guerra entre humanos. Mel falou com a mulher que estava no portão cuidando dos cães que saem e entram alertando que sairíamos com *Alice*. Eu fui buscá-la enquanto eles assinavam os papeis. Fiquei arremessando uma bolinha de tênis para *Alice* ir correndo buscar... Ela adorava essa brincadeira e sempre trazia a bolinha de volta.

Alice era uma cadela da raça pastor alemão, seu pelo era dourado com algumas manchas escuras em sua cabeça e nas laterais de sua barriga. Seus dentes eram bem tratados e afiados, suas orelhas peludas, sempre alertas e de pé. Usava também uma coleira preta para acoplar dois cartuchos de munição.

Após sairmos do canil, ficamos em meio a uma estrada de terra, ainda dentro do campo, e logo a minha frente pude ver meio monte de cercados com porcos, vacas, um galinheiro e tinha também uma plantação de cenouras.

Fomos caminhando pela estrada lamacenta (tinha chovido um pouco na noite anterior) até chegarmos no estande de tiro da base, onde estava nosso arsenal e equipamento de combate.

— *Cê tava* com a Jenn ontem à noite? — Mel perguntou curiosa.

— Sim... — Manny respondeu um pouco nervoso.

— Seu cachorro. O que ela *tá* fazendo na cidade?

— Alguma coisa *pro* Isaac. — Manny respondeu mais relaxado. (Isaac irá se revelar mais para frente).

— Deve ser um trabalho muito solitário. — Mel continuou.

— Bom, ela adora. Pergunta *pra* ela sobre as nuvens *cumulus*.

— É, pelo menos dá *pra* ficar longe dos combates.

— É, se essa não for sua praia...

— Acho que eu ia gostar de um sossego. Só cuidar das famílias.

— Ia querer explodir uns *cicatrices*.

— É... Acho que não.

— Eu enlouqueceria...

Pouco antes do estande de tiro, o cuidador das armas era um soldado chamado Pat, ele nos entregou pistolas padrão e um fuzil semiautomático, então seguimos alguns passos adiante e finalmente estávamos de frente para o estande. Uma sala isolada acusticamente com um longo balcão com algumas divisórias e ao longe alguns papeis com a silhueta de uma pessoa e alvos em seu peito e cabeça.

— Queria dar uma aquecida... — Manny falou enquanto eu passava. — E aí, bora fazer uma aposta?

— Quem perder limpa o apê.

— *Hum*, arriscado. — Ele falou enquanto entrávamos. — Mais acertos com o carregador cheio?

— Demorou, cabrón...

Então começamos a atirar... Um por vez. Ele começou e tentou acertar na cabeça do panfleto, eu optei pelo torso, era mais fácil de acertar e dava uma boa quantidade de pontos de fosse certo. Continuamos atirando por alguns segundos até que os cartuchos de ambos ficaram vazios... Contagem de pontos e... Eu ganhei! Por 88 a 83!

— Eu vou pedir essa arma na próxima. — Manny falou num tom sarcástico.

— *Tá*. Eu ganhei foi pela arma. — Retruquei no mesmo tom. — *Ah*, falando nisso, tem uma baita pilha de louça suja.

— *Humpf*, você é cruel...

— *Ah!* E pode dobrar minha roupa também...

Chegamos na garagem (que era logo após) e subimos num carro militar S-24, ele tinha apenas dois lugares na frente e sua caçamba tinha dois bancos pequenos. Manny foi na frente com *Alice* enquanto eu e Mel fomos na caçamba... Ele disse que era para gente “pôr a conversa em dia”...

Finalmente estávamos fora do estádio...

Vinte

Ataque

— Tem dormido esses dias? — Mel perguntou tentando quebrar o gelo de alguns metros.

— Não muito. — Falei tentando não tornar as coisas estranhas.

— Quer que eu pegue alguma coisa na farmácia?

— Relaxa, eu tô bem.

— *Pra* mim é tranquilo...

— É sério, *tá* de boa, só preciso me cansar. *Tô* aceitando umas tarefas a mais.

— Você e o Owen.

— *Ah...* — Disse confusa. — Como assim?

— Nada. — Mel se fechou e voltou seu olhar para a estrada.

Chegamos num grande portão de ferro, um pouco enferrujado, que delimitava a área de nosso controle. Confirmamos para onde estávamos indo e a partir de agora estávamos em terras hostis...

— Ouvi que perdemos um viveiro. — Mel falou esquecendo o último assunto.

— É. — Não queria forçar aquela conversa.

— Tem algum plano de recuperar ele?

— Não, não é prioridade do Isaac. Já *tamo* pescando bastante salmão...

Tivemos um momento de silêncio...

— O que você quis dizer com Owen e eu? — Não tínhamos mais sobre o que falar a não ser aquilo.

— *Er...* Eu não o vejo já faz duas semanas... — Mel explicou preocupada. — Ele está aceitando qualquer tarefa... Ele conversou com você, te contou algo?

— *Ah...* Não, a gente ainda não... Tipo, eu vi ele no refeitório, mas... A gente não *tá* se falando... — Respondi cabisbaixa desviando o olhar. — Jackson mexeu com ele, sabe? Acho melhor não esquen...

Alice começa a latir ferozmente e um projétil atinge o carro enquanto passávamos por debaixo de um viaduto. *Cicatrizes* montados em cavalos começaram a nos perseguir. *Cicatrizes...* Bom, eles são inimigos da W.L.F.... Tipo, estamos em guerra com eles. *Cicatrizes* são uns lunáticos obcecados por uma religião doentia. Usam grandes mantos marrons com capuz, botas de

caminhada, costumam usar muito arcos e flechas além de outras armas de curta distância como grandes marretas. Eles viviam numa ilha próxima a Seattle, porém por algum raio de motivo eles decidiram expandir sua região atacando nossos territórios... Pelo menos era isso até onde eu sabia.

Numa intensa perseguição entre carro e cavalos, num tiroteio constante, desviando dos carros e caminhões na estrada... Estávamos indo bem até um molotov atingir nosso capô. Manny perdeu o controle e então começamos a derrapar saindo da estrada, atravessando uma cerca e finalmente atingindo uma construção grande de paredes amareladas.

Todos nos levantamos rapidamente e corremos para dentro do prédio. Não demorou muito até o carro explodir.

Entramos por um grande e pesado portão cinzento do prédio. Fechamos o portão e tudo escureceu rapidamente. Após ligarmos as lanternas, estávamos no que parecia ser um gigante galpão lotado de caixas em prateleiras de uns quinze metros de altura. Enquanto explorávamos, Manny me alertou sobre alguns materiais que havia encontrado, materiais para construir uma bomba de PVC. Uma bomba de PVC é uma espécie de granada atordoante, porém dependendo da distância que você se encontra, pode arrancar suas pernas. Seguimos por umas persianas translúcidas nos levando para uma nova grande área desse supermercado, parecia ser um grande atacado. Essa região era um pouco mais iluminada por causa da grande abertura que tinha no telhado da construção. Enquanto andávamos pelo mercado, *Alice* começou a rosnar e ficar atenta então de repente gritos de infectados ecoaram por todo o local.

Nos escondemos rapidamente e fomos pegando todos os infectados um por um... Não havia *estaladores* ou *perseguidores*, mas alguns *trôpegos* apareceram... Aproveitamos que não tinham nos percebido, matamos apenas os *corredores* e fomos embora dali... Tentar ir corpo a corpo contra um trôpego era suicídio e não queríamos gastar munição desnecessária.

Não demorou muito para acharmos uma saída, uma janela grande aberta no alto de umas prateleiras, mas eu não disse que conseguimos sair... Eu fui a primeira a tentar alcançar a janela, mas parece que a prateleira não aguentou meu peso e caiu levando todos nós junto. Eu fiquei prensada contra uma pesada tábua de madeira e vigas de metal... Quando tudo havia se aquietado, um *estalador* apareceu e começou a vir em minha direção. Eu sabia que não iria sair dali sozinha, então saquei minha pistola e comecei a atirar, errando todos os cinco disparos no infectado. Por sorte, *Alice* saltou no *estalador* e degolou o pescoço do imbecil... O problema é que

agora estávamos expostos... Mais infectados começaram a aparecer e os *trôpegos* que tínhamos deixado para trás seguiram os sons... Nota mental: não deixe nenhum infectado vivo.

Um sangrento e intenso combate se iniciou, todos abriram fogo contra os infectados que saltavam de todos os esconderijos possíveis naquele lugar. Foi assustador. Após alguns segundos de descanso e silêncio, tratamos das nossas feridas, minhas principalmente, e então seguimos para a área de jardinagem do mercado, e lá finalmente conseguimos sair do mesmo.

Seguimos adiante por mais uma construção abandonada, agora parecia ser uma espécie de fabricadora de barcos? É, também não entendi muito bem o que era o lugar, mas era enorme, tinha um barco pendurado mirado para um enorme portão amarelo de ferro maciço e um monte de peças, ferramentas e alguns pedaços gigantes do casco eu acho? Não importa muito... Chegamos até o portão principal e tentamos abrir, eu comecei a rodar uma manivela hidráulica e o portão logo começou a se mexer. Abri até ter uma passagem alta suficiente para todos passarem. O primeiro foi o Manny seguido de *Alice*, porém, quando Mel estava prestes a passar, a manivela não aguentou a pressão do portão e se quebrou, não consegui manter e o portão se fechou... Manny e *Alice* estavam do outro lado esperando por Mel e eu que estávamos presas juntas... O dia só melhora, não é?

Mel avistou uma passarela bem no alto que levava até a claraboia, uma passagem no teto. Decidimos usá-la para sair dali, então ajudei Mel a subir num lugar mais alto, ela então atravessou uma viga de metal até uma outra plataforma, assim deixando cair uma escada para eu subir. Usamos a escada para fazer uma ponte até o barco suspenso no ar por cabos extremamente fortes, então usamos a mesma escada para chegarmos do outro lado, uma grande plataforma feita por vigas de metal... Já estávamos muito alto nesse ponto, um escorrego e poderia ser fatal... Mel atravessou primeiro e conseguiu escalar por uma corta até a passarela e esperou por mim. Eu não estava nem um pouco confiante... Pus os pés na escada e logo senti a vertigem ao olhar para baixo... Respirei fundo, olhei para frente e segui com maior concentração possível e quando me dei conta estava agarrada à viga de metal após a escada. Saltei para a corda e finalmente cheguei na passarela. Durante esse percurso inteiro, Mel puxou um pouco de conversa...

— Me lembra um pouco o barco do Owen. — Mel falou enquanto explorava o barco suspenso.

— Ele ainda *tá* tentando consertar o troço lá? — Respondi meio desacreditada.

— *Tá*. Mas ele diz que “logo, logo” vai estar pronto.

– “Logo, logo”... – Soltei uma risadinha interna. – Cada um com suas manias.

– Meus cachorros de brinquedo...

– É! – Falei num tom irônico. – E eu com minhas moedas!

Mel riu e então continuamos. Quando atingimos o ponto máximo da altura daquele lugar, estávamos a poucos metros da saída...

– Que... Descida, né? – Falei nervosa, meio tonta enquanto olhava para baixo.

– *Tá* batendo a vertigem aí?

– Quando eu olho *pra* baixo, bate...

– Tenta relaxar um pouco, é logo ali.

Eu ainda não tinha dito, mas eu tenho um medo em particular... A altura... Uma fobia na verdade.

Finalmente estávamos no telhado da construção e eu avistei Manny e *Alice* lá embaixo.

– Olha eles aí. – Falei para Mel. – MANNY! – E então gritei por Manny. – Já vamos descer!

– BELEZA! – Ele respondeu.

– Abyy, olha ali! – Mel apontou enquanto estávamos na beira do telhado. – BAV, doce BAV. Quase lá. – A BAV era um grande prédio um pouco distante com uma grande bandeira em ciano com nosso símbolo, um lobo com as iniciais W, L e F.

– Deve dar para cortar pela ferrovia.

– Quer sair do telhado antes?

Eu havia me esquecido da altura por um segundo e assim que ela me lembrou eu dei um passo para trás.

– Por favor...

– É até difícil de imaginar que você tem medo de alguma coisa.

– Não sou tão corajosa quanto pensa.

– *Ah*, por favor, Abby...

– Eu jamais conseguiria fazer as cirurgias que você faz... Eu ia surtar com a possibilidade de ferrar tudo.

– Você acha que eu também não surto?

– Bom, até onde eu sei, meu pai sempre falava que você era a melhor aluna.

— Falava, é? — Um pequeno brilho apareceu nos olhos de Mel. — Bom... Você sempre falou que ele era um idiota.

Nós duas rimos.

— Vocês demoraram, *heim*? — Manny falou assim que chegamos.

— Tudo bem por aqui?

— Tudo limpo! — Ele falou com seu jeito brincalhão, porém logo perdeu a compostura. — E eu não gosto disso...

— Relaxa, *tamo* quase na BAV.

Começamos a explorar um pouco ao redor e eu acabei achando uma pistola de caça. Uma arma extremamente potente que carrega apenas uma cápsula de munição num formato um pouco diferenciado para abate rápido de suas vítimas.

— Cara... — Manny falou. — Quando voltarmos *pra* casa... Eu vou capotar no sofá... Assistir um filme... E beber até desmaiar.

— *Ah*, é? — Retruquei. — Beber o que?

— E qual filme? — Mel completou.

— Perguntas difíceis! — Manny riu um pouco sem graça. — O filme é aquele... ¿Cómo se llama? Da garota que monta um lobo.

— *Ah*! Eu adoro esse! — Mel fala entusiasmada.

— E para beber? Bom, meu mescal da festa da semana passada.

— *Peraí!* Tá falando do **nosso** mescal?

— Sí, sí, sí... Te guardaré um poco...

— Eu não entendi o que disse, mas não vou deixar você ficar com todo o mescal...

— Bem que queria beber alguma coisa agora... Se eu não estivesse grávida... E no meio do corre...

Todos rimos um pouco e depois continuamos.

O caminho fora bem tranquilo e calmo. Atravessamos os trilhos da ferrovia e logo chegamos num posto de gasolina. Assim que chegamos, um assobio pôde ser ouvido... *Cicatrices*... Não demoraram muito para nos avistar. Uma guerrilha se iniciou. Estávamos cercados dentro da conveniência do posto apenas arremessando bombas de PVC e atirando às cegas. Eram muitos *Cicatrices*, mais do que apenas três pessoas e um cachorro pudessem combater... Conseguimos abater alguns deles, mas à medida que avançavam mais desesperador a situação ficava... Até que a

cavalaria chegou... Dois carros com soldados aliados chegaram atirando e acabando com todos os *Cicatrizes!* Estávamos a salvo.

— CESSAR FOGO! TUDO LIMPO! Tudo limpo, *porra!* — Uma soldado gritou. — Vamos, pessoal! Antes que apareçam mais aberrações por aqui!

— Eu amo vocês! — Gritou Manny — Vou dar o nome de vocês *pros* meus filhos!

— Ainda bem que estavam aqui. — Falei agradecendo e me aproximando da soldado.

— Estávamos passando por perto quando ouvimos os disparos, então viemos verificar.

Andei até a caçamba do carro onde já tinha um recruta com a mão ferida.

— Merda! — Ele gemeu de dor.

— *Porra, cara*, você *tá* bem? — Perguntei.

— Acho que vou... — Pausou por causa da dor. — Sobreviver...

Ajudei Mel a subir no carro e depois Manny. Mel logo se prontificou a ajudar com a mão do recruta. Após isso não demorou muito até chegarmos na BAV em segurança.

Pouco antes de descermos, vi um ferimento nas costas de Mel. Alertei dois feridos e falei antes dela ir embora.

— Ei... *Cê* até que se saiu bem...

Ela soltou um sorriso sem graça e respondeu. — Foi quase um elogio. — Então ela se retirou.

— Foi sangue *pra* caramba, né? — Manny perguntou enquanto afagava *Alice*.

— Ela não devia ter saído. — Respondi preocupada.

— Ela vai ficar bem...

Manny parou para conversar com alguns recrutas. Eles reclamaram que foram chamados há três dias, mas nada aconteceu ainda. Manny explicou que também não sabia de nada e que foi chamado para falar com Isaac.

Assim que entramos vi que havia mais gente que o normal na BAV. BAV é um quartel-general dos *lobos*, aqui era onde fazíamos prisioneiros, passávamos missões e recrutávamos pessoas, porém hoje, mais do que qualquer dia, estava lotado. Havia barracas com pelo menos 10 pessoas em volta planejando inúmeras patrulhas, outras arrumando e verificando os suprimentos e armas, assim como também haviam pessoas apenas lendo um livro ou descansando deitadas num saco de areia...

Enquanto nos direcionávamos para a ala médica procurando por Isaac, Manny começou a conversar.

— Nunca vi tanto movimento aqui.

— Tem alguma coisa rolando. Algo grande.

— Eu não gosto disso...

Seguimos para a ala médica e para ver como Mel estava, a surpresa foi encontrar Nora por lá também.

— E aí, galera? — Mel falou numa voz baixa e cansada.

— Como é que *cê tá*, Melão? — Manny respondeu.

— Ponto e vou estar novinha em folha.

— Vocês precisam ensinar essa menina a relaxar. — Disse Nora preocupada.

— Ei, Mel... Relaxa. — Falei imediatamente.

Mel retrucou com uma piscadela e um símbolo de arminha com a mão. — Pode deixar.

— Olha, eu *tô* precisando de uma força. — Nora falou. — Vocês dois podem me ajudar?

— Claro!

— Não se mexe, viu? — Falei para Mel.

— Vou ficar aqui... — Ela respondeu. — “Relaxando”!

Após perdermos Mel de vista, a conversa mudou um pouco.

— Nora, *tá* conseguindo relaxar também? — Manny perguntou.

— Eu vou *pro* hospital da zona oeste daqui a pouco. — Nora respondeu com a voz exausta. — A ordem é catar tudo.

— E a Mel?

— Os sinais vitais do bebê tão um pouco elevados, mas não *tô* preocupada.

— Alguém devia avisar o Owen... — Falei preocupada. — Ele vai fazer questão de dar apoio.

— Quanto a isso... — Nora suspirou. — Preciso mostrar uma coisa *pra* vocês.

Fomos até uma outra barraca, dessa vez completamente fechada e bem grande... Nela ficavam os sacos pretos que guardavam os mortos...

— *Cara* — Segurei o vômito. *-lho...* Isso é tudo nosso?

— Infelizmente, sim. E não para de chegar mais. — Nora respondeu séria.

Andamos um pouco mais até Nora nos levar para um saco preto em específico.

— Não fala *pra* Mel, *tá?*..

— Nora... Quem *tá* no saco? — Perguntei com o coração começando a acelerar.

Ela abriu o saco e um sentimento de alívio veio a mim... Não era Owen... Porém, logo após um sentimento de tristeza tomou conta de mim... Era Danny.

— Onde está o Owen? — Perguntei numa voz meio chorosa.

— Eu não sei... — Nora respondeu levantando os ombros. — Faz uns dias que viram uns *Cicatrizes* lá na marina... Mandaram o Danny e o Owen fazerem um reconhecimento. E hoje os guardas acharam o Danny jogado perto da cerca do perímetro. Ele andou todo o caminho de volta com uma bala na barriga...

— ;*Cicatrizes* pinches hijos de puta! — Manny exclamou fechando o saco.

— Isaac conversou com ele até ele morrer, mas... — Nora continuou. — Que eu saiba, não tem unidade voltando por ali.

— Mas e o Owen?! — Perguntei com o coração na boca. — Perguntou *pro* Isaac o que rolou?

— É, eu tentei. Mas aí ele me olhou... — Nora assumiu uma expressão com um pouco de ódio. — Daquele jeito escroto e só me disse pra ficar quieta. Ou seja: não abram o bico!

— Owen sabe se cuidar. — Manny falou tentando me confortar. — Aposto que ele está bem.

— Cadê o Isaac? — Perguntei séria e enfurecida. — Eu vou ser discreta, não se preocupe.

— Que eu saiba, ele estava lá no prédio. — Nora respondeu. — Eu vou ver a Mel e... Me contem depois o que desco...

— *Tá*. — Cortei ela e saí rapidamente com Manny.

— Cara... — Manny falou assim que saímos da enfermaria.

— Por que o Isaac não mandou um grupo de busca atrás do Owen?

— Vai ver ele mandou e não falou *pra* Nora.

— Tomara mesmo, *caralho*.

Nos direcionamos rapidamente para o prédio da BAV. O ambiente fora do prédio era cheio de preocupação e dúvidas, porém era claro e animado... Assim que passamos pela porta do prédio tudo isso mudou... O lugar era quase que completamente escuro sendo iluminado apenas

por algumas luzes de emergência azuis (pelo menos eram azuis, se fossem vermelhas seria assustador o lugar). Todas as janelas eram fechadas e trancadas para que nenhum tipo de iluminação entrasse, o lugar cheirava a mofo e quase não tinha gente ali. Seguimos por um corredor estreito com várias salas, sendo as portas dessas salas substituídas por portas de barras de metal como se fossem celas... E dentro dessas celas haviam pessoas... Pessoas completamente despidas, extremamente magras, algumas tremiam de frio e umas sussurravam coisas para si mesmas já enlouquecidas. Uma ou outra olhava para gente com um olhar arregalado como se ali dentro já não tivesse uma alma... Continuamos em silêncio ouvindo apenas os sussurros assustadores até chegarmos na porta de um elevador que ficava 100% do tempo aberto e na sua frente um soldado numa cadeira de plástico. Pouco antes do elevador, havia apenas uma única porta que não era de metal e estava fechada.

— E aí, Abby? — Falou o soldado na frente do elevador.

— Temos que subir. — Retruquei seriamente.

— O Isaac tá aí. — Ele apontou para a porta fechada mais próxima.

— Ah... Sabe se ele vai demora?

— Ele mandou chamar quando vocês chegassem.

O homem se levantou da cadeira e foi em direção à porta fechada. Ele bateu de leve e a abriu... Nós vimos um banheiro todo pichado e sujo, piaas desligadas, espelhos quebrados, boxes sem vasos ou portas, apenas uma luz azul fraca no fundo dentro de um grande barril de ferro. Duas cadeiras ocupadas estavam no centro desse lugar asqueroso, numa delas tinha uma pessoa branca careca, sangrando e se tremendo de dor enquanto estava amarrada em seu assento e na frente dessa pessoa, de costas para nós, estava Isaac sentado na outra cadeira.

— Senhor... — Falou o homem do elevador baixinho e tímido como se estivesse apavorado. — Abby e Manny chegaram.

Isaac então se levanta e vai em direção a pessoa em sua frente com uma faca em mãos, a segura pela mandíbula e o olha nos olhos por um segundo, depois se vira e entrega a faca para o soldado. — Não o deixa dormir. — Falou Isaac numa voz rude e penetrante como se não sentisse remorso sobre o que fazia.

— Sim, senhor. — Respondeu ainda apavorado o soldado.

— Vamos subir. — Falou Isaac finalmente se revelando na luz, falha, do elevador enquanto nós entrávamos logo após.

Isaac era um homem negro, alto com olhos negros e profundos como se já tivesse visto um inferno. Ele tinha cabelos e barba cheios e grisalhos, porém arrumados. Usava um suéter fino de mangas compridas cinza escuro com uma calça preta e botas de aventura também pretas. Sua presença causava uma certa pressão em cima de nós, era algo super impactante e assustadora. Não conseguíamos falar nada a não ser que ele não permitisse.

— Vocês se meteram em confusão? — Ele perguntou enquanto subíamos pelo elevador.

— N-não sofremos nenhuma baixa, só alguns arranhões. — Manny respondeu um pouco gago. Isaac ficava próximo à porta do elevador sem olhar um segundo sequer para trás nos causando mais pressão, como se não valorizasse a gente. — M-mas eles não podem dizer o mesmo. — Completou Manny.

— Queria que sempre fosse assim. — Ele respondeu friamente.

— E-eu nunca vi a base tão cheia.

— Amanhã você verá. Estou esperando uns soldados.

— O-o que tá rolando, chefe? — O elevador parou no último andar.

— Essas escaramuças... Não podem continuar nesse ritmo.

— Certo... — Manny falou em dúvida.

— Podíamos tentar outra trégua... Mas quanto ia demorar até um babaca de lá... Ou do nosso lado estragar a porra toda?! — Isaac levantou um pouco a voz e fechou o punho, mas manteve a compostura. — Não. Tem que ser todos eles. — Ele então abriu uma das cortinas das janelas de sua sala que antes estava completamente escura.

Sua sala era grande como se fosse um escritório particular. Havia algumas estantes pouco decoradas, o chão era feito de madeira escura e as paredes de um bege sujo e desgastado. Também tinha um mapa da região em cima de uma mesa retangular no centro da sala, a qual Manny reparou.

— Senhor... a gente tentou atacar a ilha deles... — Manny começou a falar, mas logo foi cortado por Isaac.

— Não desse jeito. — Ele falou com força e Manny logo se calou. — Não com todo mundo. — Isaac se aproximou da mesa com um mapa onde Manny estava e continuou a explicar. — Vai cair uma tempestade em poucos dias. Vamos usar ela *pra* mascarar nossa chegada e quero que vocês dois... Liderem a primeira leva. Formem seus esquadrões e se preparem.

— Eu quero o Owen. — Falei como se desafiasse o chefe pouco antes dele se retirar.

— Quando é que ele e o Danny voltam?

— Quem contou? A Nora? — Falou Isaac com um olhar cerrado e penetrante em mim. — O povo de Salt Lake não guarda segredo, né?

— O Owen está bem?

— Que eu saiba, sim. — Ele falou e depois pegou uma maçã em sua mesa de escritório.

— E-então... — Falei ainda um pouco nervosa. — Por que não mandou uma equipe de busca?

Isaac rapidamente se levantou e parou em minha frente me olhando intensamente nos olhos e com os punhos fechados quase esmagando a maçã de tanta força. — ELE ATIROU NO DANNY! — Ele se virou se acalmando um pouco e sentou-se em sua mesa. — Parece que fez isso para proteger um... Um *Cicatriz*.

— Mentira. — Falei me arrependendo logo em seguida.

— Como é?

— D-desculpe... O-o Owen não faria isso... — Falei desviando do olhar cerrado e da pressão causada em cima de mim. — Deve ter sido um mal-entendido.

— Acha que o Danny usou o último suspiro *pra* mentir *pra* mim? — Ele se levantou novamente quase perdendo a calma mais uma vez.

— Senhor... — Manny interrompeu. — Se essa história se espalhar, o Owen está morto. Quem encontrar ele vai... Meter bala só por diver...

— Eu sugiro que parem com as fofocas. — Isaac cortou Manny e olhou sério para nós dois.

— Eu vou trazer ele de volta, nós vamos esclarecer isso e...

— Não.

— Você disse que a tempestade é daqui uns dias...

— NÃO! — Ele gritou um “não” ensurdecador me calando como se eu não fosse nada.

— A gente só vai ter uma chance. — Ele se aproximou de mim e falou pausadamente. — Isso é mais importante que a gente e bem mais importante que o Owen. — Ele mordeu a maçã deixando espirrar suco em minha cara. — Se ele aparecer... *ok*, dou o benefício da dúvida. E a gente vai esclarecer isso. — Ele tocou no meu ombro e finalizou. — Preciso de você... Abby.

— Certo... — Respondi apenas obedecendo a pressão do seu olhar ameaçador.

— Ótimo. — Ele me largou e foi em direção ao elevador. — Vão estudar os planos e nomes *pra* escalação. — Ele bateu forte a maçã em cima da mesa antes de sair. — Comam alguma coisa. — E depois sorriu como um psicopata olhando para nós dois. — Mais tarde conversaremos.

Quando ele saiu eu e Manny suspiramos... Parecia que estávamos presos em uma piscina nos afogando enquanto ele estava na sala. Nossa respiração já não estava mais tão pesada. Eu me aproximei da janela aberta e Manny logo falou:

— O Owen não ia matar o Danny por um *Cicatriz*, né?

Não respondi, apenas desviei o olhar e comecei a segurar um de meus dedos... Um sinal de ansiedade.

— O que foi?

Eu virei de costas para Manny sem dizer uma palavra.

— Não, Abby! Não...

— Eu volto de manhã. — Falei rápido e nervosa. — Só me cobre até lá.

— O Isaac vai acabar com você!

— Antes do ataque não. Você ouviu, ele precisa de mim.

— Se o Owen estiver por aí, como é que você vai achar ele?

— Sei *pra* onde ele vai. — Eu olhei para Manny confiante e então olhei para a janela novamente, mais especificamente para uma roda gigante distante.

Memórias: Parte Cinco

Comecei a escutar algumas risadas abafadas bem de longe. Duas vozes familiares. As risadas abafadas começaram a se clarear em minha mente até que tudo fora clareado.

— Para! — Eu gritei... Meu eu de três anos atrás. — Eu vou matar você!

Eu e Owen estávamos numa das cabines de uma roda gigante fora de funcionamento. Owen se pendurava na janela da cabine sem portas e fazia o movimento de um balanço e eu estava agarrada no assento tentando me concentrar em não cair... Enquanto ele ria de mim.

— Que foi? — Ele perguntou ainda risonho e balançando a cabine.

— É sério, para! — Eu gritei com mais seriedade.

— Tá bom. — Ele ainda rindo bastante falou enquanto descia da janela e esperava a cabine parar de se mexer. — Por que você não vem aqui apreciar a vista comigo?

Owen estava usando uma calça preta com vários bolsos, uma regata branca um pouco suada e botas grossas para caminhada. Seu cabelo estava quase que inteiramente raspado ao estilo militar e ele carregava um lindo sorriso no rosto. Além disso, eu podia ver um brilho alegre e feliz em seus olhos... Talvez só eu pudesse ver naquela época...

— É linda. — Falei numa voz falha e nervosa. — Linda vista.

— Ah! Qual é? — Owen falou indignado. — Foi pra isso que chegamos até aqui? Pra você dar pra trás bem na hora “H”?

— Foi! — Falei já branca de medo, tentando me concentrar ao máximo em Owen para não desmaiar. — É, o acordo era subir aqui. Enfim...

— Hm... Tá, eu vou explicar as opções. Você vai sentar sua bunda aqui, bem na beiradinha, — Ele apontou para o encosto do assento, onde ele estava sentado. — ou você pode usar a cadeirinha de criança, — então apontou para o assento propriamente dito. — e apreciar a vista comigo.

— Ah... Não podemos perder o treino. — Falei relutante.

— É sério? — Owen falou desacreditado. — Nem que seja só por essa noite?

— Não.

— A gente pode conversar?

— Tá ficando tarde.

— Tá. — Owen falou meio decepcionado. — Tá bom.

Um segundo de silêncio... Então Owen começou a se mover de volta para a janela e se pendurou.

— Não! — Falei preocupada. — Não faz isso, é alto demais!

Owen começou a rir alto. — Ai meu Deus! — Depois se virou para mim, ainda pendurado, e começou a falar num tom irônico. — Sabe... Acho que eu não consigo mais viver assim, Abby.

— Owen é sério, eu vou terminar com você. Owen...

— Eu sempre amei você! — Ele falou me cortando e se jogando do alto da cabine.

— NÃO! — Eu gritei e corri para a janela que ele pulou e comecei a procurar por ele.

Abaixo de mim havia água, água do mar comum. Nós estávamos num parque de diversões de beira mar americano e a roda gigante ficava na ponta do cais, ou seja, a roda gigante ficava acima do mar. Eu me pendurei na janela assim como ele fez, olhei para o fundo e a vertigem começou a atrapalhar a minha visão. Owen ainda não tinha aparecido no oceano... Eu fechei meus olhos, criei a coragem e saltei gritando como uma criança de cinco anos até que eu aterrissei na água. Quando saí debaixo da água, procurei por Owen enquanto me acalmava quando finalmente ele apareceu atrás de uma das hastes de madeira que segurava o cais.

— Abby! — Ele gritou me procurando.

— Tô aqui embaixo, seu trouxa.

— Você pulou?! E eu perdi? — Ele falou surpreso enquanto nadava até mim.

— Eu... Eu achei que tinha se afogado!

— Oowwwnnn! E você veio me salvar?!

— Não! — Falei envergonhada. — Vim ter certeza que se afogou.

— Ata! — Ele começou a rir. — Ah... Eu achei uma coisa muito legal.

— O que é?

— Acho que você vai ter que me seguir pra ver...

— Owen... — Falei relutante, porém comecei a segui-lo. — Temos que voltar...

— Primeiro vem ver isso!

— Owen!

— Eles vão fazer o que? Expulsar um monte de Vaga-lumes desgarrados que não têm para onde ir?

— Talvez! Não tô a fim de descobrir.

— Só vem logo ver isso aqui. Ah! Respira fundo. — Owen mergulhou.

Eu mergulhei logo em seguida. O mar era escuro, cheio de destroços e algumas algas e plantas aqui e ali. Nada demais para ver, mas foi legal ver alguns peixinhos nadando à toa. Segui Owen por um grande cano grosso e enferrujado que nos levou para um... Um lugar lindo. Estávamos num lugar escuro com grandes painéis de vidro grosso bem decorados com algas, corais e vários peixes, os painéis eram cheios de água também... A luz que azul que refletia da água deixava as coisas mais calmas e tranquilas... Eu estava encantada com tudo aquilo...

— Que lugar é esse? — Perguntei de boquiaberta olhando ao meu redor.

— Eu... Eu não sei. — Owen respondeu encantado com minha reação.

— Você... Você quer continuar?

— Pode apostar. — Owen respondeu com um sorriso grande no rosto.

Mergulhamos novamente e seguimos até chegar numa área que realmente nos levasse à algum lugar. Chegamos num lugar com as paredes todas decoradas com estrelas marinhas, bolhas, algas e bastante vida marinha. Metade do lugar estava alagado, mas dava para andar por um longo corredor. No meio do corredor logo após subirmos a escada para sair da água, havia um tanque redondo cheio de água, porém infelizmente sem nada dentro.

— Que lugar mais doido... — Owen falou ansioso. Era a primeira minha primeira vez aqui, assim como a dele. — Deve ser um daqueles... Zoológicos, só que de peixe.

— Cala a boca. — Eu falei num tom sarcástico e rindo um pouco.

Owen se aproximou de um desenho na parede e comentou. — Saca só esse bichinho. Eu vi essa foca, outro dia. Era toda pintada.

— Foca não tem pinta, é toda marrom.

— São leões-marinhos!

— Não... Você não sabe nada.

— Eu sei o que eu vi, pessoalmente!

Seguimos por uma escadaria que fazia uma curva após caminharmos por um corredor, passamos por vários tanques vazios até chegarmos num portão de metal. Assim que passamos vimos o que parecia ser uma arquibancada com uma grande área no centro aberta para o mar. De frente para os assentos tinha um pequeno “palco” sem chão decorativo, porém o que mais chamou a atenção de Owen fora a lancha branca e azul que encontramos estacionada ali.

— O que é tudo isso? — Perguntei novamente.

— Bom, tá na cara que é um tipo de teatro... Só que de... Peixe. — Ele levantou os ombros.

Owen desceu pelo corrimão “uivando” como um galo até subirmos numa plataforma nos dando acesso ao barco.

— Será que esse barco fazia parte do show? — Perguntei analisando o local.

— Nah, parece que alguém usou isso pra fazer uma doca improvisada, sei lá... Quer dar uma olhada?

— Com certeza. — Respondi animada.

Ao entrarmos na lancha, encontramos alguns papéis rabiscados, fraldas, brinquedos de pelúcia e, o que mais me chamou atenção, roupas de bebê.

— Tem roupas de criança aqui... — Falei com um leve sorriso no rosto. — Aposto que tinha uma família.

— Olhas esses desenhos. — Owen começou a analisá-los sentando numa mesinha.

Em um dos desenhos, tinha 4 pessoas bem mal desenhadas e um cachorro, sendo 2 crianças e dois adultos... — O que aconteceu com eles? — Perguntei para mim mesma.

— Será que viraram lobos?

— É, ou foram mortos por Cicatrizes.

— Quanto otimismo...

Passamos mais alguns segundos dentro do barco até finalmente sairmos.

— Quer ver o resto do zoológico de peixe? — Owen perguntou.

— Acha que tem mais coisa para ver?

— Claro! Vamos!

Andamos um pouco e achamos mais uma porta dupla azul, a qual nos levava para mais um longo corredor escuro e assustador. Seguimos por ele e logo ficou iluminado pela luz que refletia na água no enorme tanque que rodeava nossas cabeças em um arco e assim foi até nos impressionarmos com o lugar novamente.

No fim do túnel havia um portão meio aberto e ao passarmos a luz do sol ofuscou nossos olhos. Quando finalmente nos acostumamos com a luminosidade, podemos ver o que parecia ser o hall principal do aquário, lugar enorme com mais tanques nas paredes, escadarias levando para o segundo andar, paredes decoradas, alguns peixes pendurados por longas hastes no teto, porém o melhor de tudo eram as gigantescas baleias erguidas no ar por finas hastes de metal,

tudo isso coberto com uma pitada de verde dos musgos e líquens que cresciam em toda parte...

Realmente era uma visão encantadora...

Passei por uma estátua de uma foca feita de bronze maciça enquanto Owen olhava o tanque lotado de peixes no chão.

— Será que esse vidro é grosso? — Ele perguntou dando algumas batidinhas no chão.

— Cara, é um tanque no chão! — Falei com extrema alegria. — Que maneiro!

— É... Imagina só esse lugar cheio de gente... — Owen falou num tom um pouco melancólico. — Crianças rindo e correndo por aí.

— Humpf, meu pai ia amar isso aqui.

— É mesmo, ele ficaria maluco.

— É...

Continuamos andando. Encontrei uma foto de um monte de mulheres juntas atrás de um leão-marinho (não sei se ele era real ou não) e atrás da foto dizia “Melhor viagem de todas! Despedida de solteira da Penny! 2013!”. Senti que depois do surto, o tempo parou em 2013... E como eu queria ter parado naquele tempo também.

Owen subiu em cima de uma cadeira na frente de um monitor onde deveria ser o atendimento ao cliente, imagino eu, e depois subiu no balcão dizendo:

— E EU DECLARO ESSE LUGAR COMO MEU REINO! — Ele gritou. — Você pode visitar.

— Ah, sério? — Respondi num tom irônico.

— Na verdade, não. — Owen retribuiu. — Vou ver se tá merecendo primeiro.

— Huummm... Você é um escroto.

— Já começamos mal. — Ele disse rindo logo em seguida.

Rondando o local, acabei achando um desenho numa parede de uma família feliz.

— Será que é da mesma família do barco?

— É o que parece.

Owen e eu nos distanciamos do desenho e começamos a subir as escadas.

— A gente tem que trazer o resto do pessoal pra cá. — Owen falou enquanto andava na minha frente.

— Isso, fazer todos quebrarem as regras.

— Acha que não vale a pena?

— *Vamos ver o rolo que vai dar quando a gente voltar.*

— *RÁ! Você adorou esse lugar.*

— *Cala a boca... — Falei tímida.*

— *Mas e aí? Será que rola um “Owen, você estava certo. Valeu por me arrastar pra esse lugar incrível!”?*

— *Vou pensar no seu caso.*

— *Tá valendo. — Ele falou cochichando alto.*

Chegamos numa sala grande cheia de sofás com travesseiros e cobertores, uma mesa cheia de comida estragada, uns ventiladores, freezers, canecas e uns porta-retratos quebrados... Porém achamos também o cadáver já esquelético sentado numa poltrona e algumas notas...

“Acho louvável que você respeite tanto o seu pai, mas você não pode negar que ele esteja tentando te controlar. Ele faz você sentir que ainda é uma criança porque ele mesmo tem medo de agir como homem. Você merece fazer parte de uma comunidade que valorize um espírito forte como o seu. E o Max, mais ainda. Ele é muito sugestionável... Se você gosta mesmo do seu irmão, tem que tirá-lo logo desse lugar antes que ele assimile as fraquezas do seu pai.

Em cinco dias, vamos passar outra vez pelo seu aquário. Se quiser se juntar a nós, acenda uma tocha na doca e nós vamos parar lá perto.

Que ela te guie.”

E uma segunda nota na mão de esqueleto da poltrona.

“Pai,

Eu vou levar o Max embora daqui. Ele não pode passar a vida trancafiado nesse prédio caindo aos pedaços. Assim ele só vai herdar as suas fraquezas. Quando os soldados mataram a mamãe, você ficou paralisado, feito um covarde. Que exemplo é esse? Era para você ter ficado nervoso. Era para ter feito eles sofrerem mais do que ela sofreu.

Eu quero que o Max veja gente que está disposta a lutar pelo que quer. Gente que está disposta a fazer alguma coisa da vida. O mundo é cruel. Cabe a nós mudá-lo. ‘Só na fraqueza alcanço a minha força genuína.’ Talvez a gente volte algum dia. Se isso acontecer, tomara que não esteja mais só sentado naquela bosta de cadeira.”

Bom, ele continuou na cadeira, esperando pelos filhos...

— *Os filhos fugiram para virar Cicatrizes... — Falei após ler a carta.*

— *Nossa. Hum... Olhando pelo lado bom, a gente achou as chaves.*

– Qual seu problema?

– É um esqueleto, ele não vai precisar delas!

– Não entendo por que alguém resolve entrar pros Cicatrizes.

– Por que não?

– Porque é uma seita maluca, só isso.

– Nas quarentenas, chamavam os Vaga-lumes de terroristas... Fanáticos.

– Era ingenuidade, não era... Fanatismo.

– Nós explodimos postos de controles e matamos soldados.

– É... É diferente.

– Só tô falando...

– Não fala essas merdas no estádio, tá legal?

– Tá bom, tá bom, vem logo.

Descemos as escadas novamente e achamos uma porta trancada.

– Quer tentar as chaves? – Falei já não mais tão feliz.

– Ô se quero. – Ele falou se aproximando e no mesmo tom que eu. – Essa aqui?

Não... Que tal, essa aqui? Aê, consegui.

Na porta dizia bem grande “Lugar do Max”. Parecia uma conveniência transformada num quarto de criança com desenhos da própria criança por todas as paredes. Achamos dois elevadores quebrados, apenas o vão deles. Owen me fez descer por alturas enormes mais uma vez...

– Olha isso! – Owen falou tentando me animar. – Adoraria encontrar esse garoto.

– Tipo... Ele é um Cicatriz. – Falei enquanto caminhávamos por mais um corredor escuro iluminado pela luz refletida de mais tanques cheios de água, porém vazios de vida. – Talvez já tenha encontrado...

– Ah, nossa, tomara que não... – Owen andou um pouco e encontramos um monte de caixas empilhadas formando um castelo que impedia nossa passagem. – Forte dos bons, Max. Excelente trabalho. – Ele logo abriu uma pequena portinhola. – Nossa! Vem cá, Abby!

Eu logo o acompanhei e eu fiquei sem fôlego. Entramos num lugar inteiramente feito de vidro submerso no oceano, um observatório. O lugar era completamente vazio, apenas preenchido por nós dois. Me aproximei do vidro e avistei uma foca que também se aproximou.

– Tá vendo? – Owen falou. – Eu disse que eram pintadinhas.

– É...

A foca logo se afastou e diante daquela vasta imensidão profunda do oceano, Owen e eu olhamos um para o outro e nos beijamos... Ficamos ali alguns segundos, mas algo me fez parar...

— Que foi? Quer que eu vá mais devagar? — Owen falou tentando me confortar. — É isso aqui, não é? — Owen apontou para sua camisa e para si mesmo ao mesmo tempo. — Você tá com nojo. — Por incrível que pareça, Owen abriu um sorriso reconfortante para mim. — Fica de boa.

— Desculpa. — Era a única coisa que eu conseguia pensar em falar.

— Não pede desculpa. Fala comigo. — Owen falou numa voz baixa, calma e relaxante e se aproximou de mim.

— Eu sei que a gente não tem mais nenhuma pista... — Resolvi por para fora. — Mas o Joel ainda tá por aí!

— Eu sei. — Owen falou depois de fechar a cara e andar lentamente para longe. — O que eu posso fazer?

— Vamo voltar. — Falei com uma cara implorando por perdão pela conversa. — Ainda dá pra treinar.

— Poder ir. — Owen olhou para mim e sorriu, mas não um sorriso com um olhar desapontado, mas como se ele estivesse precisando estar só.

— Tá, mas e você?

— Eu vou ficar com as focas mais um pouco. — Nós nos viramos e ele se encostou no vidro.

— Desculpa. — Eu falei quando estava na saída.

— Eu já te disse... Não pede desculpa.

Então eu fui embora...

Tudo ficou preto de novo e novamente tive a visão ofuscada. Quando me dei conta estava observando o pôr do sol no horizonte em cima de um prédio com Manny ao meu lado.

Caminho para o Passado

— E se o Owen tiver em outro lugar? — Manny perguntou relutante enquanto observávamos uma linda vista da cidade nublada com o sol amarelado se pondo próximo à roda gigante, o meu objetivo.

— Ele está lá. — Falei determinada e com firmeza.

— Certo, *vamo* sair do telhado antes alguém veja a gente. — Começamos a andar e descer por uma abertura pelo prédio que Manny sugeriu como caminho.

— Eu posso te convencer a mudar de ideia? — Ele perguntou esperançosamente.

— Não. — Falei seca. — A gente não sabe o que aconteceu. Preciso achar ele.

— Sabe... Se ele tiver matado o Danny...

— Foda-se o Danny!.. Tenho inveja do Owen, que atirou nele antes de mim...

— Cacete, Abby.

— Foi mal... Mas valeu por me ajudar a sair daquele jeito.

— Como *cê* vai pro aquário? Estrada?

— Não tem como. Patrulhas demais, iam me ver, certeza...

— Então como?

— Eu me viro. O aquário fica a oeste daqui... Só seguir o sol, não é isso?

— Eu vou com você.

— Manny, eu já fiz isso antes.

— Nem tem como, muito *Cicatriz* na área.

— Manny... Por favor.

— Beleza, *cê* quem sabe...

— Sabia que alguém ocupava esse apê? — Falei enquanto passávamos pelo último andar.

— Vamos logo... — Manny respondeu seco.

No último andar do prédio que descíamos, eu parei para dar uma olhada, já começando a jornada. Manny ficava tentando me apressar até que eu finalmente encontrei uma... Carta...

“Meu namorado, meu amor. Quando estou com você, o resto do mundo desaparece. Quero sentir outra vez a sua língua quente roçando na minha. Quero sentir você soprando no meu

cangote, sussurrando espanhol no meu ouvido. Quero te moldar como argila, te aquecer no meu forno até você endurecer.

E mesmo que eu é que te cavalgue como um garanhão, prendendo os seus pulsos com força, não dá pra te controlar. Ainda mais quando você mordisca meu pescoço, quando seus dedos exploram meu corpo, dentro de mim...”

De repente Manny arranca o papel de minha mão me impedindo de ler o resto.

— Aê! É pessoal. — Ele falou enquanto guardava a folha no bolso.

— Ai meu Deus... — Falei rindo. — Essa casa aqui é sua? Quantos motéis você tem nessa quarentena?

— ¿Qué? Perdón. No Hablo inglês...

Descemos até o térreo do prédio, Manny completamente em silêncio enquanto eu ria da vergonha dele.

— Ei... — Falei depois de alguns segundos voltando para a postura séria da Abby.

— Valeu... Você é um ótimo amigo...

— Ei, Abs... Sabe que eu não gosto de coisas emotivas.

— Ainda assim...

— Beleza, parece limpo. — Manny falou enquanto olhava através do portão. — Bora!

Manny flexionou os joelhos, se encostou no portão e juntou as mãos, coloquei o pé nas mãos juntas dele e ele me impulsionou para atravessar o portão.

— Beleza... — Falei do outro lado do portão. — Me deseja sorte!

— Quando achar ele... — Manny falou com um sorriso no rosto. — Não bate muito forte, ok?

— Eu vou tentar!

Depois demos um soco com as mãos e ambos demos as costas um para o outro.

— Certo, só seguir o pôr do sol. — Falei a mim mesma.

Eu me encontrava num pequeno trecho de rua fechada em ambos os lados por carros, árvores e vegetação, havia muita vegetação aqui, bastante grama alta e musgos crescendo em todo canto. Seguindo o pôr do sol me levou a atravessar a rua e entrar num beco e não demorou muito até escutar tiros de muito longe. Comecei a sentir um cheiro extremamente desagradável de algo podre, foi aí que eu achei um cadáver de um *Cicatriz* no chão com uma carta e um tiro na cabeça. A carta dizia que ele estava feliz em morrer precocemente sabendo que fez sua parte na

“restauração da pureza no mundo”, além disso, ele morreu fugindo de um grupo de “demônios”, como eles chamam os infectados.

Tive que atravessar algumas casas antes de atravessar mais uma rua tomada por verde, subi num grande caminhão e entrei por uma janela de uma loja chinesa. O local estava péssimo, tudo quebrado e destroçado... Tive que me espremer por um caminho apertado para conseguir prosseguir, mas logo fui interrompida quando um *estalador* entrou no caminho do nada quase me matando de susto.

Comecei a me arrastar voltando todo o meu caminho. A sensação era desesperadora, um infectado sedento atrás de você e você não tem espaço suficiente para pegar qualquer um de suas armas. Os estalos altos e finos no meu ouvido e as batidas dos dentes tentando me alcançar. Eu conseguir sair do caminho estreito, o *estalador* logo depois e saltou em cima de mim. A criatura com sua pele encouraçada por fungos nojentos e ásperos relando em minha pele, sua cabeça enorme e pesada que eu segurava para não me matar era assustadora... Conseguir sacar minha arma mais recente, a pistola de caça e com um tiro só a bala atravessou e estourou toda a proteção que o *estalador* tinha em sua cabeça.

“Já começamos bem.” pensei imediatamente. Voltei ao caminho estreito e rezei para nada mais me atacar, o que, por incrível que pareça, aconteceu, nada me atacou. Usei o apartamento que subi para pular por um vão e me arrastar até um novo beco. Encontrei uma enorme gravura de uma mulher com “Que ela te guie” escrito numa das paredes do beco. Entrei em mais uma construção cheia de infectados, porém todos eles foram alarmados por uns caminhões que passaram na rua assim que entrei. Passei por todos eles sorrateiramente. Esse último lugar era espaçoso, parecia um hotel abandonado, então foi bem tranquilo atravessar sem nenhum infectado ver.

Ao atravessar o hotel, adivinha? Mais um beco! Dessa vez era um beco mais longo e ele não tinha saída. Tive que entrar em uma das lojas desse lugar. A que eu entrei e usei para dar a volta no muro em direção à rua fora uma loja de cerâmica. Não sei se é assim que chamam esse lugar, mas parece que vendia peças de decoração feitas de... Bom, cerâmica. Enquanto passava pelo local, tive que abater mais alguns infectados que apareciam em pequenos grupos. Matei dois *estaladores* no andar de cima da loja e mais dois *corredores* quando descí. Atrás do balcão da caixa registradora, algo incrível... Uma escopeta de cano duplo e um pouco de munição... Aquilo era de extrema importância para mim, eu só tinha duas pistolas diferentes e um rifle semiautomático...

Me assegurei de ter algo sempre em mãos para não ter que gastar tanta munição... Andei sempre com um pedaço de madeira, um taco, um cano... Alguma coisa para não ter as mãos limpas.

Ceguei num lugar que reconheci como “Portão da Mártir”. Um lugar onde selamos a primeira trégua entre *lobos* e *cicatrices*. A trégua já havia acabado a muito tempo, mas eles continuavam a voltar aqui prestar homenagem aquela mulher que eles seguem, a chamada profetisa...

Rodei nesse lugar por bastante tempo, diria que por mais ou menos uma hora. Descansei um pouco, já estava de saco cheio do local, até que eu avistei uma passagem simples pelo portão... Eu fiquei extremamente furiosa quando passei...

Assim que desci do portão escutei *cicatrices* matando um *estalador* e vasculhando a área. Eu me deitei no chão imediatamente e tentei me camuflar em meio a grama alta. Logo após o portão havia um segundo mais fino feito de barras com pouco espaçamento entre elas. O segundo portão estava quebrado e eu consegui me rastejar pela abertura.

Os *cicatrices* ficavam parafraseando provérbios da “profetisa”, a quem eles seguiam, coisas do tipo:

— Quanto livro. — Disse um *cicatriz* adentrando uma livraria. — Quanto pensamento desperdiçado.

— Você nunca teve a curiosidade de ler algo de antes do cataclismo? — Perguntou uma segunda *cicatriz* que o acompanhava.

— Não. — Respondeu seco. — E você devia lembrar do que aconteceu com o Noé quando pegaram ele com um dos livros...

— Talvez desse *pra* gente aprender com os erros deles.

— “Melhor continuar escrevendo os nossos. Quer aprender com os erros deles? É só olhar em volta.”. — O primeiro *cicatriz* recitou.

— Sei. Sábias palavras. — Falou num tom triste ou chateada.

— Palavras da profetisa. Que elas no guie.

— É... Que ela nos guie.

Tentei atravessar esse conjunto de prédios sem chamar atenção. Até consegui no início enquanto estava na rua, mas minha saída estava bloqueada por um posto de controle abandonado, então decidi subir por um dos prédios e atravessá-lo... Bom, péssima ideia. O prédio estava lotado de *cicatrices* muito bem armados. O primeiro andar havia apenas um deles, o qual

abati rapidamente, entretanto ele ficava de ronda nas janelas do prédio, logo notaram a falta de um de seus colegas. Muitos começaram a aparecer e vasculhar o local. Avistei a minha saída, subindo as escadas do prédio. O prédio era grande e estava com parte do primeiro andar bem acabado, faltando uma das paredes. Parecia ser um prédio comercial cheio de cubículos, mesas e poucas salas.

Eles me pressionaram até eu não aguentar mais. Estava cercada, mas eles não tinham me encontrado ainda, era questão de tempo... Suspirei, depois respirei fundo criando coragem para o que eu estava preste a fazer. Acendi um granada de PVC e arremessei no meio da sala distraindo a todos. A bomba explodiu e eu senti o piso começar a tremer, imediatamente corri em direção ao corredor e arrombei a porta da escadaria. Todos começaram a atirar em cima de mim, mas a fumaça da bomba e da poeira no ar impediu que me acertassem.

Fechei a porta da escada e comecei a ouvir o piso daquele andar desabar e os gritos de desespero deles ecoou pelo prédio. Me agarrei no corrimão e torci para que nada caísse em minha cabeça. Após alguns segundos o prédio se estabilizou novamente.

Caminhei pela escada até achar uma abertura debaixo de um monte de escombros. Finalmente pude descansar num posto de controle vazio dos *cicatrizes*. Ali tinha alguns suprimentos e eu pude verificar o estado de minhas armas com algumas peças que ali tinham. Não demorei muito para sair dali. Eu estava num novo prédio e dessa vez comecei a descê-lo. Havia mais um monte de *cicatrizes* espalhados por todo o lugar, mas não foi difícil atravessá-los.

Finalmente tinha chegado na base do prédio quando de nada uma mulher com o dobro do meu tamanho (olhe que eu sou bem grande...) pulou em cima de mim com uma marreta que chegava em minha cintura. Consegui me livrar dela com um pouco de dificuldade, mas a brutamontes era muito resistente dando tempo para outros *cicatrizes* normais chegarem e me segurarem. Tentei escapar de todas as formas possíveis, mas não obtive sucesso. Uma nova figura apareceu com um simples martelo. A figura estava encapuzada com um manto preto invés de marrom como era de costume dos *cicatrizes*. A figura se aproximava lentamente e aquilo me dava calafrios... Finalmente ela me alcançou e me acertou na cabeça com o cabo do martelo, então tudo ficou preto.

Memórias: Parte Seis

Minha visão se abriu novamente. Avistei a roda gigante, agora mais perto do que nunca. Vi alguns carros soterrados de neve e vi as paredes sujas, pintadas com um azul desbotado do aquário que eu queria alcançar. Então, avistei a mim mesma me aproximando da porta dupla principal. Eu já estava treinada, usava os mesmos casacos de quando fui até Jackson, mas algo estava diferente em mim, talvez fosse a feição de raiva constante em meu rosto ou a dor sentimental que essa feição escondia.

Eu me aproximei da porta e chamei por Owen, que não respondeu. Eu bati forte na porta e gritei seu nome, até que finalmente ele apareceu. Havia quatro meses que eu não estivera no aquário, bom desde o dia que Owen e eu nos desentendemos lá...

— Oi. — Falei meio sem graça com um sorriso tímido desviando o olhar.

— Ei. — Owen respondeu suavemente e tranquilo, até um pouco animado. — Tá tudo bem?

— Tá. — Falei com uma risada nervosa. Fiquei alguns segundos parada sofrendo um pouco com o frio, já Owen vestia um simples moletom verde musgo com uma camisa preta e calças jeans surradas e tênis batidos de caminhada. Ele deixou de lado o corte militar deixando o cabelo crescer assim como sua barba. — Hora ruim? — Perguntei.

— Não, não... — Ele falou enquanto abria a porta e estendia o braço no ar para eu entrar.

O lugar estava totalmente diferente do que eu lembrava. Entrei pela entrada da recepção do aquário, lugar onde eu e Owen mais nos encantamos (baleias gigantes suspensas, focas, tanque no chão... Se não lembra, releia o capítulo vinte e um). Havia globos luminosos chineses decorando todo o lugar e o sentimento de estar encantada com aquilo tudo voltou a mim.

— E aí? Qual a boa? — Owen perguntou enquanto andávamos pelo tanque até o balcão circular de recepcionista no meio da sala. — Deram ordens?

— Algo assim... — Respondi olhando para toda a nova decoração.

— Algo assim... — Owen falou franzindo o cenho em dúvida. — Quer saber, aqueça aí... — Ele falou assumindo uma postura muito mais livre e tranquila. — Que tal a gente adiar essa conversa do Isaac um pouquinho?

— Owen...

— Quando foi a sua última vez aqui? — Ele perguntou me ignorando. — Dá uma olhada. Saca só esse lugar. — Ele falou sentado no balcão, erguendo os braços para cima e com um grande sorriso no rosto.

O local inteiro estava mudado. Os desenhos de crianças que antes tinha foram cobertos por paisagens, as plantas e vegetação que antes ficavam por toda parte haviam sumido, agora tinha alguns balcões ou quiosques por aí à toa guardando coisas e uma fogueira logo atrás do balcão em que ele se sentava.

— Que negócio é esse? — Falei rindo nervosamente e dando uma olhada geral pelo local.

— Cê sabe... Arranquei umas plantas, dei uma pintadinha...

— A Alice tá aí? — Perguntei quando avistei uma cama de cachorro com alguns brinquedos em cima.

— Tá com a Mel.

— Tudo bem com vocês? — Perguntei enquanto espremia o brinquedo barulhento de Alice, uma hulinha roxa que ao apertar fazia um barulho agudo e alto e saltava os olhos para fora.

— O namoro vai bem?

— Ah, bem... No geral, sim. Quer dizer... — Ele começou a ficar um pouco mais ansioso e sem graça. — Ela é um doce de pessoa.

— Que alívio depois de mim. — Continuí a apertar o brinquedo, mas não expressei nenhum sentimento ruim.

— Bom, por trás dessa marra toda, você também é um doce.

— Tem péssima memória. — Falei com uma cara brincalhona.

— Memória seletiva. — Ele também brincou.

Continuei andando pelo aquário e ele me acompanhou. Uma música alegre e relaxante tocava num rádio antigo, acho que era “93 Million Miles” quando eu passei, mas variou um pouco depois com uma chamada “Diamonds”, uma mais estranha chamada “Get Lucky”, uma de fora do país chamada “Meu Novo Mundo” e por fim, a que eu mais gostei, “Locked out of Heaven”.

Enquanto explorava, avistei alguns alvos para tiro ao alvo, óbvio, vi também alguns frascos e jarros com líquidos estranhos, mas ele explicou que estava tentando fazer uma boa pinga. Me aproximei do mural antigo de Max, a criança que morava aqui antes de Owen.

— *Você não vai pintar o mural do Max?* — *Falei notando a parede com uma pintura incompleta.*

— *Eu tô... Enfeitando!* — *Owen falou com entusiasmo.*

— *Já era tempo que você pichava a marca dos Vaga-lumes.*

— *Ah! Soube que entrou outra Vaga-lume mês passado?*

— *Ex... Ex-vaga-lume.*

— *Bom, a EX-vaga-lume...* — *Ele disse destacando “Ex” num tom sarcástico.* — *Ela ouviu falar numa reunião em Santa Bárbara.*

— *Tem indício disso ou é só boato?*

— *Hmm, não... Não tem indícios...* — *Ele disse meio chateado.*

Comecei a andar em direção à grande escadaria que levava até o segundo andar, local onde encontramos o esqueleto numa poltrona meses atrás, quando encontrei um arco rosa de plástico com algumas poucas flechas acopladas no arco.

— *Ah! Agora tá explicado todos os alvos pendurados pro aí.* — *Falei como se tivesse descoberto o maior mistério do mundo.*

— *Ah, é.* — *Owen falou se aproximando.* — *Tem uma competição rolando entre a Mel e eu.* — *Eu peguei o arco em mãos.* — *Ah... Acho que você não ia curtir... É bem complicado.*

— *Já saquei qual é a sua... E deu certo! Que que eu faço?*

— *Beleza...* — *Owen falou enquanto pegava um pequeno timer.* — *Tá vendo os alvos?*

— *Tô.*

— *Tenta acertar todos antes do tempo acabar. Simples assim.*

— *Que piada!* — *Falei me gabando.* — *Se eu ganhar, vai pôr meu nome no placar.*

— *Tranquilo!*

Assim que ele soltou o ponteiro do timer, eu corri em direção aos alvos fáceis e acertei uns 8 com bastante facilidade, voltei para o ponto de partida e comecei a mirar melhor em alvos difíceis. Acertei um que ficava pendurado numa das baleias flutuantes presas ao teto, um que ficava em cima de uma porta, em cima da ponta do focinho de um tubarão até que finalmente... PLIM! O timer tocou.

— *Meus parabéns, Abs!* — *Owen falou enquanto batia palmas.* — *Você é boa em tudo...*

— *Cala a boca e me põe no placar!* — *Falei enquanto me gabava da vitória. No placar havia apenas o nome de Owen, com 9 pontos, e o de Mel, com 10 pontos. Eu marquei 11.*

— *Eu ponho... Depois.*

— *Hum... — Gemi pensativa. — Tá com medo que a Mel descubra que eu vim aqui?*

— *Não! — Owen falou um pouco nervoso e gaguejando. — Ela não liga!*

— *Então me põe no placar, Owen!*

Ele ficou em silêncio por um segundo até que cedeu. — Tá legal! Calma... — Pegou o giz e escreveu meu nome abaixo do dele com 11, vitoriosos, pontos. — Tá, tem uma última coisa que eu quero te mostrar. — Completou animado largando o giz no chão. — Vamos lá pra cima.

— *É o esqueleto do capitão do barco? Porque esse eu já vi... Espera, aí... Você não colocou um gorro do papai Noel nele né?*

— *O-o que? Não! Claro que não... Apesar de que não é uma má ideia. — Owen riu. — Mas é algo ainda melhor.*

Owen destrancou a porta dupla que levava para a sala do esqueleto e ficou aguardando-me abrir a porta, “Você primeiro...” ele disse. Assim que abri eu vi aquela mesma sala completamente limpa, sem o cheiro de morto, completamente decorada com luzes amarelas natalinas, alguns anéis de folhas pendurados e um belíssimo pinheiro no meio do quarto com uma estrela em sua ponta seguido por um pisca-pisca lindo por todos os seus galhos.

— *Tem que ter a experiência completa! — Owen disse e me levou até um sofá de frente para uma janela com uma vista incrível da cidade nevada.*

Sentei-me no sofá enquanto ele preparava uma bebida. Finalmente ele se sentou ao meu lado. Owen parecia muito feliz com todo o seu trabalho, mas eu parecia mais nervosa ou chateada, algo me incomodava naquele momento.

— *Certo, prova isso. — Owen me entregou uma caneca e então bebeu ao mesmo tempo que eu. Era chocolate quente. — E aí?*

— *A vista é legal...*

— *Ah! Dane-se... — Essa não era a resposta que ele esperava. — Não sabe o que é bom.*

— *Quer que eu minta?*

— *Quero! Óbvio.*

Ficamos alguns segundos em silêncio até que me levantei e fui até um pequeno balcão com uma toalha em cima e duas meias grossas, verdes e com um boneco de neve costurado em cada uma, pregadas naquele balcão.

— Ah... Ela gosta do Natal, coisa e tal... — Ele disse meio sem graça. — É o nosso primeiro ano, então...

— Achei isso um amor.

— Ah, para, vai se foder! — Owen falou mais sem graça ainda e rindo um pouco.

— É sério!

— Ata!

— Queria alguém que me amasse pra me fazer uma meia. — Notei que havia o nome de Owen em uma meia e o de Mel na outra.

— Você não merece um. — Owen falou um pouco mais baixo olhando para o chão.

— O quê? Uma meia ou alguém que me ame? — Perguntei brincando.

— Por que você tá de tão bom humor? — Perguntou enquanto se aproximava.

— Tô, é?

— Você podia matar o treino hoje à noite... Abby quando a lua sair...

— Achei o irmão do Joel. — Falei o cortando. — Num assentamento lá no Wyoming.

— Como sabe disso?

— Os Vaga-lumes que serviram com ele foram capturados no muro. — Lembrei que nesse evento, nessa memória, Joel ainda não estava morto.

— Achei que ele tinha ido embora uns dez anos atrás.

— É.

— Mas... Esses caras tiveram notícia dele?

— Não importa, é uma pista. — Falei num tom nervosa. — Eu tenho que seguir.

— Tá, mas você que, mesmo se ele estiver lá e você o achar, talvez ele não saiba onde o Joel tá, né?

O litei com um olhar penetrante e sério.

— Falou pros outros? — Ele perguntou preocupado.

— Todo mundo tá dentro... — Owen balançou a cabeça em negação e saiu andando.

— Até a Mel!

Owen retribuiu o meu olhar.

— Podemos partir semana que vem. — Disse a ele quase que implorando.

— O Isaac nunca vai deixar essa gente toda sair da base.

— Já deixou.

– Nem fudendo.

– Ninguém liga mais pra justiça que o Isaac... Ele sabe o que o Joel fez.

Um silêncio ensurdecedor tomou conta do lugar por alguns segundos.

– Ai... – Chamei Owen. – A gente tá junto nessa... Né? – Falei com os olhos um pouco molhados enquanto Owen, o único que não concordava com a ideia de vingança, retrucou com o mesmo olhar penetrante e assustador de antes.

Tudo ficou preto novamente e um eco ressoa na voz de Owen dizendo “Claro”.

Vinte e Quatro

As Apóstatas

Meus olhos se abriram. Eu sentia a chuva cair sobre mim enquanto estava sendo movida por uma floresta escura durante a noite. Estaria um completo breu se não fosse pela fraca luz de uma tocha segurada por um *Cicatriz* encapuzado e os periódicos flashes de luz de relâmpagos seguidos pelo som alto e tempestuoso dos trovões. Estava com mãos amarradas pelas costas e senti um calor intenso vindo em minha esquerda, era um carro em chamas. Os dois *Cicatrizes* que me arrastavam me jogaram no chão. Tentei me virar e acabei vendo dois corpos pendurados numa grande estrutura de um outdoor e segurados por cordas em seus pescoços e todos eles com o estômago aberto e tripas saindo de suas barrigas, o som macabro das gotas de sangue caindo eram mascarados pelo barulho da tempestade.

Desesperadamente tentei me levantar e correr dali, mas logo fui derrubada novamente por um encapuzado e logo ele pôs uma grossa corda de força em meu pescoço. Ele a apertou bem e me ergueu no ar. Fiquei sufocando por alguns segundos até que um outro *Cicatriz* pegou um balse de metal e o colocou embaixo de meus pés, os quais encostavam apenas a ponta de meu sapato. Se o balde fosse uns centímetros mais baixo, eu estaria morta.

Uma mulher se posicionou na minha frente e tirou seu capuz enquanto eu lutava para me manter respirando. Ela olhou nos meus olhos com um olhar amedrontador, um olhar de psicopatia. Ela movimentou seu braço até a cintura e saca uma faca afiada de lâmina preta que cintilava quando caía um raio.

— Eles estão tomados pelo pecado. — A mulher falou com uma voz ríspida e grave. Ela ergueu minha regata preta e posicionou a faca em meu abdômen. — Libertai-vos... Para que eles conheçam...

A mulher é interrompida por um assóvio alto vindo de trás dela. Um de seus soldados se aproxima e ela sinaliza para ir verificar. Altos gemidos de dor se aproximam até que a mulher tira a faca de perto de mim e se vira indo em direção à uma outra *Cicatriz* que, assim como eu, também estava presa.

— YARA! — A mulher gritou e então se aproximou a jovem mulher a sua frente. — Cadê a outra apóstata? — A jovem presa cospe na cara da mulher. — Corta as asas dela. — A *Cicatriz* responde enquanto limpava o cuspe.

A jovem é derrubada no chão e seus braços eram segurados por dois homens enquanto a mesma mulher de antes segurava suas pernas. O homem que segurava seu braço esquerdo ergue um martelo e golpeia a junta entre o braço e antebraço com força pelo menos quatro vezes até que seus ossos virassem pequenos pedaços dentro de seu corpo. O homem passa o martelo para o outro e então, pouco antes de arrebentarem o seu outro braço, uma flecha atravessa o pescoço do *Cicatriz* que agoniza em dor até sua morte.

Os outros que sobraram olham para onde veio a flecha e nesse pequeno momento de distração, a jovem pega o martelo e o finca na cabeça do homem que quebrara seu braço. A mulher desesperada saca sua pistola e atira para todas as direções em busca do exímio arqueiro, porém ela chega muito perto de mim e eu acabo segurando seu pescoço com minhas pernas tentando sufocá-la, mas sua morte é decretada com uma pancada na cabeça da jovem com o martelo.

O meu balde de apoio cai no chão. Uma criança careca aparece com um arco e flecha em mãos chamando “Yara” então ele se paralisa ao me ver sendo enforcada.

— Yara... — O menino diz se aproximando da jovem. — Os demônios estão vindo...

— Solta ela. — Yara responde.

— Ela é um deles!

— LEV!

O garoto se levanta com uma pequena faca e corta a corda me derrubando no chão. Eu respiro fundo e desesperadamente com o rosto já vermelho tomate por causa da falta de ar, então eu retiro a corda de meu pescoço e arranco o martelo da cabeça da mulher morta.

“Tomem cuidado.” foram as únicas palavras que eu disse desde que acorde. Barulhos de gravetos quebrando e vegetação se mexendo começaram a soar. De repente um *espreitador* salta de um arbusto em minha direção, porém eu desvio rapidamente, chuto seu joelho e o finalizo quebrando seu crânio com o martelo. Alguns outros *perseguidores* aparecem, entretanto, conseguimos matar essa primeira leva, meu martelo quebrando no processo.

— Loba! — A jovem mulher Yara me chama a atenção enquanto acendia uma tocha no carro em chamas. — Vem! A gente tem que ir!

— Aonde você vai? — perguntei desconfiada.

— Sair desse mato! A praia fica *pra cá*!

Muitos diriam que é idiotice confiar em *Cicatrizes*, mas considerando as circunstâncias, as quais eu estava sem meus equipamentos, desarmada e perdida, eu não hesitei em segui-los e protegê-los.

Fomos emboscados numa clareira pelos infectados. A batalha foi intensa. A chuva fina e forte golpeando minha pele seguida de arranhões e socos dos *perseguidores* era assustador, quase não saíamos vivos dali... O garoto com o arco foi o mais efetivo, ele era ótimo de mira.

Não demorou muito até mais infectados aparecerem, então decidimos correr até chegar numa estrutura destruída, parecia ser um estacionamento desabado. Dentro tinha dois corpos.

— Fresquinhos... — Comentei. — Não tem outro caminho?

— Você acha que se tivesse outro caminho estaríamos pegando esse? — O menino respondeu.

Seguimos pelo estacionamento até uma cerca de metal, assim que passamos adiante uma brutamonte *Cicatriz* carregando uma enorme marreta derrubou Yara e Lev no chão e pouco antes de acertá-los um último golpe, eu agarro e a derrubo.

Nós duas rolamos no chão lamacento da floresta e, sob a luz da lua cheia, reconheci a mulher. Ela era a mesma mulher que me apagou inicialmente e, por coincidência, ela estava com minha mochila... O que me deixou furiosa. A luta foi pesada, eu era mais rápida e ágil, acertei inúmeros golpes em sua cabeça e em seu torço, mas a brutamonte não deixava a desejar, aguentou cada um de meus socos e, em um descuido meu, me acertou uma marretada no peito me arremessando longe. Fiquei sem fôlego por um segundo, minha visão escureceu e meus ouvidos zuniram. A brutamonte correu em minha direção e ergueu o martelo gigante, porém a adrenalina moveu meu corpo fazendo com que eu chutasse seu tornozelo, a mulher então escorregou e caiu no chão com um baque barulhento na terra molhada... Eu roubo sua marreta e faço o mesmo movimento, agora completo, e sua cabeça explode e o sangue começa a escorrer pelo chão...

Eu me levantei cansada e lutando para não perder a consciência... A cena era nojenta e eu acabo vomitando, mas pelo menos meus equipamentos foram todos recuperados.

Seguimos adiantes levantando o pesado portão de uma oficina.

— Como está o braço? — Perguntei.

— Está... Sob controle. — Yara respondeu.

— Okay... Peguem tudo que for mantimento. — Falei para a criança e para Yara.

— A gente não pode encostar nisso. É do Velho Mundo! — Lev comentou.

— *Tá* de brinc... — Falei me irritando com tamanha besteira, mas logo parei e recomecei. — *Ah...* Você precisa de suprimentos... Estamos no mato sem cachorro...

Lev se opôs a procurar por qualquer suprimento dentro da oficina, eu e Yara continuamos a vasculhar o local.

— Nunca vi *cicatriz* ir atrás de *cicatriz* na vida. — Comentei.

— *Serafitas*. — Lev corrigiu-me.

— Certo... O que foi que você fez?

— *Ah...* — Lev ficou pensativo por um segundo. — Eu raspei a cabeça.

— Quê?

— É. Eu raspei a cabeça.

— Certo, não precisa contar.

Ambos seguimos extremamente confusos com as falas um do outro, mas não nos questionamos por um tempo. Continuamos até voltarmos para a floresta. Estávamos numa pequena estrada com uma longa escadaria em nossa frente. Yara comentou que não faltava muito para a chegarmos na praia, assim como não faltou muito para mais infectados aparecerem. Lev não deixou a desejar com sua habilidade com arco e Yara, apesar do braço inutilizado, conseguiu se virar bem abatendo um único corredor. Eu completei acabando com o resto deles.

A escadaria estava bloqueada e nosso único caminho agora era atravessar uma casa abandonada. A casa, assim como todas as outras no mundo, estava caindo aos pedaços, sem telhado, poucas paredes (as que tinham estavam com buracos ou pela metade), tudo molhado e soterrado de terra por causa de deslizamentos. Exploramos o local até acharmos uma saída e a única saída que encontramos era a porta dos fundos da casa, mas ela estava acorrentada e trancada por fora. Ajudei Lev e Yara a passarem rapidamente por uma claraboia acima da porta, assim eles poderiam abrir a porta.

Yara e Lev tentaram abrir a porta, mas não conseguiram, pouco depois eu comecei a ouvir um bando de infectados vindo em minha direção e, no mesmo momento, os *cicatrizes* desapareceram da minha vista.

Primeiro apareceram *estaladores* e *corredores*. O lugar apertado dificultava a minha movimentação, tive que ficar atravessando frestas pelas paredes e pulando janelas até acabar com todos. Pouco depois mais *estaladores* apareceram acompanhados de dois *trôpegos*. Os trôpegos

abriram o local para mim derrubando as paredes e destruindo os restos de móveis. Minha munição estava no limite e os infectados não paravam de vir, pensei que ali seria meu fim. “Como pude confiar em *cicatrizes*?” pensei... Uma faísca de esperança se acendeu em mim quando ouvi a voz de Lev gritando “LOBA! POR AQUI!”. Eu vi Lev no capô de uma minivan azul que havia batido contra a parede da casa, deixando uma saída perfeita.

Corri na direção da van e pulei pelo para-brisa pouco depois de Lev entrar e passar pelas portas traseiras da van. Um *estalador* me seguiu até eu me jogar para fora da minivan. Yara fechou a porta do carro com força em cima da cabeça do infectado que agora não se movia mais.

— Mais deles! — Lev falou em alerta.

— Só... Espera um pouco... — Yara se encostou na van e sentou-se de tão exausta. Seu braço estava com uma cor vermelha e ficava cada vez mais roxa quando se aproximava da ferida.

— Melhor se segurar bem. — Falei enquanto me aproximava e levantava Yara com os dois braços como se tivéssemos acabado de nos casar.

— *Tá bom.* — Ela respondeu ofegante. — *AH! MEU BRAÇO!* — Yara gemeu de dor quando começamos a andar.

— Eu sei... — Falei para tentar acalmá-la. — Concentra na respiração! Inspira, expira! Com calma e tranquila...

Continuei falando isso por todo o caminho. Chegamos no que parecia ser um parque de trailers. Lev foi verificar as portas até encontrar uma que estava aberta. Entramos no pequeno trailer, trancamos a porta e fechamos a cortina. Deitei Yara numa cama e Lev ajudou-a a retirar a roupa para tratarmos dela.

— Escuta. — Yara falou para Lev. — Só tem que imobilizar, tá? — Então ela olhou para mim. — Sabe fazer isso?

— Corta isso em tiras. — Apontei para o caso de Yara e disse enquanto largava minha bolsa no chão. — Deita aí.

— Certo. — Yara segurava seu grito fortemente enquanto se inclinava-se.

— Vou por no lugar, *tá?* — Segurei o braço dela gentilmente. — Pronta?

Yara assentiu com a cabeça e logo após ouvimos o som do osso estalando de volta para ao seu lugar. Me levantei e quebrei a perna de uma cadeira. Lev me entregou as bandagens e eu fiz um suporte para o braço de Yara. Yara olhava para mim com olhos de súplica e dor.

— Qual seu nome? — Ela perguntou.

— Abby. — Eu falei finalizando o suporte. — Valeu por me soltar.

Nesse momento, nessa breve calmaria, eu pude notar a aparência de ambos. Yara era uma mulher jovem, eu chutaria lá pelos 20 ou 22 anos. Usava um casaco bege claro típico de *cicatrizes* e uma regata branca, já transparente por causa da chuva, por baixo, além disso usava uma calça também bege, porém mais escura e uma sapatilha simples e arcaica, o que mais me chamou atenção foi o fato de não usar roupas íntimas.

Lev era um adolescente, tinha entre 14 e 16 anos, sua cabeça era raspada e usava basicamente o mesmo que Yara, um casaco bege claro com uma calça bege escura. Ambos tinham uma descendência oriental, peles claras amareladas, estatura baixa, magros e com duas cicatrizes no rosto que saía do limite da boca e atravessava a bochecha inteira.

Lev me acompanhou até a porta.

— Essa área é muito visada. — Falei antes de fechar a porta. — Mesmo com ela nesse estado... Vocês têm que sair daqui amanhã.

— Vamos ficar bem. — Lev parecia ainda não gostar de mim, seu olhar penetrante, sério e preocupado me assustava. Tentei imaginar o que esse garoto havia passado, mas não consegui.

Ele fechou a porta e eu continuei meu caminho até Owen.

Passado

— Certo, Owen. — Falei assim que deixei o trailer dos *serafitas*.

Segui adiante e subi num contêiner. Avistei o aquário e pensei “é logo ali... Sem fraquejar, Abby...” durante alguns segundos de descanso no alto. O céu já começava a se iluminar no horizonte, porém a luz não atravessava direito as nuvens cinzentas carregadas de chuvas, inclusive, estavam chovendo como nunca.

Me abriguei num grande galpão, uma garagem talvez, eu não sei. Fiz bastante barulho ao abrir o portão por qual saíra, rapidamente me escondi dos infectados que tinham aparecido. Estava exausta, optei por desviar das criaturas e atravessar o campo de cargas sem lutar. Finalizei alguns que estavam no meu caminho silenciosamente... O problema começou quando um *perseguidor* me agarrou por pelas costas. Larguei o infectado que estava segurando e pus minhas mãos na cabeça do *perseguidor* impedindo que ele me mordesse, em seguida chutei o infectado à minha frente para longe e, com toda a minha força, quebrei o pescoço do *espreitador*... Imediatamente saquei minha pistola e descarreguei o pente no *corredor*... Inúmeros outros infectados escutaram os tiros, tive que sair dali às pressas.

Como eu disse, estava exausta... Corri como nunca, meus pulmões ardiam como se pegassem fogo, cambaleava de um lado ao outro esbarrando nos contêineres para me manter de pé. Pensei que iria morrer, escutava os infectados se aproximando atrás de mim. Avistei um grande viaduto e parti em direção a ele. Tudo estava escorregadio e eu tentava arduamente escalá-lo. Por muito pouco eu não sobreviveria... Atirei-me no chão de musgo do viaduto quebradiço e lutei para me manter acordada... Fiquei deitada por alguns minutos, coletei um pouco de água da chuva e comi alguns dos suprimentos que carregava, as últimas barrinhas de energia...

Refleti um pouco. Não sabia se continuava seguindo adiante... Eu deixei as duas pessoas que salvaram minha vida para trás, os abandonei para seguir em frente... Eu balancei a cabeça e disse: “Esquece isso, Abby! Você chegou até aqui, quando está o mais perto possível quer desistir?!”. Olhei para os infectados abaixo de mim tentando escalar os destroços do viaduto, sem sucesso, e senti que estava segura por ora. Continuei em frente, de cabeça erguida, não iria abandonar Owen, não agora.

Fiz um salto extremamente arriscado para atravessar o vão do viaduto destruído, porém falhei miseravelmente... Caí direto na água do oceano. O mar estava intenso e brutal, as

ondas eram enormes e a corrente não ajudava. Alcancei uma pequena praia e entrei pelo rombo de um navio naufragado. O primeiro nível, o mais interno, do navio estava alagado. Caminhei até encontrar uma escadaria. O segundo nível estava apenas úmido, encontrei alguns esqueletos deitados e uma carta que dizia, resumidamente, que estavam todos infectados, foram atacados enquanto dormiam e o único sobrevivente, o capitão, decidiu se matar... Fiquei um pouco aflita com aquilo, mas segui adiante tentando não pensar nisso. O capitão segurava uma besta e carregava algumas flechas, decidi pegar a arma e ir para o convés.

O local estava cheio de infectados. Maioria eram *estaladores* e *trôpegos*. A nova arma ajudou bastante eliminando os *estaladores*, depois, sem perder muito tempo, descarreguei os pentes do meu fuzil nos *trôpegos*. Explorei o navio buscando por alguns suprimentos e, infelizmente, não encontrei muito. Apenas algumas flechas espalhadas e uma garrafa de água bem antiga. Subi na cabine mais alta do navio e notei que estava a um salto da terra firme distante do mar. Antes de saltar, encontrei um bilhete de reporte na cabine do capitão.

“02/10/13

08:20 - Zarpamos de San Diego rumo a Vancouver. Uma multidão tentou embarcar. Foi violento, mas conseguimos evacuar. 35 almas a bordo, Cap A.J. Malidore no comando.

03/10/13

14:50 - Dois passageiros se queixaram de enjoo. Foi montada uma ‘enfermaria’ improvisada no convés inferior para que eles descansassem.

04/10/13

13:38 - Comunicação estabelecida com o porto de Vancouver. Boas notícias, nenhum sinal de infecção por lá.

05/10/13

07:30 - O passageiro Barnes sumiu da enfermaria. A tripulação começou a busca.

05/10/13

14:50 - Passageiro Barnes encontrado; não estava com enjoo, e sim infectado. Passageira Josephine Roberts interferiu e jogou o passageiro coisa por cima da amurada.

05/10/13

19:05 - Negado o pedido da srta. Roberts para que todos fossem reexaminados pelo médico de bordo; não temos equipamentos apropriados para o diagnóstico. Também negado o

pedido subsequente da passageira para que os passageiros tivessem acesso às armas; não vou permitir que a paranoia leve ao desastre no meu navio.

06/10/13

18:35 - Apesar dos protestos, os passageiros que apresentavam sintomas variados (dor de cabeça, indigestão, tontura) foram todos postos em quarentena na 'enfermaria' do convés inferior.

06/10/13

20:17 - Avistada a costa de Seattle, tentei contato pelo rádio para aventar possibilidade de reabastecimento, sem resposta. Seguindo em frente.

06/10/13

21:00 - Todos na enfermaria foram executados. Aquelas pessoas não estavam infectadas. Foi assassinato a sangue frio. Ninguém desembarca até eu encontrar o culpado.

06/10/13

Confirmando minhas suspeitas, foi Roberts. Troquei tiros com ela. Acho que ela não vai sobreviver.

Se eu arrancar esse troço fora, vou sangrar até a morte em poucos minutos. Vou virar a barca em direção à terra para que todos possam desembarcar.

O porto está próximo. Vou ter que ficar aqui. Ouço infectados do outro lado da minha porta. Será que ela estava certa?"

Esse bilhete explicou algumas coisas... O ser humano é fraco diante do desconhecido aparentemente...

Enfim, segui pensativa e fiz o pulo alcançando o viaduto novamente.

Estava numa estrada praticamente inteira, algumas rachaduras aqui e ali, mas nada demais. Carros tombados e destruídos por toda parte. A grama era alta e musgos cresciam em todo lugar, apesar de tudo isso, cheguei no aquário... Muitas memórias vieram a mente, das mais felizes até as mais tristes...

Gritei por Owen, mas não obtive respostas, pensei, então, que ele estava nos fundos. A porta estava trancada, dei a volta e pulei pela cerca e entrei por uma janela aberta atingindo uma sala trancada sem saída. Usei uma corda de emergência para subir pela claraboia na mesma sala e alcançar o telhado. Sem muita demora consegui entrar no aquário. Cheguei numa sala decorada cheia de equipamentos e itens de lazer (jogos de mesa, livros etc.). Owen parecia estar abrigado ali,

havia uma cama montada e sua mochila estava do lado e, jogado no chão, um pedaço de tecido tingido de vermelho, de sangue.

Caminhei por um corredor e avistei uma porta com um grande caranguejo nela. Cheguei no salão principal, aquele em que tivera a competição de tiro ao alvo muito tempo antes. A caixa de som antiga do Owen tocava uma melodia que eu não reconheceria, a desliguei assim que vi a caixa. O local estava escuro e malcuidado, bem assustador com várias goteiras no telhado alagando o local. Abri uma porta dupla, a mesma que passei na primeira vez visitando o local, e avistei o barco daquela família... A luz dele estava acesa.

Fui até o barco e abri lentamente a porta dupla chamando por Owen.

Assim que abri a porta, lá estava ele, sentado no chão com os braços apoiados nos joelhos com nada em volta a não ser pela lamparina.

— Owen... — Falei num tom aliviada e preocupada ao mesmo tempo.

— Isso é cruel *pra caralho*... — Ele respondeu quando me viu e riu nervosamente. — O Isaac mandar você me buscar.

— Não é nada disso. — Respondi enquanto passava pela mesa e pegava uma peça estranha de metal. — O que é isso?

— *Pra* consertar o barco tenho que desmontar primeiro. — Owen respondeu cabisbaixo. — Quer um gole? — Owen puxou uma caneca grande com algum líquido, algo com álcool com certeza.

— Não.

— *Cê* que sabe. — Ele deu um gole.

— O Danny morreu. — Falei com um olhar desafiador em direção à Owen.

Owen olhou em meus olhos e depois os baixou para a caneca pensativo. — Faz sentido. — Disse numa voz melancólica e deu mais um gole.

Me aproximei e me sentei no pequeno sofá úmido do barco próximo a Owen. — Vai me contar o que rolou?

— A gente... A gente *tava* cuidando de um acampamento. — Começou Owen. — Uns poucos *cicatrices* e aí... — Suspirou. — Eu acertei um na cabeça. Com força. Ele foi *pro* chão. A arma dele *tava* bem do lado, entretanto, ele não pega... — Seu olhar era fixo no chão, como se lembra-se de cada detalhe. — Em vez disso... Ele vira *pra* mim... — Se interrompeu. — E ele era velho. Cansado. Ele *tava*... Pronto... — Owen olhou para mim. — Já matei vários *cicatriz*. E, *ah*...

Filho da puta... — Falou com indignação. — Eu não consegui. — Owen levantou um pouco a voz com raiva. — E aí é claro que o Danny veio me encher o saco. Eu disse que não queria mais. Ele que matasse o cara se quisesse. Aí ele me aponta a *porra* da arma. — Owen franziu o cenho confuso. — Eu agarro a mão dele e... Primeiro, eu nem soube qual dos dois tinha levado o tiro.

Me levantei sem saber o que pensar daquilo. — *Cê... Cê tava* se defendendo.

— Para... — Ele respondeu impedindo de se perdoar.

— Vou dar um jeito. Eu posso falar com o Isaac...

— Eu. Cansei. Abby. — Owen me interrompeu com os olhos fechados e apertando mais forte a caneca. — Eu não quero lutar por uma terra que não significa mais *porra* nenhuma *pra* mim.

Nós nos olhamos em silêncio por alguns segundos.

— Vou para Santa Bárbara.

— Vai correr atrás de um rumor? — Falei sem acreditar no que ele disse.

— Já ouvi mais de uma vez.

— Os Vaga-lumes não estão voltando. Já eram.

— É uma pista... — Owen falou sem desviar o olhar de mim, esperançoso. — Eu tenho que seguir.

Ele então se levantou e virou as costas para mim indo ao balcão e repondo a bebida.

— Mas e a Mel? — Falei e ele parou imediatamente de mover as mãos.

— Aqui ela vai *tá* segura. — Ele respondeu sem se virar... Nem ele acreditava nisso.

— *Tá* bom. — Falei me desencostando da mesinha num tom imponente. — A gente conversa amanhã, quando estiver sóbrio.

— Não faz isso. — Falou irritado.

— Isso o que?

— Não me trata como maluco, *porra!* — Ele falou num tom mais alto. — Sei que pensa como eu.

— Se os Vaga-lumes estiverem mesmo em Santa Bárbara... — Falei um pouco de saco cheio dessa conversa. — Eu vou *pro* outro lado *cacetel!* — Owen apenas me olhou sem falar nada. — Que foi?

— Nada, não. — Ele respondeu baixinho.

— Desculpa se eu cresci.

— *Aham.*

— Devia crescer também.

Owen se desencostou num movimento rápido e se aproximou de mim falando calmamente num tom de agressivo. — *Ah, é?* E como é que eu faço isso, Abby?

Não respondi.

— Procurando as pessoas que mataram a minha família? — Owen se aproximava mais.

— Cortando elas?

Desviei o olhar para o chão.

— Eu posso torturar elas até elas chorarem...

Eu o empurrei com força contra a parede agressivamente. Owen puxou meu cabelo tentando me afastar, mas quando paramos um segundo naquela posição, nos soltamos.

— Abby... — Ele disse quando nos afastamos.

— Não fala nada. — Falei enquanto desabava em lágrimas no chão. — Você está certo.

Só... Não fala nada.

Não tocamos mais no assunto, não falamos uma palavra se quer. Dormimos juntos no chão do barco, sem dizer nada, apenas ficamos imersos em nossos próprios pensamentos.

Eu demorei para pegar no sono.

Dívida

Uma luz vermelha em meio a escuridão piscava rapidamente. O som de uma sirene, de um alarme começou a tocar e aos poucos ia aumentando. Vi uma porta dupla de metal, então vi a mim mesma me aproximando. Eu estava assustada, estava com uma pistola empunhada e olhava ao redor nervosamente. Empurrei a barra antipânico da porta e a atravessei. Notei que era eu, porém mais nova. Após a porta eu me vi num dos lugares mais traumatizantes da minha vida. Estava num corredor longo e largo, desenhos para crianças estavam na parede. Apesar de bem escuro, o corredor era colorido, mas tudo era tingido de vermelho com o piscar do alarme que, gradativamente, soava mais alto. Continuei andando pelo corredor e avistei a porta... Ao lado da porta o símbolo dos Vaga-lumes pintado na parede em vermelho. Alcancei a porta, porém não abri imediatamente... Estava assustada... Se minha memória não falha, aqui foi onde perdi meu pai... Eu não estava preparada para ver aquela cena novamente, mas, por algum motivo, eu encostei na maçaneta relutante.

A luz vermelha parou de piscar enquanto eu abria a porta lentamente. O alarme continuava o mais alto possível em meus ouvidos. A sala do outro lado tinha um piso de terra molhada, senti a chuva me acertando o rosto, vi a luz de um carro em chamas e, onde era para ter paredes, havia árvores grandes e uma vasta escuridão assustadora. Eu estava de volta na floresta. Subi lentamente o meu rosto analisando o local e vi uma cena que conseguia ser mais brutal que a de meu pai morto... Eu vi Yara e Lev pendurados num galho de árvore enforcados... Havia um profundo corte em seus abdomens e suas tripas, já fora de seus corpos, pingavam sangue... Minha visão focou no rosto dos dois e por um segundo vi tudo em detalhes. Sangue próximo a boca, nariz e olhos... Hematomas que ocupavam metade dos rostos, alguns cortes pela pele...

— Ah! — Acordei assustada e ofegante.

Sentei-me e olhei para a porta do barco a minha frente enquanto passava de leve minha mão pelo meu pescoço. Engoli em seco.

— *Porra...* — Comentei para mim mesma baixinho. — Essas crianças...

Um peso enorme de culpa caía sobre meus ombros. “Eu os deixei para trás...” pensei. Olhei ao redor e não vi Owen. Não fazia ideia de onde ele tenha ido. Procurei um pouco pelos arredores do barco, porém sem sinal dele. Voltando pelo mesmo caminho pelo que entrei, arrumei

minhas coisas e fui em direção ao saguão principal. Andei em direção a porta em passo apressado e quando toquei na porta...

— Aonde você vai? — Owen perguntou.

— Estava procurando por você. — Virei-me.

— Cá estou eu... Mas isso não explica o por quê de você estar de frente para a saída e pronta para partir. — Questionou Owen enquanto tomava um café. Ele estava vestido apenas com uma calça moletom e uma camisa branca de regata.

— Bom... Tenho algo a fazer... — Falei relutante.

— Vai me delatar *pro* Isaac?

— Não! — Pigarreei. — Quero dizer... Claro que não...

— Então aonde vai que não pode me contar?

— *Ah...* — Respirei fundo. — Você tem como falar com a Mel?

— *Pra?*

— Preciso buscar uns amigos... Devo a vida para eles... E agora eles precisam de mim...

— Que amigos? — Owen franziu o cenho. — Até onde eu sei todos os seus amigos estão na BAV.

— É... Eles não são *lobos*. — Suspirei. — Olha, Owen, confia em mim... Chama a Mel, ela deve estar numa base próxima com a Alice, trás ela para cá, eu te explico na volta.

— “Confia em mim.”. — Ele repetiu e então suspirou. — Certo. Eu vou trazer ela aqui.

Assenti com a cabeça e abri a porta.

Andei até o viaduto. Já não tinha mais nenhum infectado, todos estavam mortos... Logo em seguida ouvi assobios distantes. Ainda em cima do viaduto, olhei para o depósito de contêineres que passara na última madrugada. Avistei alguns *cicatrizes* matando os últimos infectados da região, então se espalharam para vasculhar a área.

— O quê que eu *tô* fazendo...? — Questionei-me. — Que droga...

Segui adiante descendo do viaduto pelo mesmo caminho que vim e fui silenciosamente até o depósito. Eram muitos deles, mas eu precisava acabar com todos, não podia deixar nenhum deles alcançar Yara ou Lev... Meu pesadelo se tornaria realidade... Usei pedras para desviar a atenção dos *cicatrizes* e os apanhava pelas costas. Demorei um pouco, ainda assim, não deixei ninguém vivo. Fui até o mesmo galpão de antes e abri seu portão. Caminhei apressada para atravessá-lo, contei minhas balas no caminho até a porta dos fundos, descobri que não sobrara

tantas... Pulei a cerca e avistei o trailer dos *cicatrizes*. Saquei a arma rapidamente quando vi que a porta estava escancarada e dois outros *cicatrizes* estavam no chão com uma flecha cada um.

— Garoto! — Gritei. — Ainda estão aí?

Nenhuma resposta. Fui lentamente até a porta com a arma levantada. Não entrei de uma vez, fui a passos curtos até um disparo quase me acertar. Me abaixei imediatamente.

— NÃO CHEGA PERTO! — Gritou Lev, mas sua voz falhou.

— Sou eu! — Respondi. Lev, ainda com a arma em mãos, se aproximou da porta e finalmente nos avistamos.

— Desculpa. — Seus olhos estavam inchados. Senti seus ombros baixarem de alívio quando me viu.

— Como ela *tá*?

Lev apenas olhou para o chão sem resposta. Corri para verificar. Vi Yara sentada no pequeno sofá com o casaco de Lev a cobrindo. Retirei o casaco cuidadosamente e vi seu braço, inchado e extremamente vermelho infeccionado. Toquei em sua testa e me assustei com a temperatura.

— Eu vou mexer seu braço. — Disse a ela que gemeu de dor. — Apoia em mim. — Coloquei-a em meus braços.

— Onde vai levar ela? — Lev perguntou preocupado e confuso.

— Vamos lá. — O ignorei.

— O que você está fazendo? — Lev parecia assustado e confuso.

— Tentando salvar a vida dela.

Lev não questionou. Fomos até o aquário com extrema dificuldade, pelo menos não encontramos *cicatrizes* ou infectados.

Assim que chegamos gritei por Owen desesperada. Assim que virei um corredor, esbarrei em Owen.

— São... *Cicatrizes*? — Owen questionou me observando com Yara nos braços.

De repente, todos ouviram rosnados e Alice apareceu ferozmente indo em direção a Lev, mas Owen a segurou. Alice estava latindo enfurecida e Lev apontava o arco em sua direção. Brigamos desesperados por alguns segundos até que...

— ALICE! — Mel gritou e a cadela se calou no mesmo instante, inclusive sentou comportada assim que Owen a largou.

— Lev, abaixa o arco, por favor... — Falei e Lev obedeceu.

— *Ah...* Quem são essas crianças, Abby? — Mel vestida em seu enorme casaco roxo, por causa da gravidez, perguntou um pouco relutante.

— Salvaram minha vida... — Respondi com olhos de pedinte. — Pode... Pode dar uma olhada nela?

— Alice, fica. — Mel falou antes de se aproximar.

— Essa é a Yara.

— O que houve?

— Uma martelada... — Mel me olhou juntando as sobrancelhas. — Não fui eu.

Mel olhou para o braço, olhou para Yara agonizando, então para Lev e, por último, para mim. — *Tá, vamo* ver isso.

Fomos até a enfermaria do aquário e a colocamos numa mesa de metal gelada. Mel se aproximou e começou a cutucar o braço vermelho.

— Sente isso? — Mel perguntou enquanto apertava o braço inchado.

Yara estava apenas sofrendo e não respondeu.

— Yara. — Mel a chamou.

— *Ah...* Não. — Yara respondeu.

— Eu ia limpar e tentar colocar de volta... — Comentei preocupada.

— O osso esmigalhou. — Mel me cortou. — É síndrome compartimental.

— O que isso quer dizer? — Perguntou Lev.

— Quer dizer... — Comecei. — Que tem que cortar.

— Mas... Mas ela é um soldado. Não pode ficar sem braço! — A voz de Lev vacilou.

— Se deixarmos aí, vai gangrenar. — Mel completou.

— AAAH!! — Yara gemeu. — SÓ FAZ A DOR PASSAR... Por favor...

— Do que precisa? — Me aproximei e olhei para Mel.

— O ideal? — Mel me olhou desacreditada. — De uma serra, pinças, antibióticos... A situação *tá* ruim.

— A gente tem facas. Fogo. Corta e cauteriza. — Owen falou pela primeira vez do canto da sala sentado numa cadeira de metal afagando Alice.

— Ela morreria de infecção. — Mel retrucou.

— Bom... Faz uma lista. — Falei. — Eu vou *pro* hospital buscar tudo que precisa.

— Vai levar um dia inteiro chegar lá...

— EU NÃO ME IMPORTO.

— O problema não é você, Abby. — Mel me olhou nos olhos. — Ela não pode esperar esse tempo.

Virei-me indignada com um suspiro. Fiquei pensativa. Todos ficaram em silêncio por alguns segundos pensando até que Lev nos entregou a solução:

— E se eu conseguir te levar lá em duas horas?

Todos olhamos para ele.

— É no hospital dos *lobos*, né? Na parte oeste?

— Como? — Owen se levantou intrigado e se aproximou.

— Construímos pontes... Bem altas... — Lev explicou. — É assim que evitamos as enchentes e... Bom, vocês.

— Ela aguenta duas horas? — Olhei para Mel.

— Provavelmente.

— Então faz a lista.

— Espera. — Owen interveio. — *Tá* falando sério? São pontes que os *cicatrizes* usam.

— Eles só mandam grupos pequenos *pra* lá. — Lev respondeu.

— Ouviu? — Falei tentando ser otimista. — Grupos pequenos.

— Isso não é piada. — Owen apoiou as duas mãos na mesa de metal e falou num tom sério.

Retruquei o olhar para Owen e Mel me entregou a lista. Peguei minhas coisas e chamei Lev.

— Que ela te guie... — Yara falou segurando a mão de Lev.

— Que ela te proteja. — Ele respondeu.

Fomos em direção a saída. Owen apareceu me chamando na porta.

— Abby!

— Que é?

— Posso... Falar com você?

— Fala.

— Por que *tá* fazendo isso? — Não respondi. — A gente briga aí você tenta sair de fininho, traz dois *cicatrizes* para cá...

— Eu... — Comecei. — Eu não ligo *pra* ontem!

— Eu ligo. — Owen falou num tom baixo e calmo e me olhou nos olhos. — Espero que saiba o que *tá* fazendo.

Fechei a porta em silêncio, então, Lev e eu, saímos.

Vinte e Sete

Medo

— Seus amigos são *lobos* também? — Lev perguntou assim que botamos os pés fora do aquário.

— São. — Falei. — Vocês têm sorte da Mel ter aparecido. Ela é uma das melhores cirurgiãs de Seattle.

— Mel... — Lev parecia curioso. — E qual o nome dele? Do rapaz?

— Owen.

— Mel, — Repetiu tentando decorar os nomes. — Owen, Abby...

— E a cadela é a Alice.

— Eu não gosto de cachorro. — Começamos a andar. — Como chegamos naqueles prédios altos?

— Esse caminho vai levar para o centro comercial. — Respondi, porém Lev não pareceu entender. — *Ah... Pros prédios altos...*

Um estalo pareceu ocorrer em sua mente. Talvez ele estivesse se perguntando o que seria centro comercial.

— *Cê* consegue guiar a gente pelo resto do caminho?

— A rota começa na margem da correnteza. — Respondeu Lev saltitando pelo mato. — Chegando lá, eu cuido do resto.

— Vai dar *pra* gente passar pelas corredeiras nas pontes?

— *Uhum.*

— Todas elas? — Perguntei surpresa e confusa. — Em... Só umas horas?

— Eu não menti.

— *Tá*, só queria ter certeza.

Seguimos por uma pequena floresta até chegarmos à foz das corredeiras. Pulamos por a vitrine de uma cafeteria, fomos ao seu segundo andar.

— *Loba!* Ali! — Chamou-me Lev. — O prédio que a gente precisa chegar.

Ele apontou para um gigantesco prédio comercial que mal conseguíamos ver, as nuvens cobriam-lhe mais da metade da construção.

— *Ok*, tô vendo.

Descemos do café e subimos numa ilhota feita de asfalto. A correnteza forte rodeava aquele pequeno pedaço de terra, então começamos a pular de ilhota em ilhota até alcançar a próxima construção, então, aos poucos, fomos avançando.

— E se a gente não conseguir pegar as coisas de sua amiga? — Lev perguntou curioso.

— *Eh...* — Pensei antes de responder.

Lev parecia uma criança muito mais leiga do que a maioria, ele tinha lá pelos 13 ou 14 anos, mas ele não conhecia coisas básicas ou, se conhecia, as chamava por outro nome. Eu não sei como é a vida de um *cicatriz*, mas como eles andavam armados por toda Seattle e ainda assim suas crianças não tem tal conhecimento? Me pergunto como deve ser sua ilha.

— Ela vai ter que se virar na cirurgia com o que Owen tiver. — Respondi por fim.

Chegamos numa parte em que a correnteza era muito mais forte.

— Fica fora da água. — Alerttei. — As corredeiras vão te levar.

— Eu sei. — Lev falou se esforçando para subir numa das ilhotas.

— *Cê* sabe nadar, né? — A dúvida surgiu em minha cabeça, inicialmente pensei que era uma pergunta idiota, mas depois pensei “vai que...”.

— *Uhum*. Mas eu não vou cair! — Respondeu num tom heroico.

— Gostei da confiança.

Seguimos saltando até chegarmos num pequeno prédio residencial. Fomos seguindo tentando chegar no topo dele para continuar.

— *Ah...* *Cê* já veio para essas pontes suspensas antes, né? — Perguntei relutante.

— *Uhum*.

— Acha que a gente vai topar com muito *cicatriz*?

— *Serafitas* — Corrigiu Lev. — Eu não sei.

— *Cê* vai ficar bem se sim?

— Eu fiquei ontem.

— É, mas aqueles estavam te caçando.

— **Todos** estão... — Lev enfatizou a palavra.

Subimos algumas levadas de escadarias explorando o local, coletando alguns suprimentos, munição, água. Quebrei uma janela de um dos apês e seguimos pela escada de incêndio até o topo do prédio. Peguei distância, então corri e saltei por um vão até chegar em terra

firme — um pedaço de viaduto ainda de pé. Lev fez o mesmo e, com ainda mais precisão, alcançou o viaduto.

— Tudo bem? — Lev perguntou.

— Tudo. — Respondi estranhando a pergunta.

— *Tá*, mesmo?

— Já disse que sim.

— *Ok*, estava apenas checando.

Continuamos, Lev agora carregava um, quase imperceptível, sorriso no rosto. Não demorou muito para que o projeto de viaduto tivesse fim. Me aproximei da borda dele e olhei para baixo.

— Alto... Né? — Comentei com a voz falha.

Lev fez o mesmo. — As corredeiras tão pesadas ali.

— *Aham...* — Concordei suando frio. — *Ah...* Vamos ter que seguir em zigue-zague.

Entramos num apartamento e seguimos adiante explorando por ele. Dávamos a volta por outro apartamento e cruzávamos a grande correnteza na rua indo para outro prédio, assim fomos ziguezagueando até o prédio comercial.

— Vocês dois tão fugindo a quanto tempo? — Perguntei.

— Dois dias.

— *Pra* onde vocês iam?

— Sei lá... — Lev respondeu pensativo. — Só... Embora.

— Pode me dizer a verdade do porquê eles estão atrás de você? — Perguntei curiosa.

— Não é óbvio?

Fiquei em silêncio tentando entender.

— Eu raspei a cabeça. — Ele respondeu depois de alguns segundos.

— Tão tentando matar uma criança por isso? — Fiquei um pouco indignada.

— É proibido. — Lev respondeu. — Era uma regra... E eu a quebrei.

— Então... — Falei tentando ser mais amigável. — Por quê raspou?

— Eu... Não sei.

— *Humpf*, bem punk da sua parte. — Abri um sorriso na direção dele.

— Punk? — Lev perguntou confuso.

Soltei uma risadinha. — Você não segue muitas regras.

— *Ah!* — Ficou surpreso depois balançou a cabeça. — É, talvez.

Subimos um prédio até seu terraço, lá encontramos um estande de tiro ao alvo com algumas flechas fincadas. Isso me deu uma abertura para perguntar.

— Desde quando você usa isso?

— Meu arco?

— É.

— Desde sempre.

— Você é bom com ele. — Falei sendo amigável. — Devia se orgulhar.

— Você devia ter visto a Yara... — Ele falou feliz com a lembrança, mas logo sua cara se fechou e continuou. — Por quê fizeram aquilo com ela..?

— *Ah...* A gente pode ser cruel... — Falei tentando confortá-lo.

— Minha mãe falava isso... — Disse num tom melancólico. — Dos *lobos*.

— Ela não *tava* errada.

— Eu fico com medo por ela. — Sua voz falhou e então mordeu o lábio nervoso.

— Por quê?

— Vão... Culpa ela pelo que *eu* fiz...

Não soube o que responder. Não falei nada, apenas encostei em seu ombro e o trouxe por alguns metros junto a mim tentando fazer algum apoio moral ou sei lá. Eu espero mesmo que tenha ajudado. Seguimos por uma pequena ponte feita de metal do terraço em que estávamos, então saltamos até a vitrine de uma loja de bolos, apesar de não ser tão comum, a loja era um apartamento num prédio alto. “*Demônios!*” Lev exclamou sussurrando quando avistou infectados dentro da loja. Usei uma garrafa jogada na sacada de onde estávamos e todos quebraram a vitrine e começaram a atacar o vento. O *estalador* voltou para dentro depois de perceber que não havia ninguém ali, entretanto, o *corredor* decidiu andar pela varandinha onde estávamos. Antes que ele pudesse nos perceber, finquei um grande pedaço de vidro que tinha caído no chão. O infectado caiu na hora.

Fomos aos poucos desviando do *estalador*, não queria puxar briga, a munição me impedia de fazer algo imprudente. Descendo pela escadaria do prédio, voltamos ao nível da cidade alagada. Subimos por um caminhão e fugimos dos infectados. Estávamos novamente naquele esquema de ficar pulando em pequenas ilhotas de asfalto.

Chegamos num prédio comercial, não o altão que queríamos. O térreo era uma loja de informática. No balcão, assim que entramos, vimos um corpo recente. Um tiro na cabeça e ao lado, em sua mão, um bilhete. No bilhete tinha apenas uma lista de coisas para coletar.

— Ah... Puta merda. — Murmurei.

— Quem é esse?

— Não sei.

— Mas... Não é um *lobo*. — Perguntou confuso. De fato, era um *lobo*.

— Tem milhares de *lobos*, Lev... Você conhece *todo cicatríz*?

— Não chama de *cicatríz*! — Lev falou agressivamente.

— Beleza... — Suspirei.

Seguímos por mais algumas ilhotas até chegarmos no início do caminho.

— É aqui que deveríamos vir? — Perguntei.

— É. — Lev respondeu com prontidão. — Esse prédio vai nos levar para o que *tá* do lado.

Seguímos adiante. O primeiro piso do prédio, pelo qual entramos, era uma... Tatuaria? Não sei o nome do lugar que fazem tatuagens, mas era ali. Descemos um andar e começamos a explorar uma cafeteria. Enquanto explorava, notei Lev parado observando uma parede. Me aproximei e notei que Lev observava o grafite feito nela. Eram duas pessoas de mãos dadas “dançando”, porém ambas tinham cabeças de gato e ao fundo estava uma cidade em pequena escala.

— Gatos dançando... — Lev comentou, eu apenas levantei uma sobrancelha. — A galera das antigas era esquisita.

Ele apenas saiu andando, eu dei uma risadinha. Notei que ali era o nível mais baixo possível. Sair da cafeteria era voltar as ilhotas, e eu já estava cansada das ilhotas... Um deslize e você voltaria o caminho inteiro, não só isso, mas como também estaria cansado e debilitado, ou até mesmo morto...

Enfim, voltamos para a “tatuaria” e subimos o prédio invés de descer para a cafeteria. Estávamos no que parecia ser uma loja de bicicletas, porém mais da metade do piso havia caído. Lev atravessou um longo vão com tamanha destreza que me deixou com um pouco de inveja. O vão era grande e não tinha como atravessar pulando direto, Lev pegou distância e sem hesitar saltou em direção à um pequeno apoio, uma ponta fora de uma viga derrubada. Seu pé pousou ali com

tanta precisão que no mesmo impulso, ele conseguira se jogar até o outro lado e de pé, sem cambalear ou algo assim.

— *Cê* sabe que eu não consigo fazer isso, né? — Falei.

— Tem outro caminho. — Lev sorriu e apontou para a porta à minha direita.

Realmente era outro caminho, um bem mais simples *pra* falar a real. Eu abri a porta, e vi uma sala com piso inteiro que levava para o outro lado... “Que exibido...” pensei no mesmo instante. Seguimos por uma área mais aberta, sem paredes, e quando olhei para fora, a vertigem bateu e eu cambaleei para dentro do prédio novamente quase caindo no vão atrás.

— Ai, Deus... — Comentei segurando numa viga em terra firme.

— Eu tinha um primo com medo de altura. — Lev falou enquanto andava tranquilamente entre alguns vão saltitando.

— Bom *pro* seu primo... — Falei meio estressada.

Seguimos adiante. Subimos por uma escadaria de mão, tal qual alguém pôs ali. Provavelmente algum *serafita*, afinal a rota era deles. Assim que subimos, Lev disse que chegamos. Seguimos por uma ponte de madeira que rangia quando atravessávamos.

— A gente... — Falei tremendo a voz. — Vai subir mais ainda?

— Você vai ficar bem! — Lev falou com um sorriso no rosto tentando me confortar.

Subimos por uns escombros, então nos deparamos com um corredor com o chão desabado, entretanto as vigas de metal ainda estavam posicionadas... Lev, obviamente, lançou-se com velocidade e pelas vigas, cada passo era uma viga mais na frente até atravessar o vão. Dessa vez não me segurei e gritei “EXIBIDO!” brincando. Lev apenas respondeu com um sorriso e disse “Não é tão difícil... Mas sempre tem o caminho mais fácil!” e apontou para uma porta a minha esquerda. Atravessei a porta e desfilei tentando mostrar meu orgulho por pegar o caminho fácil.

Entramos num banheiro grande e uma das cabines estava destruída, o lugar foi tomado por uma pequena construção de madeira que abria caminho para uma outra escada de mão.

— Como a gente nunca achou esse caminho? — Perguntei impressionada com o quanto não tentavam esconder o local.

— *Lobos* nunca olham para cima. — Lev respondeu com um ar filosófico.

— Quê? Como assim?

— Não importa... — Lev explicou. — O número nem as armas, a gente sempre dá um jeito de contornar vocês.

— Melhor você parar de dizer “a gente”, já que eles querem *te* matar.

Subimos a escada e fechamos o alçapão, só deu tempo de escutar “APÓSTATA!” antes do disparo ser feito. Um tiro acertou Lev no braço de raspão. Logo em seguida outro gritou “É A LILY!”. No meio do embate eu não questionei...

Ouvi assobios urgentes como se eles estivessem montando uma estratégia. Olhei para Lev que fez um sinal apontando para minhas costas. Eu entendi no mesmo momento, virei-me e me deitei no chão com a pistola apontada numa porta nas minhas costas, segundos depois um *cicatriz* apareceu correndo e, sem reagir, caiu morto no chão com apenas um tiro meu em sua cabeça. Um deles gritou “Andrew! Não!” então disparou contra nós enfurecida. Lev ergueu seu arco e atirou uma flecha que zuniu em direção ao *cicatriz*, mas ela foi mais rápida e desviou do disparo, ergueu a arma e apontou para Lev. No último momento antes de puxar o gatilho, arremessei um tijolo em sua cabeça que a desnorteou, mas não impediu de disparar... Felizmente o disparo atingiu apenas a parede atrás de Lev que reagiu bem atirando mais uma flecha.

Ouvi outros *cicatrizes* correndo no andar de cima em direção à um buraco no teto, iam descer por ali. Armei uma bomba de pvc e aguardei alguns segundos então arremessei. Três *cicatrizes* caíram no instante que a bomba detonou e todos foram pelos ares. Quando o combate cessou, ouvi Lev comentando assustado “Só na fraqueza encontramos nossa força genuína...”.

Continuamos andando em silêncio até encontrarmos o caminho.

— *Cê* ouviu do que me chamaram? — Lev perguntou nervoso, ansioso e um pouco triste.

— *Uhum*. — Respondi sendo cuidadosa com o assunto (para os que não prestaram atenção, chamaram-no de Lily).

— Quer me perguntar por quê? — Lev falou confuso.

— Você... Quer que eu pergunte?

— Não... — Lev respondeu um pouco surpreso até, talvez ele pensasse que minha curiosidade ia ser maior.

— Tudo bem.

Andamos por mais um banheiro e subimos mais... A cada vez que subíamos mais, eu ficava mais nervosa. Encontramos uma sala grande e sem muitos móveis, nela havia alguns sacos de dormir e um altar com uma pintura de uma mulher na parede.

— Nossa... — Comentei, estava até impressionada com a beleza. — Os *cicatrizes* construíram isso?

— *Serafitas*. — Corrigiu-me Lev.

— É, era... Era... — Gaguejei. — Era o que eu ia dizer... Enfim, é bem legal.

— O que é “legal”?

— Tipo... Impressionante... Incrível... — Então citei mais alguns sinônimos até que ele entendesse algum deles.

Lev fez uma pequena prece e uma oração diante do altar, eu apenas esperei.

— Será que sua “profetisa” tinha alguma ideia do que ela *tava* começando? — Perguntei descreditada enquanto ele fazia a oração.

— Ela salvou muita gente. — Respondeu Lev. — De um jeito inexplicável.

— Ela explodiu caminhões e matou soldados... Acho até fácil explicar.

— Você leu os escritos dela?

— Passei o olho.

— Te faria muito bem.

— Sei...

Subimos por mais uma escada de mão. Como eu disse, a cada vez que subíamos mais, eu ficava mais nervosa. Estávamos numa parte do prédio em obras. Imaginei que não subiríamos mais do que aquilo, então me tranquilizei um pouco... Até que Lev seguiu um caminho subindo por caixas enormes de materiais... O local era muito, muito aberto. O vento era penetrante e forte... Se não fossem nossos agasalhos, acho que congelaríamos. A névoa passava vagarosamente pela gente e fria como deveria ser. Seguimos adiante para mais uma área do prédio.

— *Pra* onde agora... — Perguntei para Lev, mas antes que ele pudesse responder, eu disse. — Espera... Já sei... *Pra* cima?

— É. — Lev apenas concordou enquanto eu... Tentava acostumar a ideia de subir mais ainda naquele prédio... Eu já estava meio enjoada.

Enfim, entramos num elevador daqueles de construção, era feito de grades de metal e havia apenas um painel com dois botões nele, um para cima e outro para baixo. A cabine era

inteira varada, ou seja... Eu olhei para baixo enquanto subíamos... Eu sei, eu sei... Não se olha para baixo no em lugares altos assim, você só se desespera, mas amigo leitor... É difícil resistir aos seus instintos básicos, principalmente o sentimento de medo... Em qualquer direção que olhava, havia apenas névoa densa, talvez fossem as nuvens, eu não sei. Em nenhuma direção podia ver o chão e quando não se dá *pra* ver o chão, eu simplesmente assumi que estava num enorme poço sem fundo... E se caísse... Seria para sempre. Eu também não sei descrever a sensação de medo incontrolável, mas posso descrever a situação do meu corpo por causa dele. Assim que o elevador se moveu, eu me agarrei nas grades, pouco depois me acocorei no chão e juntei minhas pernas, tremia de medo e apesar de extremamente frio, suave... Meus olhos arregalados e atentos, porém, a cada tremida do elevador eles se fechavam em desespero. Olhei para Lev e vi ele de pé, tranquilo.

— Quer um conselho? — Ele perguntou.

— Ai, meu Deus... — Falei sem prestar muita atenção.

— Só... Pensa nas partes boas do medo.

— As partes boas? — Ergui a sobrancelha e falei com agressividade.

— É... Tipo, você corre mais, você ganha foco...

— Puta que pariu...

— Você não sente tanta dor... — Lev continuou. — Cada sensação ruim... As mãos suadas, — No meu caso o corpo inteiro. — o coração acelerado... São todos sinais de que você ficou mais forte.

Não falei nada, mas olhei-o e prestei atenção.

— Então, quando ficar com medo, você pensa em como seu corpo *tá* se preparando *pro* que der e vier. — Então ele repetiu. — “Só na fraqueza alcanço minha força genuína.”.

O elevador parou. Chegamos ao nosso destino. Me acalmei um pouco quando entramos num corredor fechado, mas minha calma não demorou muito. Continuamos e antes de voltarmos ao ar livre de novo, passamos por um outro altar da profetisa.

— Isso é dá profetisa. — Falei tentando puxar assunto e me distrair.

— *Uhum*. — Lev respondeu.

— *Ah*... — Me veio uma dúvida a cabeça quando notei que usamos um elevador elétrico. — Achei fossem contra eletricidade e esses “pecados” do mundo antigo.

— Há exceções... Especialmente *pra* soldados.

— Conveniente...

Saímos e o vento nos penetrou bruscamente. Era impossível de ver qualquer coisa ao redor fora do prédio... Seguimos por uma escadaria circular, subindo de novo... Então vi Lev correndo por uma ponte *extremamente* pequena e mais adiante...

— QUE PORRA É ESSA?! — Gritei.

Olhei adiante. Um guindaste, um *fodendo* guindaste derrubado se posicionando por um triz como uma gigantesca ponte entre dois enormes prédios.

— É a ponte. — Lev respondeu.

— Lev! — Gritei quando o vi correndo por ela.

— Me segue!

— Merda...

— A gente vai devagar, relaxa.

Botei o pé numa pequena tábua de madeira construída a mão. Ela rangeu e então eu botei o outro pé. Quase caí no mesmo instante. Fechei meus olhos e quando os abri, Lev havia voltado e segurado minha mão. “Vem” ele disse “com calma.”

— Não sei se consigo, Lev... — Falei.

— Não é tão ruim quanto parece, Abby.

Caminhei pela pequena ponte. Chegamos na ponte do guindaste. Apesar de mais coberta que a outra pequena, era assustador igual. Primeiramente era um grande vão coberto por madeira. Depois a madeira ia desaparecendo gradativamente, de repente me vi caminhando numa pequena ponte na lateral me segurando em pequenos pedaços de madeira para não cair. Escorreguei, mas não caí... Ainda bem. Continuei e mais uma plataforma fechada de madeira. Eles pareciam ter construído aquilo em seções. Primeiro há uma parte com chão completo de madeira, depois uma mais longa com uma pequena ponte na lateral para andar, dessa forma gastariam menos material e completariam mais rápido o trajeto.

— Como você *tá*? — Lev perguntou assim que passei pela primeira seção.

— Esperando aquela força genuína que você disse...

— Mané. — Lev riu.

Segui por mais duas seções e enquanto eu caminhava na terceira encostada na parede de madeira improvisada, Lev perguntou:

— O que *tá* rolando entre você e seu amigo Owen?

— MEU DEUS, LEV! AGORA?! — Gritei indignada e comecei a caminhar mais rápido.

Hoje eu entendo a intenção de Lev, me distrair.

— Só parecia bem tenso!

— Só vai, *cacete*!

Chegamos no prédio onde o guindaste estava apoiado...

— Consegui! — Comemorei. — Consegui, *caralho*!

— Vem! — Lev respondeu.

— Dá *pra* fazer uma pausa e ficar impressionado?

— Ainda não...

— Lev, vem cá eu vou te abraçar.

— Você não vai querer me abraçar daqui a pouco.

Seguimos por uma área destruída por causa do guindaste, mas Lev ainda parecia preocupado. Passai por debaixo de uma persiana improvisada e novamente me assustei. Um lugar aberto sem paredes, quase sem piso e a continuação da ponte...

— PUTA MERDA, LEV!

— Vai ficar tudo bem, olho em mim!

Havia uma pequena estação no início da segunda ponte. Eu conseguia ver o guindaste até ele desaparecer na névoa. Diferente da outra parte em que andávamos, esse era triangular (o outro era num formato quadrado e andávamos por dentro dele) e dessa vez... Bom, dessa vez íamos sem proteção alguma por cima de uma das pontas do triângulo...

Passei mal e vomitei... Fiquei desequilibrada por um segundo, mas Lev correu e me ajudou a me apoiar. Passei uns cinco minutos me preparando e criando coragem até que finalmente fomos.

— COMO VOCÊ NÃO ESTÁ MORRENDO DE MEDO? — Gritei desesperada.

— Nunca tive medo de altura. — Lev respondeu correndo com braços abertos se equilibrando na ponte.

— VOCÊ TEM MEDO DE QUE ENTÃO?

— Do oceano, de cachorro...

— Puta que pariu...

Chegamos na metade da ponte, nos elevamos um pouco mais, entretanto, eu continuei engatinhando. Avistamos o prédio a frente, nosso objetivo. Comecei a me mover. “Ai, Deus, ai, Deus, AI, DEUS!” era tudo que passava pela minha cabeça.

— LEV, EU NÃO CONSIGO LEV. — Gritei.

— Você consegue, foco em mim, Abby! — Ele gritou tentando me encorajar. — Você consegue, vamos! Foça genuína!

— Força genuína... Força genuína... Força genuína... — Fiquei repetindo o caminho inteiro vidrada apenas em dar um passo de cada a vez...

Por incrível que pareça estava dando certo, andei metade do caminho restante e avistei Lev. Ele estava acenando com a mão, então olhei para ele e soltei um breve sorriso nervoso de felicidade por estar conseguindo... Dei mais um passo olhando para Lev... Meu pé escorregou, pisei em falso. Escorreguei por uma viga até me segurar na base do triangulo que era o guindaste. Gritei desesperada mente, comecei a chorar, olhei para baixo... Não sabia o que fazer, minha mão estava escorregando. Lev correu de volta, desceu pela lateral do guindaste e segurou em minha mão, mas não tinha força suficiente... Eu o segurei com força e minha outra mão escorregou.

Eu gritei como se eu tivesse 5 anos novamente e Lev veio junto comigo para o abismo...

A Descida

Ficamos alguns segundos no ar antes de acertar com tudo algo sólido. O prédio que estávamos tentando chegar ele era extremamente alto, entretanto ele era mais largo e maior na base e ficava mais fino numa espécie de nível em algum momento e foi nessa divisa de um “nível” para o outro que nos chocamos. Uma área com vários e grandes painéis de vidro como paredes e teto, ao atravessarmos o vidro, caímos diretamente numa piscina que, graças aos céus, estava com água. A piscina amorteceu o impacto, porém a queda era tão alta que com a velocidade acertamos o fundo. Desesperadamente nadei para fora da piscina e tomei fôlego ao sair, fiquei deitada por alguns segundos respirando profundamente de olhos fechados e super assustada. Lev saiu da piscina segundos depois de mim.

— *Tá* pronta? — Lev falou assim que saiu da piscina.

— Quê? — Respondi ofegante. — Me dá um minuto... Por favor...

— Okay... — Lev ficou parado de pé ao meu lado me olhando.

Passei alguns minutos deitada no chão molhado, então me sentei e passei mais alguns minutos me acalmando, finalmente me levantei e seguimos adiante.

— Certo, Lev... — Falei quando estava 100% novamente. — *Pra* onde agora?

— *Ah...* Eu não sei.

— Como assim “não sei”?

— Bom... — Ele explicou. — Esse é o prédio certo, mas eu nunca vim nessa parte dele.

— Que ótimo...

— A ponte nos deixa nos fundos. Tudo aqui é novidade *pra* mim.

— Certo... *Vamo* achar um jeito de descer então...

Estávamos na área de piscina do prédio. Uma piscina cheia — uma água verde musgo, mas cheia —, uma área aberta, várias cadeiras alongadas, bancos e algumas saídas. A primeira era a porta do banheiro/vestiários, tal lugar não tinha nada de interessante a não ser por sungas e biquínis jogados por aí, porém havia outra porta que levava para uma academia na sala ao lado. A segunda saída levava apenas para a academia direto sem passar pelo banheiro. Continuamos a explorar o local procurando por uma saída.

— Meu ouvido *tá* zumbindo. — Lev comentou.

— Se isso é o pior, a gente deu a maior sorte. — Respondi.

— E se não foi sorte?

Suspirei. — E se foi? — Falei.

— Tem *lobo* que crê em Deus. Eu já ouvi *lobo* rezando.

— É, mas eu não creio. — Falei um pouco rabugenta, não gostava tanto do assunto. —

Se é *pra* morrer, vou morrer por mim mesma.

— Então... — Lev parecia pensativo. — Por que você *tá* aqui? Por que voltou pela gente?

Mais um suspiro. — Culpa.

— Do que? — Lev estranhou. — Você não deve nada *pra* gente.

Eu acho que já cansei de suspirar. — Eu só... — Respondi relutante. — Precisava aliviar o peso um pouco...

Lev não respondeu, pareceu apenas pensativo... Era notório que o menino não era bom com interação social. Seguimos pela academia, encontramos uma... Lanchonete eu acho? Não, definitivamente era uma lanchonete... Eu acho que nunca entrei num prédio assim, tudo era novo *pra* mim também. Os elevadores estavam quebrados, óbvio, então fomos pela escadaria. A porta estava um pouco pesada quando abrimos. Lev comentou que quando chegássemos à rua, estaríamos do lado do hospital, então esse era o objetivo. Havia um corpo do outro lado da porta da escada.

— Só um corpo. — Falei vendo o esqueleto segurando uma pistola, peguei sua munição.

— É um dos seus?

— Não... Presta atenção nas roupas. — Entreguei uma lanterna a Lev, tal que nunca havia usado uma.

O esqueleto estava vestido com uma calça e camisa azuis escuro, por cima um colete à prova de balas escrito "SEATTLE P.D.", junto a ele uma carta.

"Seb, Victor e Irina morreram. Avery e Mali sumiram. E eu fui mordido. O ninho era maior do que previsto. Tentei explodir tudo, mas os malditos detonadores deram defeito.

Típico que o que vai me matar é a porra da incompetência da F.E.D.R.A."

Não sabe o que é a F.E.D.R.A., leitor? Se não, você deveria ler o livro anterior antes de continuar... Tem escrito na capa que esse é o dois, a Ellie deixou fazer questão disso! Resumindo, F.E.D.R.A. é uma sigla para Federal Disaster Response Agency (Agência Federal de Resposta a Desastres). VÁ LER O LIVRO ANTERIOR!

Enfim...

— Lev, tem infectados nesse prédio? — Perguntei assim que li a carta.

— A gente sempre pega o elevador e deste tudo até o térreo, então eu não faço ideia.

— Beleza...

Descemos um andar e encontramos mais um esqueleto vestindo a mesma roupa do anterior, paramos no andar após, a escada terminava nele. Fui em direção à porta e verifiquei o caminho através da janelinha dela.

— Esporos. — Falei. — Põe a máscara.

— Eu... — Lev parecia preocupado. — Não tenho...

— Vocês não acreditam em máscaras de gás?

— A gente *tava* fugindo. — Ele falou ofendido com o que eu disse.

Olhei para o terceiro esqueleto ao lado da porta e vi que ele estava usando máscara, porém danificada... Olhei a porta e pensei “deve haver mais deles, pelo menos uma máscara eu encontro...”.

— Vou ver o que dá *pra* arrumar e volto aqui. — Falei enquanto colocava a minha máscara. — Se afasta, Lev, esporos...

Ele encostou na parede contrária e tapou a boca e o nariz com as mãos.

— Se você morrer eu fico preso aqui... — Ele falou.

— Então reza *pra* eu não morrer.

Abri a porta, passei, e a fechei rapidamente.

O mundo após o dia do surto é muito mais do mesmo, principalmente as construções, são sempre frágeis, com telhados ou paredes derrubadas, musgos e fungos para todo lado. Simplesmente a vida tomando conta do lugar que roubamos da natureza, eu acho. Esse prédio em específico era um pouco mais impressionante, eu não dei a volta nele para ver sua base ou coisa assim, mas o fato de ainda estar de pé me impressionava. O local era todo escuro e úmido, a grande maioria das janelas estavam fechadas, logo a minha o piso tinha cedido levando para uns dois ou três andares abaixo. Uma única viga de ferro estava suspensa a minha frente e era a única maneira de passar. Antes eu dei uma olhadinha no último apartamento inteiro de onde eu estava, acabei adquirindo algumas tesouras para fazer facas, alguns trapos velhos e um pouco de álcool.

Enfim, me equilibrei pela viga de metal, sem olhar para baixo, e atravessei o vão, então passei por uma fresta na parede. Assim que passei escutei um barulho de algo caindo. Congelei.

Olhei ao redor e não vi nada... “*Espreitadores*” pensei. Eu me encontrava num grande apartamento, móveis, cadeiras, sofás, alguns quartos, bem bonitos se não fossem as massas gigantes de fungos e os milhares de pontos de infiltração. O piso era de carpete bem fofo e abafava meus passos, o que era ótimo. Esse piso se estendia para todos os apartamentos, enquanto as áreas comuns eram de madeira, o que aumentava o som dos meus passos... Explorei o primeiro apê, então atravessei o corredor e tentei abrir a porta da frente, a qual estava trancada... Ouvi o que pareciam ser *estaladores*, som do qual você, leitor, jamais iria querer ouvir... Andei um pouco mais pelo corredor até a segunda porta do mesmo apartamento. Entrei e avistei um defunto usando uma máscara, me aproximei e virei a cabeça do esqueleto... Ele havia se matado com um tiro no olho... Usando a porcaria da máscara... Suspirei...

Não ousei abrir a porta que ligava ao outro cômodo, ainda podia ouvir alguns estalos. Explorei o resto do apartamento e atravessei o corredor novamente para o outro lado. As massas de fungos estavam ficando bem maiores com o passar dos anos, também acho que os infectados tão ficando mais espertos... Eu entrei pela porta do apê a frente e vi esse grande conjunto de fungos pregados na parede, analisei um pouco e o formato parecia humano... “Será que foi preso na parede? Como foi parar aí?” me perguntei, então decidi continuar... Não dei mais de três passos a frente quando ouvi os fungos rachando e dali saindo um *espreitador* furioso me agarrando pelas costas. Ainda bem que não tinha histórico de ataque cardíaco na família, se não acho que teria morrido antes do infectado saltar em mim. Usei toda a minha força para me levantar e bati de costas na parede, isso fez ele me soltar. Saquei uma faca improvisada, virei-me e o empurrei contra a parede novamente fincando a faca em sua cabeça.

O larguei cuidadosamente no chão e esperei armada. Não ouvi nada, mas se havia um *perseguidor* aqui, havia mais... Fiquei mais alerta. Encontrei um defunto e dessa vez a máscara estava boa. Virei-me e fui até a porta do quarto alegre, então um vulto passou a minha frente... Um outro *espreitador*... Sem pensar duas vezes, saquei meu fuzil e um tijolo, arremessei no outro quarto e pelo menos quatro *perseguidores* saltaram na direção do tijolo, arremessei uma bomba de PVC embaixo deles e corri de volta para a fresta que eu vim. Um outro infectado saltou da parede do corredor, mas dessa vez eu estava atenta, usei meu antebraço no pescoço dele para empurrá-lo contra parede, dei um passo para trás e atirei. Ouvi a porta do quarto trancado sendo derrubada, corri para a fresta e a atravessei. Quase caí da ponte de metal, mas no último segundo de equilíbrio

eu saltei e me agarrei na beira do outro lado. Os infectados que me seguiram caíram no vão e morreram com a queda.

— Toma aí, um presente. — Arremessei a máscara para Lev quando nos encontramos de novo. Ele sorriu e colocou a máscara, mas não estava muito apertada, me prontifiquei para ajudá-lo a apertar.

— A gente *tá* demorando muito. — Lev falou preocupado.

— Não dá *pra* ir mais rápido. — Respondi. — Se a gente morrer por causa da pressa, sua irmã está ferrada.

Verifiquei sua máscara, então ele me olhou com olhos cheios de preocupação.

— Relaxa, Lev. — Me agachei para ficar na altura dele. — A gente consegue. — Soltei um sorriso leve, então ele assentiu com a cabeça.

Atravessamos a porta mais uma vez.

— Achou um jeito de descer? — Lev perguntou.

— Não. — Respondi.

Olhamos um pouco ao redor e Lev achou uma “corda” — uma mangueira de bombeiro do prédio. A enrolamos na viga de metal e descemos quatro andares. Adianto logo que não precisa manter o cálculo de andares, nem eu sabia quantos andares faltavam ou em qual andar estávamos, eu *tava* mais preocupada em sobreviver. A cada andar que descíamos o local ficava mais caótico. Os fungos tomaram o local por completo, tudo que encontrávamos eram esqueletos e defuntos de agentes da F.E.D.R.A. por aí, sem contar também a escuridão do local. Tudo que era janela ou fonte de luz estava coberta por fungos, o local inteiro com esporos formando uma neblina.

Andamos um pouco e vimos um enorme buraco que levava diretamente para o primeiro andar, infelizmente não tínhamos aprendido a levitar ou algo assim para simplesmente nos jogarmos. Demos a volta no abismo e entramos num quarto, um infectado saiu da parede mais uma vez e saltou em mim. Eu o segurei e Lev saltou nas costas dele e fincou várias vezes sua faca.

— Aquela coisa *tava* crescendo na parede? — Lev falou horrorizado.

— Bom, agora não mais.

— Odeio demônios...

— Nem me fala.

O processo de decida fora o mesmo até o fim. O grande abismo ficava no meio do prédio e nós o contornávamos até achar uma descida. Andar por andar enfrentando os infectados, coletando recursos... Vou poupar você dessa longa repetição, leitor...

Um único trecho que vale a pena comentar foi o último, o andar em que o abismo terminava (para nossa surpresa, o buraco não terminava no térreo). O andar era inteiro, não havia cedido nada no chão ou as paredes. Nessa área havia um monte de paredes com infectados esperando que passássemos, além disso vários *estaladores* estavam vagando pelo andar sem rumo... Porém, o pior dos problemas não era esse, havia um *baiacu* no fim do corredor “guardando” a saída... Usei uma garrafa e improvisei um silenciador com panos velhos e um travesseiro e atirei nos que estavam grudados na parede. Continuei matando os *estaladores* um a um até que sobrou apenas o *baiacu*... Em um dos andares acima, eu encontrei um lança-chamas, mas não havia usado ainda, tinha pouco gás, mas não hesitei em pegá-lo nesse momento. Armei duas bombas de PVC e as atirei em seu pé, ele mal notou... Mandeí Lev atirar nele e corri na direção do monstro. Flecha atrás de flecha o acertou, quando finalmente percebeu de onde vinha, eu atirei em sua cabeça com minha escopeta, joguei ela no chão e ergui o lança-chamas e pressionei o gatilho... Não saiu nada. Fiquei completamente desesperada, paralisada, não sabia o que fazer, até que o *baiacu* me agarrou e me ergueu no ar, eu ia morrer esmagada... Ele urrou em minha frente e começou a me espremer, ergui o lança-chamas e coloquei em sua boca pressionando o gatilho novamente... Gritei desesperadamente, mas nada saía, então comecei a chorar, a dor era enorme... Fechei os olhos e poucos segundos depois senti um calor vindo da minha frente... O lança-chamas usou seus últimos mililitros de gás e salvou minha vida derretendo a cabeça da criatura... Ela me largou no chão e eu me pus de joelhos ofegante.

Lev corre atrás de mim e me ajudou a levantar com pressa. Havia um elevador, a porta dele estava entre aberta, eu e Lev atravessámos e escapamos dos infectados que corriam atrás de nós. Descemos mais um andar e atravessamos uma porta e, nossa, eu nunca me senti tão aliviada em ver a luz do dia mais uma vez. Nos afastamos um pouco da saída e retiramos as máscaras.

Sáímos do prédio e estávamos no que parecia ser uma área ao ar livre do prédio. Lev apontou um elevador que fica na lateral do prédio, ele disse que teríamos acabado aqui se fôssemos por ele.

— Não vamos contar aos outros o que aconteceu. — Lev falou. — Não quero a Yara preocupada.

— *Humpf*, você é um bom irmão. — Respondi, então falei relutante. — Posso fazer uma pergunta?

— Pode! Por que não?

— Se arrepende de raspar a cabeça?

— Não devemos ter arrependimentos na vida.

— Lev...

— Eu devia era ter fugido... — Ele falou melancólico. — Aí a Yara não teria se metido nessa... Ela estaria em casa cuidando da nossa mãe.

— Sua mãe precisa de cuidados?

— É a nossa mãe, é o nosso dever. — Ele falou com um ar patriota.

Exploramos a área, a qual não tinha nada demais, então seguimos por uma escada feita por *serafitas* tentando sair do local, Lev voltou a guiar o caminho. Atravessamos uma ponte para uma construção então entramos num quarto e *voilà*. Estávamos de frente para o hospital.

— Você só vem até aqui. — Falei enquanto observávamos do segundo andar de uma pequena construção.

— Quê? — Lev pareceu confuso. — *Pera*, por quê?

— Porque eles querem matar você, se lembra? — Respondi. — Comigo eles só querem uma partida de revanche no gamão.

— O que é gamão?

Suspirei. — Eu vou entrar pela frente, vou pegar tudo e voltar *pra* cá. Você vai ficar aqui, *tá*?

— *Tá*...

Mergulhei no rio a frente e nadei até a entrada do hospital. *Pra* quem anda um pouco perdido, esse é o mesmo hospital em que a Ellie invadiu... Entretanto, na linha do tempo ela só chega aqui depois que eu já estou de saída.

Conversei com os guardas que logo me reconheceram.

— E aí, galera! — Falei.

— *Pô*, você nadando aqui? — Um guarda qualquer perguntou.

— É, o barco estragou... Preciso de suprimentos médicos. — Falei tentando parecer confiante. — *Tô* fazendo um lance *pro* Isaac.

— O Isaac pediu *pra* gente transportar isso tudo. — Falou o segundo guarda próximo.

— O que ele quer?

— *Ah...* Não posso falar... — Falei um pouco nervosa. — É um lance longe da BAV.

— Bom, — O primeiro guarda falou amigavelmente. — dá uma olhada, vê se alguém tem que o você precisa.

— A Nora *tá* por aqui?

— Acabou de ir no último transporte, mas ela volta.

— Certo, valeu...

Finalmente, estava dentro do hospital.

O Hospital: Parte Dois

Saí falando com o pessoal da entrada do hospital, avistei um pessoal carregando um defunto e o arremessando numa fogueira, ouvi pessoas falando sobre o acontecimento do Danny e do Owen... Conversei com uma responsável por algumas caixas de suprimentos, mas não havia pegado nada cirúrgico ainda. Quando cheguei o céu já estava escuro, céu ainda nublado como no dia anterior. Fui em direção até a porta principal do hospital e encontrei uma *loba* qualquer.

— E aí? — Falei tentando ser amigável, apesar de nunca ter falado com ela.

— Abby, certo? — Ela respondeu enquanto mexia em algumas caixas.

Confirmei com a cabeça.

— Mandaram você *pra* cá também? — Ela disse num tom mais amigável ainda.

— É... Maior corre. — Soltei uma risadinha e logo fui retribuída. — Preciso de suprimentos médicos. Pode me mostrar onde posso enco...

— ABBY! — Um outro *lobo* abriu a porta do hospital seguido de outros dois amigos armados. — Acabei de falar com o Isaac...

Estremeci quando ele falou isso... Achei que tivesse mais confiança do pessoal.

— Ele quer você de volta na BAV.

— Deixa eu falar com o Isaac. — Respondi.

— Só cara a cara. — Ele respondeu sério com uma pistola empunhada. — *Cê* volta com o próximo carregamento... Foi mal... — Então ele sacou um par de algemas.

— Ei, ei, ei! — A *loba* gentil e amigável interrompeu. — O que ela fez?

— Estava sumida desde ontem. — Ele respondeu então se aproximou de mim. — Me dá as mãos.

Os outros dois amigos armados dele me cercaram, ambos carregavam escopetas, eu não tinha o que fazer naquela situação a não ser me entregar e foi exatamente o que fiz. Fui levada até um elevador parado no primeiro andar do hospital e fiquei lá algemada no corrimão do elevador. Fiquei ali sentada no chão por um tempo, não sei exatamente quanto, pareciam horas, mas o tempo é relativo, podiam ter sido minutos. Me esperneeí como uma criança de 10 anos gritando, xingando e tentando quebrar o corrimão que, por incrível que pareça, era super-resistente.

— Você vai acabar deslocando o ombro. — Uma voz calma e familiar soou da entrada do elevador.

— Nora! — Suspirei aliviada.

Nora é um dos meus amigos que me apoiaram depois da morte de meu pai, apesar de ser uma das amigas mais recentes. Ela era uma mulher alta de pele escura, pouca expressão no rosto, olhos um pouco fundos e escuros e sempre mantém seu cabelo cacheado como um *black power* preso num enorme coque na parte de cima de sua cabeça. Usava jeans marrons com grandes botas pretas e pesadas, uma regata também preta e um casaco verde musgo com ambas as mangas rasgadas simulando um colete.

— Uau. — Ela falou calmamente e sem expressão. — Nunca pensei que fosse ver o Isaac braço com você. — Então sacou uma chave do bolso e me soltou. — Encontrou o Owen no aquário?

Eu não havia contado isso para Nora, então só fiquei em silêncio com as sobrancelhas juntas em dúvida.

— Falei com o Manny. — Tudo havia sido esclarecido.

— Preciso de suprimentos. — Falei enquanto pegava minha mochila que Nora trouxera junto.

— Por que, o que rolou com ele? — Ela perguntou num tom mais preocupado, porém calmo e baixo.

— Síndrome compartimental. — Falei sem desviar o olhar de minha mochila num tom sério e sem gaguejar. — Antebraço esmagado.

— É você que *tá* tratando ele?

— A Mel. — Entreguei a lista de coisas que a Mel fez. — A gente não tem muito tempo.

— Jesus... — Ela disse preocupada. — Já encaixotamos e despachamos uma parte desses suprimentos...

Ambas suspiramos, então Nora franziu o cenho e olhou para o nada por alguns segundos pensativa.

— Que foi? — Perguntei.

— Mas ainda não terminamos os pisos de baixo... — Ela falou sem desviar o olhar.

— Lá vai ter o que eu preciso?

— Provavelmente... — Pausa dramática. — A coisa não *tá* boa por lá... Falo isso sendo *muito* otimista.

— Vou ficar bem. — Respondi confiante...

Nunca me arrependi tanto dessas palavras... “Vou ficar bem”, uma *porra* que fiquei, tenho pesadelos com o que tem lá embaixo até hoje!

Nora me olhou nos olhos sem levantar a cabeça da lista da Mel, a cara dela era de um deboche enorme que queria dizer algo mais ou menos “Confiança é bom... Mas vou fazer questão de mandar uma carta escrito ‘eu te avisei -nora’ quando acontecer seu enterro.”. Voltou os olhos para a lista e depois me devolveu.

— *Cê* quem sabe... Agora assim, se você for pega por mais alguém...

— Não foi você, eu sei.

Nora me guiou até a entrada dos andares inferiores. Conversamos um pouco sobre o que anda rolando... Não falei nada sobre os *serafitas*. Ela quis saber como o pessoal todo estava basicamente, contou que o Isaac interrogou todo mundo quando descobriu que fui embora, disse que sentiu pena da Mel quando eu disse que Owen pensava em ir para Santa Bárbara... E assim foi. Passamos por um longo corredor com várias coisas amontoadas, caixas bloqueando parte da passagem etc. Vocês passam por aqui no capítulo da Ellie. Nora disse algo importante de ressaltar...

— Certo, aqui você vai encontrar a UTI (Unidade de Terapia Intensiva, para quem não sabe o que é), o Centro de Trauma e algumas salas cirúrgicas...

— Perfeito. — Respondi ainda confiante.

— *Ah...* A gente nem tocou nessa área por um motivo... — Nora parou e puxou meu braço para perto dela, olhou nos meus olhos e continuou. — O epicentro da cidade toda foi aqui...

— O que isso quer dizer? — Perguntei com um leve medo crescendo em mim.

— Os primeiros infectados ficaram aqui... Antes da epidemia começar... — Ela falou num tom sério e assustador causando um arrepio subir pela minha espinha. — Vai *tá* uma floresta lá dentro.

— Delícia! — Falei num tom sarcástico e então ela me soltou.

Continuamos em silêncio após o corredor, passando por uma área mais aberta com alguns balcões de atendimento, então mais corredores escuros e assustadores... Quase um filme de terror... Chegamos até a porta que levava à ala de oncologia (estudo do câncer basicamente). O silêncio era ensurdecador, tudo parecia mil vezes mais alto naquele silêncio, podia ouvir minha respiração, os nossos passos ecoando pela sala, sentia meu coração bater mais forte... Nora me parou de frente para a porta e disse “vê se não morrer, ok?” antes de ir embora.

Estava sozinha, completamente. Aquele mesmo silêncio penetrante continuava me atormentando. A sala de oncologia era toda decorada com arco íris, papéis de paredes azuis e cores muito claras apesar da escuridão. Saí por uma porta e me encontrava num corredor que, apesar de parecer, não era longo... O corredor mal tinha itens nele, era apenas um longo caminho em direção do desconhecido. A porta dupla da próxima sala estava aberta completamente escancarada com um outro quarto completamente vazio... Minha lanterna alcançava poucos metros a minha frente e a escuridão do quarto seguinte parecia me chamar... Eu estava me *cagando* de medo.

Segui adiante e estava numa espécie de uma área de conexão, apenas um corredor que rodeada uma sacada até o andar de baixo. Continuei seguindo pelas trevas (sendo bem dramática) até chegar numa escadaria. O andar debaixo era idêntico ao de cima, mas a escadaria do outro lado estava bloqueada. A sacada, entretanto, estava quebrada e umas caixas grandes faziam uma queda grande ser uma pequena e me facilitou a descida. Antes de descer, havia uma porta dupla com uma placa acima indicando a UTI, porém estava bloqueada, ou seja, só restavam as salas cirúrgicas e o Centro de trauma, que eram descendo pelas caixas num caminho sem volta...

Olhando ao redor encontrei uma capela, o lugar estava todo lotado de macas e equipamento da F.E.D.R.A. Explorei a área coletando um pouco de munição e encontrando um bilhete...

“Eles vão mesmo pra lá de novo hoje? Toda vez só meio esquadrão volta. A gente perdeu o laboratório... Tá na hora de dar um basta. Aliás, foi mal por passar bilhetinho feito um colegial, mas não quero que esses soldados fiquem escutando.”

Pareciam duas pessoas trocando a mesma carta várias vezes, cada parágrafo era uma resposta.

“Não faço ideia do que está acontecendo. Por que não tiram a gente daqui? Vivem falando que vai rolar uma ‘evacuação’ assim que garantirem que o prédio possa ser contido.

Tipo, será que estão vendo (ou ouvindo) o que acontece lá embaixo? Já era pra gente. Acho que não tem nada a ver com contenção. Tem a ver com proteger os dados da pesquisa. A gente precisa cair fora.

Nossos amigos ainda podem estar vivos lá embaixo.

Você viu o que aquelas coisas fazem. Não dá pra sobreviver. Não por muito tempo. É foda dizer isso, mas eles morreram.

O que você sugere?

O Scott anda brigando com os soldados. Ele já está mais do que de saco cheio. Vamos cooptar ele e dar um jeito de sair daqui.

Melhor esperar mais um dia. Ver do que esses novos soldados são capazes.

Um dia. E aí a gente toma uma atitude.

Valeu.”

Fiquei feliz por não estar presente no início de tudo... Depois triste por ainda viver nessa merda inteira...

Saí da capela e encontrei uma área com uma pequena placa escrito “emergência”. Imaginei que o trauma ficasse por ali, mas antes de entrar achei um outro bilhete...

“Só sobrei eu do esquadrão. Todo mundo que desceu comigo morreu...”

A gente selou a maioria das portas, mas algumas ficaram inacessíveis pela força avassaladora dos pacientes infectados. Ninguém esperava uma resistência dessas. Achei que eles estivessem doentes... Fracos. Não pensei que eu os veria despedaçar os meus homens.

Fiquei com várias mordidas no braço e na perna. Vou acabar com mais alguns desses filhos da puta antes de chegar às últimas balas. Depois disso, vou me juntar ao meu esquadrão.

Se acharem esta carta, saibam que”

Virei a folha.

“você vão precisar mandar mais soldados para contar a área toda. Com sorte vocês serão mais espertos e vão mandar o prédio todo pelos ares em vez de tentar conter o que tem aqui dentro.

Boa sorte aí, seus cuzões.”

Vocês devem estar de saco cheio dessas cartas que transcrevo aqui. Bom, eu gosto de compartilhar elas pelo simples fato de ajudar a entender o caos que as pessoas passaram depois e durante o surto. Esse livro conta a história de duas pessoas com destinos cruzados, mas não quer dizer que só existiram a gente... Cada morte, cada corpo morto que encontrei, todos tinham uma vida antes, todos eram pessoas e vale a pena citar seus legados miseráveis, não podem serem esquecidos assim tão facilmente... “Você fez tudo o que pôde.” Comentei a mim mesma.

Tendo dito isso, segui adiante para a emergência. A começar pela entrada, ela era inteiramente feita de plástico especial vedado, como aquelas roupas amarelas que vemos em filmes. Era uma área inteira em quarentena... Isso quer dizer que eu estava me aproximando do meu objetivo. Avistei esporos mais a frente então pus a máscara. Passei por uma porta circular de plástico

escrito “ATENÇÃO”, além disso, tomei um enorme susto ao ver um paciente morto deitado numa maca, seu corpo inteiro coberto por grandes massas de fungos. Continuei andando e aos poucos o chão fora sendo tomado por fungos até ser tudo coberto, chão parede e o teto quase todo. Os fungos que agora tingiam as paredes e chão eram de uma coloração amarronzada, porém sempre que formavam alguma espécie de ponta ou coisa assim passavam a ter um tom mais claro. A cabeça dos *estaladores* é assim, só que as extremidades dos fungos em sua cabeça são alaranjadas e cintilantes.

Enquanto explorava a sala de emergência, encontrei uma caixa branca com uma listra azul. Nora me deu a dica que em uma dessas eu teria tudo que precisava, ainda assim, quando abri a caixa, ela estava vazia... Continuei, o local estava extremamente escuro. Avistei uma porta com uma placa escrito “Centro de Trauma”, logo me prontifiquei a abrir a porta dupla, porém assim que comecei a empurrar, eu rapidamente me afastei da porta e escutei um barulho estranho... O som não era como o estalar agudo e agonizante dos *estaladores* ou um grito humano parecido com os dos *corredores*... Era algo grande, o som era grosso e ríspido... Eu sentia que acabara de acordar o próprio bicho-papão das histórias do Manny... Depois um gemido no mesmo estilo e um baixo rugido distante ecoou da porta... Bom, eu não queria ficar ali para descobrir o que era aquilo, então segui até a outra área, as salas de cirurgia. Após as salas ficava um gerador, para seguir adiante eu precisava ligar a energia.

Assim que entrei na ala de cirurgia, ouvi estalos. Comecei a andar atenta e, *pra* isso, o silêncio ajudava, mas para todo o resto era terrível. Andei pelo único corredor com seis salas diferentes, entretanto, apenas duas estavam abertas. Atirei num *espreitador* crescendo numa das paredes antes que pudesse pular em mim de surpresa. Os *estaladores* estavam presos nas outras salas que, também, precisavam de energia. Eu segui em frente por um curto corredor escuro e assustador com todos os sons de *estaladores* urrando... Click, click, click... Agonizante aquela sala...

Caminhei lentamente até a última sala na esquerda do corredor e comecei a seguir uns cabos no chão... *Lev viria a calhar aqui*, pensei, mas me senti envergonhada demais para manter o pensamento... Eu conhecia Lev fazia dois dias, como a primeira pessoa para me ajudar que eu pensei fora ele? *Manny, Manny seria uma mão na roda*, falei a mim mesma, agora com um sentimento triste de saudade.

Os cabos subiam por uma parede até uma pequena janela quebrada alta na parede. Botei um pé em cima do balcão e ouvi um som estranho atrás de mim, como se uma parede de

concreto descascasse... Quando me virei, não encontrei nada, mas não me senti segura em nenhum segundo. Paranoica, atravessei pela janela até a outra sala. Na outra sala havia apenas uma grande maca de lado no meio do quarto, mais caixas vazias, esporos flutuando, uma porta dupla, que levava de volta ao corredor anterior, e uma outra porta entreaberta. Segui adiante até a porta entreaberta ainda seguindo os cabos no chão. Ainda podia ouvir os gritos e estalos agonizantes dos infectados das outras salas, eles pareciam tão incomodados quanto eu.

Assim que entrei na sala, eu me encontrava numa espécie de sala de controle de energia. Havia uma bancada, várias prateleiras com peças e ferramentas diferentes, e, por fim, um grande painel elétrico numa parede, os cabos levavam até ele. Quando saí andando pela sala, um silêncio se instalou no ambiente, isso estava me agonizando. Virei-me e fui até um gerador na mesma sala. Me aproximei e agarrei a cordinha do mesmo, segundos antes de eu puxar, ouvi mais uma vez aquele som de concreto descascando ou esfarelando... Poeira caindo e de repente, ao me virar, avisto um *espreitador*, porém ele não estava me atacando, ele teve duas chances de fazer isso, mas não o fez... Fiquei curioso para saber o motivo, mas eu acho que ele estava esperando um momento melhor.

Espreitadores ou *perseguidores* são muito mais inteligentes do que qualquer outro infectado, apesar de se locomover por instinto de sobrevivência, assim como qualquer outro ser vivo da natureza. Eles caminham em grupo e coordenam seus ataques, além disso são mestres em assustar seus alvos e os pegar de surpresa. Assim que olhei diretamente para o *espreitador* ele se virou e correu, desaparecendo na escuridão caminhando tão silenciosamente quanto uma folha caindo de uma árvore.

Enfim, eu fiquei um pouco mais alerta e liguei o gerador, fui até o quadro de energia e reiniciei o sistema (literalmente desliguei e liguei o painel). Voltei até a porta dupla da sala anterior e agora algumas lâmpadas já estavam acesas e o botão para abrir a porta, que antes era vermelho, agora estava verde. Pressionei-o e com um alto rangido começou a se abrir lentamente até que emperrou. Seu rangido ecoou por todo o corredor e todas as outras salas que tinham infectados se abriram e as criaturas saíram de suas jaulas... Antes de atravessar, arremessei um tijolo e juntei todos próximos, depois arremessei uma bomba de PVC que arrancou suas pernas ao explodir. Após a fumaça baixar e de todo o barulho, subitamente o silêncio retornou, e eu avistei novamente aquele mesmo *espreitador* que, mais uma vez, assim que me avistou, partiu em disparada fugindo.

Me direcionei até um quarto onde tinha o estoque de materiais médicos e avistei uma maleta de primeiros socorros. Meu sentimento de felicidade logo se esvaiu quando abri a caixa e vi que estava vazia.

Desolada, segui de volta a primeira sala, porém, assim que fechei a maleta, um som de algo enorme se arrastando ecoou da sala por onde cheguei aqui, logo depois um rugido horrendo como se vários infectados de todos os tipos tivessem decidido entrar num coral... Foi assustador.

Segui cautelosamente até a sala de onde saiu o barulho após algumas pragas e torcer para que houvesse uma ambulância na garagem. Durante meu regresso, avistei a porta do Centro de Traumas e vi que estava aberta. Um calafrio desceu pela minha espinha eriçando todos os meus pelos. O rastro de sangue enorme seguia em direção a garagem acompanhado de várias marcas de mãos pelas paredes, o que era incomum. Meu corpo tremia de medo enquanto eu andava armada seguindo o rastro de sangue. As luzes da garagem continuavam apagadas apesar do gerador, então a visibilidade estava quase zero, sendo minha única fonte de luz a minha lanterna. Olhei ao redor e não vi seja lá o que era aquela coisa que se arrastava, mas sabia que ela estava sempre a minha espreita.

Avistei a ambulância. Ela estava atolada em uma ladeira enorme com saída para fora do hospital. A frente da ambulância estava virada para essa saída, então abri as portas traseiras. Uma maca caiu rapidamente, mas eu desviei. Voltei a entrar e comecei a procurar por alguma caixa que eu avistara antes. Apesar de ser um carro, era espaçoso, cabia duas de mim lado a lado no veículo de largura e umas 7 ou 8 de mim da porta até a parte de trás do bando do motorista. Comecei abrir algumas gavetas das estantes da van e finalmente encontrei o kit de primeiros socorros e quando abri... Ele estava cheio!

Conferi a lista e os itens e parecia que tudo estava lá. Abracei aliviada a maletinha e logo coloquei-a na bolsa. *Pode fazer festa, Lev*, pensei logo depois. Sentimentos bons como alívio, calma, felicidade ou prazer, pouco duram nos dias de hoje. Assim que fechei a bolsa, ouvi gemidos grossos e altos próximos a ambulância. Fiquei paralisada, apenas observei os ruídos e aos poucos fui movimentando a minha lanterna vagorosamente até a entrada da ambulância e quando a iluminei, não consegui me segurar e soltei um grito assustado e desesperado de horror. Nunca tinha visto nada igual... Havia quase 25 anos desde o Dia do Surto e isso era algo completamente novo. Uma enorme criatura gorda com dez braços (isso sendo otimista) de vários corpos de seres

humanos grudados ao seu redor e todos deformados, vi quatro cabeças com olhos cobertos por massas de fungos pálidas assim como sua pele pegajosa. Algumas pequenas partes de seu corpo eram cobertas por grandes massas negras de fungos que serviam como armadura. As várias bocas das várias cabeças pareciam sedentas por sangue e todas elas gritavam ao mesmo tempo entortando a lataria da ambulância e abrindo a porta em minha direção.

Gritei mais uma vez e meus músculos começaram a se mover instintivamente, eu não estava mais pensando, tudo que eu queria naquele momento era acordar do pesadelo, virei-me e comecei a me arrastar e passar pela minúscula janela que dividia a parte de trás da frente da van, então comecei a chutar o vidro da porta do motorista desesperadamente. Eu não olhava para trás, eu não hesitava, eu não pensava, apenas fazia tudo que precisava para fugir dali. A porta se abriu no último segundo, escorreguei pela porta pouco antes da criatura destroçar o veículo e o atravessar pouco depois. A força daquele monstro era inconcebível. Não estava indo na direção da luz que era a saída do hospital que avistei, na verdade eu reapareci num corredor alagado até meus joelhos e uma porta dupla entreaberta e travada.

Passei por ela com dificuldade e agora uma luz vermelha de perigo piscava em períodos e lentamente aumentando a tensão. Após a porta, um curto corredor e mais uma com o botão verde. Apertei-o várias vezes e a porta começou a abrir. Não a deixei abrir por inteiro e me esgueirei por ela. Segui para a esquerda saltando por cima de algumas macas então virei à esquerda e apertei o botão de mais uma porta, porém ela emperrou com uma abertura mínima suficiente para eu por os dedos. Comecei a fazer força e lentamente a porta veio se abrindo, mas algo em velocidade fazendo tanto barulho como um trem se aproximava. Eu conseguia ver a sombra da criatura atrás de mim com cinco vezes o meu tamanho quando a luz vermelha ficava acesa por alguns breves segundos. A criatura derrubou ergueu uma maca como se fosse um simples graveto e a arremessou para trás, então uma segunda assim abrindo espaço. Mais uma vez, no limite do limite, a porta se abriu e eu consegui atravessar. Senti o vento que algumas das mãos fizeram ao tentarem me agarrar.

Fiquei perdida no escuro numa sala sem portas de saída, até que avistei uma fresta numa parede. Fui até ela e tentei me arrastar, mas não fui rápida o suficiente. A criatura, com duas mãos cada, agarrou meu braço e minha perna esquerda e começou a me erguer no ar enquanto destruí a parede em que eu estava presa no meio. O teto se fragilizou e começou a ceder em cima da criatura e fez uma barricada entre mim e ela assim que me soltou. Continuei correndo pelo

corredor e fiz uma curva, no mesmo momento, no fim do corredor, a criatura derrubou uma parede a atravessando e ficando de frente para mim. Fiz uma curva inesperada por uma passagem à esquerda e parti em disparada pulando por mais uma maca e encontrando uma porta trancada por um machado de incêndio nas maçanetas.

Removi o machado e quando tentei abrir, uma mão grossa, pálida e gigante deformada agarrou meu pescoço por trás. A coisa me ergueu no ar e com outro braço agarrou minha perna direita. Me debati bastante, entretanto minha força jamais a superaria. Ainda sendo segurada, ergui o braço que estava com o machado e golpeei o infectado gigante entre duas de suas cabeças que logo urraram de dor, um urro tão hostil e agonizante como vários *estaladores* gritando do lado do seu ouvido em coro o mais alto possível. O acertei mais uma vez e o sangue vermelho escuro jorrou, nesse momento, parte do meu medo se esvaiu, eu consegui visualizar a mortalidade naquela criatura e continuei a acertando antes que ela me devorasse com suas três ou quatro cabeças visíveis. A cada acerto a criatura se estremecia, balançava e pisoteava bruscamente até que o chão colapsou e ambos caímos numa área mais aberta e alagada. Eu estava cansada de fugir, o sangue escorria pelo corpo horrendo do monstro que agora eu o apelido de *Rei dos Ratos*. Nos olhamos e nos preparamos para o embate, larguei o cabo do machado quebrado no chão e saquei minha escopeta.

— Certo, agora é pessoal, *caralho*. — Falei em voz alta franzindo o cenho de tanta raiva que sentia naquele momento.

Comecei atirando com a *doze* acertando dois tiros precisos em duas cabeças diferentes. Então corri passando por cima de janelas e portas desviando das investidas do *Rei* até conseguir disparar mais uma vez. Carreguei minha escopeta novamente com balas explosivas que havia encontrado antes e atirei mais uma vez. A criatura gritou de dor e ficou com a pele enegrecida como carvão, notei que sua resistência ao fogo era menor. Dei mais algumas voltas atirando mais umas 6 vezes até que a minha munição explosiva acabasse. Joguei a *doze* em cima de uma mesa e deixei a criatura me seguir, ela arrebentava paredes com tanta facilidade quanto se quebrasse um lápis velho. Saquei o lança-chamas, virei-me em direção a criatura e apertei o gatilho. Uma enorme chama vermelha alaranjada cobriu o *Rei* cozinhando todo o seu corpo. Fiquei parada alguns segundos antes de rolar para trás assustada com a criatura atravessando o fogo por inteiro e tentando me agarrar. Corri mais uma vez, dei voltas e voltas na sala até que notei algo, o monstro parou, parecia agonizar em dor, mas ainda estava de pé, quando me dei conta, vi um dos corpos do monstro se soltar do emaranhado de corpos se transformando num *espreitador* com vida e

pensamentos separados de seu corpo original. Notei também que esse *espreitador* era o mesmo que fugira de mim anteriormente... Fiquei enojada com a cena, mas talvez isso significasse que estivesse ganhando.

Voltei a soprar chamas em cima dele até que repentinamente o fogo cessou mesmo eu segurando o gatilho. Olhei minha arma e senti ela mais leve, o gás havia acabado e o *Rei dos Ratos* continuava investindo contra mim. Atirei o lança-chamas no chão e corri desesperada. A outra arma potente que eu tinha era meu fuzil semiautomático que mal havia usado desde que saí da BAV escondida e ainda assim não havia muita munição. Atirei enquanto corria e me deparei com o *espreitador* saltando em cima de mim do nada, felizmente meus reflexos foram melhores e ele passou voando por cima de mim, mas isso comeu um tempo precioso... A criatura conseguiu me alcançar e me agarrar, fazendo eu largar o fuzil, mais uma vez ela me segurou no ar e se preparava para me morder com várias bocas, mas eu não deixei barato. Larguei uma bomba de PVC e descarreguei o pente de 10 balas da minha simples pistola. Finalmente a bomba explodiu e a coisa me largou. Ela ainda de pé olhou-me desnorteada e a passos curtos e cambaleando andou em minha direção. Eu estava deitada no chão quase submersa pela água do local quando o *Rei dos Ratos* caiu aos meus pés sem vida.

Usando como apoio, o *espreitador* saltou por cima do *Rei* e me acertou e vários tapas e socos foram disferidos contra mim. Eu resisti e quando ele achou que era suficiente e levantou a cabeça para me morder, ergui minha última carta na manga, minha pistola de caça que era superpotente, mas carregava apenas uma única bala por vez e fora essa bala que eu enfiei no crânio do infectado que teve sua cabeça explodida, assim caindo em cima de mim.

Alguns segundos de uma longa calmaria se passaram e então eu me levantei. Recolhi ambas as pistolas, pois ainda havia munição e retornei a escopeta que arremessara numa mesa mais distante. Com relação ao lança-chamas e ao fuzil, eles se perderam em meio à água no chão e eu não estava muito a fim de procurá-los. Fui em direção a um portão mais a frente e saí novamente na garagem, porém agora tinha uma saída clara por dentro de um caminhão militar.

Caminhei lentamente enquanto a adrenalina esvaia-se do meu corpo, subi por uma rampa para o ar livre e retirei a máscara. Assim que saí do túnel, uma pessoa me agarrou e instintivamente a derrubei e ergui os punhos contra ela no chão, mas antes que eu a golpeasse, vi o rosto de Lev que fez um sinal de silêncio e ambos permanecemos agachados. Lev apontou em direção à um guarda do hospital.

Quando ele deu as costas, Lev falou:

— Tão todos te procurando... — Nunca senti tanta saudade da voz aguda de Lev. — O que foi que você fez?

— Nada. — Respondi suspirando num tom cansado. — Eu te falei *pra* ficar lá!

— Não deu! — Lev também parecia assustado. — Seus “amigos” estão por toda parte!

Desviei o olhar e comecei a procurar ao redor.

— Você pegou o negócio? — Lev falou preocupado.

— Sim. Agora é só a gente dar o fora daqui.

Avistei um pequeno barco atracado e fomos em direção a ele. Pensei em contar ao Lev o que enfrentei, mas pensei um pouco mais e achei que ninguém acreditaria. Seguimos pelas sombras da noite que já caía quase que completamente de volta ao aquário sem muitos mais problemas. Ficamos em silêncio o resto do caminho.

O retorno fora relaxante. A brisa suave que batia em nossos rostos era fria e calma vindo da praia muito distante. Não se passou nem uma hora e já estávamos de volta ao aquário. Pouco antes de chegarmos, uma suave chuva gelada começou a cair. Atracamos a lancha perto do barco em que Owen trabalhara e levamos os suprimentos para Mel, então, esperamos. No que era o local que estavam fazendo a cirurgia, era uma sala aberta com uma grande mesa de metal gelada no centro e luzes improvisadas foram postas ao redor. Eu e Lev esperávamos sentados em duas cadeiras de metal atrás de uma porta dupla em silêncio e nervosos com qualquer resultado no desfecho daquela situação.

Olhei para Lev de canto de olho e vi seu rosto desolado e preocupado, suas sobrancelhas faziam uma sombra sombria por cima de seus olhos enquanto projetava-se para frente com os braços apoiados em seus joelhos. Eu estava com as costas encostadas na cadeira e olhava ou para cima, para o teto azul escuro com mais escuridão pela falta de luz, ou para frente observando o grande tanque vazio com corais ora falsos, ora mortos.

De repente ouvi o tintilar de passos vindo em nossa direção. *Alice*, a cadela pastor-alemã de pelos claros amarronzados com manchas negras se aproximou da gente. Lev se distraiu do que seja lá o que estava pensando para ficar em alerta com a presença do cão.

— Oi, *Alice*... — Falei com tom melancólico enquanto a afagava e sua calda abanava. Então olhei para Lev e perguntei: — Quer fazer carinho? Pode fazer.

Lev estendeu a mão relutante lentamente em direção da lateral do rosto de *Alice* que rapidamente moveu o rosto para instigar mais carinho. Lev havia aberto um enorme sorriso no rosto e eu sorri logo depois de alívio, nunca vira essa criança sorrindo desse jeito até então.

— Viu só? Ela não vai fazer nada.

Enquanto enchíamos *Alice* de carinho, o clique da tranca da porta soou e Owen saiu da sala. Paramos imediatamente o que estávamos fazendo e ficamos perplexos. Owen tinha um rosto sem expressão e disse apenas “pronto” num tom grave, então estendeu a mão abrindo caminho. Lev se levantou rápido e correu em direção a porta.

— Ela vai ficar bem? — Perguntei para Owen que agora pegava o lugar de Lev.

— Vai, sim. — Ele respondeu num tom estranhamente triste e começou a afagar *Alice*.

Ficamos no silêncio de alguns longos segundos até que eu o quebro:

— São só crianças.

— Eu sei. — Owen respondeu franzindo a sobancelha.

— O que aconteceu com a gente?

— Vai ver... — Owen começou. — A gente parou de procurar a luz...

— Pode ser... — Respondi, mas havia queria ter dito *ou a encontramos*. Mais alguns segundos se passam e eu decido levantar. — Vou dar uma olhada na garota.

— *Tá*. — Owen respondeu e trocamos sorrisos tímidos.

A sala estava sombria apesar das luzes. Vi Mel de costas para mim olhando o corpo de Yara em cima daquela fria mesa de metal, Lev estava do outro lado da mesa segurando seu braço bom. Mel finalizava uma atadura grossa no resto de braço que lhe sobrava. Me aproximei e olhei nos olhos abertos e puxados de Yara, ela não falou nada, mas eu soube que estava imensamente agradecida. Eu, eu estava apenas triste por ela, por todo aquele sofrimento, mas tinha que ficar feliz por ela.

Minha visão se abriu e me vi caminhando sozinha naquele mesmo corredor escuro. Um largo e longo corredor da ala infantil que levava até uma porta, dela saía uma forte luz e eu calmamente trotei naquela direção. Ali era a sala de cirurgia em que meu pai morrera, esse corredor já apareceu em outros sonhos... Nenhum dos anteriores foram muito bons, ainda assim, sentia algo bom vindo daquele quarto desta vez. Enfim o alcancei. A porta estava aberta e o símbolo em vermelho na parede branca dos Vaga-lumes. Atravessei a porta e me vi numa antessala com duas janelas, uma porta fechada e duas pias de alumínio grandes abaixo das janelas. Caminhei até a porta e toquei a maçaneta. Nervosa e relutante, comecei a girar a maçaneta e a aos poucos abri a porta pálida a minha frente. Minha visão foi ofuscada por uma luz forte presa no teto, luz usada em salas de cirurgia. Abaixo dela havia uma cama hospitalar, uma bancada próxima com vários utensílios e outras grandes máquinas ao redor da sala. Mas também havia uma figura, alta e esbelta de pé ao lado da maca e de costas para mim. Logo a figura se virou e revelou ser meu pai, agora ele estava vivo e sorria em minha direção. Notei que agora que meu corpo era o de 4 anos atrás, e uma lágrima solitária escorria de meus olhos ao ver aquela imagem e, de repente, tudo se apagou, um vazio escuro e profundo cobriu minha visão.

Aos poucos, eu acordava. Estava deitada em cima de um saco de dormir verde escuro no meio de um corredor e usava as mesmas roupas do dia anterior. Esse era o terceiro dia desde que eu saí do estádio. Meio atordoada, fui me levantando e não notei a presença de ninguém ao

meu redor. Caminhei pelo aquário e recuperei meus sentidos. Enquanto passeava sozinha, ouvi sussurros distantes.

— Mesmo se rolar, ela não vai vir com você. — Uma voz fina e familiar soou quase que inaudível.

— Eu vou convencer ela. — Uma segunda voz não muito mais grave, também familiar, soou em seguida.

— A gente quebrou as regras, Lev! — Ouvi assim que passei por um corredor e avistei Yara e Lev discutindo distante. — *Pra* ela é isso que importa!

— Owen? — Uma terceira voz apareceu depois de uma porta ser aberta bem atrás de mim. Mel saiu do quarto e logo nossos olhares se encontraram.

— Sou eu. — Falei sem expressão.

Meu olhou-me, mas não disse nada, então só caminhou até uma cadeira mais a frente e começou a arrumar uma mochila.

— O que *tá* fazendo acordada? — Perguntei curiosa, já que era tão cedo.

— Trocando... — Ela se concentrou no que havia na mochila. — O curativo da Yara.

— Mal dá *pra* crer que ela já está de pé. — Falei puxando assunto, tentando ser amigável.

— Pois é... — Mel respondeu incomodada. — Os *cicatrizes* são fortes.

Pensei em corrigi-la, *Serafítas*, mas logo desisti da ideia.

— Por que tão discutindo?

— Vai se foder, Yara! — Ouvi Lev gritar. — Eu não ia deixar você *pra* trás!

— O Lev não quer sair de Seattle. — Falou Mel. Olhei ainda confusa e triste para os dois, então para Mel novamente. — O Owen os chamou *pra* Santa Barbara.

— É... A cara do Owen. — Falei após um suspiro curto. — Imaginei que você já teria dissuadido ele da ideia.

Mel suspirou fundo e então olhou para mim com um olhar mais confiante.

— Na real eu vou com eles. — Ela pausou a fala e me lançou um olhar penetrante. — Mas só se você não for.

— O quê?

— Ele pode acreditar no seu teatrinho com as crianças — Ela se aproximou. —, mas eu não.

— Não... Tem teatrinho nenhum. — *Tudo que fiz por elas, foi uma redenção para mim*, pensei, mas não queria admitir.

— A maior matadora de *cicatrices* do Isaac ficou tocada? — Mel assumiu uma expressão mais agressiva. — Nada a ver com o Owen, né?

— Eu nem sempre fiz a coisa certa... — Comecei, mas Mel não me deixou terminar. Acho que ela já tinha noção do que eu e Owen fizemos...

—VOCÊ É UM LIXO DE PESSOA, ABBY! — Ela gritou e eu apenas baixei a cabeça envergonhada e balancei de leve concordando com ela. — Você sempre foi... Eu cansei de você. — Mel pegou a mochila em cima da cadeira e deu as costas para mim e deu alguns passos, então virou-se. — Você quer ajudar essas crianças? Saia da vida delas enquanto ainda não fodeu tudo.

Então Mel saiu a passos largos da sala e me deixou sozinha comigo mesmo contemplando o aquário cheio de água com algas enormes. Minha raiva era gigante, eu sabia que ela estava certa e o fato de ter tido a verdade jogada na cara dessa forma me fez chutar com força a cadeira que ainda estava ali parada. Meus olhos se encheram de lágrimas, mas não se atreveram a cair.

— Abby? — Uma voz atrás de mim soou.

Eu enxuguei os olhos e me virei rapidamente e vi Yara, então logo desviei o olhar tentando esconder o eminente choro.

— Bonita camisa. — Yara estava agora usando uma calça moletom preta, uma camisa azul cinzenta estampada e um casaco de chuva verde musgo, o braço esquerdo do casaco estava amarrado para não ficar balançando enquanto se movimentava.

— Você... — Yara veio se aproximando. — Você está bem?

— Como tá o braço? — Falei num tom grosso assumindo uma postura mais intimidante e rigorosa.

— Melhor do que hoje de manhã.

— O Lev mudou de ideia? — Falei ainda grosseiramente enquanto me aproximava.

— Vai mudar.

— Sei. — Falei desacreditada.

— Você me ajuda a procurar ele? — Quando Yara soltou essa frase, eu notei o tom dela, um tom triste, suave e silencioso, como se tivesse vergonha de soltar a voz ou assustada demais para isso. Olhei para ela e me senti culpada por agir tão bruta assim. — Ele tá bem exaltado.

— Claro. — Respondi por fim.

— Ele correu para lá. — Yara se virou e começou a caminhar lentamente.

Ela começou a assoviar como os *serafitas* assobiam e gritar por Lev enquanto andávamos.

— Por que Lev não quer ir *pra* Santa Barbara? — perguntei por fim, enquanto seguia ela.

— Ele se preocupa com a nossa mãe... O que vai acontecer com ela por nossa causa.

— É *pra* se preocupar?

— Ele tem que se preocupar é com a própria segurança. — Yara soltou mais um assobio.

— O que pode acontecer com ela?

— Às vezes os pais são responsabilizados pelos pecados dos filhos... Mas nossa mãe é tão devota... Acho que ela vai ficar bem.

— Tem algum jeito... De... Ajuda ela?

— Ele não conseguiu convencê-la a fugir. Ninguém conseguiu. — Yara suspirou. — Me preocupa mais o que ela faria com ele.

Agora ambas começamos a gritar por Lev, até virarmos num corredor e encontrarmos uma ala inteira sobre tubarões.

— Será que ele viu isso? — Yara comentou. — Ele ama tubarão.

— Ama tubarão, mas odeia o mar, né?

— Ele se abriu mesmo com você. — Yara me olhou com um sorrisinho de canto de boca.

— O medo mútuo de morrer uniu a gente.

— Ele falou da sua coragem.

— Ele é um mentiroso. — Soltei uma risadinha surda.

Ouvimos passos mais na frente e acabamos por encontrar *Alice* com seu polvinho roxo de brinquedo na boca, mas seu alto latido assustou Yara do mesmo jeito. Após acalmar um pouco Yara, eu lhe disse que ela só queria brincar e mostrei para ela, peguei o brinquedo e o arremessei longe, *Alice* então correu até a lulinha e retornou me entregando o brincando na mão. Yara fez isso umas duas ou três vezes nervosa, mas na quarta ou quinta vez ela já havia se

acostumado e agora sorria um pouco mais. As preocupações tomaram conta de sua cabeça novamente e seguimos adiante.

— Lev! — Yara gritou quando nos encontrávamos no alto da sala principal, a sala onde tinha uma baleia gigante suspensa no ar, o jogo de arco e flecha, a musiquinha que agora já não tocava mais. — Por que ele *tá* fazendo isso?

— Você acha que ele conseguiria convencer a sua mãe?

— Se ela o visse assim, estrangularia ele com as próprias mãos. — Yara pensou um pouco antes de falar. — O que ele te contou?

— Pouca coisa... — Esperei um pouco criando coragem. — Eu... Ouvi gente do seu lado chamando ele de Lily.

— Por muito tempo... — Ela começou a falar com um tom triste olhando para frente, não observando a baleia, mas sim o “futuro” e tudo que os aguardava e, ao mesmo tempo, relembrando seu passado junto a Lev. — Eu não entendia por que ele questionava as leis... As tradições... Quando ele me explicou como se sentia por dentro, eu disse que ele não podia contar *pra* ninguém. — Ela se virou e me olhou com os olhos se enchendo de lágrimas. — Eu torci *pra* ele esquecer aquilo. Ele pareceu bem, no começo, mas... Aí raspou a cabeça... Que nem os homens... Era suicídio.

— Foi aí que fugiram?

— Primeiro... — Ela sorriu, um sorriso triste e melancólico de nervosismo. — Eu gritei com ele... — Depois o sorriso triste desapareceu e seus lábios o inverteram, agora toda sua expressão e o silêncio adicionavam um enorme peso na sua seguinte frase. Ela olhava para baixo arrependida. — Bati nele... Eu fui... — Seus olhos derrubaram algumas lágrimas. — Muito otária.

— Aí, tive uma ideia. — Tentando amenizar a tensão. — Que tal procurar uma coisa *pra* animar ele? — Apontei em direção à uma loja de conveniência mais a frente com um letreiro escrito “Tesouro Afundado” num arco acima da porta. — Vem. — Falei suave e amigável para ela, então começamos a caminhar e continuei a conversa. — Por que você acha que ele fez isso? Digo, raspar a cabeça.

— Semana passada ele recebeu a função que teria na comunidade... Ele queria ser soldado, como eu, mas resolveram que ele ia ser esposa de um dos anciãos... É... Tradição.

— Tadinho... — Foi a única coisa que comentei antes de esbarrarmos num mapa dos Estados Unidos pintado numa parede.

— Onde fica Santa Barbara?

— Fica na Califórnia.

— Onde fica a Califórnia?

— *Tá*, olha só... — Apontei no único ponto vermelho marcado no mapa. — Aqui é Seattle. — Fui escorregando meus dedos pela parede percorrendo a costa oeste do continente até marcar uma baía. — E aqui é Santa Barbara.

— E nossa ilha?

— É pequena demais para ver, mas fica por aqui. — Apontei no mar um pouco mais afrente de Seattle.

— É bem longe.

— É.

— Bom. — Yara finalizou.

Seguimos adiante procurando por algo que Lev gostasse naquela lojinha. Paramos para ver uma camisa, mas logo descartamos. Passamos por um globo de neve com um leão-marinho nele, mas nada tão legal. No fim da loja, vi um grande baú aberto com várias pelúcias, porém uma estava destacada no fundo vermelho, mais afastado das outras pelúcias, um tubarão. Mostrei a Yara e ela sorriu, disse que era perfeito. Fiquei olhando alguns segundos para o brinquedo, Yara o olhava também, mas senti seus olhos se erguendo para mim.

— A Mel *tá* errada, sabe? — Yara falou com os olhos amigáveis. — Você é uma boa pessoa.

— Não me conhece. — Estendi o tubarão para ela sem graça.

— Te conheço sim. — Ela pegou o tubarão e sorriu novamente.

— Abby! — Owen invadiu o cômodo. — *Dá pra* parar de roubar minhas coisas, por favor?

— Foi mal, não sabia que você era dono do aquário inteiro.

— Pois é, meu aquário, minhas coisas! — Owen falou num tom e numa expressão brincalhona olhando para mim depois para Yara, que não havia entendido muito bem a piada. — *Tô... Tô* zoando, você pode pegar o que quiser. — Então ele voltou o olhar para mim e apontou o dedo. — Você não!

— Você viu o Lev?

— *Ah... Vi! Só seguir aquele corredor.* — Owen apontou a direção. — *Eu... Posso falar com você?* — Owen me chamou assim que começamos a andar.

— *Eu já vou.* — Disse para Yara que assentiu com a cabeça e saiu.

— *Ela não entendeu que era piada.* — Ambos sorrimos quando ficamos a sós. — *Sou péssimo com crianças.* — Então rimos mais alto.

— *É.*

— *Mas elas gostam bastante de você... Então, você vai pra Santa Barbara, né?* — Owen perguntou com um sorriso pequeno no rosto e as sobrancelhas levantadas na expectativa da minha resposta, porém meu rosto já era de dúvida e chateação com esse assunto.

— *Não posso.*

— *Por quê?* — Insistiu Owen.

— *Cê sabe o porquê.*

— *A gente pode dar um jeito.*

— *É tarde demais.*

— *Não, não. Não é tarde... Eu sei... Eu sei que tá tudo uma zona. Eu sei.* — Owen me olhou nos olhos com um olhar suplicante e esperançoso. — *Mas dá pra escolher ser feliz.* — Owen segurou minha mão. — *Abby, a gente pode ser feliz.*

— *LEV!* — Ouvi Yara gritando no fundo.

— *Ouviu isso?*

— *Sim.*

Corremos até fora do aquário. Encontramos Yara gritando por Lev desesperada enquanto segurava nas grades que separavam o mar do chão mais alto do aquário. Quando nos aproximamos, Mel havia chegado também, todos vimos uma lancha navegando pelo oceano que começava a se agitar com a tempestade eminente.

— *O que ele tá fazendo?* — Perguntei a Yara que já estava aos prantos.

— *Ele vai atrás dela.*

— *Indo atrás de quem?* — Owen perguntou confuso.

— *Da mãe dele.* — Eu falei.

— *ELA VAI MATAR ELE, ABBY!* — Yara gritou para mim.

— *Owen, o barco tá pronto?*

— *Ainda não.* — Começamos a trocar palavras rápidas e urgentes.

— Quanto tempo?

— *Ah...* — Owen pensou. — Umas horas.

— Que merda. — Olhei para Lev desaparecendo na névoa do mar. — A gente alcança ele, a gente pega um barco na marina...

— Ei! — Gritou Mel barrando Yara. — Ela fez uma cirurgia.

— Eu tô bem. — Yara afastou a mão de Mel.

— De que outro jeito vou achar ele? — Respondi a Mel.

— Vou junto. — Owen falou preocupado.

— Owen! — Mel gritou indignada. — Elas vão *pra* aquela porra de ilha...

— Exato!

— Eu não vou deixar ela ir sozinha.

— *Ah!* Mas vai. — Me intrometi.

— Eu posso ajudar.

— É, ficando aqui e consertando a porra do barco. — Olhei para ele enquanto me afastava, depois olhei para Mel então para ele de novo. — Foca nas suas prioridades. Yara, vamos!

Saímos com pressa do aquário deixando Mel e Owen sozinhos lá. Enquanto isso, a chuva, que antes era leve e agradável, começou a se tornar uma tempestade.

Arrumamos as coisas rapidamente. Descendo por uma escada, enquanto estávamos numa sacada, aponte para o mar onde havia um monte de navios.

— Ali é a marina. — Falei para Yara atrás de mim. — Como *cê tá*?

— Eu *tô* bem. — Seguimos descendo a escadaria. — Os *lobos* usam esse lugar?

— A gente deixa uns barcos aqui.

— *Tá*.

Era uma longa escadaria circular até o chão. No meio do caminho ela tinha cedido, porém não demoramos muito até encontrar outra descida por algumas plataformas de elevador até que finalmente estávamos no chão molhado cheio de grama e o seu cheiro subiu em nossas narinas.

— Como a gente faz *pra* chegar no seu vilarejo? — Perguntei enquanto trotávamos.

— Dá para navegar por alguns pontos cegos ao longo do litoral, chegando lá seguimos pelas estradas.

— São seguras?

— É o que tem *pra* hoje.

— Acha que o Lev pode acabar mudando de ideia? — Atravessávamos agora dois trens parados e destruídos no caminho.

— Não... É teimoso demais.

— Ele sabe no que *tá* se metendo?

— Achei que soubesse... Ele é muito apegado a ela.

— Bom... É a mãe dele, né?

— É, bom... *Pra* ela não funciona bem assim...

Atravessamos uma pequena mata mais densa que logo se abriu para uma rua desabada. Carros completamente envoltos em ferrugem eram vistos acima do pequeno rio que a rua caída formava. Começamos a andar por esse “rio”.

— Tenta manter o braço seco. — Falei.

— Tarde demais...

Enquanto andávamos com água até o joelho, chegamos numa área que dava direto para o mar, porém as ondas eram paradas por um amontoado de escombros — carros, barcos menores, e entulhos de metal. Seguimos por um túnel e entramos num esgoto. As paredes eram

cobertas de um musgo nojento. Sua saída nos levava para debaixo de um cais. Alertei Yara que os barcos estavam mais a frente, era só subir pela estrada e dar a volta. Procurei uma passagem e acabei encontrando uma escadaria de mão. Quando toquei na escada vermelha desbotada, ouvimos tiros distantes. Não sabíamos de onde vinham exatamente, mas forcei Yara a ficar nas docas e me esperar. Relutante, subi a escadaria. Ela me levava até uma lanchonete e, pela sacada dela, eu alcancei a rua.

Passei por entre dois troncos e vislumbrei por um segundo o cenário. Uma rua larga com umas 6 a 8 faixas mais ou menos, vários carros dispersos formando um sinuoso labirinto e distante, uma luz era refletida em minha direção vindo de uma ponte que passava por cima da rodovia conectando dois prédios. Quando observei a luz vindo da ponte por um segundo, ouvi alguém gritar vindo de trás de mim “ABAIXA!” e então um baque pelas minhas costas me derrubou. Menos de um segundo, um disparo acertou o capô do carro de polícia em que me derrubaram e pouco depois o som do disparo ecoou.

— Abby, que porra é essa? — Foi tudo que ouvi, enquanto me levantava e permanecia abaixada tomando como cobertura o carro. Quando olho para o lado, de onde veio a voz, eu avisto um homem de origem latina com o cabelo preto preso num coque alto. Usava calça marrom escura, um moletom cinza completamente encharcado pela chuva. Sua feição era de desespero, porém não havia medo em seus olhos. Eu não sabia se era suor ou as gotas de chuva que escorriam por sua testa.

— Manny?! — Exclamei confusa.

— *Tá* sozinha?

— *Tô!* — Mais um disparo atingiu a lataria do carro e um segundo depois o estrondo.

— Esse sniper é do caralho!

— Que que *cê tá* fazendo aqui?

— Os barcos! Era *pra* gente atacar a ilha hoje. — Enquanto Manny falava, eu fui calmamente pondo a cabeça fora da cobertura sorrateiramente tentando avistar melhor de onde vinham os disparos, porém assim que coloquei um centímetro do meu nariz à vista, um projétil pesado atingiu o carro mais uma vez e eu recolhi a cabeça. — *Aí esse pendejo* apareceu... Mandeí um cara pedir ajuda. Deve ter um reforço chegando. — Manny não sorria, mas não perdia a esperança. — Deve ter.

— Preciso de um desses barcos. Agora.

— Por quê?

— Me pergunta depois.

— Então vai ter... — Ele parecia muito cansado. — Que me ajudar a acabar com esse cara.

— Vamos nessa!

— Isso aí! Não levanta!

Começamos a caminhar agachados por entre os carros e caminhões. A pista era irregular e esburacada com várias poças de água marrom se formando. A chuva se intensificava a cada segundo e isso não ajudava. Cada gota de água naquela velocidade com aquele vento era quase uma agulha sendo arremessada contra a pele de seu rosto.

— Esse cara matou meu pessoal todo! — Manny gritou.

— Não esquentar, a gente pega ele!

— Intrusos do caralho!

— Que intrusos?

— Nos últimos dias, eles vieram do nada... Tão detonando a gente!

— Por quê?

— Eu não sei! E não são *cicatrices*!

Nos rastejamos mais um pouco, corremos de uma ponta a outra ziguezagueando entre os carros e os disparos cantaram próximos a gente. Os intervalos eram curtos, cinco disparos e ele recarregava, mas isso mal demorava... O cara era muito bom. Chegamos numa área onde já não tinha tantos carros. Avistei um grande Caminhão antes de ficarmos sem saída e dentro dele um carrinho de mão com vários entulhos. O arrastei para fora da caçamba e o usamos de cobertura até um prédio de portas abertas na direita da rua. A cada tiro um pedaço do carrinho caía e ficava mais frágil. Senti um dos projéteis pegando de raspão em meu braço, mas não senti dor no momento de adrenalina. Corremos desesperadamente para o prédio e pensamos que estávamos seguros. Saqueamos o local, havia alguns poucos materiais e restos de munição jogadas.

— Porra! O cara é bom! — Gritei quando finalmente descansei por um segundo.

— Não me diga! — Manny respondeu. — Devíamos ir atrás dos intrusos, não da ilha...

— Isso ainda *tá* rolando?

— Deve *tá* acontecendo agora.

— Minha nossa...

Seguimos adiante. Era uma grande garagem de vários andares onde estávamos. Tinha mais cobertura, mas bem menos carros. O sniper conseguia nos acertar de um ângulo horrível... Quando o primeiro disparo acertou um dos carros, vários infectados apareceram. O sniper usou isso ao seu favor e continuou atirando na gente, mesmo que não acertasse, ainda estava atraindo os infectados. Vários corredores se aproximaram e começamos a atirar. Mais atrás, por uma escadaria, subimos mais um andar da garagem e com o novo andar, uma nova horda de infectados se aproximava. Dessa vez veio uns três ou quatro *corredores* seguidos de dois *estaladores* e por fim um *trôpego*. Ficamos recuados, quase que presos no fundo da garagem. Eram muitos disparos e no acerto de qualquer um, cairíamos, além disso, os infectados, tivemos que gastar muita de nossa munição e nossas bombas e outros recursos para nos livrarmos deles. Felizmente, conseguimos alcançar a ponte. Ela ficava ligada no fim desta garagem.

O corredor que ligava a ponte tinha desabado. Saltamos até o outro lado, mas tudo tinha ido por água abaixo, o que restou foi apenas a cabine de um elevador suspensa no ar. Usamos ele para chegar na ponte. Comecei a abrir a porta enquanto Manny aguardava nervosamente para atravessar. Corremos e nos agachamos por entre algumas cercas de metal. Repentinamente os disparos cessaram por alguns segundos, mas assim que botamos o pé dentro da ponte propriamente dita, local onde o sniper estava, os disparos retornaram, porém agora da passagem do outro lado da ponte. Fizemos as mesmas coisas, fomos nos esgueirando até que não sobrar mais barricadas... Eu ouvi Manny falar “foda-se” antes de se levantar e sair atirando com o fuzil. Isso afastou o atirador fazendo-o correr.

— ELE TÁ BEM ALI! — Gritou Manny enquanto corríamos.

— VAI, BOTA PRESSÃO! — Respondi no embalo.

— CARALHO, CUIDADO! — Manny se jogou atrás de uma coluna grossa de concreto e ficou lá enquanto o atirador continuava a atirar.

O seguimos aos poucos sempre abaixados por entre cadeiras e caixas grandes. Esse enorme prédio parecia ser um prédio de algum órgão público onde usaram de abrigo, era gigantesco o local, por isso havia tantas cadeiras, caixas, tecidos e trapos jogados inúmeras pilstras de sustentação. Descemos por uma escada rolante e distante vimos a silhueta na escuridão de uma pessoa em pé que atirava e andava ao mesmo tempo... Para ter uma precisão dessas enquanto anda, o cara era um monstro com aquela arma...

Pouco depois ele deu um último disparo e fechou o portão de uma lanchonete. Quando me abaixei para tentar abrir o portão, Manny sussurrou ao meu lado.

— Vamos pelos fundos, ele vai esperar a gente indo por aí.

Eu apenas concordei, mas esse foi o nosso maior erro. Quando chegamos na porta dos fundos da lanchonete, ela estava emperrada, havia algo bloqueando a passagem. Manny e eu nos preparávamos para empurrar com força a porta quando mais um disparo foi dado às nossas costas. Esse disparo acertou a cabeça de Manny estourando seu olho fora formando um buraco perfeito de uns 10 centímetros de diâmetro espirrando sangue em meu rosto. Eu ergui as sobrancelhas e avistei o atirador 20 metros a minha frente. Me agachei, ele errou o disparo, então empurrei a porta desesperadamente até que uma fresta abriu e eu atravessei em segurança. Não conseguia processar direito o que acabara de acontecer. Barriquei a porta novamente com um freezer que ali já havia e me encostei numa parede ofegante. Manny jazia morto no chão ali fora e por poucos segundos eu não estava com ele. Passei a mão no rosto e senti seu sangue em minhas mãos... O sentimento de culpa me pegou de surpresa, pensei em desistir... Mas um sentimento maior e mais forte se sobressaiu... Raiva. Nesse momento o desespero saiu de mim e agora eu só sentia fúria. Ouvi o portão abrindo e fechando novamente.

O restaurante era grande, muitas mesas e cadeiras, entretanto, não passamos muito tempo ali. Corri em sua direção disparando com minha pistola para dispersá-lo, quando vi que ele passou por uma porta em direção a sacada, eu peguei minha escopeta. A porta estava aberta, o chão molhado e uma leve névoa no ar. Assim que passei pela porta, meu peso fez o piso de madeira molhada ranger e um empurrão da porta me atingiu, logo depois levei uma coronhada do homem que me afugentava e depois recebi mais um chute me empurrando até a cerca da beirada da sacada do restaurante. Vi as feições no rosto do homem. Era um homem alto de cabelos castanhos escuros lisos presos num rabo de cavalo curto, sua barba era completa, porém curta, da mesma cor do cabelo. Seu rosto estava sedento por sangue, ódio e fúria, assim como o meu. Ele começou a me forçar contra a cerca com a arma, mas eu cruzei minha escopeta contra o fuzil dele como espadas, nesse momento eu o reconheci. Seu nome era Tommy, estava lá quando matamos Joel... Era seu irmão.

Quando senti que a cerca ia ceder, Yara apareceu repentinamente com uma faca na perna de Tommy que rapidamente socou ela a derrubando. Eu consegui o empurrar de volta e dei a volta nele, no mesmo embargo corri e o empurrei da sacada. O vi caindo abismo abaixo até o

mar. Não o vi levantar e fiquei observando ali querendo pular para garantir que o desgraçado estivesse de fato morto.

— Abby? — A voz suave e aguda de Yara ressoou. — *Cê tá bem?*

— Quê? — Perguntei rapidamente confusa. — *Ah, sim, tô, tô bem, e você?*

— Também. — Falou verificando o nariz que agora escorria um pouco de sangue. —

Quem era aquele?

— Merda... — Eu sabia exatamente que era ele... — Deixa *pra* lá. Vamos pegar o Lev e voltar *pro* aquário. Vem, o barco *tá* logo ali.

Pegamos a lancha grande e rápida e começamos a navegar pelas ondas agressivas do oceano. A chuva engrossou mais ainda e agora trovões podiam ser ouvidos em tempos em tempos. Distante, avistamos a ilha *serafita*, uma grande massa de terra flutuante pontiaguda coberta por árvores, mas ela não era verde como deveria, o clima e a luz impediam isso, era cinzenta e assustadora com um grande totem em formato de cruz em um dos lados da ilha. Desembarcamos numa área deserta e então deixei Yara me guiar.

A Ilha

— Cadê todo mundo? — Perguntei relutante enquanto caminhávamos beirando um rio raso. — Sem guardas?

— Eles não usam essa parte da ilha. — Yara respondeu confiante.

Pouco depois de chegarmos, o rio se dividiu em dois e sumiu floresta adentro, mas nessa bifurcação encontramos o barco de Lev. Ele estava intacto e atolado na terra molhada da floresta. Essa era uma floresta não muito densa, possuía algumas partes em que as árvores pareciam abraçadas, mas não era como. A maioria das árvores eram finas e extremamente altas, uma ou outra se destacavam em sua grossura, com relação à altura elas mal se diferiam. O piso da floresta era de terra úmida e malcheirosa coberta por grama que alcançava a metade da canela e samambaias baixas que se espalhavam bastante. Muitas árvores estavam caídas no meio do caminho formando algumas barreiras, acredito que não foram derrubadas intencionalmente, os troncos dessas árvores eram cobertos por musgo verdes e vários cogumelos achatados e de cor apagada. Por fim, a floresta possuía uma densa e abafada névoa que limitava boa parte de nossa visão.

Nosso objetivo era atravessar a ilha inteira. Lev estava indo em direção à sua casa, lá estaria a mãe dele. Tentamos apertar o passo já que uma guerra estava para acontecer ao cair da noite. O Isaac e o exército de *lobos* atrás dele iam atacar esta ilha custe o que custar, nada iria lhe impedir. O embate ia ser brutal, então corremos pela mata seguindo uma trilha — uma parte não coberta de grama por causa do uso — na esperança de alcançarmos Lev antes que tudo acontecesse. Usamos umas trilhas mais afastadas e escondidas, assim poderíamos correr e conversar, ainda em tom baixo, melhor.

— Tem certeza de que os *lobos* vão atacar hoje? — Yara perguntou enquanto saltávamos sobre um tronco.

— Sim... — Falei, mas logo me corrigi. — Pelo menos foi o que me disseram... Eles pretendem usar a tempestade para encobrir o ataque. Bem, a não ser que o Isaac mude de ideia.

— O seu líder, Isaac... O que ele quer?

— Acabar com as guerras.

Yara parou por um instante e me olhou com um olhar preocupado e sombrio. — Mas... A que custo?

— A essa altura? — Respondi na mesma intensidade. — Custe o que custar... Por isso tempos que nos apressar.

Chegamos até uma ponte. Uma grande massa de concreto bruto que atravessava parte da floresta. Usamos uma escada de mão meio enferrujada para alcançar a rua. O piso ainda era majoritariamente de terra e grama, porém agora tinham alguns poucos espaços asfaltados. Olhamos ao redor e logo vimos um aviso... A pista tinha uma construção de metal que segurava as placas suspensas no meio do ar, pendurados nessa viga horizontal, um corpo com a barriga aberta e as tripas caindo fora era segurado por uma corda ao redor de seu pescoço, ao lado uma corda vazia, o outro corpo estava no mesmo estado no chão.

— Porra... — Falei baixinho ao observar a cena.

— Você conhece? — Yara perguntou.

— Já vi por aí...

— Desculpa... Isso dos seus amigos...

— Não esquentar. — Vi que um deles tinha um pedaço de papel junto ao corpo.

“Domingo 0500

Cheguei com Scott à costa leste por volta das 3:00. Dessa vez as informações dos prisioneiros foram úteis. Zero resistência direta. Procurando terreno elevado para nos situarmos.

0730

A maior concentração de estruturas é no lado sul. Fazendas ao norte e ao leste. Além de uma espécie de madeireira. Por todo o território há ajuntamentos menores de construções. Tudo de madeira, feito depois do surto. Os esquisitoes não tão brincando quando dizem que querem viver do que a terra dá. Vou me aproximar de um dos vilarejos.

1015

Aguardando o anoitecer numa construção antiga no meio da ilha - essa área os Cicatrizes ainda não exploraram. Pode ser um bom ponto de encontro para nós.”

Virei a folha.

“2100

Eles têm números preocupantes. Muito mais do que a gente esperava. Os vilarejos são fortificados e há patrulhas regulares e frequentes pelo território. Conseguimos mais informações que o esperado. Vamos voltar.

Segunda 0400

No local de atracação, achamos nosso barco afundado. Destruído. Eles sabem que estamos aqui. Temos que arrumar outro jeito de sair da ilha.”

O papel estava ensanguentado.

— Abby... — Yara falou franzindo o cenho. — Por que você tá ajudando?

— Lev me perguntou a mesma coisa. — Baixei os olhos meio tímida. — Eu acho... Porque vocês não merecem isso... Mas também... Porque eu precisava... — Voltei o olhar para Yara. — Precisava.

Yara não respondeu, apenas ficou pensativa. Seguimos adiantes e chegamos a uma costa. Eu tinha acabado de ler o bilhete que dizia que os *serafitas* tinham mais gente do que achávamos, ainda assim, quando olhei de longe luzes amareladas de tochas após uma grande baía, eu fiquei embasbacada com o quanto tinha, cobriam a costa quase inteira e continuavam após a curva onde minha visão já não alcançava mais.

— Nossa! — Exclamei assim que vi a cena. — Seu vilarejo?

— Não... Aquele é o refúgio. — Ela falou com uma calma. — O nosso fica mais para dentro.

— Espera aí... Vocês têm mais casas? Tanto quanto tem ali?

— Sim... Vocês não eram os únicos que se preparavam para uma guerra.

Saltamos por uma cerca e agora estávamos caminhando numa mata mais densa abafada, úmida e fria. O chão começara a se abrir a lama quase engolia minha bota quando ouvimos um som distante. Um berrante gigante como que os vikings usavam.

— O que foi isso? — Falei nervosa.

— Ah, não... — Yara respondeu sacando uma pistola com sua única mão olhando para o céu e ficando mais alerta. — É o nosso sinal de alerta... Seu pessoal chegou.

Mais uma vez o berrante soou e depois uma terceira vez com um intervalo de uns três segundos.

— A ilha toda está alerta agora. Melhor a gente correr...

E foi o que fizemos. Descemos por um morro baixo e íngreme e passamos por um riacho com uma cachoeira mais atrás.

— Temos que atravessar a madeireira. — Yara falou preocupada.

— Quantas pessoas moram aqui?

— Umas mil...

— Quantos soldados?

— A metade disso treina *pro* combate...

— O que a outra metade vai fazer quando o meu pessoal chegar?

Yara assumiu uma postura alerta, porém sombria e carrancuda. Aquilo me deu medo, eu sabia que Yara foi treinada como soldado, mas não sabia que ela poderia ser tão assustadora.

— Alguns vão se esconder... — Ela pausou e olhou para trás enquanto corríamos. — A *grande* maioria vai lutar.

Avistamos o primeiro sinal de civilização. Uma enorme casa estilo nórdica — formato de um prisma triangular deitado feito inteiramente de madeira escura com palha seca para o telhado que ia desde a base ao chão até o topo da casa, tudo isso em cima de uma grande base quadrada de madeira também escura que rodeava a construção. Me aproximei alerta com a pistola em mãos, até me agachei, porém Yara não parecia tão preocupada, apesar de alerta com os olhos atentos.

— Cadê todos? — Perguntei nervosamente.

— Longe... Lutando. — Yara respondeu rápido e grossa enquanto vigiava.

Enquanto isso, eu procurava alguns suprimentos de maneira rápida e ágil para não perdermos muito tempo. Seguimos subindo uma longa ladeira de barro molhada e escorregadia em que mais dessas casas com suas frentes triangulares apareciam. O local estava deserto. Quando estava de saída, avistei Yara fazendo uma reverência enquanto encostava a mão no tronco ornamentado com uma escultura da mulher que eles seguem.

— Que a luz dela nos guie pela tormenta... — Yara comentou enquanto me aproximava.

— Quando estiver perdido nas trevas... — Recitei lembrando de meu pai e em tudo que ele acreditava, em tudo que os Vaga-lumes eram e representavam. — Procure a luz.

— O que é isso?

— *Ah...* Algo que meu pai costumava dizer.

Yara assentiu com a cabeça tocou no meu ombro amigavelmente, então ela assumiu a postura de guerreira novamente e seguimos. Subimos pela parte de trás de uma das maiores

dessas casas nórdicas e alcançamos o topo interno dela. Vimos o pessoal *serafita* desesperados em seus mantos marrons encharcados enquanto enchiam carroças com arcos, munição e suprimentos. Yara disse para irmos pela serraria, um grande casarão mais a direita, invés de irmos pelo portão. Seguimos nos esgueirando por entre a mata e nunca me senti tão escondida antes. Saquei minha besta e algumas flechas da casa em que passamos. Apenas na extrema necessidade eu atirava e o disparo precisava ser o mais preciso possível para acabar com a vítima numa flechada só, ou estávamos ferrados... Felizmente não foi necessário, conseguimos atravessar sem muitos problemas o acampamento, havia poucos guardas e eles já estavam de saída.

Voltamos para uma estrada não utilizada e seguimos adiante escalando alguns degraus massivos de rocha maciça. Subindo pelo último deles, chegamos a ver o refúgio novamente, mas agora num ponto mais próximo na baía. Minha visão baixou um pouco e vi os rastros brancos de espuma sendo criada por lanchas e barcos pequenos na água. *Isaac*, pensei. Vimos centenas de rastros brancos entrando em alta velocidade pela baía, o céu já estava começando a escurecer, apesar que nesse dia ele não chegou a ser claro de verdade. Mais uma vez apertamos o passo até que Yara abaixa repentinamente. Eu a acompanho tomando cobertura e ouvi passos apressados. Dois *serafitas* caminharam pela nossa estrada e iriam esbarrar na gente se não tivéssemos nos escondidos.

Mais adiante, mais casas triangulares e uma alta torre quadrada, provavelmente um posto de vigia. Quando andamos mais um pouco além da torre, tiros foram ouvidos de muito longe. Seguimos o caminho nervosas. Avistamos um campo aberto, algo que era extremamente ruim, entretanto, era uma fazenda com alguns campos enormes de plantações. Soja, milho, tomates entre outros estavam plantados ali. Usamos como cobertura e fomos silenciosamente atravessando os campos sem que nos vissem. Maioria dos fazendeiros faziam rondas nervosos segurando armas brancas improvisadas — foices, facas pequenas, machadinhas —, não ousei enfrentar nenhum deles, não pareciam combatentes, estavam com medo e desprovidos de armas de fogo. Em algum momento de nossa caminhada, me peguei recitando “só na fraqueza encontramos nossa força genuína”, Yara não comentou, mas notei que sorria levemente e seus olhos voltaram-se para mim confusa. Após a nossa lentidão de atravessar as fazendas, a noite caía completamente, trovões ressoavam e sua luz branca iluminava as nuvens negras e carregadas de água que jorravam sem fim.

Finalmente atravessamos mais um pequeno vilarejo vazio, Yara arregalou os olhos e gritou quando avistou sua casa. Corremos até lá e abrimos a porta. Yara entrou na casa enquanto

eu fechava a porta, quando me virei... Vi Yara de pé observando um defunto. O corpo de uma mulher, uma senhora, deitada no chão de lado com sangue manchando a madeira de uma mesa baixa de centro. Seus olhos estavam abertos e sem vida. Quando me aproximei e vi o rosto de Yara desolado, notei a semelhança. Um soluço surdo fez nos virar. Lev jazia sentado com as mãos cobertas de sangue, olhos arregalados encostado na parede abraçando os joelhos com força contra seu peito. Yara correu até Lev, a pobre criança chorava sem parar e, agora, notava-se alguns arranhões em seu braço.

— Ela que fez isso? — Yara perguntou enquanto segurava suas próprias lágrimas e enxugava as do irmão.

— Eu... — A voz de Lev falhou. — Eu tentei conversar com ela. — Lev começou a falar pausadamente com uma voz chorosa e soluçando. — Tentei fazer ela entender, mas ela... Ela não parava de gritar... Ela veio correndo atrás de mim. — Seus olhos não desviavam do corpo de sua mãe. — Eu tentei impedir. — Ele olhou para Yara. — Estava só tentando afastar ela... Mas aí ela escorregou e...

— Ei, ei, ei... — Interrompeu Yara.

— Ela bateu na mesa...

— Escuta.

— Yara...

— Você estava se defendendo. — Yara levou sua mão até sua bochecha e a tocou gentilmente inclinando seu rosto para o dela. — Não fez nada de errado. — Então Lev voltou a chorar e a abraçou com força. — Vai ficar tudo bem, eu juro.

Lev se sentia culpado demais, ficava se desculpando por tudo, principalmente por ter fugido do aquário. Yara apenas confortava o garoto e eu fiquei em silêncio seguindo os dois. Sugeri que voltássemos para o barco, mas o tiroteio já havia se espalhado para todo o lado, decidimos seguir adiante em direção ao refúgio, lá tinham muitos barcos. Continuamos seguindo por vias mais afastadas e volta e meia encontrávamos cabanas dos *serafitas* vazias com suas tochas deixadas para trás. Saltamos por troncos e caminhamos por lamaçais até entrarmos nos fundos de uma loja de conveniência. Ouvimos *lobos* passando pela rua e os deixamos. Atravessando a lanchonete, nos rastejamos por pela porta. Estávamos agora numa rua com prédios, postes e carros, tudo coberto por musgos e grama, mas isso era tão incomum na ilha deles. Yara comentou que passaríamos por uma tal de Cidade Velha, deduzi que fosse aqui já que eles abandonaram tudo isso, teoricamente.

Felizmente, essa ilha inteira estava sem infectados, não havia nenhum, era isolado demais e o oceano era a barreira perfeita contra eles.

Viramos numa esquina e entramos num outro prédio, ele estava alagado e mais uma patrulha de *lobos* passou rondando. Felizmente eles seguiam por um caminho e nós outro. Atravessamos a porta de saída, era só atravessar a rua. Andamos por debaixo de um caminhão enorme e seguimos pelo beco. Entortamos o canto de uma cerca de metal e continuamos o caminho. Lev parecia muito nervoso, assim como nós duas, porém não demonstrávamos. Entramos num buraco pela parede e vimos uma janela aberta e decidimos seguir por ela. A janela era alta, então Lev a ajudou a subir e então eu fui logo depois.

Assim que pousei os pés no chão, ouvi um grito. “PEGUEI UM!” e depois dois disparos. Vi Yara erguendo o braço e disparando contra o nada, seu braço fora desviado pelo *lobo* que a agarrava, em sua barriga o outro disparo seco. Rapidamente corri até o *lobo* e o nocauteei, Lev correu até Yara que estava com os olhos fechados e sangue escorria por sua boca. Um trovão rugiu. Lev a agarrava e gritava para ela se levantar. Eu estava atordoada até que ouvi mais *lobos* gritando e vindo em nossa direção. Agarrei Lev com meu braço e uma lágrima escorria de meu rosto enquanto carregava o menino contra sua vontade para longe de sua irmã... Longe do que restava de sua família. Não deu tempo.

Vários *lobos* apareceram e de cara me reconheceram. Eu ergui a pistola contra eles, eles as ergueram contra mim. Uma figura grande saiu de trás de uma árvore e removeu o capuz. Os olhos cerrados e carrancudos me fitaram com tanta pressão que eu ergui a arma.

— Isaac. — Falei instintivamente quando o vi.

Ele se aproximou a passos curtos vagarosamente. Ergueu o pé por cima de Yara e a atravessou sem encostar no corpo.

— Que *porra* *cê tá* fazendo? — Isaac observou a cena. Eu defendia Lev e jazia um *lobo* no chão. A voz dele penetrou meus ouvidos, uma voz áspera e grave com tanta pressão que faria qualquer um estremecer. Seu rosto e suas feições continuavam as mesmas, olhos fundos, cabelos curtos estilo militar pretos, uma barba por fazer completa. Usava agora uma calça preta cargo com botas densas, seu mesmo suéter, também preto, envolto por um grosso casaco com vários bolsos e em sua mão carregava uma pistola com o dedo no gatilho.

— Preciso que me escute. — Falei enquanto baixava lentamente a arma em minha mão e a colocava no chão.

— O que é isso atrás de você? — Isaac cerrou mais os olhos, dessa vez um olhar mais agressivo e irritado.

— Ele salvou minha vida.

— Sai da frente, Abby. — Ele falou no tom de comandante que eu quase saí por simples pressão. — Quando voltarmos conversamos sobre isso.

— Ele não é um deles. — Falei mais alto reprimindo meu medo. — Por favor.

— Abby... Sai... — Ele falou lentamente num tom mais baixo, porém completamente carregado de raiva.

— *Porra*, Isaac! Ele é só uma criança! — Um trovão rimbombou e Isaac ergueu a pistola na minha direção.

— Vou te dar três segundos, Abby... — A luz do trovão revelou suas feições, ele não estava fingindo ou coisa parecida. Mesmo com todo aquele vento, chuva e som, sua mão não tremia ou fraquejava. — Um...

— Você vai atirar mesmo em mim?

— Dois...

— Que se dane, Isaac... — Falei suprimindo toda a pressão que me era aplicada. — EU NÃO VOU SAIR!

— Três.

Um disparo atravessou a perna de Isaac. A luz de um relâmpago revelou tudo por um segundo. Yara Erguia sua pistola em direção a Isaac em seu último suspiro. Eu a vi me olhando e tentando falar algo, mas sua voz não saía. No segundo seguinte, tudo escureceu, Isaac foi ao chão gemendo de dor, todos os *lobos* que em mim miravam, baixaram as armas para Yara e descarregaram seus cartuchos. Enquanto isso, eu e Lev corremos para o meio da mata densa e entramos num galpão e barricamos a porta.

— Lev temos que ir. — Falei enquanto caminhava para a porta dos fundos.

— Ela *tá* morta. — Lev falou com uma voz chorosa e falha. Ele olhava para suas mãos novamente cheias de sangue, agora de sua mãe e sua irmã. — Meu Deus, ela *tá* morta.

— Vem! — Tentei agarrar o braço de Lev, mas ele desviou e me olhou com um olhar enfurecido e cheios de desprezo.

— AQUELES PUTOS ERAM SUA GENTE!

— VOCÊ, LEV! VOCÊ É MINHA GENTE! — Gritei de volta, me aproximei de seu rosto e segurei seus ombros. — Escuta, *pra* sair dessa vamos ter que atravessar o próprio inferno, a gente vai ter que lutar como nunca lutamos antes. Está rolando uma guerra, um dos lados que te matar por traição, o outro quer te matar porque você tem uma crença diferente. Eu estou na exata mesma situação. — Eu olhei suplicante. Minhas mãos tremiam e uma lágrima se misturava com a água em minha pele. — Nada, Lev, *nada* vai impedir a gente, certo?

Ele engoliu o choro, me olhou com determinação e assentiu com a cabeça. O larguei e seguimos adiante. Pulamos por uma janela e atravessamos uma fábrica enorme com água até as coxas. Tinha muitos *lobos* lá, mas usamos a água ao nosso favor. Tomamos fôlego e mergulhamos. Assim fomos desviando das luzes das lanternas deles, já que era a única luz que havia no ambiente até o portão final. Andamos por um beco e subimos no telhado de uma casa por uma escada de incêndio. Descemos nela por um buraco e começamos a andar por um corredor estreito. Na parede mais distante do corredor, havia uma abertura, estava demolida, minha visão se ofuscava com a forte luz alaranjada do fogo nas casas do refúgio. Tudo estava em chamas e eu podia ouvir os gritos desesperados muito, muito distantes.

— Meu Deus. — Contemplamos o quadro de da Vince que aquilo seria. — Aquele é o refúgio?

— O que... O que sobrou dele.

— Lev... — Falei preocupada. — Onde ficam os barcos?

— Nas docas depois de todo... — Ele parou e ergueu o braço dramaticamente apontando para as chamas distantes.

— É bom a gente chegar lá logo.

— Sim... — Ele continuava vidrado na cena.

Puxei ele e o fiz olhar para mim. — A gente não vai morrer nessa ilha.

— Eu Sei...

— Vamos descer.

Alcançamos uma avenida. Tudo estava um caos. Atravessamos uma arena de batalha no meio da estrada com uma lanchonete do outro lado da rua. Aqui o embate estava intenso. Eram disparos de todos os lados, *serafitas e lobos* lutando a “guerra que irá acabar com todas as guerras”... Já ouvi isso em algum lugar. Fomos deitados nos rastejando em meio ao asfalto coberto por grama e lama atirando em quem nos entrasse no caminho, fosse *serafita*, fosse *lobo*, não importava os

lados para gente. Alcançamos a lanchonete que contia o mesmo caos que estava lá fora. Rapidamente saltamos por uma janela e vimos um cavalo com seu dono morto preso a sela.

Subi no cavalo sem pensar duas vezes e ajudei Lev a montar na garupa. Era um corcel completamente negro em que montávamos, tanto a pelagem de seu corpo quanto sua calda e crina. Cavalgamos em trote rápido por debaixo de um viaduto, por entre pessoas ateadas em fogo, tiroteios, então voltamos para um pequeno trecho escuro entre as árvores. Um *lobo* saltou na lateral do cavalo tentando nos derrubar, mas Lev atirou uma flecha em seu olho fazendo-o cair. Casas pegavam fogo intensamente, pessoas corriam de um lado para o outro. Passamos por dentro de uma casa destróçada quase com um caminho feito pelo meio dela. Molotovs foram arremessados em cima de outras pessoas que gritavam em agonia até chegarmos num campo aberto.

Os pinheiros altos e grossos deram lugar à um campo iluminado pela cidade em chamas mais adiante. O campo era longo, outros *serafitas* montados correram para nos parar, mas não eram tão habilidosos com o arco quanto Lev, o garoto os acertava com tamanha precisam que lembrava uma personagem de um outro livro que li a muito tempo. Mais disparos e o grito de dor e miséria rugia mais alto a cada cavalgada que tomávamos para mais perto do refúgio. Senti que era a própria morte cavalgando em seu corcel negro trazendo a desgraça para todos ao meu redor. Adentramos o refúgio rapidamente, mas pouco depois, enquanto seguíamos pela estrada principal, uma das casas mais altas começou a desabar e por muito pouco não fomos soterrados por brasas e chamas. O corcel negro empinou e nos derrubou pouco depois de atravessarmos, então correu por entre as construções e casas desaparecendo de nossa visão. Seguimos adiante correndo a pé. Conseguimos ver as docas distante, bastava percorrer a orla devastada. Adentramos por uma casa que não havia entrado em chamas ainda. Depois voltamos para uma arena. Tivemos que nos esgueirar por entre todos os soldados e disparos, era uma guerra entre dois exércitos, uma mulher e uma criança.

Após atravessarmos algumas trincheiras, casas flamejantes e vários gritos de guerra, nos vimos atravessando a maior casa triangular estilo nórdico de todas. Subimos por uma janela muito alta na parte de trás dessa casa. Ela estava em chamas. Nos equilibramos por sob vigas de madeira que rangiam até se partirem nos derrubando junto com o telhado. O calor era pior que num deserto. Rastejamos até a saída, Lev conseguiu sair primeiro e eu travei por causa de minha mochila. Enquanto estava presa, Isaac surgiu em minha visão. Sua perna estava enfaixada e ele mancava segurando um enorme martelo. Ele agarrou Lev por trás pela cabeça e o arremessou longe

na lama. Eu gritei suplicante e desesperada. Olhei para a casa que desabava em cima de mim e abandonei minha mochila. Peguei uma foice pequena que estava fincada no corpo de um *lobo* e a finquei no ombro de Isaac pouco antes de socar Lev para longe, ele se vira rapidamente e com uma força descomunal me afasta, eu levo a foice comigo. Sem armas de fogo, sem amigos, apenas eu e ele. A arena era clara, ambos os lados da estrada barricados por destroços em chamas assim como a casa atrás de mim. De frente para a casa, uma cerca de madeira já fragilizada levando para uma queda de não muitos metros. Eu e Isaac nos olhávamos e circulávamos a arena.

— Por que, Abby? — Grunhiu Isaac.

— Eles não mereciam isso, Isaac... — Tentei argumentar. — Olhe a sua volta, qual será o único resultado dessa guerra estúpida. **NÃO VALE A PENA! NUNCA VALEU!**

— Depois de tudo que eu fiz... Depois de tudo que fiz para proteger nossa cidade desses fanáticos que assassinaram meus amigos... **SEUS AMIGOS, ABBY! VOCÊ ERA A MINHA MAIS FIÉL COMPANHEIRA, MEU BRAÇO DIREITO QUE AGORA ME TRAI DEFENDENDO UM DESSES LUNÁTICOS DE CARAS LACERADAS ASQUEROSOS!**

Isaac investiu contra mim. Eu agachei para desviar do primeiro golpe lateral, mas não fui rápida suficiente para desviar do segundo que veio por cima atingindo minhas costas. Cambaleei sem fôlego para trás enquanto Isaac investia mais uma vez. Desviei do primeiro golpe novamente, mas dessa vez rolei para a direita e finquei a foice onde deveria ser seu rim, então a arranquei. Trocamos golpes mais uma vez. Isaac investiu de novo e repetimos o processo, eu rolei e tentei acertá-lo, mas ele deixou-se ter a ponta da foice ser fincada na lateral de seu parrudo corpo, ergueu a marreta e me acertou nas costas com força sem que pudesse retirar a foice. Ele me puxou pela trança do cabelo e me ergueu me apoiando de costas contra a cerca. Ele se preparou para um golpe final, mas no último segundo desviei e ambos caímos uns cinco metros abaixo em lama pura. Eu me levantei primeiro, peguei a foice e finquei em sua bochecha. Ele me olhou com olhos cheios de fúria, puxei a foice até soltá-la pela boca. Ele urrou e soltou por cima de mim e pôs as mãos na minha garganta. Comecei a sufocar, tentei alcançar a foice ao meu lado, mas ele era muito forte e me arrastou para longe. Vi seus olhos me fitando, o ódio transbordando enquanto os meus pediam por socorro. Minha visão foi aos poucos se apagando e depois retornavam. Meus ouvidos começaram a zunir. Quando estava prestes a admitir derrota, desistir, a ponta de metal de uma flecha saltou da cavidade de um de seus olhos, o outro olho simplesmente desligou e sua mandíbula soltou. Ele caiu ao meu lado e vi Lev de pé atrás dele com o arco em mãos.

Nos olhamos, mas não dissemos nada. Lev me ajudou a levantar e corremos. A adrenalina fazia meu corpo se mover, mas não inibia a dor dos meus hematomas. Corremos por debaixo dos lugares de ancoragem dos barcos, então começamos a nadar quando avistei uma canoa mais distante. Subi e ajudei Lev logo em seguida, peguei os remos e saímos desesperados daquela ilha. Depois de alguns minutos remando mais calmamente, a chuva começava a ficar mais leve e os trovões diminuía, mas a tempestade estava longe de acabar...

Avistamos a costa do aquário. Corri cambaleante torcendo para que Owen tivesse consertado o barco, mas quando chegamos, vi em um dos corredores *Alice* no chão, morta esfaqueada. Fiquei em alerta, será que aquele sniper voltara para me buscar? Tommy estava acompanhado? Minhas perguntas logo foram respondidas quando avistei Owen e Mel no chão. Uma enorme poça de sangue circulava eles. Desabei em choro e ali fiquei por alguns segundos quando Lev me chama a atenção. Um mapa com várias marcações, um mapa de Seattle com as marcações das bases da W.L.F. O choro se dissipou e a fúria tomou conta. Olhei para Lev que assentiu com a cabeça.

— Vamos. — Falei para Lev pegando uma pistola esquecida no chão.

Epílogo

“Para todos aqueles que buscam vingança”

Trinta e Três

Confronto: Parte Dois

Seguindo o mapa, estávamos de frente para um teatro. O teatro era um prédio grande e incomum dentre as construções de antes do surto. Tinha dois grandes letreiros, um branco que ficava acima da porta formando uma rampa de lado mostrando o título de alguma peça e um outro letreiro servia como placa, esse era segurado por duas grandes vigas de metal e ficavam expostos em direção a rua em que ficava. Acima do primeiro letreiro, acima da porta em um segundo andar, três grandes janelas brilhavam fortemente numa luz amarelada e suave. Lev me olhou e perguntou como entraríamos. Seguimos em direção ao beco que ficava à esquerda do teatro e usamos uma escada de incêndio. Passamos silenciosamente por uma janela fosca. Dentro era o local do zelador, mais a frente um corredor que levava para uma escada e, de frente à sala do zelador, uma outra porta com um rádio ligado. Ele pedia informações de unidades Alfa, Bravo e Eco. As três eram unidades da W.L.F. Eles vinham nos seguindo já fazia algum tempo...

Saquei minha pistola, a única arma que tinha agora. *Isso é da Leah*, comentei quando vi fotos de todo o meu grupo de amigos... Leah, Mel, Owen, Manny, Nora... As fotos de todos estavam ali, não só como todos estavam marcados com um X... Menos a minha. Fiquei enfurecida. Vi um mapa enorme e mais detalhado de Seattle com uma rota marcada. Não perdi muito mais tempo ali, decidi descer pela escada. No fim dela, uma porta à direita aberta revelou balcão de madeira e um chão feito de carpete vermelho. Fomos calmamente até uma grande sacada ver o que havia lá embaixo, mas nada avistei. Retornei e desci por uma escadaria maior, mais bonita e mais bem-feita que seguia com o piso de carpete.

— Jesse desgraçado... — Ouvi uma voz e a reconheci na hora... Tommy. — Acha que eu não sei o que é ouro... — O avistei arrumando algumas coisas num outro balcão do andar de baixo. Ele estava de costas com as mesmas roupas que usava quando me emboscou. — Espera pra você ver, seu puto. — Ele disse com um tom brincalhão pouco antes de eu mandá-lo levantar as mãos.

— SE AFASTA DESSAS COISAS! — Gritei enquanto apontava para ele, entretanto, não estava próxima. Tive que manter uma certa distância.

— Você tá cometendo um erro... — Ele falou enquanto andava de costas devagar em minha direção e virava a cabeça levemente.

— Não é *pra* se virar. — Cortei o que falava como uma faca. — Lev, deixa ele na mira.

Lev em silêncio se movimentou num arco pela esquerda e mirou em Tommy dali.

— Deita no chão. — Falei.

— Vai me matar na covardia? — Tommy respondeu confiante. Me aproximei dele e num golpe só chutei a parte de trás de seu joelho e dei uma coronhada em sua cabeça. Ele permanecia acordado, mas agora estava deitado no chão. Continuei apontando a arma para ele.

— Seus desgraçados! — Falei quando me agachei e posicionei a pistola colada a sua nuca.

Ouvi passos apressados vindo de uma porta mais adiante, logo ao lado do balcão. Levantei, mirei na porta e esperei, no primeiro movimento atirei sem hesitar e acertei um homem que morreu na hora. Atirei uma segunda vez tentando acertar o segundo alvo que corria atrás do rapaz, mas o alvo fora rápido suficiente para se abaixar.

— Jesse? — Sussurrou uma voz suave e ofegante atrás do balcão.

— LEVANTA! — Gritei de volta. — Mãos *pra* cima, senão eu atiro nesse também! — Mirei a pistola em Tommy.

— Não faz isso, Ellie! Sai daqui! — Tommy gritou.

— LEVANTA! — Repeti. — AGORA!

— NÃO SE ATREVA, PORRA! — Assim que Tommy finalizou sua sentença, eu o chutei com força em suas costelas.

— CALA ESSA BOCA! — Apontei para Tommy agora de lado e gemendo de dor. — VOU ATIRAR!

— PARA! — Gritou Ellie com as mãos levantadas e uma arma em uma delas.

— Larga a arma. — Falei em tom baixo, mas transbordando de raiva. Ver aquela garota novamente foi um baque enorme, tudo se encaixava agora... Owen e Mel morreram por causa dela, e ela estava ali, parada e indefesa. Ela não largou a arma de imediato. — LARGA A ARMA!

Ellie arremessou a pistola longe no susto.

— Eu... Eu sei por que matou o Joel. — Ela falou e eu escutei atentamente. — Ele fez o que fez *pra* me salvar. É por minha causa que não existe cura. Sou eu que você quer... Solta ele. — Ela estava com os olhos atentos, mas suplicantes, uma feição assustada cobria-lhe, suas mãos tremiam...

Eu balancei a cabeça em negação... Eu não tinha ideia do que ela estava falando, apesar de algumas conversas que meu pai teve fizessem mais sentido agora, mas eu ignorei todos esses pensamentos.

— Você... Você matou meus amigos... — Comecei a erguer a arma na direção de Ellie.

— Deixamos vocês viverem... E VOCÊS JOGARAM FORA ESSA OPORTUNIDADE!

Apertei o gatilho. Tommy saltou na direção do meu braço e desviou a trajetória da arma. Disparei de novo, mas errei. Lev atirou uma flecha em sua perna e eu o empurrei de volta ao chão. Quando ele pensou em se levantar, disparei contra a cabeça dele e ali ele ficou.

— TOMMY! — Ellie gritou pouco antes de abrir a porta atrás de si e desaparecer da minha vista.

Eu e Lev corremos até a porta vários disparos foram feitos contra nós assim que passamos. Nos escondemos atrás da última fileira de cadeiras vermelhas bem acolchoadas. Avistei Ellie se esgueirando e atirando para me desviar a atenção, então subiu no palco, disparou mais vezes e entrou por trás das cortinas. Corri possesada de fúria em sua direção sem sequer pestanejar com os disparos feitos em minha direção. Todos erraram. Atravessei a cortina, mas não a encontrei. O ambiente era escuro e uma única luz vermelha estava ligada. Um grande portão de correr estava logo a minha frente e eu não vi outra saída. Abri ele com calma e o atravessei.

— FILHA DA PUTA! — Ouvi a voz estridente de Ellie quando me acertou com um pedaço de madeira com força em minha nuca.

A agarrei pelas alças da mochila, girei-a e a pressionei contra o portão entre aberto atrás de mim. No baque, ela sacou um canivete e tentou fíncar em meu olho, mas eu segurei seu braço. Vi a raiva em seus olhos encharcados nesse meio segundo, mas não me importei, estava cega perante a fúria e a vingança. Agarrei seu outro braço, girei-a novamente e a arremessei longe. Ela girou e correu até minha pistola que jazia no chão. Me joguei por trás de uma caixa e vi ela caminhando por dentro de uma porta ornamentada do cenário ao fundo. Essa era uma grande sala, lotada de caixas, mesas, utensílios grandes de cenário. Nenhuma de nós duas sabia onde a outra estava, em qualquer esquina a morte nos esperava.

Ela tinha a vantagem, estava armada, eu não. Apenas me esgueirei por entre as caixas dando voltas e voltas enquanto escutava seus passos quase inaudíveis. Ouvi ela correndo e saltei por uma barricada pouco antes de ela aparecer e disparar contra o piso de madeira. Rodamos a sala inteira, cada uma buscando uma oportunidade. Eu joguei mais segura, ela estava de pé

apontando a arma para todos os cantos. Quando passei por um ponto cego, corri pelas suas costas e agarrei. Tentei sufocá-la ponto o antebraço ao redor de seu pescoço, mas ela me mordeu com muita força. Arremessei ela longe e saltei em cima dela. Ela sacou o canivete, mas eu restringi seu braço com minha mão. Minha outra mão segurava seu ombro levantando e a empurrando contra o piso. Coloquei minha mão em seu pescoço e a golpeei mais forte até que o piso cedera por completo nos levando para uma outra sala enorme com tantos utensílios quanto caixas que a primeira. Dessa vez o local era mais escuro e mais traiçoeiro. Correntes pendiam de alguns lugares, o chão era velho e vivia rangendo, mais materiais de palco estavam espalhados e alguns deles jaziam esstraçalhados no chão...

Assim que caímos, Ellie se levantou primeiro sacando uma escopeta. Eu apenas ouvi o clique da arma antes de rolar para o lado e desviar do disparo. Ambas nos escondemos na escuridão do local. Voltamos a nos espreitar. Tomei o maior cuidado para não balançar as correntes ou pisas em cacos de vidro barulhentos. Peguei um tijolo e o arremessei. Ellie correu na direção dele e disparou sem hesitar. Corri e a enchi de socos, empurrei ela contra a parede e comecei a enforcá-la. Seus olhos estavam quase se fechando, piscavam tão lentamente, mas seu braço levantou e fincou seu canivete em minha perna, onde tinha força para perfurar. Eu a soltei, ela arrancou o canivete e veio na direção do meu rosto. Segurei seus dois braços e a golpeei no nariz com minha testa, girei-a e sacou com muita força derrubando-a no chão. Tentei correr até ela, mas minha perna falhou.

Ambas estavam lado a lado tentando recuperar a consciência e esquecer a dor para continuar a luta. Quando nos levantamos e nos olhamos, nós duas corremos nas direções opostas e nos escondemos. Não demorou muito até nos esbarrarmos sem querer e trocarmos mais socos. Eu levei a vantagem, a derrubei e mobilizei seu braço e o girei deslocando seu cotovelo. A soquei mais duas vezes antes de uma outra garota correr para cima de mim com uma faca enorme e me derrubar de lado. Ela manejou a faca com pouquíssima habilidade e acabou acertando apenas meus antebraços. Uma flecha de Lev zuniu contra seu ombro e a derrubou do meu lado. Peguei sua cabeça e a golpeei contra o chão duas ou três vezes em fúria.

— Para... — Arquejou Ellie várias vezes, suplicando por perdão. — Para...

Olhei a faca ao meu lado e a posicionei contra a garganta da menina.

— Ela não tem nada a ver com isso... — Ellie gemeu.

Eu a ergui e mostrei seu rosto ensanguentado para Ellie.

— Ela... Ela *tá* grávida...

Olhei para a menina em meus braços já desmaiada. Lembrei de Mel naquele momento, lembrei da falta de misericórdia que ela teve...

— Ótimo. — Falei por fim.

— Abby! — Lev gritou um segundo antes de eu cortar a traqueia dela.

Lev me olhava com o arco baixado. Seu rosto era de terror e súplica. Olhei para ele, olhei para Ellie e depois para a garota nos meus braços. Juntei minhas sobrancelhas de raiva e a derrubei no chão ao meu lado. Me levantei e fui até Ellie que quase se engasgava em seu próprio sangue. Ela jazia no chão imóvel, porém acordada, tossindo e com lágrimas escorrendo por seu rosto.

— Nunca mais apareça na minha frente. — Falei bufando de ódio, mas percebi que não valeria a pena... Lev me mostrou isso...

Finalmente fomos embora daquele teatro sem olhar para trás.

Trinta e Quatro

Pós Tormenta

Silêncio. Paz. Brisa. Lembrança. Era o que eu me obrigava a pensar. Saímos de Jackson, fomos morar numa fazenda bem longe de lá. Um enorme campo de trigo se projetava pela janela. O local era lindo. As montanhas, o ar, a paz... Mas ainda tinha o sentimento de incompleta... Algo estava faltando e eu sabia o que era.

Estava sentada na beira de uma cama de casal, minha cama de casal. Vestia uma calça jeans surrada e uma camiseta básica branca sem estampa alguma. Eu mantive a cabeça baixa enquanto observava seu relógio. Um relógio de ponteiros trincando e parado feito de prata com o pulso de couro negro legítimo. Apesar de ter me afastado, apesar de ter vindo morar num lugar tão... Tão... Pacífico... Eu não sentia que nada tinha valido a pena... Algo estava faltando, algo estava vazio e incompleto... Eu... Eu estava estilhaçada.

Levantei-me ao ouvir gemidos. Guardei o relógio e fui em direção à um berço. Jota Jota, estava sentado vestindo um pijama branco cheio de pequenos dinossauros coloridos, ele estava com seus braços rechonchudos levantados, algo o agoniava.

— Oi, bebê. — Falei num calmo e amigável. — Que foi? Vem cá. — Levantei Jota Jota e o coloquei no braço e comecei a balançá-lo gentilmente. — É... *Tá* tudo bem. *Tá* tudo bem.

Jota Jota era o bebê que Dina esperava. O nomeamos de Jota Jota em homenagem à Joel e Jesse, mas não tínhamos definido um nome ainda. Já fazia quase dois anos desde o teatro, Jota Jota ainda engatinhava, mas já tinha bastante cabelo na cabeça. Sua fisionomia era inteira da mãe, uma pele cor de caramelo, cabelos castanho-escuros, um nariz avantajado, um sorriso lindo... Mas, seus olhos eram iguais aos de Jesse e, apesar de amar de todo o coração o bebê, lembrar de Jesse me entristecia. Caminhei pelo corredor, passei pelo banheiro e pelo meu “quarto artístico”. Nesse quarto eu guardava todos os meus desenhos, pinturas e instrumentos. Dina não tinha um lado assim, então o quarto era praticamente todo meu. Desci as escadas e chamei por Dina.

— *Tô* na cozinha! — Ela gritou em resposta.

Andei pela nossa aconchegante sala de estar. Uma lareira, apagada, na parede a minha frente mais a esquerda, uma mesa baixa de centro retangular, duas poltronas na direita da lareira e um sofá abaixo da janela à esquerda. Ao lado do sofá a porta da frente de nossa casa. Mais para a direita, uma área mais aberta ocupada basicamente pela mesa de jantar, um lustre simples da década

de 50 pendia acima da mesa. Atrás da mesa, na parede oposta à da lareira, uma entrada maior sem porta levava até a cozinha. Dina lavava a louça quando nos avistou.

— *Ah*, e aí, duplinha dinâmica?⁹ — Dina parecia feliz naquele dia, rebolava lentamente ao som de música antiga vindo de uma vitrola velha. Ela tinha seu cabelo preso num coque baixo, usava uma saia longa azul marinho e uma blusa larga ocre de mangas arregaçadas, calçava uma sapatilha branca, porém suja de terra.

— Opa! — Falei num tom baixo. — Valeu por lavar a louça.

— Se quer me agradecer, põe algo mais animado *pra* tocar!

Me virei e coloquei algo mais divertido trocando o disco. Voltei para Dina e segurei sua cintura por trás a mão livre do bebê e remexemos um pouco ali. Ambas rimos e Jota Jota também.

— *Tá* legal! E esse rebolado, *hein*? — Dina perguntou enquanto dançávamos.

— Meu rebolado?

— É! — Dina secou as mãos rapidamente e começou a mostrar seus melhores passos de dança num showzinho para Jota Jota.

— Ui! Olha a mamãe dançando!

Depois voltamos a nos abraçar rindo e balançando. Comecei a beijá-la na lateral de seu pescoço de leve.

— *Tá* legal, você *tá* mexendo comigo! — Ela disse.

— Você é estranha. — Falei brincalhona.

— *Tá* chega! Você *tá* me distraindo! — Ela falou rindo.

— Eu sei! — Eu respondi também rindo, mas a largando devagar.

— Ei, acho que deixei o Ollie lá fora... Busca lá *pra* mim.

— Claro, onde ele tá?

— Certeza que eu deixei no trator.

— Beleza.

Atravessei a sala de estar e fui até a porta. A primeira porta, feita de madeira pintada de branco, já estava aberta, mas a segunda, uma porta feita de uma rede de metal para insetos não passarem, não estava. Passei por ela e me vi contemplando a linda vista das montanhas e rios distantes da nossa pequena varanda na entrada da casa. Caminhei até o trator com Jota Jota ainda nos braços e vi seu pequeno brinquedinho de pano largado em cima do trator. Sentei-me na

máquina quebrada e peguei o brinquedo, mas fiquei com Jota Jota sentada ali mais um tempo, apreciando mais a vista.

— É bonito, né... — Falei para Jota Jota, mesmo que ele não me entendesse. — Quer saber de uma coisa, vou te ensinar a tocar violão. — Falei sorrindo. — Quando suas mãos crescerem... E você parar de fazer cocô na calça o tempo todo.

Fiquei alguns segundos em silêncio.

— Tenho muita história *pra* te contar... Quando você for mais velho... Bem mais velho... Não sei nem por onde começar...

Ficamos apreciando a vista por uns minutos até que decidi voltar a casa. Nossa casa era grande feita de madeira pintada de branco, mas estava tudo desbotado e meio marrom da madeira. O teto era cinza escuro e combinava bem. Havia uma cerca que rodeava o campo de trigo ainda em crescimento na frente da nossa casa. Pinheiros altos cercavam parte da casa numa vasta floresta. Uma árvore sem folhas muito velha ficava na frente da nossa casa.

Entrei na casa e vi Dina pegando as roupas lavadas no minúsculo quarto após a cozinha.

— *Ah*, minhas costas... — Dina comentou.

— Tudo bem aí?

— Sim, deixa comigo.

Na parte de trás de nossa casa, uma área cercada com uma pequena hortinha de vegetais crescendo, um espantalho, um galinheiro, um varal e atrás dele, uma porta *pra* um grande curral de cabras.

— Quer o casaquinho dele? — Dina perguntou enquanto estendia as roupas.

— Não, ele *tá* bem.

Desviei um pouco o olhar e vi um carneirinho filhote no portão do curral. Me aproximei e segurei Jota Jota para ele fazer carinho no animal. Dina se aproximou de mim com um grande tecido preso pro uma fivela que cruzava seu torço, um segurador de bebês.

— Deixa ele comigo. — Ela disse estendendo os braços. — Leva os carneiros *pra* dentro?

— Deixa ele comigo. — Falei sorrindo de leve. — Eu dou conta.

— É?

— É. — Falei, então dina me envolveu com o segurador. — Quero ver você inteira. — Falei olhando *pra* dina, ela parecia cansada. — Pronto, embrulhadinho! — Falei quando arrumei Jota Jota, que agora era pressionado contra meu peito, porém estava confortável. Eu tinha ambas as mãos livres agora.

— Não demora muito, ele precisa tomar banho.

— Sem problema! Eu sou craque com carneiros.

Comecei a trotar ao redor do curral afastando-os em direção ao grande celeiro. Todos estavam comendo quando fechei a portinhola do espaço onde ficavam, então ouvi um ruído vindo do fundo escuro do celeiro. Um choro de um carneirinho preso. Caminhei lentamente até ele e senti a brisa gelada me causando um arrepio na espinha. O carneiro estava assustado atrás de umas pás e um pouco de feno. Quando me aproximei para pegá-lo, ele correu e derrubou a pá. No baque, a visão de Joel ensanguentado e gritando de dor e agonia apareceu por um segundo. Eu comecei a ficar ofegante com o susto. Comecei a tentar controlar a minha respiração enquanto me virava lentamente para a porta dupla do enorme do celeiro. A porta balançava e o carneirinho corria para longe. O peso da porta era um balde, mas o vento tinha aumentado como se uma tempestade estivesse chegando e acabou derrubando o balde e com um estrondo fechou a porta.

Tudo ficou escuro de repente. Eu estava ofegante, olhos arregalados, tremendo sem saber para onde ir. Minha lanterna ligou e não estava mais no celeiro. Estava no alto de uma escadaria escura, usava as mesmas roupas da nevasca onde tudo começou lá em Jackson. Ouvi meu nome... Ouvi Joel gritando meu nome no fim da escada. Sem pensar duas vezes desci desesperadamente até a porta no fim da passagem. “ELLIE”, Joel gritou em sua voz áspera e forte gemendo de dor, depois ele gritou “ME AJUDA!” e então eu tentei abrir a porta. Ela estava trancada, eu comecei a ouvir Joel gritando desesperadamente, sofrendo. Vi o sangue que escorria pelas paredes e pelas frestas da porta. Comecei a dar ombradas na porta com força para derrubá-la, mas sem sucesso. Joel gritava e gritava até que tudo aquilo sumiu.

— ELLIE! — Dina gritou na minha frente.

Eu chorava e gritava horrorizada sentada dentro do celeiro aberto com Jota Jota, também chorando, no meu colo.

— Ei, Ellie, olha *pra* mim. — Dina falou se agachando na minha frente e colocando a mão no meu rosto. — *Tá* tudo bem, você *tá* em casa... *Tá* em casa. Respira. Respira.

— EU NÃO... EU NÃO! — Gritei ainda recuperando os sentidos.

— Calma, eu vou pegar ele, *tá*. — Dina foi pegando Jota Jota dos meus braços lentamente. — Vem cá, vem cá pequeno, vem.

— Foi mal... — Foi a única coisa que consegui falar. Dina estava de pé balançando os braços tentando acalmar Jota Jota enquanto eu ofegava sentada encostada numa cerca com os joelhos pressionados contra meu corpo. — Eu não sei... Eu não sei... Eu *tava* trazendo...

— *Shh, shh, shh, tá* tudo bem. — Relaxei um pouco e dina se aproximou e sentou-se do meu lado com Jota Jota nos braços.

— *Ah*, cara...

— *Tá* de boa. — Ela falou pondo a mão no meu joelho. — Faz... Faz tempo que não sente essa adrenalina, né?

Não respondi, apenas fiquei ali sentada.

No outro dia, eu saí para caçar. Era cedo, o céu estava limpo, mas eu ainda andava meio cabisbaixo e desconcentrada. Consegui pegar apenas um coelho. Lavei o rosto num riacho próximo e comecei a caminhar de volta para a fazenda com o coelho em mãos. Quando passei pelo portão, vi um cavalo preso a frente de nossa casa. Quem poderia ser, me perguntei. Dina abriu a porta para mim e me abraçou.

— Onde *cê tava*?

— Caçando. Demorei mais do que imaginava... Quem *tá* aí?

— *Ah*... Entra aí.

Caminhei pela sala e o vi segurando Jota Jota e rindo.

— Ei, ei! Que mãozinha forte você tem! — Tommy falou enquanto Jota Jota segurava seu dedo.

— Oi, Tommy. — Falei.

— Olha quem chegou! — Ele respondeu, Tommy tinha agora uma barba mais cheia, parecia mais cansado e acabado do que de costume. Seu cabelo estava um pouco maior, mas do mesmo jeito, longo preso num rabo de cavalo baixo. Usava uma camisa básica verde musgo de manga longa, uma calça cargo marrom e botas estilo vaqueiro. O que mais tinha mudado desde o incidente no teatro fora seu rosto... Abby atirou em sua cabeça, mas o tiro apenas atravessou a têmpora dele e arrancou seu olho deixando uma horrível cicatriz que lhe cobria um quarto do rosto.

— Aqui, deixa ele comigo. — Dina foi até Tommy e pegou Jota Jota nos braços.

Tommy tentou se levantar e vi que sua coxa esquerda já não funcionava bem. Ele mandou até mim e me deu um abraço caloroso.

— Que bom te ver. — Falei.

— É, você também! — Ele parecia alegre. Ele olhou para Dina. — Ele *tá* ficando pesado.

— *Tá* mesmo! — Dina respondeu. — Essa bolinha *tá* fortinha!

— Como está a cidade? — Perguntei. — E a Maria?

— *Ah*, ela está bem... A gente... — Ele pareceu desconfortável. — *Tá* dando um tempo.

— *Hm...* Que pena.

— Não. A gente conversou bastante, é isso que nós dois queremos. — Tommy pareceu ter ensaiado as falas enquanto mancava até a mesa de jantar e se sentava. — Então... Senta aí. — Eu me aproximei da mesa e me sentei. — Quero te mostrar uma coisa. — Eu venho jogando um verde... Há alguns meses... — Tommy abriu um mapa. — Um recém-chegado na cidade ouviu minha história. Falou de uma mulher com quem negociou quando viajava pela Califórnia. Disse que ela era forte feito um touro, loira com uma longa trança e viajava com um menino com cicatrizes no rosto. — Não respondi, apenas escutei a história. Ele falava de Abby... Tudo que eu tentava esquecer nos últimos anos, todas as memórias voltavam de uma vez num baque. — E que os dois moravam num barco na praia... — Ele viajou o dedo pelo mapa e apontou. — Bem aqui. Só pode ser ela.

— Não queremos saber disso. — Dina respondeu por mim.

Tommy franziu o cenho em direção a Dina depois voltou o olhar para mim.

— Desculpa. — Foi o que consegui falar, depois baixei a cabeça e balancei a cabeça negando.

Tommy pigarreou.

— Bom... — Ele falou não esperando por essa reação. — Eu não posso ir.

— Eu sei. — Respondi em tom baixo e depois baixei a cabeça de novo.

— *Tá* legal... — Tommy parecia indignado. Pegou a mochila e se levantou. — É fácil deixar ela *pra* lá, quando vocês estão na maior mordomia aqui... — Agora ele parecia irritado.

— Ei. — Dina tentou interromper.

Tommy pôs as mãos na mesa e olhou com olhos de raiva para mim.

— Ela vai pagar caro.

— Tommy.

— Foi o que você falou quando voltamos *pra* Jackson...

— Tommy! — Dina levantou a voz.

— *Humplf...* — Tommy saiu mancando de volta ao cavalo. — Que piada.

Segura ele, por favor? — Dina me pediu quando Tommy passou por ela.

— Claro.

Dina bagunçou o cabelo de Jota Jota e foi até lá fora falar com Tommy. Apenas ouvi o que eles falavam.

— Ô! QUE PORRA FOI ESSA?!

— Nada.

— PUTA QUE PARIU, TOMMY? *CÊ* SABE PELO QUE A GENTE PASSOU...

— *AH*, ME POUPE! ELA FEZ UMA PROMESSA!

— EU *TÔ* POUCO ME FODENDO!

— Eu sei muito bem, Dina. É bem a sua cara, isso.

— Escuta aqui.

— *Aham*, sou todos ouvidos.

— Você nunca mais volta na minha casa com esse papo de merda. *Tá me entendendo?*

— Olhei para o mapa que Tommy deixara na mesa. Estava marcado com um círculo “Santa Barbara”.

Naquela noite, eu não consegui dormir. Sentei-me na lateral da cama pensativa. Dina e Jota Jota dormiam atrás de mim. Eu vestia apenas uma camisa curta de manga comprida e uma calcinha box. Olhei para trás, olhei para Dina e Jota Jota relutante, então me levantei em silêncio. Senti um arrepio de frio descendo pela espinha e fui fechar a janela. Saí do quarto e caminhei até o quarto artístico. Abri uma caixa nele e peguei meu velho diário...

“Os pais do Jesse passaram aqui hoje. Foi legal, no começo. São gente boa. Mas ficaram tentando convencer a gente a voltar pra Jackson. Eu não aguentei e fui pra floresta. Não voltei até tarde da noite. Dina ficou acordada esperando pra me receber. Dava pra ver que estava fula, mas ela só pegou a minha mão e me levou pra cama. Estou me sentindo bem culpada.

Aconteceu de novo. Eu estava caçando um javali e encurralei ele num posto de gasolina velho. Ele tava perdendo sangue, berrando. Me lembrou dele. Aí eu não consegui tirar as imagens da cabeça. Eu deixei o bicho lá, morrendo. A minha pele dói.

Quando é que se aquieta?

Era para o tempo

~~Sufocar a ânsia...~~

~~Sufocar o desejo...~~

~~Extinguir?~~

Extinguir o desejo...

Assombrada pelo seu ~~olhar~~ sorriso

A máscara fica mais pesada

~~Está caindo do meu rosto~~

Um passo para frente, dois para trás.

Tem uma corda no meu pescoço

E, quanto mais eu avanço,

~~Mais apertada fica e mais difícil respirar~~

Como posso cortar ~~o cordão a corda~~ o cordão?

Espero a alvorada

Mas a luz já se foi.

~~Perdi a luz~~

Não sei se já estou

Cega...

Posso deixar tudo pra trás?"

Guardei-o de volta na caixa. Desci as escadas na calada da noite e na escuridão fui até um outro cômodo. Uma pequena outra sala de estar, menor. A janela estava aberta e eu estava congelando. Fui até ela e a fechei. Derrubei a caixa de meu violão, o violão que Joel me deu. A abri, o peguei e sentei-me num banquinho, então comecei a tocar, uma melodia triste e calma, então parei. Me lembrei daquele dia.

Eu estava parada encostada no balcão do bar onde todos festejavam. Luzes amarelas pendiam do teto e decoravam o grande salão. Todos dançavam e giravam, pulando de um lado ao outro. Eu estava com cara fechada segurando um copo de vidro cheio de água. Vestia uma camisa básica branca e uma camisa de botão xadrez azul com cinza. Eu procurava alguém, até que vi Dina correndo abraçada a um cara alto moreno e de pele escura vestindo uma jaqueta jeans grande. Abri um pequeno sorriso. Jesse se aproximou de mim com um drink em mãos.

— Detesto essas coisas.

— Nem me fala. — Respondi.

Jesse estava vestindo uma camisa cinza escura bonita e lisa de botão. Seu cabelo era do jeito que me lembrava, quase um mullet. Ele sorria ironicamente e olhava a multidão.

— Seu velho desceu a ripa em mim hoje.

— O que aconteceu?

— Outro sermão sobre as patrulhas. Não vai ali, não vai pra lá... Engraçado como ele fica envolvido sempre que chega a sua vez.

— É.

— Ela... tá dando o maior show. — Ambos olhamos para Dina.

— Olha só, te dou duas semanas pra vocês voltarem.

— Não vai rolar... — Um silêncio rápido. — Ela... Te falou alguma coisa?

— Uma semana agora.

— Ellie! Ei! — Dina se aproximou cansada e com um triângulo de suor abaixo da gola da camisa rubra que vestia. — Por que demorou tanto?

— Bem, eu tô aqui, não tô? — Respondi.

— Dina. — Jesse falou sendo cordial.

— Jesse. — Dina respondeu no mesmo tom.

— Ai, não esquece que vamos sair cedo. Não deixa de descansar, Ellie!

— Sim, senhor! — Dina respondeu fazendo contingência.

— Você é escrota demais. — Falei quando nos afastamos de Jesse e paramos no meio do salão para dançarmos a próxima música lenta.

— Fala sério... Não vem com essa. — Ela respondeu enquanto colocava minhas mãos em sua cintura e depois envolvia minha nuca com seus braços. — Tenho uma pergunta muito séria para você... — Ela falou aproximando o rosto do meu. — Eu tô muito fedorenta?

Me aproximei de seu pescoço e a cheirei ironicamente.

— Mais que... A... Pilha do lixo.

— Ah! Tá bom, então, ótimo! — Ela esfregou a bochecha lentamente grudada de suor na minha cara.

— Argh! Que nojo!

— Você adora... — Ela aproximou o rosto do meu e o desviou apoiando no meu ombro.

Dei uma olhadela pelo salão por cima do ombro de Dina.

— *Todos os caras aqui dentro tão secando você.*

— *Vai ver tão secando é você. — Ela falou num tom de voz diferente, algo mais...*

Sensual talvez?

— *Nada a ver.*

— *Acho que tão com ciúmes de você.*

— *Eu... Sou mulher. Não apresento risco.*

Dina alinhou seu rosto no meu. Colocou uma mexa de meu cabelo por trás da minha orelha.

— *Ah... Ellie... — Ela pôs a mãos, por fim, atrás de meu pescoço. — Eles deviam estar morrendo de medo de você. — Ela inclinou o rosto.*

Lentamente sua boca se aproximava da minha até que nossos lábios finalmente se tocaram. Nos beijamos arduamente ignorando todos os olhares ao nosso redor. Fechei meus olhos e apertei sua cintura. O banjo tocava tranquilamente e era a única coisa que escutava além da respiração suave de Dina e seu coração batendo forte com seu peito colado no meu. Nos afastamos e sorrimos uma para a outra.

— *Ô! — O velho Seth pareceu e parecia irritado. — Aqui é um ambiente de família.*

Seth era velho e se vestia como um verdadeiro vaqueiro do interior estadunidense. Uma camisa social cor de vinho, uma jaqueta azul marinho com tiras de couro curtas nos braços, uma calça cheia de bolsos grossa e marrom, e botas grandes com estrelas de metal atrás. Seth nos olhava com nojo, dava para ver isso estampado em sua cara enrugada e em seus olhos fundos e arregalados. Seu cabelo era completamente branco.

Ambas rimos confusas.

— *Desculpa? — Eu falei, mas Seth continuou nos olhando de cara fechada e sobranceiras juntas num tom ameaçador.*

— *Desculpa! — Dina falou fechando a cara e me puxando para longe dele, seus olhos nos seguiram.*

— *Na próxima, lembra que tem criança aqui.*

— *É, como se você fosse um grande exemplo. — Dina falou alto para ele.*

— *Era só o que faltava. Mais uma sapatão.*

Isso me pegou de jeito.

— O QUE FOI QUE VOCÊ FALOU?! — Me virei rápido apontando o dedo para a cara de Seth.

— Ellie! Ellie, não! — Dina tentou me parar sem sucesso.

— Ei! — Joel apareceu e deu um empurrão em Seth. — Sai fora daqui!

— Tira a mão de mim! — Eles se encararam.

— Ei! — Maria e Tommy chegaram para separar os dois. — Já chega. — Maria olhou para Seth. — E você, vem cá, vamos dar uma voltar.

— E eles, hein? — Seth gritou olhando para mim e para Dina.

— Isso não é problema seu.

— Você precisa tomar um ar. — Tommy completou.

Joel veio andando preocupado em minha direção. Eu virei de costas para não ouvir.

— Você está bem, garota? — Joel falou num tom preocupado e calmo... Mas naquele momento eu estava irritada... Não percebi seu tom, estávamos brigados... Eu havia descoberto suas mentiras sobre os Vaga-lumes e ainda não o perdoara.

— Qual o seu problema? — Falei grosseiramente para ele.

— Ele não tinha o direito de...

— E você tem? — O olhei nos olhos. Ele não queria incomodar... Só tentou me proteger... Eu me sinto uma merda agora... — Não preciso de sua ajuda, Joel.

Ele olhou ao redor pelo salão. As pessoas nos olhavam. Ele baixou a cabeça e respondeu numa voz envergonhada e reclusa. — Tá. — Então saiu a passos largos do bar.

Eu tinha a atenção de todos os olhares, ali parada sozinha no meio do salão. Eu percebi a merda que tinha acabado de fazer. Eu devia a Joel... Por tudo que ele fizera a mim e eu estraguei tudo...

Comecei a arrumar minha bolsa. Juntei alguns materiais. Estava escuro, mas o sol já estava para sair. Eu estava vestida com uma regata surrada branca, uma calça jeans comum, meus tênis all-star e a jaqueta de couro ocre de Joel.

— Ei. — Ouvi Dina atrás de mim. Me levantei rápido e a olhei-a envergonhada.

— E aí?

— Nossa... — Dina estava com os olhos cansados e preocupados. — Já faz tempo que ele não dormia assim, né?

— Foi um dia e tanto.

— É... Ele tá bem. — Dina estava com um rosto triste. — Volta *pra* cama. A gente conversa amanhã cedo, *tá?*

— Eu tenho que botar um fim nisso.

Dina parou seu trajeto de volta para a cama de costas para mim. Estávamos na cozinha. A cortina bruxuleava com o vento suave da madrugada.

Ela se virou com os olhos vermelhos segurando o choro. — Você não deve nada *pro* Tommy.

— Eu não durmo. — Falei num tom baixo e triste. — Eu não como. Eu... Eu não sou que nem você, Dina.

— Quê? — Ela falou num tom confuso e indignado. — Você acha que é fácil? — Ela levantou a voz. — Por você, e por ele, eu aguento.

— Eu te amo.

— Então prova. — Seus olhos suplicavam. — Fica.

— Não dá. — Olhei determinada para Dina.

— Então o que? — Uma lágrima escorreu pelo rosto dela. — É só *pra* ficar aqui sentada te esperando? Por... Por sei lá quanto tempo, só pensando sem parar que você deve ter *morrido?*

— Eu não pretendo morrer.

— É, então, o Jesse também não pretendia! — Ela se aproximou do meu rosto com raiva. — Nem o Joel.

Aquilo foi uma facada no coração. Não falei nada, mas me senti extremamente culpada. Era por minha causa que eles morreram... Eu precisava ir, pôr um fim nisso... Peguei minha bolsa e comecei a andar.

— Eu, para. — Dina falou e me segurou no rosto. — Ei, chega. A gente tem uma família. *Ela* não pode ser mais importante do que isso. — Peguei em sua mão colada em meu rosto e fui a retirando lentamente. — Não... — Ela falou numa voz chorosa, então se afastou e virou de costas.

— Eu não vou passar por isso de novo. — Falou por fim.

— É você quem sabe.

Virei-me e atravessei a porta dos fundos que levava de volta à pequena horta.

Trinta e Cinco

Luz

— Rua Constance, 2425. — Lev disse caminhando atrás de mim olhando as placas.

— *Tã*, rua Constance. — Agora é só achar a casa.

— A gente olhou essa rua faz uma semana! — Lev disse com indignação. — Não acredito que você trocou uma pistola por isso.

— É uma pista, Lev. — Falei sorrindo levemente para ele.

— Aquele cara não viu nenhum Vaga-lume aqui.

— Para! — Falei num tom brincalhão. — *Tô* com um bom pressentimento.

— Mas eu não.

— Vem!

Lev agora tinha cabelo. Um curto cabelo negro espetado. Usava uma camiseta marrom escura com uma calça jeans e um tênis all-star preto de tecido. Carregava nas costas uma pequena bolsa com uma aljava cheia de flechas e o arco preso. Ele correu até o outro lado da rua e leu o número de uma casa. 2410.

— Não vai ser desse lado. Aí só tem números pares.

Ele se aproximou do meu lado da rua e leu mais uma. 2409. E assim foi até o fim da rua. O sol estava alto no céu. O clima era quente e a grama estava amarelada por causa da secura. Carros quebradiços por toda parte. Eu usava agora uma calça cargo bege e uma camisa básica com manga curta cinza escura. Arranjei uma mochila nova e novos equipamentos pelo caminho. Um ano e alguns meses se passaram desde o teatro e desde então procurávamos os Vaga-lumes e recentemente encontramos um cara que nos deu a informação de que nessa rua tinha algo sobre eles.

— Se... Os Vaga-lumes ainda estiverem por aí... — Lev comentou.

— *Hum*.

— O que eles estão tramando?

— Sei lá. O objetivo era restaurar a sociedade... Tem muitas interpretações para isso.

Continuamos seguindo a rua. Avistamos um infectado saindo de uma casa no meio da rua. Decidimos ir investigar. Tinha dois ou três *corredores* e um *estalador* e na casa não tinha nada de muito importante, apenas alguns suprimentos a mais.

— E se não acharmos eles aqui? — Lev perguntou preocupado depois do combate.

— Se as pistas não derem em nada... O que você quer fazer?

— Sei lá. Ir embora desse lugar...

— *Tá...* E *pra* onde a gente vai?

— Oeste.

— Ver o que tem lá.

— Nada, só mar. Outros países, sei lá. Quer fazer isso?

— Eu não sei.

— Enfim, olha essa pichação. — O símbolo de uma caveira envolvida por uma cobra.

— É dos Vaga-lumes?

— Não... Pelo menos não reconheço.

Ao fim da rua, uma casinha simples cor amarelo desbotado. A porta da frente estava trancada, mas o portão da garagem estava entre aberto. Nos esgueiramos por umas caixas velhas e empoeiradas e fomos até a sala principal. Nada demais até então. Começamos a fuçar por todos os cantos da casa, cozinha, quartos, banheiros... Qualquer coisa que nos desse uma pista, um sinal... Ficamos pelo menos uma hora naquela casa. Olhamos até a área da piscina e um pequeno galpão nos fundos.

— *Tá...* Abandonada... — Lev falou desacreditado.

— Continua procurando.

E continuamos por mais outra hora.

— Pintaram o lado de dentro *pra* parecer o lado de fora... — Lev falou quando entrou num quarto de criança com as paredes estampadas com árvores. — Mas plantas não são assim...

— Parece como uma criança... Sonharia com o lado de fora. No mundo de antes, era comum decorar os quartos de criança assim... — Memórias vieram a mente naquele momento. — Meu pai pintou *pra* mim uma selva toda colorida.

— *Ah...* A Yara ia amar.

— Aposto que ia...

Olhamos tudo... Duas vezes. Apenas um lugar não vimos, uma porta trancada. Procuramos uma outra entrada, mas nada achamos com a exceção de uma carta em cima de uma mesa confirmando que ali era a casa certa. Saímos da casa e depois a volta para o quarto trancado,

usamos a janela para entrar e... Novamente nada. Até eu já estava desacreditada... Não queria aceitar... Mas não tinha mais onde olhar.

— Lev... — Falei chateada. — Acho que esse lugar já deu.

— Não, espera! — Lev parecia empolgado. — Olha aqui!

— Achou algo?

Quando entrei na casa novamente, vi Lev agachado observando ranhuras na madeira do piso. Tudo levava para um grande móvel, uma prateleira pesada. O ajudei a empurrar e acabou que revelou uma entrada para um porão secreto.

— Oi? — Falei esperando alguém responder. — Alguém em casa?

O porão estava escuro e empoeirado. Parecia uma simples área de lazer. Havia 2 beliches, duas poltronas, uma mesa de centro com um tabuleiro de xadrez, algumas prateleiras vazias, uma mesa redonda com quatro cadeiras ao seu redor e mais uma pilha enorme de caixas. Fuçamos as gavetas, mas nada encontramos. Após a mesa de xadrez e antes dos beliches, um longo corredor largo se estendia. Uma cozinha improvisada, banheiros, mais uma grande mesa, outra beliche e uma grande mesa com equipamentos de rádios nela, tudo desligado sem energia. Mais a esquerda dessa mesa, uns cabos eram todos conectados à um estabilizador. Eu o liguei e as lâmpadas ligaram junto. A área dos rádios voltou a funcionar. Mapas de diferentes partes do Estados Unidos ficavam colados na parede e espalhados pela mesa.

— Tem alguém nessa frequência? — Falei depois de apertar o botão de um microfone.

— Aqui é... — Soltei o botão e suspirei. — Viu o indicativo de chamadas?

— Vi o quê?

— Uma lista com números e letras.

— *Hum...* — Lev pensou e foi a procura da lista.

— *Ah*, foda-se. — Apertei o botão de novo. — Aqui é Abby de Santa Barbara. Alguém na escuta? No aguardo. — Soltei o botão e esperei alguns segundos, depois apertei novamente ansiosa e repeti. — Alguém na escuta?

— E isso? — Lev mostrou prancheta com uma folha de papel nela com, advinha só, números e letras.

— Ótimo! — Falei animada. — São as frequências.

Peguei a primeira e usei o pequeno teclado do rádio para entrar na frequência.

— Tem alguém aí nessa frequência? Aqui fala Abby de Santa Barbara, alguém na escuta?

— São outros postos dos Vaga-lumes? — Lev perguntou.

— Eu não sei. — Voltei para o rádio e continuei perguntando se havia alguém.

Estávamos sem sorte. Não havia resposta. Troquei de frequência várias vezes. Minha voz estava começando a ficar chorosa de tanta agonia... Esse era o mais perto que chegaríamos dos Vaga-lumes... Não podia simplesmente não ter nada, não é? Bom... Não, não acabou assim.

— Oi, Abby. Estamos ouvindo perfeitamente. — O rádio tocou com uma voz de um jovem adulto. — Em que parte de Santa Barbara você está?

— É... Rua Constance 2425. — Falei aliviada. — Nossa pista era de uma base Vaga-lume, mas não há ninguém aqui... Eu, eu sou Vaga-lume.

— Você estava escalada onde?

— *Ah*, na equipe do entreposto de Salt Lake.

— Quem era o chefe do lugar?

— O doutor Jerry Anderson, ele era o meu pai.

— *Hmm...* Quem diria. Recolhemos todo mundo das estações satélite e trouxemos de volta para a base principal.

— Quanta gente tem aí?

— Mais ou menos... Uns duzentos agora... Um pouquinho mais a cada mês.

— O Owen tinha razão. — Falei sorrindo para Lev sem apertar o botão, então voltei a apertar. — Vão receber mais dois. Como te encontramos?

— Vão *pra* ilha Catalina. Cheguem nas redondezas da cúpula em Avalon. Nós vamos ver vocês.

— Certo, *tá* bom! Câmbio e desligo.

— Mal posso esperar, boa sorte, Abby de Santa Barbara. Câmbio e desligo.

Caminhamos alegres para fora da casa.

— *Tá* bom. Você estava certa. — Lev falou enquanto subíamos as escadas.

— *Ahn? Hein?* Pode repetir?

— Por que você me faz repetir sempre que eu *tô* errado?

— Porque eu me sinto melhor... E porque é tão raro.

Assim que botei o rosto atravessando as caixas, um alguém me deu uma forte paulada com um pedaço de metal. Eu cambaleei para trás desnorteada e caí em cima de outra pessoa, uma mulher, que me agarrou pelas costas e me segurou. Eu dei uma cotovelada em seu rosto e tentei me livrar, mas seu amigo rapidamente apareceu e bateu em minha perna me derrubando. O homem asiático que me batera com o bastão de metal ia me finalizar quando receber uma flechada certa de Lev. Soquei a mulher para longe e vi Lev de pé recebendo um soco, de um senhor de velho de cabelos longos e brancos usando óculos escuros, tão forte que o fez voar longe acertando precisamente o portão da casa entre aberto e caindo de olhos fechados no mesmo momento. Tentei rastejar até Lev, mas a mulher e um mais um outro homem me seguraram. O oriental me acertou com força nas costelas.

— Para! — O homem velho gritou, mas o oriental não escutou e me acertou na cara. — PARA! — Ele gritou mais forte pouco antes dele me acertar a terceira paulada. — Não mata ela agora. Amarra ela. Agora, você, vem cá. — O oriental com uma flecha fincada no ombro se aproximou. — *Tá pronto?*

— Espera aí, o que *cê tá* fazendo? — O velho partiu a flecha ao meio e arrancou ambas as partes. — Pronto, pronto nem doeu. Pegou o pequeno.

Eu e Lev fomos amordaçados, amarrados, torturados e presos... Fomos levados até uma base deles. Não sabia onde estava, nossas coisas foram levadas e eu estava apagada o caminho inteiro. Fomos tratados como escravos junto a muitos outros que, presos ali, também estavam... Fomos torturados, noite e dia, sem descanso. Rasparam meu cabelo e o de Lev, e fomos marcados como gado... Tentamos fugir, uma oportunidade perfeita. Enquanto fazíamos um dos vários serviços, provocamos uma briga, roubamos uma arma de um dos guardas, até matei alguns deles, mas eram muitos... Fomos capturados e postos em exposição numa praia. Nos amarraram num poste de madeira e fomos abandonados para morrer ali, dezenas de outros postes com esqueletos ou pessoas ainda com carne em seus corpos jaziam ali assim como nós... Talvez, dessa vez, realmente fosse o fim...

Trinta e Seis

Os Cascavéis

— *Pra* onde você foi daqui? — Falei para mim mesma dentro do barco de Abby.

Viajei até Santa Barbara. Atravessei meio país para chegar lá, mas eu cheguei. Estava cansada, suja, porém determinada, nada iria me parar, não depois de ter chegado tão longe. Eu encontrei o barco encalhado numa praia, usei o mapa que eu tinha de Santa Barbara para me localizar. Encontrei um bloco de notas com várias localidades riscadas, apenas uma não fora riscada ainda, rua Constance, 2425. Só podia ser lá. Peguei o mapa de volta e decidi fazer meu trajeto até essa rua. Eu teria que cruzar a cidade inteira.

Saindo do barco, meus olhos foram ofuscados pelo sol alto em de Santa Barbara. O calor era enorme. Eu vestia apenas uma camiseta branca regata toda suja, minha calça jeans favorita e meus tênis all-star. Olhei ao redor e senti o cheiro da praia. A areia era branca amarelada e mais a frente estava uma costa rochosa para eu escalar. Meu corpo todo estava um pouco vermelho por causa das queimaduras que o sol me deixava, mas nada que incomodasse muito. Caminhei até uma pequena entrada no meio da costa e achei um acampamento dentro de uma caverna. Não tinha nada demais por lá. Subi por uns grandes degraus de pedra rochosa que faziam uma trilha até o topo da costa. Não demorou muito até encontrar algumas construções de madeira, escadarias velhas. Fui caminhando até chegar num portão todo decorado de flores e plantas bonitas. Acabei chegando numa rua. Eu estava na praia de Mesa Bluff de acordo com a placa após o portão. Eu parecia estar num bairro bem rico, a rua era composta apenas por três enormes mansões. A vegetação basicamente engoliu toda a região como se estivesse recuperando o que a natureza perdeu, eu estava numa rua grande, mas parecia uma floresta.

Uma das mansões estava com o muro quebrado, passei pela passagem e comecei a explorar a grande casa. *Espreitadores* tentaram me emboscar no meio do caminho, eram poucos e havia um *estalador* entre eles, isso me alertou. Não vi entrada nenhuma de imediato, a porta estava completamente travada por causa de vinhas grossas e não havia outra entrada, entretanto, um *estalador* estava parado no telhado da casa. Atirei uma flecha nele a distância e, depois que ele caiu, subi num carro de luxo e escalei até o telhado. Eu estava no telhado de um estreito corredor da mansão, ainda havia um enorme espaço aberto após onde eu estava em cima. Olhando ao redor, uma janela me dava acesso a mansão. A mansão estava detonada, muita gente já passou por aqui e

a saqueou mais de uma vez. O que sobrou era apenas o resto do resto que aqui ficava. A escada fora engolida pelas vinhas, então tive que saltar para o térreo da mansão. Saltei depois de ter olhado ela inteira. Fiz muito barulho. Dois trôpego correram em minha direção por ambos os lados. Eu não sabia o que fazer. Saquei minha escopeta rapidamente, mas eles pararam, ficaram de quatro e carregaram para soltar os gases ácidos. No mesmo instante, saltei por entre os dois e larguei um molotov que acabara por incendiar os dois até a morte. Outros dois *espreitadores* apareceram para me agarrar pelas costas. Um deles mordeu meu braço, eu saquei o canivete e finquei em sua cabeça, dei uma cabeçada no segundo, me afastei e disparei com a escopeta. Senti meu braço dolorido. O enfaixei e tomei alguns analgésicos, então segui atravessando as janelas dos fundos da mansão. Estava no quintal da casa. Saltando pelo muro, cheguei numa outra rua. Eu estava muito alta e tive que descer uma ladeira cautelosamente.

Avistei uma passagem entre um grande trailer e uma van, era apenas uma fresta. Quando passei, ouvi um clique rápido e uma corda envolveu meu pé e me puxou até que eu ficasse pendurada de ponta cabeça numa grande árvore. O impulso foi de repente e muito forte, eu fui longe no balanço como um pêndulo e no retorno acertei com tudo o tronco principal da árvore, bem no resto de um galho quebrado que nela tinha. O espinho fincou fundo na lateral do meu abdômen e depois eu comecei a me estabilizar no balanço da árvore... Estava sangrando e minha mochila caiu próxima a árvore, muito distante para eu alcançar. Há uns dois ou três metros, avistei um *estalador* pendurado da mesma forma que eu. No desespero eu saquei meu canivete, mas ele acabou escorregando das minhas mãos ensanguentadas. Fiquei ali pendurada mais ou menos o dia inteiro, quando acordei já era no início da tarde, o sol mal tinha cruzado o meio dia. O sangue tinha escorrido pelo meu corpo todo, meus lábios estavam secos e quebradiços. Por fim, eu comecei a alucinar ou algo assim, uma miragem, não sei. Quando abri os olhos, vi duas figuras distantes e jurava que era Abby e a criança, mas minha visão fora focalizando e as duas figuras foram se aproximando.

— Abby... — Falei, mas eles ignoraram.

— Viu? Tem uma viva. — Falou um velho gordo forte e corpulento usando óculos escuros. Seu cabelo era todo branco e preso num rabo de cavalo baixo.

— Ela tá toda fodida. — O segundo, mais baixo, origem oriental de cabelo curto estilo militar e algumas tatuagens falou dando uma volta por mim.

O mais velho me soltou e eu fui derrubada com força no chão.

— Se ela der um mês é sorte nossa. — O oriental tirou a corda do meu pé. — Dá *pra*...
— Ele tinha um corpo definido, mas a corda estava presa. — Gente por favor... Encerrar o dia? — Ele parecia cansado e suado.

— É, desse esse negócio, — O velho apontou para o *estalador* pendurado. — vamos rearmar as armadilhas. — Ele então me virou de lado com um chute no meu ferimento e começou a tentar me amarrar.

— Sério, cara? — O oriental fora andando de costas desleixado. — Mas será que ela vale a viagem de volta? Não é nenhuma... *AH!* — Ele gritou quando o encostou no *estalador* sem querer e quase foi mordido.

— Ele te pegou? — O mais velho se levantou com urgência esquecendo de me amarrar.

— Não, não... *Tô* de boa... *Tô* de boa. — Nesse momento, enquanto ele recuperava o fôlego, eu comecei a rir alto. Eu ainda estava deitada no chão imóvel e com o sangue todo voltando para o corpo agora. — *Tá* achando engraçado?

— *Ah...* — Suspirei. — Você se borrou todo.

— Que que você falou? — Ele respondeu irritado.

— Que cagão...

— *Ah! Cê tá* achando graça, é? — Ele se aproximou calmamente de mim, então agarrou meu braço e começou a me puxar com força. — LEVANTA!

— Ô, qual é, *pra* quê isso?! — O mais velho tentou impedir.

— Não, cara, ela já *tá* toda fodida! - Ele me pôs de pé. — Vem aqui! Vem! — Ele agarrou meu pescoço com o antebraço por trás e com a outra mão o meu pulso e aos poucos foi me aproximando do *estalador*. — Acha isso engraçado, é?! Ainda acha engraçado, sua puta?! Vamos lá! Ri agora!

Com minha mão livre, usei a força que ele fazia para me puxar, agarrei o braço dele e me joguei contra o *estalador*; só que empurrei o asiático imbecil junto comigo. O *estalador* atacou o pescoço do oriental e eu logo me escondi atrás do corpo dele enquanto o *estalador* fazia um lanchinho. O mais velho sacou a pistola e tentou me acertar, sem sucesso. Eu peguei a arma do oriental, uma submetralhadora com silenciador pendia do torso dele, apontei a arma contra o velho sem mirar e atirei com uma rajada. Acertei a perna dele. Com a nova arma em mãos, fui mancando até o imbecil que implorava por sua vida.

— ESPERA! ESPERA! — Ele berrou. — VOCÊ DISSE ABBY, NÃO FOI?! — Apontei a arma para ele, mas não disparei. — Você *tá* procurando uma Abby? A gente pegou uma Abby uns meses atrás.

— *Aham*, sei. — Falei desacreditada.

— Cavallona, loira, braço que nem o meu! Estava com... um moleque com a boca toda cortada. — Ele foi se ajeitando se encostando no tronco da árvore. — É... É essa mesmo... Se me deixar vaziar... Eu conto onde ela está. — Ele gemeu de dor. — Dá tempo de chegar antes da sua infecção tomar conta. — Estranhei o que ele disse, quando olhei minha mão, vi uma marca de mordida no lado oposto ao dedão pouco abaixo do mindinho.

— Fala. — Mandei.

— Ela *tá* presa... Num acampamento.

— Onde?

— Segue nesse rumo até chegar na linha do trem. — Ele apontou na direção atrás de mim. — A linha vai dar num resort. Os presos ficam... — Ele gemeu de dor. — Num prédio alto e redondo. — Virei de costas olhando para a direção que ele apontou e então retornei a ele. — Eu... Juro... — Falou ofegante.

Olhei para ele e atirei em sua cabeça, uma morte rápida. A perfuração na lateral do meu corpo doía muito. Fiz um curativo improvisado e comecei a andar lutando para me manter acordada sem a adrenalina no sangue e repetindo “trilhos indo *pro* resorte... prédio alto e redondo...”. Parei para verificar o machucado que estava bastante dolorido. Eu retirei o curativo e revelei os pontos que eu havia dado. Ele pelo menos parou de sangrar.

— Bosta... — Suspirei.

— AQUI! — Uma mulher gritou e eu me abaixei tomando proteção atrás de uma mureta, então um disparo. Vi uma pessoa caindo enquanto fugia. — Mira nas pernas, eu quero ele vivo!

— EU NÃO VOU VOLTAR! — O fugitivo moribundo sacou uma pistola e outros dois apareceram cercando ele.

— É uma arma?

— Ele está armado!

— EU NÃO VOU VOLTAR! — O fugitivo berrou por fim e disparou em sua própria cabeça.

— Cacete... — A mulher falou. — Vasculhem a área, garantam que ele foi o único a escapar. Se eu descobrir que alguém o ajudou, eu vou jogar na piscina na hora!

A nova arma veio muito bem a calhar. Matei dois rapidamente e ninguém sequer ouviu os disparos. Era um silenciador enorme. Plantei uma bomba de espinhos e arremessei uma garrafa de vidro longe. Me movimentei com a distração. Dois tentaram me cercar, mas assim que vi um, o matei com disparos rápidos e o segundo morreu com a explosão da bomba. Reabasteci a munição da submetralhadora com os defuntos. Atravessei um grande restaurante e encontrei mais deles. Esses não tinham me avistado ainda, então decidi não gastar munição e matei um a um furtivamente. Vinte minutos depois, a rua estava limpa e podia apenas ouvir os sons das cigarras. O sol já estava mais ameno e começara a se pôr. Enquanto caminhava e reabastecia, encontrei uma grande pichação. Uma caveira com uma cobra a envolvendo, embaixo estava escrito “Cascavéis”. Olhei para um dos corpos dos inimigos e vi a mesma imagem tatuada no braço dele.

— Grupo grande... — Pensei em voz alta.

Segui adiante e encontrei trilhos. Abri um grande vagão de metal atolado e depois me arrastei por uma passagem minúscula de um muro, do outro lado uma pequena torre. Subi nela e fiquei agachada. Vi pessoas caminhando, uma grande plantação de milho mais a frente, vários prédios e, um pouco mais distante, um grande prédio redondo... O local era ali, o resort.

Desci com calma da torre e me esgueirei pelo milharal. A princípio, vi um guarda brincando com dois infectados. Eram dois *corredores* com correntes envolta do pescoço tentando alcançar o guarda e ele xingando os dois ou os encorajando ironicamente. Sem pensar duas vezes, atirei com minha arma na junção das correntes e libertei os dois infectados. Os dois infectados atacaram o guarda e mais outro que estava próximo fazendo uma enorme distração. Eu me esgueirei por todos eles enquanto lidavam com a surpresa dos infectados e alcancei a recepção do resort. Passei por uma porta quase que toda barricada. Alcancei uma outra área escura e aberta, mas nada demais aqui. Saltei por uma pequena janelinha acima de uma porta fechada e acabei de frente para o prédio redondo, entretanto, ele ficava do outro lado da área enorme da piscina, não só isso como não tinha uma entrada direto para ele, tive que atravessar uma outra ala inteira enfrentando todos os inimigos idiotas desse grupo.

Eu entendi quando alcancei essa área o porquê de ameaçar os outros a serem jogados na piscina. Aqui tinha uma grande piscina vazia com quatro *estaladores* acorrentados cobrindo a área inteira da piscina. Agora parecia uma ameaça e tanto. Enfim, vou poupá-los da repetição... Me

esgueirei por entre arbustos, matei o guarda da piscina, atirei na divisão das correntes e agora tinham quatro *estaladores* e dois *corredores* zanzando por aí... Eu literalmente caminhei pelo caminho até o prédio que me levaria para a construção redonda. O céu estava cinzento e ficando mais escuro de pouco a pouco. O cansaço começou a bater, de repente eu estava mancando de novo. Subi uma longa escadaria e ouvi mais soldados correndo para ajudar com os infectados. Fiquei escondida num quarto e entrei no guarda-roupa. Esperei até que todos passassem e segui. Minha visão estava começando a ficar turva, não conseguia forçar direito, minha respiração estava ficando mais difícil e agora andava cambaleante.

Eu não desisti. Me escondi, botei um pedaço de pano na boca e comecei a ajeitar os pontos. Não melhorou muito, mas os efeitos colaterais foram reduzidos, não sumiram. Subi mais uma escadaria e caminhei tranquilamente. Não pensei que ninguém tivesse ficado para trás. Abri uma porta dupla e vi uma cela com algumas pessoas no fim do corredor. Caminhei até lá e de repente, tomei uma tacada no peito e fui pressionada contra a parede. Antes de chegar na parede, girei e fiz força para inverter o embate, mas a guarda deu uma joelhada no meu ferimento e eu quase caí de dor... Eu resisti. Arrastei ela pela parede com todas as forças que me restavam e a joguei no chão. Ambas segurávamos o taco, no impulso ela me levou junto e ambas caímos. Ela ficou por cima e tentou me sufocar. Pressionei o dedo contra o olho dela e ela berrou e se afastou um pouco, mas não saiu de cima. O pequeno espaço que ela me deu, eu botei o pé em seu peito, larguei o bastão e a empurrei para longe. Ela atingiu as grades da cela, os prisioneiros seguraram o bastão contra o pescoço dela e ela morreu.

Um deles pegou a chave dela e correu para abrir a porta. Todos eles, homens e mulheres esfarrapados sujos, magros e cansados, correram para se armar. Antes que saíssem, perguntei sobre Abby.

— Ela foi mordida! — Uma mulher gritou.

— Se afasta! — Um outro com uma arma apontada.

— AÍ, NÃO APONTA ESSA MERDA *PRO* MIM! — Levantei a pistola contra ele.

— Ei, ei, ei! — Um outro homem interveio. — A Abby tentou fugir. Ela está nas pilastras.

— Que pilastras? — Falei ofegante e a visão se apagando e voltando.

— Vai *pra* praia. Não tem erro... Ela já deve estar morta.

Aos poucos fui baixando a arma e abrindo espaço para eles passarem. Pressionei o ferimento e comecei a andar. Um longo corredor escuro.

— Cadê você... — Falei quase caindo de cansaço. — Abby... Abby... Abby... — Comecei a repetir enquanto estava no corredor até que não tinha mais forças nem *pra* isso.

Caminhei por uma saca e depois por uma escadaria. Ouvi um tiroteio distante e depois vi o prédio atrás de mim pegando fogo. Caminhei entre uma densa floresta de coqueiros até finalmente cheguei na praia. Uma praia assustadora com inúmeros postes de madeira e em cada um deles uma pessoa pendurada. Corvos e gaivotas voavam bicando alguns defuntos, uma névoa fina se instalou no ambiente e o céu fora totalmente coberto por nuvens negras, mas não de chuva e sim por causa da escuridão que a noite trazia... Cada corpo era amarrando com os braços esticados para cima na ponta da alta pilastra, os pés eram juntos e amarrados com uma corda envolta do poste. Eram dezenas. Me esganei tentando chamar por Abby, até que vi um dos corpos se mexendo. Me aproximei e a vi. Seu cabelo havia sido cortado, estava magra, podia até ver seus ossos. Uma calça feita de panos velhos quase como um saco de batatas e uma regata justa preta em seu corpo. Seu rosto estava sujo cheio de hematomas.

— Me ajuda... — Ela sussurrou com os olhos fechados. — Por favor... — Ela ergueu a cabeça lentamente e abriu os olhos sem vida. — É você...

Saquei meu canivete e me aproximei dela e cortei a corda que a segurava. Eu estava tão moribunda quanto ela. Ela caiu na área dura e seca da praia e se levantou lentamente. Mal conseguia levantar os braços. Ela sussurrou *Lev* e foi até um menino desmaiado num outro poste. Carregou ele nos braços e começou a caminhar lentamente descendo a praia até uns barcos. Eu a segui. Havia dois barcos boiando na água rasa e negra sendo segurados por dois postes afastados cada um. Um estava apontado para a praia e outro para o oceano encoberto pela névoa, ambos tinham motores. Abby pôs o menino no barco virado para o oceano, eu fui até o que estava virado para a praia e coloquei todas as minhas coisas lá, menos meu canivete que permanecia em meu bolso. Estava extremamente cansada, nem pensei um segundo sequer em brigar até que eu joguei minha pistola no barco... Era o antigo revólver de Joel e no baque que a arma fez quando bateu na madeira, uma imagem saltou aos meus olhos por meio segundo. A imagem silenciosa do rosto de Joel ensanguentado e esmagado pelo taco de golfe que *ela* usou para matá-lo. Eu vi o sangue da minha ferida e isso só me lembrou mais daquela imagem. Eu tinha ido tão longe por causa de vingança... Eu não podia desistir ali, não naquele momento... Eu devia isso a Joel. Olhei sobre meu ombro Abby tentando desamarrar o barco e caminhei até ela.

Trinta e Sete

Perdão

Parei numa distância de uns três metros. Ela estava de costas para mim apressada com relação as amarras do barco. A água batia na metade de nossa canela.

— Não posso deixar você ir. — Falei numa voz fina e cansada. Abby parou imediatamente de desamarrar a corda por um segundo depois retornou.

— Eu não vou fazer isso. — Abby respondeu numa voz um pouco mais grave.

Eu caminhei até, agarrei os restos de cabelos que ela ainda tinha e a derrubei atrás de mim na água. Ela tentou se levantar e ficou de quatro respirando ofegante, eu me aproximei de novo e a chutei. Ela olhou para mim derrubada com metade do corpo dentro da água. Minha expressão era de tristeza, indecisão, raiva, confusão... Eu não estava pensando direito, isso não apaga meus erros. Abby olhou para mim com um rosto suplicante, fraco e confuso.

— Não. — Ela grunhiu e tentou se levantar. — Eu não vou lutar com você.

— Ah, vai, sim. — Eu peguei meu canivete e fui até Lev e coloquei a lâmina em seu pescoço. Lev mal notou o gelado gume.

— Ele não tem nada com isso. — Abby estava de joelhos na água com cabeça inclinada.

— Ele tem graças a você. — Falei num tom mais agressivo e carregado.

— *Tá bom.* — Abby se pôs em pé. — *Tá.*

Aos poucos fomos girando num círculo definindo uma arena. Quando Eu estava de costas para a praia e Abby de costas para o mar, ela disparou contra mim e pulou em cima de mim me derrubando na água. Ela segurou meu pulso com o canivete e minha cabeça. Meu pé escorregou pelo seu torso e a afastou um pouco, num giro lateral eu brandi o canivete e fiz um corte em seu rosto. Abby e eu ficamos de pé e avançamos uma contra a outra. Nossos socos eram fracos, mas pareciam marretas considerando nossas condições, tanto em peso quanto em danos. Ela tentou me acertar um soco e eu desviei, brandi a faca num arco à minha frente e arranhei a lateral de seu torso e depois, num segundo manejo, cortei ambos os antebraços quando ela ergueu a guarda. No mesmo embalo, levantei a faca para fincarem Abby, mas ela foi mais rápida e me acertou um soco no estômago, depois um gancho e mais um direto. Cambaleei para trás e ela veio para cima. Eu me curvei de dor e sem ar. Abby caminhou até mim, juntou ambas as mãos e ergue os dois braços para uma forte pancada em minhas costas. Um momento antes eu desviei jogando meu corpo para

o lado e fincando a faca em seu ombro lateralmente pelo braço profundamente. Ela segurou meu pulso e me afastou, eu corri e levantei o braço para tentar fincar mais uma vez, porém ela segurou meu braço esticado com as duas mãos e me empurrou, logo em seguida mais uma série de socos que quase me derrubaram. Eu avancei e ela veio junto. Ela segurou o pulso da minha faca, mas eu girei ao redor de seu corpo e a agarrei por trás, a faca estava direcionada para seu pescoço e Abby segurava minha mão com o que lhe restava de força. Meu braço fraquejou e ela desviou a faca, girou e me derrubou caindo junto. Eu me levantei, subi em cima dela e mirei no pescoço de novo, suas mãos ágeis seguraram meus pulsos e os desviaram um pouco para baixo, bem no centro de seu peito. Eu estava ganhando e a faca, lentamente, foi baixando e aos poucos foi sendo fincada em sua carne. Abby berrou e começou a se debater e num surto de força e adrenalina ela afastou minha mão do peito, a girou e batei com força arremessando minha faca para longe ficando perdida nas águas escuras e opacas da praia. Ela me deu um tapa no rosto e me chutou no ferimento para longe. Eu fiquei desarmada. Desviei de alguns socos e revidei, mas sua guarda era ótima e meus socos pareciam ser almofadas. Quando dei o último soco da minha série, Abby gritou e me atingiu em cheio no nariz, não forte o suficiente para quebrá-lo. Me levantei rápido e dei uma joelhada em seu estômago quando ela avançou para cima de mim, depois comecei a socá-la sem dar chance de abertura. Seu rosto estava vermelho e ensanguentado, mal conseguia ver sua boca ou seus olhos. Dei o soco final e berrei. Derrubei ela. Fui até ela e a montei. Forcei seu pescoço para baixo e submergi sua cabeça. Ela lutava para respirar, mas eu estava num surto intenso de fúria e adrenalina. Coloquei os joelhos em cima de suas pernas para ela parar de se mexer e aos poucos ela foi perdendo a força. Em algum momento ela tirou um de meus braços e eu rapidamente o coloquei sobre seu rosto, ela então segurou minha mão e mordeu dois dos meus dedos, o mindinho e o anelar, os arrancando fora. Com a outra mão a soquei forte no centro de seu rosto duas vezes e a comecei sufocá-la de novo. Dessa vez não tinha escapatória. Minhas sobrancelhas se juntaram com raiva, mas eu não senti que estava pagando com minha dívida. Um flash de uma memória sobrepôs minha visão. Vi Joel tocando violão alegre e contente usando seu casaco marrom, o qual eu trouxe nessa viagem, sua calça jeans grossa escura, suas botas marrons de caminhada... Ele tinha apenas um sorriso no canto de sua boca enquanto tocava uma melodia calma e feliz, seus olhos pareciam cansados, mas não se importava com isso, então ele parou de repente e olhou nos meus olhos. O Meu rosto de raiva foi, vagorosamente, se desfazendo mostrando uma feição triste e depressiva. Lágrimas caíram dos meus olhos rapidamente sem conseguir segurá-las até que meus braços

fraquejaram e eu soltei Abby. Fiquei aos prantos. Chorava e chorava sentada na praia com os joelhos levantados e a mão sem dedos mergulhada na água salgada para parar o sangramento. Abby se levantou rapidamente e tossia muito. Se apoiou nos joelhos e não me atacou.

— Vai... — Eu falei numa voz chorosa de cabeça baixa. — Leva ele.

Vi Abby correndo até seu barco e ligando o motor. Enfim eu a perdi de vista na névoa. Eu estava sozinha na rasa praia daquele vasto oceano escuro e enevoado chorando como uma criança, percebendo só naquele instante... Que tudo que havia feito... Não valeu a pena.

Eu parei em frente à fazenda.

Caminhei pelo campo de trigo, que batia apenas na minha cintura, em direção à casa. Ela continuava do mesmo jeito, só que mais triste. O céu estava nublado e cinzento. Abri a porta da casa e tudo estava vazio. Não havia nada lá. Dina havia ido embora. Comecei a andar pela casa procurando algum sinal dela, mas nada. Eu me sentia mal, mas já não conseguia expressar emoções ou sentimentos. Abri o quarto artístico e todas as minhas coisas continuavam lá. Sentei-me numa cadeira e abri a caixa do meu violão. Ele ainda estava lá. O peguei e tentei tocar a música que Joel tocou para mim seis anos atrás. Os sons saíram todos errados, a falta de dois dedos me impedia de tocar o instrumento, não conseguia posicionar os acordes. *If i ever were to lose you/I'd surely lose myself*, os versos passaram pela minha cabeça, mas não ousei em cantá-los. Parei de tocar e olhei para o nada, apenas pensando. Uma memória em específico passou pela minha cabeça.

Vi Joel sentado em sua varanda tocando seu violão. De novo. Ele parou de repente e olhou para mim.

— Oi. — *Ele se ajeitou na cadeira nervoso quando me viu.*

Eu fui até o parapeito e olhei para o nosso quintal. Aquilo era logo depois da noite com o beijo meu e da Dina.

— *Tá bebendo o quê?* — *Perguntei começando a conversa. Joel se levantou, colocou o violão em cima de uma mesinha e carregou uma xícara com uma coruja estampada nela até meu lado, mas não olhou para mim, apenas olhou para o nosso quintal assim como eu.*

— *Café.*

— *Onde consegui isso?* — *Perguntei confusa, café era bem raro nos dias de hoje.*

— *Ah... Com...* — *Ele parecia se esforçar para lembrar. Nesse momento, eu e ele nos olhamos sem querer, mas não pareceu estranho, eu estava brava com ele naquele dia e ele parecia*

apenas calmo, um velho senhor calmo, como se estivesse com a vida feita. — Com aquele pessoal da semana passada.

— Ah.

— Um pouco vergonhoso o que tive que dar em troca, mas... — Ele falou ironicamente e então deu um gole do café. — Não é ruim.

Olhei de volta o horizonte escuro daquela noite e Joel olhou o próprio café. Ficamos num silêncio até eu quebrar o gelo indo direto ao assunto.

— O Seth estava sob controle.

— É, eu sei. — Ele balançou a cabeça levemente concordando. Perdeu o sorriso de canto de boca, mas seus olhos pareciam relaxados do mesmo jeito.

— E você tem que parar de atormentar o Jesse nas minhas patrulhas.

— Ok. — Ele concordou, olhou o horizonte e voltou a olhar para o café. Voltamos a ficar em silêncio, até que ele quebrou o gelo dessa vez. — A Dina. Ela é sua namorada?

— Não... — Falei desconfortavelmente. Joel me olhou erguendo uma sobrancelha e eu desviei o olhar. — Não... Ela... Foi só... Um beijo. Não significa nada, ela só... Não sei por que ela fez aquilo.

— Mas você gosta dela.

Suspirei.

Eu sou tão burra. — Falei baixinho olhando para o outro lado.

— Olha, eu não faço ideia de quais são as intenções dela, mas... — Ele olhava o horizonte, então olhou para mim. — Eu sei que ela será sortuda de ficar com você.

— Como você é escroto!

— Eu não tô tentando...

— Era pra eu ter morrido naquele hospital! — Falei num tom mais alto. — Minha vida teria tido algum valor! Mas... Você tirou isso de mim. — Meus olhos se encheram de lágrimas, mas não as deixei cair.

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Ele estava meio curvado desde o início com os cotovelos apoiados no parapeito segurando o café com as duas mãos, agora ele se endireitou, pôs o café no corrimão e segurou o corrimão com ambas as mãos fortemente.

— Se Deus me desse uma segunda chance naquele momento... — Ele, de novo, olhava para frente e então olhou para mim com determinação e confiança. — Eu teria feito tudo igual.

Eu pisquei várias vezes confusa para ele, então olhei para a escuridão pensativa e depois baixei a cabeça.

— Sei... — Falei tão baixo que quase não saiu minha voz. — Só que... Acho que eu nunca vou conseguir te desculpar. — Joel se curvou novamente e assumiu a postura anterior. — Mas tô... Tô disposta a tentar.

— Fico feliz. — Ele parecia um pouco aliviado agora.

— Certo. — Falei encerrando a conversa. — A gente se vê.

— É. — Joel pigarreou.

Então eu o deixei sozinho no parapeito.

Levantei da cadeira e não guardei o violão. Apenas o encostei na janela aberta e saí da casa seguindo sem rumo concretizando meu maior medo, o de terminar sozinha, e pensando *eu te perdoo e espero que eu também consiga me perdoar.*